

Prefácio
Júlio César

MISTER JESUS

Quebrando Paradigmas no Futebol

Rui Pedro Braz
Analista Esportivo Português



MISTER Quebrando Paradigmas no Futebol JESUS

Rui Pedro Braz
Analista Desportivo Português

1ª EDIÇÃO - 2019
RIO DE JANEIRO

ALLBOOK
EDITORA

Todos os direitos reservados
Copyright © 2020 by AllBook Editora.

Direção Editorial: *Beatriz Soares*

Assistente Editorial: *Flavio Francisco*
Alessandro Francisco

Revisão: *Carolina Caires Coelho*
AllBook Editora

Fotografia de capa: *Delmiro Junior*

Capa: *Flavio Francisco*

Projeto Gráfico e Diagramação: *Cristiane Saavedra* | **Saavedra Edições**

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Os direitos morais do autor foram declarados.

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
BIBLIOTECÁRIA: LEANDRA FELIX DA CRUZ CANDIDO - CRB-7/6135

B839m

Braz, Rui Pedro

Mister Jesus [recurso eletrônico] : quebrando paradigmas no futebol / Rui Pedro Braz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Allbook, 2020.

Modo de acesso: word wide web

ISBN 978-65-80455-23-2 (recurso eletrônico)

1. Jesus, Jorge Fernando Pinheiro de, 1954-. 2. Jogadores de futebol - Biografia - Portugal. 3. Treinadores de futebol - Biografia - Portugal. 4. Livros eletrônicos. I. Título.

CDD: 927.96334

CDU: 929:796.332



DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À ALLBOOK EDITORA
contato@allbookeditora.com

[HTTPS://ALLBOOKEDITORA.COM](https://allbookeditora.com)

SUMÁRIO

CAPA

FOLHA DE ROSTO

FICHA CATALOGRÁFICA

PREFÁCIO

“JESUS É UM VERDADEIRO VISIONÁRIO”

INTRODUÇÃO

O RESULTADO E O DESEMPENHO

CAPÍTULO 1: O HOMEM POR TRÁS DO TREINADOR

A INTEMPORAL IMPORTÂNCIA DAS RAÍZES
AQUELAS SEGUNDAS-FEIRAS TÃO ESPECIAIS
DAS PELADINHAS DE RUA À REBOLEIRA

CAPÍTULO 2: A METAMORFOSE DO MISTER JESUS

A VONTADE DE VIRAR TUDO DO AVESSE
O INÍCIO NO MUNDO DO FUTEBOL PROFISSIONAL
POUCAS OPORTUNIDADES NO SPORTING
UM PERCURSO DE MUITOS ALTOS E BAIXOS
MUDANÇA DE CARREIRA DE FORMA SURREAL
O PERCURSO DE JORGE JESUS COMO JOGADOR

CAPÍTULO 3: O PERFIL DO TREINADOR PORTUGUÊS

A ERA DOS TREINADORES ACADÊMICOS
A GÊNESE CRIADORA DO TREINADOR JORGE JESUS
DE JOGADORES MODESTOS A TREINADORES DE PONTA
CRAQUES DENTRO DO CAMPO E TAMBÉM NO BANCO
EM COMUM A TODOS ELES? JORGE JESUS...

CAPÍTULO 4: PORTUGAL E O TREINADOR BRASILEIRO

CINCO DÉCADAS DE HISTÓRIAS QUE UNEM PORTUGAL E BRASIL
O ETERNO E INSUPERÁVEL OTTO GLÓRIA
O BRASILEIRO QUE RESSUSCITOU O ORGULHO DE PORTUGAL
TREINADORES BRASILEIROS VENCEDORES EM PORTUGAL
O CRITÉRIO DA QUALIDADE É O ÚNICO QUE IMPORTA
TREINADORES BRASILEIROS QUE GANHARAM TÍTULOS EM PORTUGAL

CAPÍTULO 5: UM TREINADOR MUITO ESPECIAL

JORGE JESUS EM EBULIÇÃO NA MEDIDEIRA
JÁ HAVIA GENTE ATENTA HÁ 30 ANOS
CHEGOU A HORA DE SAIR DA ZONA DE CONFORTO
DOIS ANOS ATÍPICOS E A VIRADA DEFINITIVA
NÃO HÁ AMORES COMO OS PRIMEIROS
TÍTULOS CONQUISTADOS POR JORGE JESUS COMO TREINADOR
O INÍCIO DA ERA DOURADA DE JORGE JESUS
A VALORIZAÇÃO DE JOVENS TALENTOS NO BELENENSES
A TÃO SONHADA FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL...
CHEGOU A HORA DE ALÇAR VÔOS MAIS ALTOS

CAPÍTULO 6: UMA PERSONALIDADE À PARTE

UMA FORMA ESPECIAL DE OLHAR PARA O ESPORTE
O COMPORTAMENTO DO MISTER NO BANCO
TENTAR CONTROLAR ATÉ O INCONTROLÁVEL
ARROGÂNCIA? PRESUNÇÃO? OU PURO REALISMO?
O PERFIL IDEAL DE JOGADOR PARA JORGE JESUS
O TREINO: DA OBSESSÃO À PERFEIÇÃO
TRANSPORTAR AS IDEIAS DOS TREINOS PARA OS JOGOS

CAPÍTULO 7: UM FURACÃO NO FUTEBOL PORTUGUÊS

JESUS FINALMENTE NUM “GRANDE” EM PORTUGAL
DO CÉU AO INFERNO E DO INFERNO AO CÉU NOVAMENTE
NÚMEROS QUE O COLOCAM PARA SEMPRE NA HISTÓRIA
TREINADORES COM MAIS TÍTULOS CONQUISTADOS NO BENFICA
TREINADORES COM MAIS VITÓRIAS PELO BENFICA
O INESPERADO DESENLACE QUE ABALOU UMA NAÇÃO
TODAS AS 17 FINAIS DO MISTER JORGE JESUS
TREINADORES COM MAIS JOGOS NA LIGA PORTUGUESA
UMA MONTANHA-RUSSA DE EMOÇÕES DURANTE TRÊS ANOS
MUITOS JOVENS LANÇADOS POR JESUS EM NOVE ANOS

UMA FÁBRICA DE MILHÕES NAS MÃOS DO MISTER
MAIORES VENDAS DO BENFICA ANTES DE JORGE JESUS
MAIORES VENDAS DO BENFICA DE JOGADORES DE JESUS
MAIORES VENDAS DO SPORTING ANTES DE JORGE JESUS
MAIORES VENDAS DO SPORTING DE JOGADORES DE JESUS

CAPÍTULO 8: UMA CARREIRA REPLETA DE CLÁSSICOS

JORGE JESUS, O HOMEM DOS 52 CLÁSSICOS
MISTER JESUS IMPÔS O MAIOR JEJUM DA HISTÓRIA AO LEÃO
PAULO BENTO, A PRIMEIRA VÍTIMA DO TRABALHO DO MISTER
TRÊS TENTATIVAS PARA CARLOS CARVALHAL
PAULO SÉRGIO E JOSÉ COUCEIRO, OS SENHORES QUE SE SEGUIRAM
DOMINGOS PROMETIA MUITO... MAS TAMBÉM FALHOU
SÁ PINTO ESTANCA TEMPORARIAMENTE A SANGRIA
LÁ VEM UM BELGA PARA TENTAR ALGO DIFERENTE
O FAMOSO CLÁSSICO DO “LIMPINHO, LIMPINHO!”
ATÉ LEONARDO JARDIM SOFREU PERANTE JESUS
FINALMENTE, UM ANO DE EQUILÍBRIO NOS CLÁSSICOS
OS 15 CLÁSSICOS DE JESUS PELO BENFICA CONTRA O SPORTING
MAIS A NORTE, A ÁGUIA PIOU BEM MAIS FININHO
ENTRADA PARA “MATAR” E PROFESSOR JESUALDO EM XEQUE
O ANO DE TODAS AS DERROTAS ÀS MÃOS DE VILLAS-BOAS
A “VIA SACRA” DE JESUS, SEGUNDO VÍTOR PEREIRA
DAR A VOLTA A UM PAULO FONSECA QUE ENTROU COM TUDO
OS OBSTÁCULOS LEVANTADOS PELO PROFESSOR LUÍS CASTRO
O ANO DAQUELE PEQUENO LAPSO COM JULEN ‘LATOPEGUI’
OS 20 CLÁSSICOS DE JESUS PELO BENFICA CONTRA O FC PORTO
JESUS NO LEÃO TRAVA A HEGEMONIA DE JESUS NA ÁGUIA
UMA ENTRADA ABSOLUTAMENTE DEMOLIDORA
DOIS ANOS APENAS A LUTAR DE FORMA DIGNA
OS 8 CLÁSSICOS DE JESUS PELO SPORTING CONTRA O BENFICA
OBTER A VANTAGEM QUE NÃO CONSEGUIRA NO BENFICA
CONTINUAR GANHANDO TERRENO AO FC PORTO
UM ANO MARCADO PELO EQUILÍBRIO TOTAL
OS DUELOS COM O PUPILO DE OUTROS TEMPOS
OS 9 CLÁSSICOS DE JESUS PELO SPORTING CONTRA O FC PORTO
LIGA DE CONTRASTES E VIVEIRO DE TALENTO

CAPÍTULO 9: JORGE JESUS E O JOGADOR BRASILEIRO

UM CONHECIMENTO PROFUNDO E FUNDAMENTADO
MAIS DE UMA CENTENA DE EXPERIÊNCIAS DISTINTAS

UMA FIGURA DO “MENGÃO” LOGO NA ESTREIA DO MISTER
OS 3 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO FELGUEIRAS
O MISTER E O IRMÃO DE RONALDINHO GAÚCHO
OS 9 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO ESTRELA DA AMADORA
UM TALENTO, UMA PROMESSA E UM “MATADOR” NO BONFIM
OS 10 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO VITÓRIA DE SETÚBAL
DO ‘FLOP’ RAFAEL AO CRAQUE RUBENS JÚNIOR
OS 5 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO VITÓRIA DE GUIMARÃES
DOIS JOGADORES REFERENCIADOS PARA O FUTURO
OS 5 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO MOREIRENSE
UMA “LENDA” DO PALMEIRAS E UM VENCEDOR DA CHAMPIONS
OS 12 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO UNIÃO DE LEIRIA
ALGUMAS REVELAÇÕES E BOAS SURPRESAS
OS 20 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO BELENENSES
PATAMAR MAIS ELEVADO, QUALIDADE MAIS EVIDENTE
OS 11 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO SP. BRAGA
FINALMENTE, JOGADORES DE NÍVEL INTERNACIONAL
UMA BOA SURPRESA E UM ENIGMA SEM EXPLICAÇÃO
O HOMEM QUE FALTAVA NO TIME DE JESUS
UM NOVO DONO PARA O GOL E UM “PATINHO FEIO” NA LUZ
UM DOS MELHORES ATACANTES COM JESUS
O CRAQUE QUE ORIGINOU “BATE-BOCA” COM MOURINHO
COM JESUS NO BENFICA, UMA “LENDA” MAIOR
JESUS TREINOU O MELHOR DOS ÚLTIMOS 25 ANOS DO BENFICA
NOMES QUE NÃO PASSARAM DE MERAS NOTA DE RODAPÉ
OS 28 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO BENFICA
UMA REALIDADE BEM DIFERENTE EM ALVALADE
UM VELHO CONHECIDO E UM DESEJO ANTIGO
O FILHO DE BEBETO E UMA PROMESSA DE FUTURO
OS 12 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO SPORTING
SÓ UM BRASILEIRO NA ARÁBIA, MAS DIGNO DE “NOTA 10”
O BRASILEIRO TREINADO POR JESUS NO AL-HILAL
UMA “SELEÇÃO BRASILEIRA” NAS MÃOS DO MISTER JESUS
OPORTUNIDADES APENAS A QUEM FEZ POR MERECEER
CONHECER O BRASIL COMO A PALMA DA SUA MÃO
E O QUE DIZEM OS BRASILEIROS QUE TRABALHARAM COM JESUS?

CAPÍTULO 10: A DIMENSÃO EUROPEIA DE JORGE JESUS

O SEGUNDO TÍTULO OFICIAL DO MISTER JESUS
QUANDO O MISTER FOI PRESENTEADO PELO “MÁGICO”
2008/09 – A CAMPANHA DO BRAGA DE JESUS NA UEFA INTERTOTO

A ESTREIA NA EUROPA UM ANO ANTES

2007/08 – A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE JORGE JESUS NA EUROPA

10 ANOS SEGUIDOS SEMPRE SOMANDO NA EUROPA

A HERANÇA EUROPEIA QUE JORGE JESUS ENCONTROU NA LUZ

2009/10 – O PRIMEIRO ANO DE JESUS PELO BENFICA NA EUROPA

FINALMENTE, A ESTREIA DE JESUS NA CHAMPIONS LEAGUE

2010/11 – ESTREIA NA CHAMPIONS E ASSALTO FALHADO À FINAL DA LIGA EUROPA

UMA GRANDE CAMPANHA QUE TERIA CUSTOS ELEVADOS

2011/12 – A APOSTA NA CHAMPIONS LEAGUE ATÉ ONDE FOI POSSÍVEL

A EUROPA DEFINITIVAMENTE PASSA A CONHECER O MISTER JESUS

2012/13 – A CAMINHADA PARA A PRIMEIRA FINAL EUROPEIA DE JESUS

NOVA TENTATIVA DE ABSOLUTA GLÓRIA EUROPEIA

2013/14 – A CAMINHADA PARA A SEGUNDA FINAL EUROPEIA DE JESUS

A DESPEDIDA DO BENFICA SEM BRILHO NA CHAMPIONS LEAGUE

2014/15 – UMA FASE DE GRUPOS ABAIXO DAS EXPECTATIVAS

TENTAR DEVOLVER PRESTÍGIO EUROPEU AO SPORTING

2015/16 – UMA MANTA MUITO CURTA PARA UM SPORTING EUROPEU

AINDA DEU PARA ASSUSTAR O REAL DE CRISTIANO RONALDO

2016/17 – A VONTADE DE SURPREENDER OS MAIORES DA EUROPA

UM MILAGRE NUM CLUBE FRATURADO PELO PRESIDENTE

2017/18 – O ANO DE TODAS AS PROVAÇÕES PARA JORGE JESUS

NÚMEROS SIGNIFICATIVOS QUE MERECEM PROFUNDA REFLEXÃO

OS NÚMEROS DAS CAMPANHAS EUROPEIAS DE JORGE JESUS

CAPÍTULO 11: FINALMENTE, JESUS NO ESTRANGEIRO

O DESTINO MAIS IMPROVÁVEL NA PRIMEIRA SAÍDA DE PORTUGAL

SUCESSO IMEDIATO NO EXÓTICO FUTEBOL ÁRABE

2018/19 – JORGE JESUS NA ARAB CLUB CHAMPIONS CUP

JORGE JESUS NO PAÍS DO FUTEBOL

NÚMEROS DE ABEL BRAGA NOS 30 JOGOS DE 2019 (17 NO CAMPEONATO

CARIOCA, 6 NO BRASILEIRÃO, 6 NA LIBERTADORES, 1 NA COPA DO BRASIL)

NÚMEROS DE JORGE JESUS NOS SEUS PRIMEIROS 30 JOGOS (22 NO BRASILEIRÃO,

6 NA LIBERTADORES, 2 NA COPA DO BRASIL)

POR QUE A OPÇÃO PELO BRASIL AOS 65 ANOS NA VIDA DE JESUS?

2019 – JORGE JESUS NA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA

AGRADECIMENTOS

JORGE FERNANDO PINHEIRO DE JESUS

ALLBOOK EDITORA

PREFÁCIO



“JESUS É UM VERDADEIRO VISIONÁRIO”

Trabalhar com o Jorge Jesus durante uma temporada no Sport Lisboa e Benfica foi muito gratificante para mim. Particularmente, não o conhecia muito bem, não tinha um conhecimento devidamente informado acerca do seu trabalho, mas já tinha obtido as melhores referências possíveis a partir de vários jogadores que tiveram oportunidade de trabalhar com ele ao longo das suas carreiras. Mais tarde, obviamente, depois de ter convivido diretamente com o Mister e de termos vivido um ano muito positivo trabalhando juntos – conquistando Campeonato, Supertaça e Taça da Liga –, confirmei tudo aquilo que alguns companheiros já tinham me transmitido na época. É um treinador bastante exigente, perfeccionista, um homem que respira futebol 24 horas por dia. É um treinador que, se não for o melhor, certamente foi um dos melhores com quem eu trabalhei. E mesmo quase em final de carreira ainda deu tempo de aprender muito com ele.

Em relação ao trabalho e à exigência que ele tem com a posição específica dos goleiros, basicamente é a mesma que tem com todo o grupo de trabalho, sem haver uma grande individualização das posições. Ele sempre via a equipe funcionando como um todo. Obviamente conversava muito com os treinadores de goleiros, acompanhava seu trabalho específico conosco, mas deixava sempre bem claro que a última palavra seria sempre dele. As decisões eram sempre baseadas naquilo que ele sentia e preconizava para a equipe. Basicamente, o Mister fazia com que toda a equipe funcionasse como um só grupo, como algo inteiro.

Com os jogadores, ele é sempre muito exigente, nunca é demais repetir. Tem a capacidade de pegar num jogador normal e transformá-lo num grandíssimo jogador, tem uma tremenda capacidade, visão e esperteza. É um treinador que consegue sempre extrair o melhor de cada jogador, trabalhando fundamentalmente a componente tática, mas explorando e potencializando também aquilo que o jogador já tem de melhor em seu repertório técnico. Consegue encaixar cada jogador dentro da equipe e provocar em cada um deles uma evolução nítida, o que acaba por ser também a sua grande força. O que sempre me chamou a atenção no trabalho do Mister Jesus foi, sem dúvida, sua capacidade tática. Comparando com todos os treinadores com quem eu tive oportunidade de trabalhar, ele tem um jeito muito particular de fazer as coisas, de conduzir os treinos, de ver mais à frente, de visualizar essa questão tática. É um verdadeiro visionário no que diz respeito ao lado mais tático do jogo. Não há jogador que passe pela mão do Jorge Jesus, que trabalhe com ele, e não elogie o seu trabalho. E isso deve ser muito gratificante.

As minhas expectativas em relação ao trabalho do Mister no Flamengo eram as melhores possíveis, desde o início. Tanto é que alguns jogadores e dirigentes do clube ligaram para mim perguntando sobre ele, querendo obter referências do Jorge Jesus, e, obviamente, as informações que eu passei foram sempre as melhores possíveis. Portanto, tudo isso que está acontecendo no Brasil em relação ao trabalho do Mister, para mim, não é novidade. É claro que o futebol é resultado, mas nota-se que os jogadores entenderam sua filosofia de gestão e sua filosofia de trabalho, abraçaram as ideias que ele levou e o resultado está sendo algo que todo mundo está gostando e elogiando. Para mim nunca foi novidade, mas obviamente a chegada de um novo treinador é sempre um ponto de interrogação, principalmente para aqueles que não o conheciam anteriormente. Porém, como se costuma dizer, o tempo é sempre o melhor remédio, e o tempo está mostrando a capacidade de Jorge Jesus, como ele conhece o futebol, e toda a habilidade que ele tem tido para revolucionar o futebol brasileiro

com as suas ideias, principalmente no que diz respeito à velha questão de poupar jogadores para priorizar esta ou aquela competição. Ele vê importância em todas as competições e por isso escala sempre os melhores para o jogo seguinte, os que estão em melhores condições. E essa é uma das questões de maior importância que ele está passando para o Brasil.

Júlio César

MELHOR GOLEIRO DO CAMPEONATO ITALIANO EM 2009 E 2010

MELHOR GOLEIRO DA UEFA EM 2010

MELHOR GOLEIRO DA COPA DAS CONFEDERAÇÕES EM 2013

MELHOR GOLEIRO DO CAMPEONATO PORTUGUÊS EM 2015

22 TÍTULOS OFICIAIS CONQUISTADOS

INTRODUÇÃO



O RESULTADO E O DESEMPENHO

No dia 29 de maio de 2019, numa altura em que as conversas entre as partes ainda não eram assumidas, anunciei em Portugal que Jorge Jesus estava “fechado” como novo treinador do Flamengo. A notícia, que caiu como uma bomba, teve repercussão imediata no Brasil e multiplicou-se de forma exponencial, embora com muitos órgãos de comunicação mantendo-se reservados em relação àquilo que tinha sido previsto como definitivo no programa “Mais Transferências” da TVI e da TVI24. Nas horas seguintes, tudo se desenrolou muito rápido e a contratação seria oficializada três dias depois em Madrid, em 1º de junho, num encontro entre o Presidente Rodolfo Landim e o Mister Jorge Jesus. Estava dado o primeiro passo para uma parceria de sucesso entre um dos maiores clubes do mundo e um treinador verdadeiramente especial.

O que mais me chocou nos primeiros dias do impacto que uma notícia desse tamanho sempre provoca foi a forma preconceituosa como Jorge Jesus foi logo analisado e “vetado” em alguns espaços de análise e debate no Brasil. Questões como a sua idade, a sua origem, o seu passado ou a sua nacionalidade, tudo serviu para questionar a capacidade de um treinador que ainda não tinha nem sequer chegado ao Rio de Janeiro e já estava sendo “atacado” por muitos analistas. Tudo mesmo? Bem, quase tudo, porque o mais importante foi ignorado. Sua grande carreira, sua experiência acumulada, suas metodologias, a opinião de quem com ele trabalhou e até seu currículo invejável, nada foi analisado de forma profunda.

Após o choque inicial, logo quis perceber as razões de tanta resistência, e rapidamente entendi que de fato havia um contexto adverso que justificava certa desconfiança com a chegada do Mister Jesus a um clube do tamanho do Flamengo. Afinal de contas, estamos falando do maior clube brasileiro, talvez o maior da América do Sul e certamente um dos maiores do mundo, mas que não ganhava o Campeonato Brasileiro desde 2009 nem chegava a uma final da Copa Libertadores desde 1981. Aliás, a sua única presença no jogo decisivo da prova continental. Com uma fase menos positiva tão longa, era mais do que natural que os nervos estivessem à flor da pele e os sentidos, mais alerta do que nunca. Para “ajudar” ainda mais um cenário já bem complicado por si só, fiquei muito espantado quando constatei que o Flamengo tinha tido nada mais, nada menos do que cinco treinadores só em 2018. Reinaldo Rueda, Paulo César Carpegiani, Maurício Barberi, Dorival Júnior e Abel Braga conduziram os destinos rubro-negros antes da chegada de Jorge Jesus, o sexto técnico num período de apenas 17 meses.

Assim, e agora mais “solidário” com a dificuldade que alguns analistas poderiam sentir controlando as expectativas com a chegada de Jorge Jesus, entendi que era muito importante mostrar quem é, realmente, o treinador de perfil tão diferente daqueles com os quais o Brasil estava acostumado. Nada mais natural do que haver um certo desconhecimento acerca de sua trajetória, afinal de contas, o homem sempre havia trabalhado no outro lado do Atlântico, e o Brasil é um “país-continente” tão grande, tão imenso, tão repleto de futebol, que muitas vezes se torna inevitável ignorar muito daquilo que se passa além das fronteiras. No meu íntimo, nunca duvidei do sucesso que Jorge Jesus faria no Brasil. O projeto do Flamengo era a cara dele e o momento parecia perfeito para que tudo corresse bem. Pode até parecer fácil escrever isto agora, depois dos impressionantes resultados alcançados e de todo o trabalho demonstrado pelo Mister, mas felizmente estas palavras se justificam pelo fato de terem

sido proferidas dezenas de vezes em programas de televisão em Portugal desde a chegada de Jesus ao Rio de Janeiro.

Os caros leitores podem até questionar, e com direito, sobre como eu podia ter – eu e tantos milhares de portugueses que acreditavam – tanta certeza de que Jorge Jesus teria sucesso no Brasil. E a resposta é muito simples: nada do que está acontecendo no Flamengo é por acaso. Jorge Jesus não é um treinador qualquer, é um profissional de excelência com metodologias e estratégias muito próprias, entre as quais, o profundo conhecimento e rigoroso acompanhamento do futebol brasileiro de muitos anos. Se juntarmos a essa informação o absurdo número de 108 jogadores brasileiros com quem trabalhou ao longo da sua carreira, apenas em clubes de primeiro escalão, teremos uma pequena noção de como Mister Jesus estava apto para lidar com as idiossincrasias muito próprias do futebol brasileiro e de seus jogadores, de modo geral. Repito: nada do que está acontecendo é por acaso. É, sim, fruto de uma tremenda capacidade de trabalho por parte de um homem genuíno, competente, criador do seu próprio conhecimento e inovador na sua área de atividade, o futebol profissional.

São 65 anos de idade, mas mais importante do que contabilizar os anos de vida de Jesus, devemos contabilizar a vida nesses anos de Jesus. São 50 anos ligados ao futebol e 30 anos como treinador profissional com inúmeros objetivos alcançados nos mais diversos escalões em que trabalhou. São 1121 jogos oficiais disputados. São já 138 jogos internacionais entre Europa, Oriente Médio e América do Sul. São 52 empolgantes clássicos em Portugal. E são 17 finais jogadas ao longo de uma carreira repleta de momentos magníficos.

A infância e a adolescência, os primeiros pontapés na bola e a trajetória como jogador profissional, a carreira de treinador com todos os altos e baixos que conheceu ao longo de três décadas, nada é deixado ao acaso nas páginas deste livro. Uma obra honesta e direta, que não visa pintar um retrato que seja algo menos do que fiel à realidade do biografado. Um

homem que começou com as “peladas” da Pousada de Saramagos e da Medideira, até os lustrosos tapetes dos maiores palcos do futebol mundial. De Old Trafford a San Siro e de Anfield Road a Camp Nou. Da Cruyff Arena ao Santiago Bernabéu e da Allianz Arena a Stamford Bridge.

Os mais dignos estádios não têm segredos para Jorge Jesus. Foi nesses palcos que trabalhou de perto com treinadores como Alex Ferguson e Didier Deschamps, Diego Simeone e Massimiliano Allegri, Unai Emery e Antonio Conte, Zinedine Zidane e Carlo Ancelotti, Rafa Bénítez e Tito Vilanova, Otmar Hitzfeld e Ernesto Valverde, Thomas Tuchel e Laurent Blanc. Nomes respeitadíssimos do futebol mundial. Tal como foram épicos os duelos em Portugal com André Villas-Boas e Leonardo Jardim, Jesualdo Ferreira e Marco Silva, Paulo Fonseca e Nuno Espírito Santo, Vítor Pereira e Rui Vitória, Fernando Santos e Julen Lopetegui, entre tantos outros.

Nesses mesmos teatros dos sonhos, ele delineou estratégias para travar “Bolas de Ouro”, como Cristiano Ronaldo e Lionel Messi, como Ronaldinho Gaúcho, Luka Modric ou Andriy Shevchenko, entre tantos outros craques do mundo, como Zlatan Ibrahimovic e Andrés Iniesta, Clarence Seedorf e Ryan Giggs, Wayne Rooney e Frank Ribéry, Bastian Schweinsteiger e Andrea Pirlo, Paul Pogba e Gareth Bale, Luís Suarez e Karim Benzema. Encontrou o caminho para o fundo das redes de Gianluigi Buffon e Iker Casillas, de Oliver Kahn e David De Gea, de Ederson e Dida, de Hugo Lloris e Andre Ter Stegen. Uma infinidade de talento, uma lista sem fim onde constam os melhores jogadores do mundo das últimas duas décadas.

O futebol não tem segredos para o Mister e o Mister não tem segredos neste livro. Uma obra sobre a carreira de um treinador do esporte mais lindo do mundo, sim, mas também muito mais do que isso. É a história do menino que viu o seu avô falecer ao seu lado em pleno Estádio Nacional no mais longo jogo da história, mas é também a história do jovem que decidiu ser jogador depois de adormecer “dentro” de um prato de sopa. É a

história do futebolista que foi convidado para ser treinador quando ainda estava dentro do campo, mas é também a história do treinador que teve uma arma apontada à cabeça em pleno campo de treinos. É a história do homem que treinou o irmão do Ronaldinho Gaúcho e o filho do Bebeto, mas é também a história de quem “ensinou” internacionais das melhores seleções do mundo, incluindo a do Brasil.

E ainda será possível conhecer um pouco melhor o perfil dos treinadores portugueses da atualidade de um modo geral, até pela presença que muitos deles marcaram na carreira de Jorge Jesus, seja como seus ex-jogadores, seja como seus rivais em lados opostos da “barricada”. E não menos pertinente, oportunidade também para recordar o papel dos grandes treinadores brasileiros na evolução do futebol em Portugal, desde Otto Glória a Luiz Felipe Scolari, passando por tantos outros que deixaram a sua marca no “país irmão” ao longo de mais de meio século.

Tudo será revelado, tudo será contado, tudo será recordado numa carreira com décadas de histórias repletas de segredos e emoção. Da forma como Jesus trabalha à forma como se comunica, das suas origens às suas maiores conquistas, dos profissionais com quem trabalhou aos projetos que abraçou, das suas opiniões sobre o futebol às opiniões que os seus antigos jogadores têm dele. Tudo para que se perceba que nada acontece por acaso, e como diria o checo Zdeněk Zeman, um dos treinadores que Jesus mais admirou, *“o resultado é casual, o desempenho, não”*.

Rui Pedro Braz

CAPÍTULO 1

O HOMEM POR TRÁS DO TREINADOR



A INTEMPORAL IMPORTÂNCIA DAS RAÍZES

Para conhecermos melhor o treinador que empolga o Brasil desde que assumiu o comando técnico do Flamengo em junho de 2019, é fundamental descobrirmos primeiro quem é esse homem direto e sem medo das palavras, de discurso poderoso, atitude firme e estilo de liderança patriarcal. E para chegar ao homem, nada melhor do que procurar as origens da criança que foi Jorge Fernando Pinheiro de Jesus, nascido a 24 de julho de 1954 na Amadora, cidade do distrito e da área metropolitana da grande Lisboa, capital de Portugal.

Mergulhemos, então, a fundo no seu passado, na sua infância, na sua meninice dos tempos em que corria livre na freguesia da Venda Nova, precisamente na sua Amadora natal. Livre, que é como quem diz, tão livre quanto era possível a uma criança ser livre num dos menores municípios de Portugal, mas ao mesmo tempo aquele com maior densidade populacional, ou não estaríamos falando de cerca de 200 mil habitantes em menos de 24 kms² naquela que é a quarta cidade com mais habitantes em todo o país. As ruas apertadas e íngremes, as casas umas sobre as outras, os prédios de fachadas cinzentas e os passeios de calçadas estreitas serviam de palco para correrias de crianças após o horário escolar ou no reboleiro dos finais de semana. Estamos falando de uma cidade-dormitório nos arredores da capital, décadas antes da Revolução de 25 de abril de 1974, data que marcou a queda da ditadura em Portugal. Olhamos para o retrato daquela Amadora do então “menino” Jorge Jesus e vemos uma cidade de escassos contrastes e poucas ou nenhuma ilusões. Ainda assim,

nada que pudesse travar os sonhos inabaláveis de uma criança notavelmente diferente das outras...

Já se vão seis décadas desde a infância de Jorge Jesus, cinco décadas desde a sua adolescência, mas as memórias das ruas, dos pátios e dos becos, estas não se apagam. As poças de água criadas pelas chuvas que transformavam pequenos descampados em lamaçais barrentos, as sombras dos prédios que se projetavam umas sobre as outras impedindo o sol de iluminar as pracinhas, as pedras soltas que improvisavam os postes dos gols, tudo recordações comuns a qualquer criança que joga futebol na rua e imagina que está a pisar no gramado do Wembley, do San Siro, da Luz ou do Maracanã. Jorge Jesus não era exceção e o futebol era o destino sonhado que norteava todos os seus desejos e ambições.

AQUELAS SEGUNDAS-FEIRAS TÃO ESPECIAIS

Jorge foi o segundo de três filhos do sr. Virgolino e da dona Maria Elisa. Quando nasceu, já o irmão Carlos tinha 8 anos de idade. José, o mais novo dos três, só viria ao mundo quando o atual treinador do Flamengo já tinha 7 anos. Apesar de serem muito unidos, nunca foram de brincar uns com os outros, precisamente pela diferença de idade entre os três. Com José ainda partilhou uns fugazes pontapés na bola, nas peladinhas que protagonizavam com os vizinhos nos campos improvisados dos bairros da Falagueira e das Cruzes. Enquanto Jorge começava a correr atrás de uma bola, Carlos, o mais velho dos três irmãos, já trabalhava com o pai Virgolino como soldador na CelCat, destino que também Jorge Jesus conheceria muito em breve. Mas chegaremos a esse episódio logo mais.

A união entre os homens da família Pinheiro de Jesus ainda hoje se faz sentir de forma sólida e inabalável. As segundas-feiras, por exemplo, eram, até pouquíssimo tempo atrás, reservadas para um almoço sempre muito especial – Carlos, Jorge e José iam visitar o seu pai, Virgolino de Jesus, que nos últimos anos de vida já quase não saía da sua casa na Amadora. Esse ritual familiar teria fim apenas em 2017, quando o patriarca faleceu já com 92 anos e vítima de doença prolongada. Também por isso, pela profunda e umbilical ligação à família, Jorge Jesus nunca quis treinar fora de Portugal enquanto o pai era vivo. Chegou a ser contestado por isso, “atacado” por detratores que tentavam fazer desse tema um motivo de crítica fácil quando não tinham mais nada com o que implicar, alegando que Jesus só não saía de Portugal porque não tinha mercado no estrangeiro. Mas a verdade é que essa crítica, além de pobre na argumentação, foi sempre infundada. Não faltaram abordagens a ele,

inclusive de grandes e prestigiados clubes europeus, como o AC Milan ou o PSG, o Valência ou o Zenit São Petersburgo, mas para o Mister não havia projeto nem dinheiro que pagasse estar longe do pai nos seus últimos anos de vida.

Durante anos, o tradicional almoço das segundas-feiras ocorreu de forma quase religiosa, com os três filhos a visitarem o pai e as conversas entre os quatro, invariavelmente, chegando ao apaixonante universo do futebol. Sem ponta de discussão, claro, que entre estes homens do mesmo sangue não se discutia bola, até porque os clubismos esmoreceram e deixaram de fazer sentido a partir do momento em que Jorge Jesus se tornou técnico profissional de futebol do mais alto nível. Sim, é verdade, o futebol sempre correu nas veias da família, desde que o pai Virgolino de Jesus tinha sido jogador do Sporting entre 1943 e 1945, no melhor elenco da história do clube, a mítica equipe dos “5 Violinos”. Titular absoluto nunca foi, até porque no seu lugar pontificava um tal de Fernando Peyroteo, português nascido em Angola e uma das maiores máquinas goleadoras da história do futebol mundial, com 539 gols em 345 jogos oficiais pelo Sporting e pela Seleção Portuguesa. Uma barbaridade mesmo para os longínquos anos 1940 e numa Europa que se preparava para a chegada das competições da UEFA, entidade criada apenas em junho de 1954 e que viria a tutelar o futebol europeu até os dias de hoje. Mas só o fato inesquecível de Virgolino ter jogado na melhor equipe da história do Sporting Clube de Portugal sempre foi motivo de tremendo orgulho para a família Jesus.

Entre as muitas histórias do sr. Virgolino de Jesus, certamente esta será uma das que fizeram as delícias dos três filhos inúmeras vezes: *“Lembro-me de um treino em que um colega devia passar-me a bola como o treinador tinha mandado, mas preferiu tirar um cruzamento para a área. O sr. Joseph Szabo veio de lá, correndo, e deu-lhe uma baita cabeçada!”*, recordava Virgolino a propósito de um futebol de outros tempos, de outros homens, um futebol que já não existe. O técnico húngaro Joseph Szabo,

nascido em 1896, é uma verdadeira lenda no futebol português e particularmente no Sporting Clube de Portugal. O seu primeiro clube em Portugal foi o FC Porto, em 1928. Treinou também o Sporting de Braga e vários outros clubes portugueses, mas foi de leão ao peito quando mais conhecido se tornou, não só por ser o treinador que mais épocas esteve à frente do clube – 10 no total de três passagens por Alvalade –, mas também por ter ganhado inúmeros títulos para o Sporting e por ter lançado a gênese daquela que seria a melhor equipe da história dos lisboetas. Era particularmente exigente, um disciplinador tremendo, um homem muito à frente do seu tempo, obcecado pelo trabalho, rigoroso em todas as ações que realizava e capaz de quebrar paradigmas nos clubes por onde passava. Não tolerava o desleixo nem a falta de entrega, exigia sempre mais e mais dos seus jogadores e conseguia extrair de todos eles o melhor que tinham para oferecer à equipe dentro das quatro linhas. Apesar de serem muitas vezes levados além daqueles que acreditavam ser os seus próprios limites físicos, técnicos e táticos, os jogadores falavam sempre muito bem de Joseph Szabo e repetiam para quem quisesse ouvir que o húngaro tinha sido o melhor treinador de suas vidas. Esta descrição de Szabo faz lembrar alguém, não faz? Não seria de estranhar que estas primeiras memórias que Jorge Jesus ouviu do seu pai, jogador de ponta e treinado pelo melhor de todos à sua época, tenham ficado gravadas para sempre na sua mente, tatuadas no seu âmago e só à espera de serem colocadas em prática décadas e décadas mais tarde. Exigência, disciplina, rigor, concentração, astúcia, inovação são conceitos intemporais e atributo dos verdadeiros vencedores. Jorge Jesus percebeu-o desde muito cedo, ainda adolescente, antes sequer de ser jogador profissional, ao ouvir seu pai Virgolino falando dos tempos em que integrou a melhor equipe de que há memória num dos maiores clubes portugueses.

Foi ouvindo histórias como esta e muitas outras que os três irmãos cresceram e aprenderam a amar o esporte-rei. Carlos e José são torcedores do Sporting desde a infância, seguiram os passos clubísticos do pai, já

Jorge Jesus sempre disse ser adepto do Estrela da Amadora, afinal, sua porta de entrada no mundo do futebol. *“Nenhum dos três grandes se assumiu como clube do meu coração. O meu clube sempre foi o Estrela da Amadora, clube onde comecei a jogar, clube da terra onde nasci e cresci”*, revelou o atual técnico do Flamengo numa entrevista em 2007. Seja como for, independentemente das cores e preferências, não há nada que possa abalar a coesão destes irmãos. Muito menos o futebol.

Para que esses saudosos almoços que se prolongavam tarde dentro em salutar convívio familiar fossem mesmo perfeitos, faltava apenas a presença da dona Maria Elisa, falecida há já mais de duas décadas, naquele que foi o mais rude golpe da vida de Jorge Jesus. *“A minha mãe sempre uniu a família em seu redor. Desde a sua morte, a proximidade entre todos já não é tanta, mas ainda assim somos uma família muito unida. No Estádio do Jamor todos estarão juntos, seremos 62 no total!”*, confessou Jorge Jesus na semana que antecedeu a sua primeira final da Taça de Portugal, na época, a serviço do Belenenses, numa frase não só bem demonstrativa do clima familiar em que cresceu e se fez homem, mas também da importância que a sua mãe tinha para toda a família. A dor de ver a dona Elisa partir foi tanta, que o técnico fez do negro a única cor que vestia, tanto no seu dia a dia quanto no momento de ir para o banco orientar as equipes por onde passava. Só deixou o luto muitos anos mais tarde quando, ao subir na carreira para assumir o comando técnico de equipes com cada vez maior dimensão e mediatismo, passou a ver-se na obrigação contratual de envergar os fatos oficiais dos clubes que lhe pagavam o salário.

Por toda essa ligação familiar aqui retratada, mesmo depois de o seu pai ter partido há já dois anos e da ausência sempre lembrada, sofrida e sentida da sua mãe, ainda hoje é bem conhecida a falta que o treinador do Flamengo sente dos repastos tão especiais ao primeiro dia de cada semana. Porque para ele, aquele sucessivo e permanente regresso ao Bairro das Cruzes para estar com a família e para recordar sua falecida mãe junto

daqueles que mais ama, nem sequer se podia considerar um regresso. Era, sim, o fortalecer das suas raízes mais profundas num local de onde, afinal, nunca chegou a sair definitivamente.

DAS PELADINHAS DE RUA À REBOLEIRA

Jorge Jesus era um menino travesso, como quase todas as crianças, mas tinha uma irreverência bem peculiar. Sempre foi muito atento, teimoso, muito desconfiado, como ainda hoje reconhece nas entrevistas que concede, mas nunca deixou que sua teimosia se transformasse em desrespeito para com os mais velhos. Até porque na sua casa a disciplina podia não ser muito severa, mas as regras do respeito e as normas dos bons costumes eram ensinadas com o rigor próprio das pessoas humildes, mas orgulhosas. Apesar de tudo, não deixava de fugir dos estudos de vez em quando para jogar bola, afinal de contas, sua grande paixão de sempre. E para sempre. E se para poder jogar tivesse que inventar, por vezes, uma ou outra pequena mentira para os pais, será que isso é censurável? Não, claro que não... Porque às crianças tudo se perdoa quando a motivação é o cheiro do couro, o som da redondinha a bater no chão, a festa do gol ao ver a bola passar por entre duas pedras comuns da calçada... No fundo, a suprema festa do esporte-rei que, mesmo quando jogado em pátios ou vielas, ruas ou becos, campinhos ou pracinhas, não perde o mesmo encanto que tem nos maiores e mais míticos estádios de futebol. Porque um grande gol será sempre um grande gol em qualquer parte do mundo e o sorriso de uma criança ao voltar de um jogo com os amigos é impagável. Assim sendo, como poderiam o sr. Virgolino e a dona Maria Elisa privar seu filho de tamanhas emoções? Não podiam, claro que não podiam... E sabiam disso melhor do que ninguém.

Na antiga Porcalhota, nos mesmos campos de rua que viram nascer internacionais portugueses, como Rui Costa – o eterno maestro do futebol português – ou Paulo Bento, Jorge Andrade ou Abel Xavier, também Jorge

Jesus, muitos anos antes, ali acumulou joelhos esfolados e canelas machucadas. De fato, uma mazela aqui e outra ali, sempre com a mesma emoção e entrega aos jogos que não gostava de perder de jeito nenhum, logo revelaram aquilo que Jorge Jesus desejava verdadeiramente para a sua vida: ser jogador de futebol. Assim, sem qualquer estranheza, os pais o viram ir aos treinos de captação do Estrela da Amadora, bem próximo de sua casa, no hoje desocupado Estádio José Gomes, no bairro da Reboleira. Estávamos em 1970, Jorge Jesus tinha 16 anos recém-completados, e acabou mesmo por ficar integrado nos juvenis do “tricolor”, nome pelo qual também era conhecido o clube que, curiosamente, era como o Fluminense, eterno rival do Flamengo. Posição? Meio-campo-direito ou meio-campista. Desde sempre e quase até o final da sua carreira. Primeira consequência desta sua iniciativa? Os estudos começaram a ficar para trás logo a partir desse momento, quando frequentava o 9º ano do ensino fundamental.

Mas não foi para se dedicar apenas ao futebol que Jesus começou a desvalorizar os estudos na Escola Secundária da Amadora. Não, nada disso. Quando entrou no futebol, Jesus começou imediatamente a trabalhar como soldador na CelCat, empresa de cabos, condutores eléctricos e telecomunicações onde o seu pai e o seu irmão mais velho já eram soldadores há muitos anos. Por ali se manteve durante todo o ano que jogou nos juvenis do Estrela da Amadora e parte do seu primeiro ano de júnior no Sporting, clube para onde se transferiu em 1971. É nesse ano que ocorre o famoso episódio do prato de sopa, eternizado numa entrevista sobre sua vida concedida pelo próprio Jorge Jesus: *“Lembro-me perfeitamente da razão pela qual deixei de estudar... Eu era trabalhador-estudante-jogador, ou seja, trabalhava como soldador na CelCat, estudava à noite, e além disso ainda jogava futebol nos juniores do Sporting. Um dia, cheguei à casa às onze e pouco da noite, estava jantando, e lembro-me de que adormeci à mesa e minha cabeça caiu dentro do prato da sopa... O meu pai me chamou e me pediu para escolher entre os estudos, o trabalho*

e o futebol. E eu só podia escolher um caminho. Eu disse a ele que queria ser profissional de futebol, que era essa a minha grande paixão. Os meus pais me apoiaram na minha decisão e a partir daí deixei de trabalhar e de estudar para seguir a carreira nos juniores do Sporting. Naquele tempo, fui ganhar 750 escudos, já ganhava mais do que o meu pai”, recorda o atual treinador do Flamengo. Ver um filho largar o trabalho e os estudos para se dedicar exclusivamente ao futebol nunca é, para um pai e uma mãe, uma decisão fácil e pacífica. Com a dona Maria Elisa e o sr. Virgolino não foi diferente, mas o sonho era muito forte, muito real. E estava, agora, muito perto para que os pais o negassem.

CAPÍTULO 2

A METAMORFOSE DO MISTER JESUS



A VONTADE DE VIRAR TUDO DO AVESSO

Como muitos portugueses que se assumem neste momento como treinadores de renome internacional em algumas das mais competitivas ligas do mundo – algo que analisaremos mais à frente para entendermos melhor a mudança de paradigma que pode estar ocorrendo no Brasil – Jorge Jesus não teve uma trajetória particularmente brilhante enquanto jogador. Pelo menos à luz do brilhantismo alcançado enquanto treinador, a sua vida de jogador profissional de futebol apresenta-se perante nós como algo pálido e muito aquém da real dimensão futebolística de Jesus. É ele mesmo quem admite, sem problemas, e mesmo no Rio de Janeiro já fez questão de abordar o tema de forma algo curiosa e corrosiva. *“Costumo dizer aos meus jogadores que, se tivesse tido um treinador como eu nos tempos em que jogava, que me ensinasse o que eu ensino a eles, teria sido 10 vezes mais jogador”*, afirmou em entrevista no início de setembro deste ano. Sinais de outros tempos, claramente. Uma época em que o treino não estava particularmente evoluído em Portugal, ao contrário do presente, como podemos facilmente entender de sua abordagem e das memórias descomplexadas que mantém dos treinos nos seus anos de jogador. *“Os meus treinadores não me ensinaram nada do que eu ensino agora. Não sabiam o que era importante nos momentos do jogo, para eles, o mais importante era uma boa condição física. Então eu corria, corria, corria, mas bola, nada! Quando cheguei a treinador virei tudo ao contrário e comecei a fazer coisas que hoje todas as pessoas no futebol também já fazem”*. Por mais que esta afirmação possa parecer muito ambiciosa, é

bom recordar que Jorge Jesus acaba de celebrar, este ano, três décadas de carreira como técnico profissional, tendo começado a treinar logo depois de pendurar as chuteiras em 1989. Estamos falando de um mundo onde não havia Brasil Penta, nem sequer Brasil Tetra. Um tempo em que o Flamengo havia ganhado a sua única Copa Libertadores apenas 8 anos antes. Estamos falando de uma época completamente diferente da dos dias de hoje, em que não havia no futebol um desenvolvimento tão profundo do aproveitamento dos diversos momentos do jogo como aquele em que Jorge Jesus foi aperfeiçoando ao longo do seu percurso, quer criando conhecimento novo, quer aproveitando e melhorando aquilo que de melhor já existia no seu tempo. Gostando ou não de Jorge Jesus, há que admitir que o homem tem uma metodologia própria, muito sua, fundamentada em sua maneira de ver as coisas, em sua maneira de olhar para o futebol. Uma metodologia feita de criação do seu próprio conhecimento e das suas próprias estratégias.

O INÍCIO NO MUNDO DO FUTEBOL PROFISSIONAL

Mas vamos nos concentrar agora no percurso do jogador. Depois de se iniciar nos juvenis do Estrela da Amadora, episódio que já revisitamos no capítulo anterior, rapidamente Jesus despertou a atenção dos olheiros do Sporting Clube de Portugal, que o recrutaram para a formação júnior. Ali, faria o resto da sua formação futebolística como ponta-direita, posição que acabou por desempenhar em grande parte da sua carreira de profissional. Só mais tarde, no ocaso do seu percurso como jogador, é que derivaria para o centro do campo, assumindo a posição de “camisa 10” puro, fruto de uma menor velocidade mas, também, de uma maior experiência.

A serviço do Sporting, completou as duas temporadas de júnior sempre como titular, em 1971/72 e 1972/73. Mas no momento de transitar para o futebol profissional, foi emprestado a uma equipe das categorias inferiores, como de resto era muito habitual na época, por parte dos três “grandes” do futebol português. Aliás, só após os títulos mundiais conquistados pelas seleções sub-20 em Riad e em Lisboa, em 1989 e 1991, respectivamente, é que as mentalidades em Portugal começaram a mudar em relação aos jovens futebolistas. Mas nessa época, na virada para os anos 1990, Jesus já era treinador e não apanhou, enquanto jogador, o trem da grande mudança de mentalidade em Portugal.

A estreia de Jesus nos profissionais acontece ainda com idade de juvenil, entre 1972 e 1973, quando seguiu emprestado pelo Sporting para o Cova da Piedade. Mas seria já em 1973/74 que, a serviço do Grupo Desportivo de Peniche, cumpriria o primeiro ano completo de profissional

e já com idade condizente ao escalão máximo. Apesar da temporada razoável que realizou no ataque penichense, o Sporting entendeu por bem prolongar sua aprendizagem antes de regressar à casa. Assim, o jovem meio-campo-direito cumpriu mais uma temporada longe de Alvalade, desta vez a serviço do Sporting Clube Olhanense, clube algarvio com aspirações bem superiores às da turma da Zona Oeste, já que os algarvios disputavam, na época, a principal categoria do futebol português. Sabendo da importância de se impor em Olhão, com uma boa temporada no Algarve podendo garantir finalmente o ingresso no grupo principal do Sporting, Jesus embalou para uma memorável época de 1974/75. Num conjunto orientado pelo inesquecível Manuel Oliveira, Jorge Jesus foi mesmo o jogador mais utilizado do grupo com 29 jogos, e o segundo melhor marcador da equipe com 5 gols apenas atrás de Rui Lopes, que assinou 8. Isto numa temporada que, apesar de feliz para si em termos individuais, não teria um desfecho positivo em termos coletivos, já que o Olhanense desceria de divisão, entrando assim num longo período de ausência entre os grandes que só seria interrompido em 2009/2010, com o regresso ao time principal pela mão de Jorge Costa.

Manuel Oliveira, treinador falecido em 2017, lembrava-se bem de seu pupilo mesmo em seus últimos anos de vida: *“O Jorge Jesus era um jogador da minha confiança. Tinha valor para chegar à Seleção Nacional, mas não teve sorte e foi mal aproveitado”*, recordava o técnico que orientou o Olhanense naquela longínqua temporada de 1974/75. *“Fazia parte de uma linha média muito boa, onde pontificavam também o José Rocha e o argentino Lobello. Os três resolviam muitos jogos para o Olhanense. Jesus era meio-campo-direito e um dos jogadores com mais nível no futebol português da época. Era excelente! Eu até costumava dizer que ele e o José Rocha eram como duas enguias, dada a forma como defendiam e atacavam com igual eficácia. Eram excelentes, excelentes...”*, lembrou Manuel Oliveira poucos anos antes de falecer e justificando,

assim de forma simples, as razões que levaram finalmente o Sporting a incluir Jorge Jesus no principal grupo para a época de 1975/76.

POUCAS OPORTUNIDADES NO SPORTING

Apesar da grande temporada que protagonizara por terras algarvias, no Estádio José Arcanjo, Jesus sentiria algumas dificuldades em Alvalade. Num grupo orientado por Júlio Cernadas Pereira – eternamente conhecido no mundo do futebol como “Juca” – e literalmente recheado de estrelas, onde figuravam nomes importantes como Vítor Damas, Augusto Inácio, Marinho, Delgado ou Manuel Fernandes, para citar apenas alguns, o jovem meia acabou por ter pouquíssimas oportunidades para brilhar. Ainda assim, o ponteiro-direito formado parcialmente na Reboleira e em Alvalade ainda teve alguns momentos dignos de registo, na então prestigiante Taça de Honra de Lisboa. A 18 de novembro de 1975, Jorge Jesus atuou pelo Sporting no empate com o Belenenses, em jogo disputado na Tapadinha. *“Jesus, com os seus dois gols e as suas perigosas incursões, foi o homem mais em evidência na equipe do Sporting”*, escreveu, na época, Patrício Álvares, repórter do jornal Record que assinou a crônica desse jogo. Jesus lembra-se razoavelmente bem das incidências dessa partida mas, talvez por esta ter decorrido na Tapadinha, julgava ter sido contra o Atlético, clube que faz da Tapadinha a sua casa. E descreve da seguinte forma as surreais incidências de um jogo que o marcou por diversas razões. *“Num jogo contra o Atlético, a contar para a Taça de Honra, marquei os dois gols e acabei no Hospital depois de ter levado um soco bem no meio da cara, dado pelo goleiro.”* Tudo certo, Mister. Desculpamos por esse pequeno lapso porque o “soco” deve ter sido violento, mas o jogo foi mesmo contra o Belenenses. Seja como for, esses dois gols ninguém tira de você! Já no que diz respeito a jogos oficiais, o atual treinador do Flamengo apenas marcou um gol para a turma leonina.

Foi num confronto no Campeonato Nacional, em Coimbra, frente à Acadêmica local (na época, Acadêmico). Um jogo que o Sporting venceu por 4-1 e em que Jorge Jesus entrou quando o marcador já assinalava 3-1 para os visitantes.

Mas além destes dois jogos que ficaram marcados pelos gols de Jorge Jesus, há outros motivos de interesse que rodeiam a sua fugaz passagem pela equipe principal do Sporting. Por exemplo, foi Jorge Jesus quem rendeu o mítico Tomé – 129 jogos e 16 gols entre 1970 e 1976 a serviço dos leões – no seu último jogo com a camisola do Sporting. Outra curiosidade está no fato de Manuel Fernandes, o melhor marcador leonino de todos frente ao Benfica, ter jogado menos de meia hora no seu primeiro Benfica-Sporting, já que uma luxação no ombro o impediu de continuar em campo. Para o lugar do jovem atacante entrou o igualmente jovem Jorge Jesus e, aparentemente, não se saiu nada mal no Estádio da Luz: *“Jorge Jesus foi de uma utilidade total e a sua entrada não quebrou o ritmo da equipe. Acabou por ser substituído por Baltazar a 10 minutos do final do encontro, totalmente esgotado pelo esforço despendido”*, diz a matéria do jornal Record. O jogo ocorreu em 28 de dezembro de 1975 e terminou empatado em zero a zero. Jorge Jesus recorda-se bem dessa partida e lembra-se até de que não gostou muito da decisão do seu treinador na época: *“O mister Juca me mandou entrar ainda no decorrer do primeiro tempo, mas depois me tirou perto dos 80 minutos. Naquele momento, explicou que a alteração se devia a motivos táticos, mas eu não aceitei bem aquela justificativa. Hoje, como treinador, percebo perfeitamente a opção dele na época, e também já fiz o mesmo em algumas ocasiões”*, reconhece, marcado pelo peso de uma experiência de vida e de carreira que, naquela época, há mais de 40 anos, não tinha nem podia ter.

No total, Jorge Jesus apenas vestiu a camisa do Sporting em 12 ocasiões, somando cerca de quatro horas e meia de leão ao peito. Marcou um gol e saiu de Alvalade sem glória nem feitos dignos de grande realce, no final da temporada 1975/76. A título de curiosidade, fica o registo da

sua estreia de verde e branco, que ocorreu numa vitória por 2-0 em Alvalade, no dia 13 de setembro de 1975, frente ao Beira-Mar. Já a sua despedida foi numa derrota por 2-1 no terreno do Sporting de Braga, no dia 11 de abril de 1976. E os três gols do Sporting na soma do jogo da sua estreia com o jogo da sua despedida foram todos gols contra apontados pelos adversários.

UM PERCURSO DE MUITOS ALTOS E BAIXOS

Dispensado em Alvalade, Jesus serviu o Belenenses. A temporada não lhe foi favorável, Jesus jogou pouco e, em 1977/78, o jovem meio-campo-direito viu-se integrado no grupo do modesto Grupo Desportivo Riopele, que nessa época iria alinhar na 1ª Divisão. O Riopele era um clube bastante humilde, com menos de 700 sócios, que jogava em campo de terra e que nunca tinha marcado presença no principal escalão do futebol português, sendo essa temporada o momento mais alto da sua história. Tal como muitos outros clubes na história do futebol português, a gênese da equipe do Riopele estava situada numa grande empresa da sua região, neste caso, uma empresa têxtil chamada Riopele, da região de Vila Nova de Famalicão, cujos proprietários fundaram o clube em 1958. Os sucessivos resultados surpreendentes que foram somando nos escalões inferiores levaram o Riopele a chegar à 1ª Divisão em 1977, relegando o favorito Sporting de Espinho para segundo plano na luta pela subida. Para atacar o principal escalão do futebol português, os dirigentes do Riopele contrataram alguns jogadores com muita experiência em Portugal, especificamente o goleiro Padrão, os atacantes Fonseca e Sacramento, e o meio-campo Jorge Jesus. A equipe acabaria mesmo por voltar a descer de divisão, mas lutou bravamente até a derradeira rodada pela manutenção. Somou 6 vitórias, 9 empates e 15 derrotas. Sofreu 51 gols e marcou 23. Jorge Jesus marcou três gols, o que lhe valeu sagrar-se quarto melhor marcador da equipe nesse ano. Para muitos, essa descida de divisão foi o princípio do fim do clube, já que os principais jogadores receberam propostas de equipes com outro poderio financeiro. Jorge Jesus, por exemplo, rumou ao Juventude de Évora. Aos poucos, o Riopele começou a

definhar, até ser definitivamente extinto em meados da década de 1980, mas não sem antes lançar aquele que viria a ser um dos melhores meios-campos-direitos da história do Benfica e do futebol português, Vítor Paneira.

Apesar de também alinhar na 2ª Divisão, escalão onde caiu o Riopele na temporada 1978/79, o Juventude de Évora oferecia, ainda assim, melhores condições de trabalho e outra visibilidade aos seus jogadores. Jorge Jesus aceitou o convite da formação alentejana tendo em vista o relançamento da sua carreira, e o que é certo, é que a sua jogada estratégica acabaria por resultar na perfeição. O meio-campo foi titular indiscutível no lado direito do ataque eborense e despertou a atenção de um novo membro da primeira divisão, nada mais, nada menos, do que a União Desportiva de Leiria, que em 1979/80, com apenas 13 anos de vida, conseguiu estreiar no escalão máximo do futebol português. É certo que a formação do Lis não aguentou os ritmos mais elevados do primeiro escalão e caiu novamente para a 2ª Divisão, entretanto já as exhibições de Jorge Jesus se tinham revelado suficientemente fortes e regulares a ponto de convencer o Vitória de Setúbal a avançar para a sua contratação. No Bonfim, o meio-campo-direito alinharia três temporadas, afirmando-se definitivamente como jogador de 1ª Divisão. De Setúbal rumou a Faro em 1983 e por lá se manteve durante mais duas temporadas. Em 1985, rumou ao Estrela da Amadora, clube histórico da sua terra natal, e aí fez sua despedida do futebol ao mais alto nível, quando em 1987 foi dispensado tendo como destino seguinte a Beira Baixa, mais concretamente o Sport Benfica e Castelo Branco. Para trás ficavam 11 anos de 1ª Divisão – apenas intervalados por uma fugaz temporada na 2ª Divisão – e uma carreira francamente sólida, embora modesta e muito aquém daquilo que muitos lhe preconizaram nos seus primeiros tempos como juvenil cheio de vontade do Sporting Clube de Portugal.

Jorge Jesus foi um jogador que nunca conseguiu reivindicar e reservar para si um lugar no mais alto patamar da história do futebol português,

mas a sua qualidade era evidente e seria sempre claramente subaproveitado em qualquer divisão que não a principal. A experiência acumulada ao longo de 15 anos em equipes de algum destaque, aliada a uma qualidade técnica cada vez mais refinada e muito acima da média para os escalões inferiores onde ainda espalhou algum perfume futebolístico, fez com que Jesus ainda brilhasse com as cores do Sport Benfica e Castelo Branco, na temporada 1987/1988. Era, na época, o treinador dos encarnados albicastrenses, nada mais, nada menos, do que Miguel Quaresma, que viria a ser treinador-adjunto de Jorge Jesus por anos a fio, inclusive no Benfica, no Sporting e até na exótica aventura na Arábia Saudita, separando-se os seus percursos precisamente a meio da campanha no Oriente Médio, e sendo o Flamengo o primeiro clube que Jesus treina desde o início sem contar com Miguel Quaresma ao seu lado como adjunto. Quando Jesus rumou a Castelo Branco, já perto do final da carreira, Quaresma tinha ali terminado a sua carreira de jogador na temporada anterior, e iniciou a sua carreira de treinador, e uma das suas primeiras decisões foi, precisamente, a contratação de Jorge Jesus, entretanto, dispensado do Estrela da Amadora. Quaresma e Jesus tinham jogado juntos no juvenil e no adulto do Sporting, e os seus percursos como jogadores profissionais de futebol ainda se cruzaram novamente nos vestiários do União de Leiria, do Farense e do Estrela da Amadora.

Dessa curta passagem de Jorge Jesus pela Beira Baixa sobram poucas, mas intensas recordações. Um antigo centroavante do Benfica e Castelo Branco, na época, júnior, recorda-se bem do então veterano jogador, tendo mesmo chegado a partilhar o vestiário com ele em alguns jogos dessa temporada. *“Posso contar algumas coisas engraçadas, mas só peço que não ponham aí o meu nome. Sabem como é, isto é um meio muito pequeno, não quero que andem por aí dizendo que procuro protagonismo.”* Assim seja. Oculta-se a identidade do antigo aspirante a craque, mas ficam as suas histórias para a história. O ex-jogador mergulha, então, no baú das suas memórias, e revela que não esquece os pormenores técnicos do atual

treinador flamenguista. “Era um jogador muito acima da média para a 3ª divisão nacional. Já não tinha a mesma frescura física de outrora, afinal de contas, chegou a Castelo Branco com 33 anos, mas o que é certo, é que quando estava bem fisicamente fazia toda a diferença. Aqui, jogou sempre como meia-armador, organizador de jogo, e era de longe o melhor jogador do campo”, recorda o antigo atacante da formação albicastrense. “Lembro-me de que sofreu uma lesão que o manteve afastado da competição durante algum tempo. É preciso saber que estamos falando de outros tempos, outros métodos de trabalho e fundamentalmente outras condições para a prática do futebol nos escalões inferiores, onde os campos não eram propriamente adequados para as características de um jogador que tinha feito praticamente todo o seu percurso na 1ª divisão”, observa este ex-jogador que era esporadicamente chamado a jogar quando algum jogador do time principal se encontrava lesionado ou punido. Num desses jogos em que foi convocado, o então jovem presenciou um dos momentos mais marcantes de toda a sua carreira. “O mister Quaresma chamava sempre 18 jogadores, mas na época só podiam ir cinco para o banco, e assim ficaram dois jogadores na arquibancada do Municipal de Fátima nesse jogo. Foi logo depois de o Jesus se recuperar de uma lesão, razão pela qual foi para o banco e entrou perto de meia hora para o fim, num jogo contra o Clube Desportivo de Fátima num empate em zero a zero. Foi ainda no final da primeira volta, mas eles estavam muito fortes e tínhamos de ganhar para nos mantermos na corrida pela subida à 2ª Divisão B, Zona Centro, objetivo que viria a ser concretizado pelo Benfica e Castelo Branco no final da temporada. Eu nunca mais me esqueço daquele momento... Numa das primeiras vezes em que tocou na bola, o Jorge recebeu um passe ainda no nosso meio-campo e começou a avançar no campo sem sofrer grande pressão por parte dos adversários. Já nas imediações da área do Fátima, tirou um adversário do caminho e a cerca de 30 metros do gol adversário mudou repentinamente de direção. O árbitro, que acompanhava o lance de perto, atravessou-se no seu caminho e nesse momento o Jesus sacou um coelho da cartola... Meteu a bola pelo

lado esquerdo do árbitro e foi buscá-la ao outro lado, como se estivesse a fingir um adversário. Ficou de frente, sem oposição, e desferiu um remate potentíssimo, em arco, que fez a bola a entrar junto ao poste direito do gol. Um gol de levantar o estádio em qualquer parte do mundo! O Jorge era mesmo craque...”, recorda com nostalgia um ex-jogador que, pela ironia de ter ficado na arquibancada num jogo em que preferia ter sido opção, acabou por presenciar de uma zona privilegiada um dos momentos mais marcantes que viu no futebol.

Mas não era só nos muitos campos que Jorge Jesus fazia a diferença nesse seu período de pré-despedida da carreira de jogador. *“Era uma joia de pessoa, nada arrogante, era muito amigo dos seus colegas de equipe e não se achava superior a ninguém. Eu era só um garoto e quando entrava no vestiário quase que pedia desculpa por estar ali, mas ele era um dos jogadores que, por ser mais experiente, deixava os jovens mais à vontade. Só sinto muito por ter jogado tão pouco tempo com ele”,* recorda. E será que já se viam em Jesus as características de um possível treinador de sucesso? *“Se eu dissesse que notei isso naquela época, estaria mentindo. Até porque eu era muito novo e não tinha esse tipo de percepção, essa capacidade de análise. Para possível treinador não me lembro de ter visto características muito específicas, no que se refere à tática. O que posso dizer é que, pela forma inteligente como motivava e ajudava os mais jovens, dando sempre conselhos e tentando corrigir alguns detalhes técnicos, mostrava muitas características de líder. Disso lembro-me muito bem. E fico feliz por constatar que as está colocando em prática à perfeição”,* conclui.

De Castelo Branco, Jorge Jesus rumou novamente ao Algarve, mais concretamente a Almancil, região de Loulé. Lembre-se de que já tinha ido para o Olhanense, emprestado pelo Sporting no início da carreira, e mais tarde no Farense. Esta era, portanto, a sua terceira equipe algarvia, e quis o destino que fosse ali que o atual treinador rubro-negro terminaria a sua carreira de jogador. No entanto, as ironias do fado não estavam

finalizadas: o último jogo de Jorge Jesus na Taça de Portugal decorreu nessa temporada precisamente contra o Sporting, clube da sua formação e único “grande” onde jogou como jogador profissional. Como se não bastasse, o jogo ainda ocorreu em Alvalade, um estádio que conhecia como a sua própria casa. Para a história, aqui fica também o resultado desse jogo: 5 x 0 a favor dos leões.

MUDANÇA DE CARREIRA DE FORMA SURREAL

Nesta sua última temporada como jogador, Jorge Jesus já tinha em mente enveredar pela carreira de treinador, mas nunca pensou que as coisas pudessem ocorrer da forma peculiar que acabou por se verificar. Numa visita ao terreno do Amora, Jorge Jesus, que até começou no banco, fez uma grande exibição no meio-campo do Almancilense, não tanto pelo que jogou, mas mais pelo que fez jogar e pela forma como virou o sentido do jogo no segundo tempo, numa clara demonstração de conhecimentos táticos e de ocupação dos espaços muito acima da média. Na bancada estava, naturalmente, o dirigente máximo do Amora, nada mais, nada menos, do que Mário Rui da Silva Ribeiro, o 30º presidente da história do clube. E por incrível que possa parecer, este homem teve nesse dia um papel preponderante na transição da carreira de Jorge Jesus. No final desse jogo que o Almancilense venceu após a entrada de Jesus, que revolucionou por completo uma partida que estava muito complicada para os algarvios, o presidente do clube adversário, Mário Rui Ribeiro, dirigiu-se a Jorge Jesus e comunicou que queria contratá-lo para treinar o Amora. Apanhado de surpresa, o veterano centro-campista respondeu que devia haver algum engano, uma vez que ele era jogador da turma de Almancil, e não treinador. Tranquilo e certo daquilo que estava dizendo, Mário Rui Ribeiro disse que não havia engano nenhum e que era nítido que era Jorge Jesus quem coordenava as movimentações do conjunto Almancilense. Embora surpreendido, Jorge Jesus agradeceu o convite e as conversações não tardaram, com o presidente do Amora garantindo imediatamente o concurso de Jorge Jesus para o período que faltava da temporada. *“Foi um episódio caricato, mas o que é certo, é que o Almancilense estava em*

primeiro quando eu pendurei as chuteiras e o Amora estava em quarto quando eu cheguei pela primeira vez ao Estádio da Medideira. Mas quem acabou por ficar à frente foi mesmo o Amora comigo como treinador”, recorda Jorge Jesus com alguma nostalgia e com um sorriso nos lábios.

O PERCURSO DE JORGE JESUS COMO JOGADOR

1970/71

Clube de Futebol Estrela da Amadora (Juvenil, sub-17)

1971/72

Sporting Clube de Portugal (Júnior B, sub-18)

1972/73

Clube Desportivo Cova da Piedade (Emprestado pelo Sporting)

1973/74

Grupo Desportivo de Peniche (Emprestado pelo Sporting)

1974/75

Sporting Clube Olhanense (Emprestado pelo Sporting)

1975/76

Sporting Clube de Portugal

1976/77

Clube de Futebol “Os Belenenses”

1977/78

Clube Desportivo Riopele

1978/79

Juventude Sport Clube de Évora

1979/80

União Desportiva de Leiria

1980/81

Vitória Futebol Clube de Setúbal

1981/82

Vitória Futebol Clube de Setúbal

1982/83

Vitória Futebol Clube de Setúbal

1983/84

Sporting Clube Farense

1984/85

Sporting Clube Farense

1985/86

Clube de Futebol Estrela da Amadora

1986/87

Clube de Futebol Estrela da Amadora

1987/88

Sport Benfica e Castelo Branco

1988/89

Sociedade Recreativa Almancilense

A estadia do novo treinador na Margem Sul do Tejo, iniciada em 1989, acabaria mesmo se prolongando pelas quatro temporadas seguintes, com Jesus no comando técnico da formação do Concelho do Seixal até 1993. Quanto ao resto, são já 30 anos como treinador dos quais falaremos mais à frente neste livro. São muitos obstáculos ultrapassados e muitos degraus que, subidos gradualmente, levaram Jorge Jesus até o Clube de Regatas do Flamengo. São essas três décadas repletas de episódios mirabolantes, muitas vitórias e algumas derrotas, títulos disputados e conquistados, algumas polêmicas, muito futebol de qualidade e muito trabalho árduo, que vamos mostrar ao longo dos próximos capítulos. Uma história de permanente superação de um homem que subiu a pulso desde os escalões inferiores até os maiores palcos e às maiores decisões do futebol mundial.

CAPÍTULO 3

O PERFIL DO TREINADOR PORTUGUÊS



A ERA DOS TREINADORES ACADÊMICOS

Antes de mergulharmos a fundo nas várias fases do percurso do treinador Jorge Jesus, é importante primeiro olhar para aquilo que é o currículo do treinador português atualmente. Analisar alguns dos rivais que, pelos obstáculos que lhe foram criando, ajudaram a forjar o treinador Jorge Jesus ao longo dos últimos 10 anos em particular, perceber a evolução das metodologias, entender como toda uma nova geração cresceu na sombra do atual técnico do Flamengo, mas olhar também para a forma como Jorge Jesus foi moldado com algumas pesadas derrotas ao longo do seu percurso. Derrotas que, com certeza, fizeram de Jorge Jesus um treinador muito melhor do que era antes de ter passado por essas provações impostas por colegas de profissão com os quais disputou intensos duelos e alimentou polêmicas, mas pelos quais manifesta e revela um profundo respeito na hora de falar sobre a qualidade do treinador português de um modo geral. O saldo global é claramente positivo, caso contrário, o treinador não teria conquistado 13 títulos oficiais em Portugal e mais um na Arábia Saudita antes de rumar ao Rio de Janeiro. Mas as dificuldades pelas quais passou na conquista de muitos desses títulos são a melhor e maior prova da qualidade dos seus rivais, bem como a mais cabal demonstração de que a aprendizagem de um treinador autodidata se faz também nas amargas horas da derrota.

São muitos os técnicos portugueses que assumem, neste momento, grande destaque e protagonismo na senda futebolística internacional. Aliás, nunca como hoje o treinador português foi tão valorizado no mundo, fundamentalmente graças ao impacto global dos feitos de José Mourinho

na primeira década deste século com a brilhante e inesquecível conquista de duas Champions League. Mas de lá para cá muito mudou, o Special One já abraçou outros projetos importantes, ganhou e perdeu, foi amado e odiado, tudo aquilo que envolve a carreira de um treinador de primeira linha em cargos de grande exigência. Vamos propositadamente deixar José Mourinho fora desta nossa análise, por ser um treinador cujos feitos e estatuto o colocam num patamar à margem dos demais, mas também porque a fase mais impactante da sua carreira não se cruzou com a fase mais brilhante da carreira de Jorge Jesus.

Entretanto, multiplicaram-se os técnicos que partiram de Portugal à conquista da Europa, da Ásia e até das Américas, obtendo grande sucesso. Em comum a muitos deles, os modestos ou inexistentes percursos enquanto jogadores profissionais de futebol antes de abraçarem as carreiras de treinadores. Alguns, como Carlos Queiroz (atual treinador da Colômbia), Leonardo Jardim (treinador do Mônaco) ou André Villas-Boas (treinador do Marselha) nem sequer foram jogadores e assumiram desde muito jovens as agruras do caminho de técnicos, todos eles com tremendos feitos ao longo de suas carreiras. Outros, tal como Jesus, protagonizaram como jogadores carreiras muito mais modestas do que aquelas que viriam a ter como treinadores de renome, mas quase todos os técnicos que nos propomos a analisar aqui, de forma sucinta, serão particularmente relevantes mais à frente neste livro, para percebermos melhor a carreira de Jorge Jesus no intervalo entre os anos de 2011 e 2018. Uma verdadeira montanha-russa de emoções fortes, mas em breve abordaremos esse período particularmente marcante.

Por ora nos concentraremos na análise da qualidade dos treinadores portugueses, para quem Jorge Jesus reserva frequentemente rasgados elogios. Em março de 2013, por exemplo, num colóquio da Faculdade de Motricidade Humana, em Lisboa, Jesus afirmou sem qualquer problema: *“Os treinadores portugueses estão entre os melhores do mundo. Não sei se estão 10 ou 20 anos à frente dos demais, mas estão à frente. Todos querem*

aprender conosco. Há vários clubes de ponta estrangeiros que até para equipes de base já contratam treinadores portugueses.” Com isso, o técnico não está apenas pedindo elogios para o seu trabalho, tampouco para sua pessoa, mas sim para toda a classe de treinadores portugueses. Tantas vezes acusado de egocentrismo e narcisismo, Jesus consegue mostrar que a honestidade intelectual das suas análises não se limita apenas a sua trajetória, mas, sim, à trajetória de todos aqueles que o rodeiam e que se relacionam com ele fora do outro lado, separados por escassos metros entre os bancos mais próximos da linha lateral. É importante ainda realçar que em 2013, ano destas declarações, não só Jorge Jesus estava ainda longe da sua primeira experiência no estrangeiro – rumaria em 2018 ao Al-Hilal, da Arábia Saudita –, como acabara de perder um Campeonato Português para André Villas-Boas em 2010/11 e outro para Vítor Pereira em 2011/12. Ou seja, o reconhecimento dos méritos dos seus rivais, bem como dos portugueses que então treinavam no estrangeiro, era claro em cada uma das suas palavras.

Pegemos o exemplo de Carlos Queiroz, para início de conversa: foi Campeão do Mundo de Juniores em 1989 e 1991 – esta segunda vez em Lisboa frente ao Brasil de Roberto Carlos, Paulo Nunes e Élber – antes de ser Treinador Principal de Portugal e, mais tarde, braço-direito de Alex Ferguson no Manchester United e um dos responsáveis pela meteórica ascensão de Cristiano Ronaldo na Inglaterra. Antes, treinou o Real Madrid dos “galáticos” Roberto Carlos, Zidane, Figo, David Beckham e Ronaldo Nazário. Classificou África do Sul, Portugal e Irã para fases finais de Copas do Mundo e pretende fazê-lo uma quarta vez, agora à frente dos destinos da Colômbia, naquilo que poderá ser um feito inédito na história do futebol mundial, tornando-se o primeiro técnico a preparar quatro países para o Mundial. Nunca foi um rival direto de Jorge Jesus, uma vez que só treinou na Liga Portuguesa no início dos anos 1990 – quando o treinador ainda dava os primeiros passos na carreira –, nem cruzou com o técnico do Flamengo em competições europeias, mas não deixa de ser um

dos grandes pioneiros, senão mesmo o maior, de toda uma revolução que se verificou em Portugal ao nível do treino depois dos anos 1980. Sem nunca ter sido jogador.

Leonardo Jardim é outro excelente exemplo. Português nascido na Venezuela, começou a treinar num modesto clube madeirense com apenas 27 anos sem nunca ter sido jogador de futebol. A sua rápida ascensão passou por clubes como Beira-Mar e Sporting de Braga antes de rumar ao Olympiacos, onde foi campeão grego, e depois a um Sporting Clube de Portugal em crise, conseguindo ainda assim classificar o clube de Lisboa para a Champions League. Esse feito despertou a cobiça do Mônaco em 2014 e, na sua terceira época no Principado, logrou o maior feito da sua carreira até o momento, sagrando-se Campeão Francês em 2016/17 frente ao todo-poderoso e campeão Paris Saint-Germain. Está na sua sexta temporada no clube monegasco, e esse título alcançado em 2017 é ainda hoje lembrado na Europa como um grande feito e uma das melhores campanhas realizadas por um treinador em Ligas de primeira linha em muitos anos. No cara a cara com Jorge Jesus, Jardim saiu por baixo na disputa de um título de Campeão Português e também de uma Taça de Portugal, em episódios que revisitaremos mais à frente.

André Villas-Boas é, porventura, um exemplo ainda mais flagrante de um não-futebolista que se tornou um grande treinador. Era ainda muito jovem, 25 anos, quando integrou a equipe técnica de José Mourinho no FC Porto, sem nunca desenvolver trabalho de campo, cingindo-se a observações e relatórios. Seguiu com Mourinho mais tarde para Londres e para Milão, e seria já no Inter que decidiria seguir o seu próprio caminho, assumindo o comando técnico da Acadêmica de Coimbra na principal divisão portuguesa. Meio ano depois, estava no FC Porto como treinador principal e, em apenas uma temporada, ganhou Supertaça, Taça de Portugal, Campeonato e Liga Europa, numa época de sonho que lhe valeu o salto para a Premier League, onde assumiu o comando técnico do Chelsea. Quer em Stamford Bridge, quer mais tarde no Tottenham, não

alcançou o sucesso desejado e rumou ao Zenit de São Petersburgo, onde se sagrou Campeão Russo. De lá para cá, teve uma passagem fugaz pela China até assumir o comando técnico do Marselha, onde está agora realizando novo trabalho de grandes méritos na Ligue 1 francesa. Terá sido o treinador que mais “castigou” Jorge Jesus em toda a sua carreira, protagonizando uma temporada de sonho que também recordaremos e que, para o atual treinador rubro-negro, foi um verdadeiro pesadelo. Mantêm até hoje uma relação de amizade que já ficou demonstrada em vários episódios curiosos, como o momento em que Jorge Jesus se distraiu numa coletiva de imprensa e revelou que Villas-Boas se tornaria treinador do Zenit, algo que lhe tinha sido contado em confidência. Mais marcante ainda foi o momento em que, em plena casa do Tottenham, Jesus submeteu os londrinos a uma humilhante derrota na Liga Europa, por 3-1 com maestria, e festejou com uma clara provocação direcionada para Tim Sherwood, o técnico adversário. A razão? O fato de este, no entender de Jorge Jesus, ter sido particularmente deselegante na forma como sucedeu a André Villas-Boas no comando técnico dos londrinos.

A GÊNESE CRIADORA DO TREINADOR JORGE JESUS

Vocês se lembram daquilo que Jorge Jesus disse acerca dos treinadores que teve enquanto jogador? Nós ajudamos: *“Os meus treinadores não me ensinaram nada do que eu ensino agora. Não sabiam o que era importante nos momentos do jogo, para eles o mais importante era uma boa condição física”*, recorda o Mister. E a verdade é que a história do treino em Portugal vai ao encontro desta sua afirmação. Foi só depois da década de 1980 – Jesus deixou de jogar em 1989 – que se começou a verificar uma verdadeira revolução de mentalidades ao nível do treino, sempre buscando metodologias que oferecessem um melhor aproveitamento e desenvolvimento das capacidades físicas dos jogadores, em função da própria evolução dos processos de treino. O planeamento dos treinos passou de uma fase mais convencional para uma nova era em que passou a adoptar-se um planeamento integrado. Ou seja, em vez de verificarmos uma divisão marcante entre os diversos fatores de rendimento, uma separação entre cada um deles, digamos assim, passou a verificar-se um desenvolvimento deles de uma forma integrada, conjunta. Essa mudança do treino convencional para o treino integrado foi um primeiro passo importante na evolução das metodologias em Portugal, mas muito longe de ser o último. Pelo contrário. De lá para cá, nunca mais as metodologias de treino pararam de evoluir e nunca mais os treinadores portugueses deixaram de estar, comprovadamente, na vanguarda do treino a nível europeu e mundial.

Jorge Jesus, porém, não pertence à corrente mais académica do treino. É o oposto disso. Não é um estudioso, não frequentou a faculdade, não

desenvolveu as suas metodologias a partir dos livros, não delineou suas táticas a partir dos conceitos pré-concebidos. Jesus é um autodidata que desenha seu próprio caminho, um criador que desenvolve conhecimento, apresenta ideias novas, revoluciona o treino e o jogo por onde passa. Ganha sempre? Não, longe disso. Até porque ninguém ganha sempre. Mas ganha muito mais do que perde, e prefere perder agarrado às suas próprias ideias do que ganhar com ideias dos outros.

Ainda muito jovem, em início de carreira como treinador e logo após os primeiros anos defendendo o modesto Amora, partiu rumo a Barcelona para “beber” conhecimento daquele que terá sido um dos seus grandes ídolos como treinador, o holandês Johann Cruyff. Voltou a Portugal com ideias de uma defesa com três elementos, uma linha defensiva mais elevada, os laterais projetados no terreno e os atacantes a dar largura e profundidade ao ataque. Estamos falando do início dos anos 1990 e de ideias implementadas de imediato no modesto Felgueiras, que estreava no mais alto escalão do futebol português. Foi a fase experimental de Jorge Jesus.

Os anos seguintes seriam de criação pura, desenvolvimento de conhecimento e implementação de ideias novas e pioneiras. Muitas vezes, também de frustração, pois a sua visão do jogo era de tal forma revolucionária que exigia intérpretes de primeira linha para colocá-la em prática, algo que não tinha normalmente à sua disposição nos clubes por onde passava, poucos em capacidade de investimento para recrutar os melhores jogadores. Homens a marcar por zona nas bolas paradas defensivas e tentativas de bloqueio nas bolas paradas ofensivas são apenas dois de muitos exemplos por si introduzidos numa fase mais embrionária da sua carreira no futebol português, conceitos hoje adoptados de forma generalizada e implementados em inúmeras equipas que reconhecem nas suas criações méritos irrefutáveis.

Mas não foi nos livros e nas universidades que Jesus bebeu as suas primeiras inspirações, e se na sua carreira como jogador não foi

positivamente influenciado ao nível do treino, onde foi, então, buscar as sementes da sua sabedoria? Qual foi a gênese da sua incrível capacidade de criação de novos conceitos num jogo universal onde muitos pensam – erroneamente – que está tudo inventado? Em alguns momentos, Jesus chegou a dizer em entrevista que nutria, de fato, uma grande admiração por Johann Cruyff, algo que já confirmou inclusive depois da sua chegada ao futebol brasileiro, mas o técnico que mais o cativou no seu início de carreira, aquele em quem ele mais se espelhou, digamos assim, foi outro. Menos mediático, mais polêmico, menos popular, mas igualmente brilhante. *“É verdade que Johann Cruyff foi uma grande referência para mim, mas o técnico com quem mais me identifiquei e cujo trabalho mais apreciei nos últimos anos foi o checo Zdenek Zeman”*, revelou Jesus em entrevista antes de ingressar no Benfica, em 2009. Esta predileção do Mister pelo irreverente e revolucionário treinador checo tem a ver, fundamentalmente, com o fato de este ter sido visto como um mestre da tática nos finais da década de 1990, e justamente na Itália, país da tática por excelência, onde Zeman brilhou no comando de equipes grandes, como a Lazio de Roma, a AS Roma e o Nápoles, entre outras. Curiosamente, só ganhou títulos nos escalões inferiores do futebol italiano – Série C com o Licata, Série B com o Foggia e mais tarde, novamente, com o Pescara –, mas nem isso apaga a sua aura de grande líder e criador de novas e revolucionárias ideias, a ponto de suas equipes parecerem verdadeiros tubos de ensaio para constantes e entusiasmadas invenções táticas. Em determinada época, foi mesmo considerado “o treinador mais ofensivo do mundo” e a forma empolgante como as suas equipes se movimentavam é ainda hoje uma referência para muitos treinadores em todo o mundo. Montava suas equipes num 4x3x3 extraordinariamente dinâmico, com diversas mudanças estratégicas ao longo do jogo, e foi mesmo um dos primeiros – senão o primeiro – a conseguir imprimir várias mudanças táticas no decorrer do próprio jogo e sem mexer nas unidades em campo, algo cuja aplicação prática podemos verificar hoje de forma brilhante no Flamengo de Jorge Jesus.

Quem vê, às vezes, a tremenda mobilidade de Gabigol, Arrascaeta e Bruno Henrique, parceiros de um racional Éverton Ribeiro, fica deslumbrado com a forma como a mente de Jorge Jesus estrutura as manobras ofensivas da sua equipe sem que esta perca o equilíbrio defensivo. E será aqui, neste capítulo muito particular, mas de tremenda importância, que, no meu entender, Jorge Jesus já se tornou superior ao gênio Zdeněk Zeman, ou seja, o aprendiz superou o Mestre. As manobras ofensivas das equipes de Zeman eram brilhantes, nada menos do que isso, mas a sua vertigem ofensiva levava a muitos desequilíbrios defensivos, por isso nunca ganhou títulos importantes. Jesus conseguiu resolver essa equação, corrigir as lacunas de Zeman e alcançar aquilo que, para muitos, é o Santo Graal do futebol: atacar de forma constante sem nunca perder o equilíbrio e a eficácia nas transições defensivas. E é isso que estamos verificando no verdadeiro rolo compressor em que se transformou o Flamengo versão 2019. Zeman guiava-se por uma máxima que ficou famosa: *“O resultado é casual, o desempenho, não”*. Grande e irrefutável verdade que a todos pode e deve fazer pensar. Mas para Jesus, não basta. Jesus trabalha para que nada seja casual. Nem o desempenho, nem o resultado. E mesmo sabendo que haverá sempre detalhes no jogo que fogem ao seu controle, sua busca será sempre pela suprema perfeição tática. E é isso que faz dele um treinador diferente e, por que não dizê-lo?, melhor do que os outros.

Serviu o pequeno desvio, o devaneio por uma era embrionária da carreira de Jorge Jesus, para refletirmos também sobre o seu processo de formação como treinador. Um homem que se desenvolveu num país onde, durante muitos anos, os maiores clubes privilegiavam treinadores estrangeiros, e quando começaram finalmente a privilegiar os treinadores portugueses, passaram a olhar primeiramente para os acadêmicos, como José Mourinho, talvez na tentativa de encontrar um novo Special One. Entre um e outro momento, surgiu Jorge Jesus aproveitando da melhor forma as oportunidades que lhe foram concedidas. Sem a aura cosmopolita

do treinador estrangeiro nem o pedigree do treinador acadêmico, apenas um ex-jogador modesto que insistia em desenhar o seu próprio destino como técnico, absorvendo os primeiros ensinamentos daqueles que eram as suas maiores referências do treino. E desenhou a sua obra com traços tão marcados, tão carregados, que viria a marcar a última década do futebol em Portugal de forma particularmente indelével, a ponto de toda uma nova – e brilhante – geração de treinadores ter vivido durante anos na sua sombra antes de ascender até os mais altos patamares.

DE JOGADORES MODESTOS A TREINADORES DE PONTA

Numa categoria bastante diferente dos técnicos que já analisamos, dos acadêmicos, digamos assim, temos nomes como Marco Silva (treinador do Everton), Paulo Fonseca (treinador da AS Roma), Vítor Pereira (treinador do Shanghai SIPG) e Rui Vitória (treinador do Al-Nassr). E diferente por quê? Porque foram jogadores profissionais de futebol, mesmo tendo protagonizado carreiras muito mais modestas do que aquelas que hoje têm como treinadores de renome. Apesar de todos eles serem bem mais jovens do que Jorge Jesus, têm um percurso nesse aspecto mais semelhante ao do treinador do Flamengo, cuja carreira como jogador já esmiuçamos em páginas passadas. A análise do perfil destes treinadores é particularmente interessante à medida em que todos eles disputaram intensos duelos com Jorge Jesus em Portugal, disputas para as quais olharemos em detalhe mais à frente neste livro.

Marco Silva foi um lateral-direito que fez a maior parte da sua carreira a serviço do Estoril Praia, onde se iniciaria também como treinador. Pendurou as chuteiras e assumiu o cargo de diretor desportivo, mas por pouco tempo, já que o brasileiro Vinicius Eutrópio foi demitido e Marco Silva assumiu o seu lugar. A equipe do Estoril Praia estava perto do rebaixamento na II Liga quando Marco chegou, e ninguém acreditava no que aconteceria nos três anos seguintes: o Estoril foi Campeão da II Liga, chegou à Liga Europa logo no ano de regresso à I Liga e repetiria a façanha no ano seguinte. No caminho, entre o Campeonato conquistado no 2º Escalão e duas classificações europeias, Marco Silva teve ainda tempo de ajudar a “conquistar” um título ao Benfica de Jesus para oferecer ao FC

Porto, e mais tarde derrotou o FC Porto numa nova campanha que desta vez seria favorável a Jorge Jesus no clube de Lisboa. Os resultados alcançados no Estoril levaram-no ao Sporting, onde ganhou a Taça de Portugal, e mais tarde ao Olympiacos, onde foi Campeão grego. De lá para cá, assumiu-se como treinador da Premier League e já vai ao terceiro projeto no campeonato mais cobiçado do mundo: Hull City, Watford e Everton.

Paulo Fonseca é um caso extraordinário de perseverança e um exemplo de que, no futebol, assim como na vida, às vezes é necessário dar um passo atrás para depois dar vários à frente. Como jogador fez uma respeitosa – embora modesta – carreira como zagueiro. Formado no Barreirense, por lá permaneceu por 5 anos até dar o salto para a 1ª Divisão, na qual entrou por meio do Leça, mas onde viria a representar Belenenses, Marítimo, Vitória de Guimarães e Estrela da Amadora. No clube do coração do Mister flamenguista, Fonseca manteve-se 5 épocas até o final da sua carreira e em duas delas viria mesmo a ser treinado por Jorge Jesus, com quem foi sempre titular no eixo da defesa. Como treinador, tem registos absolutamente extraordinários, como dirigir o modesto Paços de Ferreira para a Champions League antes de rumar ao FC Porto. No Dragão não teve uma experiência feliz e abandonaria o projeto no meio da temporada, regressando ao Paços e voltando a levar a equipe à Europa. Daí saltou para o Sporting de Braga, onde ganhou uma Taça de Portugal numa final contra o FC Porto que o tinha demitido no ano anterior. Essa conquista valeu-lhe sua primeira e mais conseguida experiência da carreira no estrangeiro – até o momento –, orientando os ucranianos do Shakhtar Donetsk em três épocas que resultaram na conquista de três Ligas, três Taças, uma Supertaça e várias campanhas de sucesso na Champions League. O salto para palcos mais distintos não demorou, e orienta hoje a histórica AS Roma na supercompetitiva Série A italiana. Para o seu lugar, no Shakhtar, entrou Luís Castro, outro português que está fazendo um excelente trabalho e mantendo o clube no caminho das conquistas.

Vítor Pereira foi um jogador ainda mais modesto do que os técnicos anteriores, nunca tendo jogado nem sequer nas Ligas profissionais. Volante formado no Avanca – onde chegou a profissional –, representou apenas pequenos clubes como Oliveirense Esmoriz, Estarreja, Fiães e São João Ver. Mas como treinador é um dos nomes que estarão para sempre ligados à carreira de Jesus pelos piores motivos, uma vez que conquistou a ele dois títulos de Campeão Português pelo FC Porto em apenas dois anos de disputa direta quando Jesus estava no Benfica. Foram épocas dramáticas e emocionantes das quais falaremos mais à frente e que valeram a Vítor Pereira um contrato milionário na Arábia Saudita. Por lá ficou pouco tempo, e de lá para cá já foi campeão grego pelo Olympiacos e campeão chinês pelo Shanghai SIPG, título que defende neste momento. Passou ainda pelos históricos Fenerbahçe da Turquia e TSV Munique 1860 da Alemanha, naquele que foi o pior momento numa carreira ainda curta mas já recheada de conquistas.

Outro nome que carrega uma carga simbólica muito relevante na carreira de Jorge Jesus é Rui Vitória. Como jogador nunca atingiu patamares elevados, pelo contrário, tornando-se famoso apenas como um meia-armador razoável que passou por Fanhões, Vilafranquense, Alverca, Seixal, Casa Pia e Alcochetense, onde terminou a carreira sem nunca chegar aos times principais. Como treinador já estamos falando de um percurso completamente diferente. Pelo Fátima, subiu duas vezes de divisão nas categorias inferiores e daria, por isso, o salto para o Paços de Ferreira, clube modesto que levaria a uma final da Taça da Liga que perdeu frente ao Benfica de Jorge Jesus. Daí saltou para o Vitória de Guimarães, onde não só preparou a equipe três vezes para as competições europeias, mas conquistou também uma Taça de Portugal exatamente na liderança do mesmo Benfica de Jorge Jesus com quem tinha perdido sua final anterior. O Mister Jesus sobreviveu a essa derrota e manteve-se na Luz, onde viria a conquistar tudo nos dois anos seguintes. Mas quis o destino que, no final da sua ligação com o Benfica, fosse precisamente Rui

Vitória a suceder-lhe no cargo. Jesus rumou ao rival Sporting e perderia dois campeonatos seguidos para o seu sucessor no Benfica, numa história cujos contornos são muito dramáticos para descrever nesta fase da narrativa, e mais tarde falaremos disso. Rui Vitória sairia do Benfica ao fim de três anos e meio para rumar à Arábia Saudita, onde Jorge Jesus já estava trabalhando há cerca de seis meses. Jesus tinha o seu Al-Hilal numa confortável liderança a 6 pontos do segundo classificado – o Al-Nassr de Rui Vitória –, mas recusou-se a renovar e não ficou para a segunda metade da temporada. Rui Vitória aproveitou da melhor forma a saída de Jesus e levou seu Al-Nassr ao título saudita, ultrapassando o Al-Hilal na reta final e no confronto direto.

CRAQUES DENTRO DO CAMPO E TAMBÉM NO BANCO

Já falamos dos treinadores acadêmicos portugueses de maior relevância no futebol atual, e também dos jogadores modestos que se tornaram grandes treinadores de primeira escala, mas não podemos esquecer aqueles que foram extraordinários jogadores e estão agora desenvolvendo também grandes carreiras como treinadores. À frente deles, até pelo destaque dos feitos que tem vindo a alcançar, não podemos deixar de citar Nuno Espírito Santo, ex-goleiro que se destacou à frente do Vitória de Guimarães, Deportivo La Coruña, FC Porto e Seleção Portuguesa. Como treinador, em apenas sete temporadas, levou o modesto Rio Ave às finais da Taça de Portugal e da Taça da Liga – perdeu ambas para o Benfica de Jorge Jesus – antes de se mudar para a Espanha e treinar o Valência para a Liga dos Campeões. De lá, teve uma experiência menos feliz no FC Porto, onde foi segundo na Liga Portuguesa, antes de rumar àquele que é o seu projeto mais bem-sucedido até o momento: pegou o modesto Wolverhampton e venceu o campeonato, subindo o clube para a elitista Premier League. Aí, logo na primeira temporada, conseguiu levar os Wolves para a Liga Europa pela primeira vez em quase 40 anos. Mantém-se este ano como técnico-sensação na Inglaterra.

Entre os jogadores de ponta que chegaram a treinadores, nenhum português delineou uma carreira tão brilhante nos gramados como Paulo Sousa. Campeão do Mundo de Juniores por Portugal em 1989, assumiu-se no início dos anos 1990 como meio-campo de eleição do Benfica sob o comando técnico do sueco Eriksson, e da Seleção Portuguesa primeiro com Carlos Queiroz, depois com Artur Jorge e António Oliveira. Em 1993,

protagonizou um dos maiores escândalos da história do futebol português, rescindindo contrato com o Benfica para ir para o Sporting, mas só um ano mais tarde, em 1994, é que sua carreira ganhou verdadeira dimensão internacional com a sua ida para a Juventus de Turim. Na Vecchia Signora ganhou todos os títulos que disputou na Itália: Série A, Taça e Supertaça, ganhando ainda uma Champions League antes de rumar ao Borussia de Dortmund, onde ganharia novamente a Champions League, transformando-se num dos raros jogadores que venceram a prova por dois clubes diferentes. Como treinador ainda não alcançou conquistas dessa dimensão de grandeza, mas tem delineado uma trajetória muito interessante. Campeão e vencedor da Taça em Israel pelo Maccabi Tel Aviv, e campeão na Suíça pelo Basileia, ganhou ainda Taça e Supertaça na Hungria pelo Videoton. Antes, iniciou a sua carreira no Championship de Inglaterra, onde dirigiu o Queens Park Rangers, o Swansea e o Leicester. Mais recentemente, esteve dois anos na Itália no comando técnico da Fiorentina, um ano na China à frente do Tianjin Quanjian e está agora na sua segunda temporada na Ligue 1 francesa, à frente do Bordeaux.

Outra referência entre os grandes jogadores portugueses que estão a fazer carreiras de sucesso como treinadores é Sérgio Conceição. Ele que, como jogador profissional, até foi lançado na I Liga em Portugal por Jorge Jesus, nos seus tempos de Felgueiras. Brilhou no FC Porto, na Lazio de Roma, no Parma e no Inter de Milão antes de regressar ao FC Porto e, mais tarde, já em final de carreira, passou ainda três temporadas no Standard Liège e mais três no PAOK de Salónica. Como treinador, orientou Olhanense, Acadêmica de Coimbra, Sporting de Braga e Vitória de Guimarães antes da sua primeira experiência no estrangeiro, para orientar o Nantes na Ligue 1 francesa. O bom trabalho aí desenvolvido valeu-lhe o convite do FC Porto, onde está na sua terceira temporada, tendo conquistado já um Campeonato Nacional e uma Supertaça, com duas campanhas positivas na Champions League no caminho.

OS 25 TREINADORES PORTUGUESES DO MOMENTO

NOME	IDADE	TIME
Carlos Queiroz	66 anos	Seleção da Colômbia
Jorge Jesus	65 anos	Flamengo – BRA*
Fernando Santos	65 anos	Seleção de Portugal
Vítor Oliveira	59 anos	Gil Vicente – POR*
José Peseiro	59 anos	Sem time no momento
Luís Castro	58 anos	Shakhtar – UKR*
José Mourinho	56 anos	Tottenham – ENG*
Carlos Carvalhal	53 anos	Rio Ave – POR*
Vítor Pereira	51 anos	Shanghai SIPG – CHN*
Paulo Bento	50 anos	Seleção da Coreia do Sul*
Rui Vitória	49 anos	Al-Nassr – KSA*
Pedro Martins	49 anos	Olympiacos – GRE*
Paulo Sousa	49 anos	Bordeaux – FRA*
Pedro Caixinha	48 anos	Sem time no momento
Ricardo Sá Pinto	47 anos	Braga – POR*
Paulo Fonseca	46 anos	Roma – ITA*
Nuno Espírito Santo	45 anos	Wolverhampton – ENG*
Leonardo Jardim	45 anos	A.S. Monaco – MON*
Sérgio Conceição	44 anos	Porto – POR*
Bruno Lage	43 anos	Benfica – POR*
Jorge Silas	43 anos	Sporting – POR*
Ivo Vieira	43 anos	Vitória Guimarães – POR*
André Villas-Boas	42 anos	Olympique de Marseille – FRA*
Marco Silva	42 anos	Everton – ENG*
Abel Ferreira	40 anos	PAOK – GRE*

* **Nota:** códigos de países de 3 letras usados pelo Comité Olímpico Internacional e pela FIFA.

EM COMUM A TODOS ELES? JORGE JESUS...

São quase 30 anos treinando e mais de 20 no mais alto nível. São 21 temporadas sempre nos palcos principais, entre Liga Portuguesa, Liga Europa, Champions League, Liga Saudita, Champions Asiática, Brasileirão e Copa Libertadores. São mais de 1.100 jogos na carreira, quase 1.000 desses jogos sempre disputados nas categorias mais altas. É uma carreira longa, muito longa, recheada de feitos incríveis e legitimada pela conquista de inúmeros títulos oficiais. Inevitavelmente, Jorge Jesus cruzou na sua carreira com todos os grandes técnicos portugueses, sem exceção. Alguns foram seus jogadores, como Sérgio Conceição, treinador do FC Porto, e Jorge Silas, treinador do Sporting. Bruno Lage, treinador do Benfica, era técnico das categorias jovens do clube quando Jorge Jesus conduziu os destinos do clube da Luz de 2009 a 2015. Mas todos os outros de uma extensa lista de nomes foram seus rivais num ou noutro momento, ainda como jogadores ou já como treinadores. Jorge Jesus já está na história do futebol português como o treinador português que mais títulos conquistou em Portugal, 13 no total. Mas merece o seu lugar na história por muito mais do que isso, tendo protagonizado algumas das rivalidades mais inesquecíveis dos últimos 20 anos, bem como algumas das campanhas mais memoráveis em clubes como Belenenses, Sporting de Braga, Benfica e Sporting. O tempo revelará justamente que ele foi um dos maiores de todos os tempos, que ninguém tenha dúvidas em relação a isso, até porque o final de carreira ainda está, apesar dos seus 65 anos, muito longe de se concretizar.

CAPÍTULO 4

PORTUGAL E O TREINADOR BRASILEIRO



CINCO DÉCADAS DE HISTÓRIAS QUE UNEM PORTUGAL E BRASIL

O futebol português seguiu o seu próprio caminho de formação e ganhou a sua própria dimensão no que diz respeito aos treinadores, como acabamos de verificar. Mas é impossível escrever a história do futebol em Portugal sem recordar também alguns importantíssimos treinadores brasileiros que fizeram trajeto no país, desde meados do século XX até o século XXI. São mais de 50 anos em que os técnicos brasileiros fizeram percurso em Portugal, com a curiosidade de os expoentes máximos desse longo e empolgante percurso serem, curiosamente, o primeiro e o último treinador que deixaram a sua profunda marca no país: Otto Glória e Luiz Felipe Scolari. Só como exemplo, Glória lançou as bases do Benfica Europeu dos anos 1960 e Scolari lançou Cristiano Ronaldo na Seleção de Portugal, ou seja, estão intimamente ligados a dois dos expoentes máximos da história do futebol português.

Nesse tempo, dezenas e dezenas de treinadores brasileiros passaram pelas ligas profissionais em Portugal, mas poucos deixaram a sua marca. Além do já citado hexacampeão Otto Glória, só mais dois brasileiros foram campeões em Portugal: Dorival Knipel e Carlos Alberto Silva, ambos no FC Porto e este último já nos anos 1990, em duas ocasiões consecutivas. Mas houve muitos mais a deixar a sua marca em Portugal, por terem treinado os maiores clubes nacionais ou pelos resultados que alcançaram no período que passaram no país. Sem querer entrar em “avaliações” de qualidade ou juízos de valor – tantas vezes injustas –, não podemos deixar de constatar que, no século XXI, a aposta dos clubes

portugueses em técnicos brasileiros caiu drasticamente, não só pela evolução da formação do treinador português, mas também, acreditamos, pela menor vontade do treinador brasileiro em emigrar para a Europa, já que as condições no futebol brasileiro – até financeiras – melhoraram significativamente na última década. Se a isto somarmos a “má imprensa” de que os técnicos brasileiros gozam neste momento na Europa, está explicado o fenômeno da queda acentuada do número de técnicos do Brasil em Portugal.

O ETERNO E INSUPERÁVEL OTTO GLÓRIA

O nome de Otto Glória é uma referência eterna no futebol português, é o homem que marca a passagem do amadorismo para o profissionalismo em Portugal. Era reserva no Vasco da Gama do Brasil quando, com 36 anos, foi o escolhido do Benfica para travar a hegemonia que o poderoso Sporting dos “5 Violinos” – onde jogava Virgolino, o pai de Jorge Jesus – começava a construir no futebol português, com quatro títulos consecutivos de campeão e sete no total dos oito anos anteriores. Logo no ano de estreia, em 1954/55, Otto Glória seria campeão em Portugal e ganharia também a Taça de Portugal, feito que repetiria logo em 1956/57, ganhando novamente ambas as competições. Após cinco anos no Benfica, com dois títulos de campeão e duas Taças de Portugal, foi para o Belenenses e conquistou imediatamente mais uma Taça de Portugal a serviço do “terceiro” clube de Lisboa. Daí foi para o Sporting e em Alvalade voltou a ser campeão nacional antes de partir para França – onde treinou o Marselha – e regressar ao Brasil, para assumir o comando do Vasco da Gama. Em 1963/64 voltou a Portugal para assumir o FC Porto e por lá se manteve por dois anos, mas nessa época o Benfica já vivia a era “dourada” da sua história sob a batuta do mítico Eusébio, e secava tudo à sua volta. Em 1965/66, porém, Otto Glória assumiria o comando do Sporting e seria novamente campeão contra o “todo-poderoso” Benfica. Nesse mesmo ano, conduziu a Seleção de Portugal ao seu melhor resultado da história num campeonato mundial: 3º lugar na Inglaterra, eliminando pelo caminho o campeão do mundo em título, o Brasil do Rei Pelé.

Depois desse ano extraordinário, Otto Glória rumou à Espanha para treinar o Atlético de Madrid durante dois anos antes de regressar a

Portugal e ao Benfica, onde ganhou mais dois campeonatos e duas Taças de Portugal em três novos anos na Luz. Seriam os seus últimos títulos em Portugal, já que partiu para um longo período de nove anos no Brasil, dois anos no México e três anos na Nigéria, onde ganhou inclusive a Taça das Nações Africanas. Será para sempre lembrado como um dos maiores treinadores da história de Portugal, “pai” do embrião do profissionalismo no futebol e responsável por lançar as sementes do projeto do Benfica Bicampeão Europeu, títulos ganhos pelo húngaro Bella Guttmann, mas em cima de um projeto do qual Otto Glória foi o grande percursor. Glória ganhou impressionantes 11 títulos – seis Campeonatos e cinco Taças de Portugal – no total das 12 épocas em que treinou equipes portuguesas, feito nunca repetido por mais nenhum treinador no futebol lusitano.

O BRASILEIRO QUE RESSUSCITOU O ORGULHO DE PORTUGAL

Portugal tinha uma geração extraordinária de jogadores nos anos 1990 e no início do século XX, mas falhava sempre nas fases finais das grandes competições. Jogadores como Luís Figo e Rui Costa, Paulo Sousa e Vítor Baía, Fernando Couto e João Vieira Pinto, entre tantos outros, “pediam” um treinador nacional de referência, de topo mundial, depois do desastre que foi a participação no mundial de 2002. A Federação Portuguesa de Futebol não fez por menos e contratou o treinador campeão do mundo, Luís Felipe Scolari, que levara o Brasil à tão desejada conquista do penta precisamente em 2002. Scolari foi, na época, o treinador mais caro na história do futebol português e sabemos que, entre 2002 e 2006, com um inédito 2º lugar no Euro 2004 e um meritório 4º lugar no Mundial 2006, “Felipão” fez por merecer esse título que lhe foi concedido. Cristiano Ronaldo estava “explodindo” e foi com Scolari que se tornou primeiro uma opção, pouco depois um titular absoluto, e mais tarde o incontestável capitão da equipe, ainda antes do Euro 2008, última prova de Scolari por Portugal. Nunca ninguém pensou que Scolari era um gênio da tática ou um líder predestinado, muito pelo contrário. Não era essa a sua imagem em Portugal. Mas sempre foi visto como um disciplinador, um homem sério e capaz de passar uma mensagem forte aos seus jogadores, um líder no verdadeiro sentido da palavra e um aglutinador de massas. Sabia tirar o melhor de cada um dos craques que tinha à sua disposição, inventava pouco e construía um grupo muito forte. Não inovou, não introduziu novos conceitos estratégicos além do seu mercado e forte estilo de liderança, mas reconciliou os portugueses com a Seleção, disputou grandes

competições até o final e foi sempre sério no seu desempenho. Deixou saudades e está na história do futebol português por mérito próprio. Quanto à sua competência, é inatacável e as suas conquistas falam por si.

TREINADORES BRASILEIROS VENCEDORES EM PORTUGAL

Houve apenas quatro treinadores brasileiros campeões em Portugal, com particular destaque para o lendário e já citado Otto Glória, nascido no Rio de Janeiro em 9 de janeiro de 1917. Conquistou quatro campeonatos no Benfica e dois no Sporting, tendo também treinado o FC Porto, embora sem sucesso. Ganhou ainda quatro Taças de Portugal no Benfica e uma no Belenenses, e conquistou o inigualável 3º lugar para Portugal no Mundial de 1966 na Inglaterra. É a ele atribuída a autoria de uma famosa frase sobre o futebol português: *“Portugal é um país onde o treinador é uma besta quando perde e é bestial quando ganha”*, terá dito o treinador brasileiro. Sábias palavras que se mantêm hoje tão atuais e pertinentes como há 50 anos.

Curiosamente, o treinador que interrompeu o sucesso de Otto Glória logo após a época 1954/55, o seu primeiro ano em Portugal, foi outro brasileiro, chamado Dorival Knipel. Poucos meses mais velho do que Otto Glória – Knipel, conhecido no mundo do futebol pela alcunha de “Iustrich”, nasceu em 28 de setembro de 1917 – também chegaria a Portugal apenas com uns meses de atraso e para treinar o FC Porto, que não se sagrava Campeão de Portugal há 16 anos. Knipel não só ganhou o Campeonato logo nesse seu ano de estreia, em 1955/56, como conquistou também a Taça de Portugal, alcançando um feito inédito no clube e repetindo a conquista da dobradinha alcançada pelo compatriota no ano anterior, embora num clube rival. Estavam então as duas mais fortes equipes nacionais entregues a dois jovens treinadores brasileiros. E por que é que Dorival Knipel não ficou em Portugal, apesar do seu sucesso

imediatos? Reza a história que se tratava de um homem particularmente agressivo, muito arrogante e temperamental, ex-goleiro e com quase 1,90 m, o que o tornava inclusive perigoso para quem se atrevesse a enfrentá-lo. Dois anos antes, por exemplo, tinha sido expulso pelos próprios jogadores do Atlético Mineiro devido ao seu temperamento e no FC Porto as coisas não seriam muito diferentes. Apesar da inédita conquista de Campeonato e Taça no mesmo ano, o clube não tolerou os seus acessos e ataques de fúria por muito tempo, demitindo-o apenas dois anos depois, em 1958, após atritos com vários jogadores do clube. Entre eles, a principal estrela do FC Porto na época, Hernâni Silva, com quem chegou mesmo a entrar em violentos confrontos físicos. Regressou ao Brasil para nunca mais voltar a Portugal. Terminou a carreira em 1982 depois de treinar alguns dos principais clubes brasileiros, como Flamengo, Vasco da Gama, Cruzeiro, entre outros.

Os anos que se seguiram foram marcados em Portugal pela continuação do legado de Otto Glória defendendo os maiores clubes nacionais, mas também pela ascensão meteórica de treinadores, como o húngaro Bella Guttmann e o chileno Fernando Riera. Viriam mais tarde, nas décadas seguintes, as revoluções táticas e comportamentais dos anos 1970, provocadas pelo inglês Jimmy Hagan no Benfica e pelo português José Maria Pedroto no FC Porto, bem como as novas revoluções dos anos 1980, provocadas pelo sueco Sven-Goran Eriksson no Benfica e pelo português Artur Jorge no FC Porto. O Sporting constantemente perdendo força, a ponto de ter conquistado apenas três títulos de Campeão nos últimos 40 anos, e seria necessário esperar pelo século XXI para se verificarem novas revoluções de mentalidades no FC Porto, com José Mourinho, e novamente no Benfica, com o Mister Jesus. Antes disso, porém, Carlos Alberto Silva seria o último treinador brasileiro campeão em Portugal, e logo em duas ocasiões distintas, 1991/92 e 1992/93, tendo ainda vencido uma Supertaça para os dragões. Eternamente lembrado em Portugal como um cavalheiro de comportamentos elevados e urbanos, pautava as suas

intervenções públicas sempre por um forte civismo e elevadas doses de bom senso. Deixou saudades no futebol português.

Além dos brasileiros que ganharam títulos de campeões em Portugal, outros deixaram a sua marca nos maiores clubes por outras razões. Otto Bumbel, por exemplo, ganhou a Taça de Portugal para o FC Porto em 1957/58. No Sporting, em 1963/64, Gentil Cardoso iniciou a épica caminhada que levaria o clube à conquista da Taça das Taças, mas não seria ele a terminá-la, já que o português Anselmo Fernandez conduziu a equipe no jogo da final. Ainda no Sporting, o mítico Osvaldo Silva – que como jogador leonino marcou 3 gols ao Manchester United numa mítica eliminatória dessa mesma Taça das Taças – assumiu a equipe apenas durante menos de um mês como treinador em junho de 1974 e foi suficiente para ganhar uma Taça de Portugal. Ainda nos clubes ditos grandes, Paulo Autuori treinou o Benfica durante pouco mais de meio ano, entre a segunda metade de 1996 e o início de 1997. Paulo Emílio orientou o Sporting durante meio ano em 1977 e Marinho Peres esteve no comando da equipe durante quase dois anos, entre 1990 e 1992. Flávio Costa treinou o FC Porto em duas ocasiões distintas, primeiro em 1956/57 e mais tarde em 1965/66, ambas sem feitos dignos de registo. Otto Vieira também treinou o FC Porto em 1960/61, Paulo Amaral em 1971/72 e Aymoré Moreira em 1974/75, todos apenas por uma temporada e sem qualquer sucesso.

Entre as campanhas mais marcantes por parte de treinadores brasileiros, não podemos de maneira nenhuma esquecer o trabalho de Abel Braga no Famalicão, que subiu ao 1º Grupo em 1989/90, e no Belenenses, que também subiu ao 1º Grupo em 1991/92. Nos anos 1980 ainda treinou o Rio Ave e nos anos 1990 orientou o Vitória de Setúbal, mas as subidas do Famalicão e do Belenenses serão sempre os seus feitos dignos de maior registo em Portugal. No Vitória de Guimarães, “Geninho” conquistou uma inédita Supertaça Cândido de Oliveira, mas o feito mais memorável de um treinador brasileiro fora dos três grandes foi mesmo a extraordinária

conquista da Taça de Portugal por Marinho Peres em 1988/89, no comando do Belenenses e frente a um poderoso Benfica que nesse ano até foi finalista vencido na Champions League, perdendo nos pênaltis para o PSV Eindhoven.

O CRITÉRIO DA QUALIDADE É O ÚNICO QUE IMPORTA

Serve este capítulo dedicado ao percurso dos treinadores brasileiros em Portugal – bem como o anterior, sobre os atuais treinadores portugueses –, para prestarmos também o nosso humilde contributo para uma das discussões do momento no Brasil, em relação à qualidade dos treinadores brasileiros e àquilo que os treinadores europeus podem acrescentar em termos de ensinamentos de treino e estratégias de jogo. E neste ponto, Mano Menezes meteu recentemente o dedo na ferida dizendo aquilo que eu acho que faz todo o sentido. *“Eu não gostaria de dividir entre técnicos estrangeiros e brasileiros. Não faz sentido! Até há bem pouco tempo tivemos exemplos de treinadores estrangeiros que estiveram no Brasil e não aconteceu absolutamente nada. Temos de parar com essa mania de separar treinadores pela nacionalidade, porque isso não ajuda em nada à discussão”*, afirmou o atual treinador do Palmeiras de forma direta, certa e incisiva. Mano Menezes que, em 2013, admitiu publicamente que esteve na rota do FC Porto, chegando mesmo a estar muito perto de assinar pelo clube para suceder Vítor Pereira, foi o último treinador brasileiro associado a um grande de Portugal.

De fato, o único critério que faz sentido é o da qualidade, independentemente da nacionalidade. Faz sentido repensar os critérios e os processos de formação? Claro que sim, no Brasil e em todo o mundo, uma vez que o futebol está em permanente evolução. Mas tal como em Portugal houve treinadores brasileiros conquistando títulos desde os anos 1950 até os anos 1990, também houve muitos que por lá passaram e não acrescentaram nada. O mesmo se aplica ao treinador português: Jesus

chegou, viu e venceu. Mas alguém pode dizer que outro treinador português, ou até europeu, chegaria e faria o mesmo? Não, claro que não... O único critério que deve ser avaliado é o da qualidade. Mais nada. E não é a nacionalidade de Jesus, certamente, que o torna tão único e especial. É, sim, o seu “saber fazer” baseado num conhecimento muito próprio e numa estratégia de autor que não tem igual em nenhuma parte nenhuma do mundo a não ser na sua mente. Simples.

TREINADORES BRASILEIROS QUE GANHARAM TÍTULOS EM PORTUGAL

- **1954/55** | Otto Glória | Campeão Nacional | Sport Lisboa e Benfica
- **1954/55** | Otto Glória | Taça de Portugal | Sport Lisboa e Benfica
- **1955/56** | Dorival Knipel “Iustrich” | Campeão Nacional | Futebol Clube do Porto
- **1955/56** | Dorival Knipel “Iustrich” | Taça de Portugal | Futebol Clube do Porto
- **1956/57** | Otto Glória | Campeão Nacional | Sport Lisboa e Benfica
- **1956/57** | Otto Glória | Taça de Portugal | Sport Lisboa e Benfica
- **1957/58** | Otto Bumbel | Taça de Portugal | Futebol Clube do Porto
- **1959/60** | Otto Glória | Taça de Portugal | Clube Futebol “Os Belenenses”
- **1961/62** | Otto Glória | Campeão Nacional | Sporting Clube de Portugal
- **1963/64** | Gentil Cardoso | Recopa Europeia | Sporting Clube de Portugal
- **1965/66** | Otto Glória | Campeão Nacional | Sporting Clube de Portugal
- **1967/68** | Otto Glória | Campeão Nacional | Sport Lisboa e Benfica
- **1968/69** | Otto Glória | Campeão Nacional | Sport Lisboa e Benfica
- **1968/69** | Otto Glória | Taça de Portugal | Sport Lisboa e Benfica
- **1968/69** | Otto Glória | Taça de Portugal | Sport Lisboa e Benfica
- **1973/74** | Osvaldo Silva | Taça de Portugal | Sporting Clube de Portugal
- **1987** | “Geninho” Souto | Supertaça Cândido de Oliveira | Vitória Sport Clube
- **1988/89** | Marinho Peres | Taça de Portugal | Clube Futebol “Os Belenenses”
- **1991** | Carlos Alberto Silva | Supertaça Cândido de Oliveira | Futebol Clube do Porto
- **1991/92** | Carlos Alberto Silva | Campeão Nacional | Futebol Clube do Porto

- **1992/93** | Carlos Alberto Silva | Campeão Nacional | Futebol Clube do Porto

CAPÍTULO 5

UM TREINADOR MUITO ESPECIAL



JORGE JESUS EM EBULIÇÃO NA MEDIDEIRA

Se o percurso como jogador profissional de futebol ficou um pouco aquém do brilhantismo que Jesus desejaria para si, já a sua carreira de treinador lhe reservaria momentos mais consonantes com a sua qualidade, o seu conhecimento e a sua paixão sem medida pelo jogo. Até pela forma um pouco atípica como começou essa nova etapa da sua vida, podemos perceber de cara que algo muito especial estava prestes a acontecer na área futebolística portuguesa. Afinal de contas, não é todo dia que um jogador sai das quatro linhas e é convidado pelo presidente do clube contra o qual acabou de jogar, para ocupar o cargo de treinador! Muitos esperariam que fosse um passo em falso para o Amora e para Jorge Jesus. E sejamos sinceros, seria sempre um risco enorme em qualquer contexto, quer para um jogador que mudasse de profissão de um dia para o outro, quer para um clube que apostasse num “jovem” de 35 anos que nunca tinha sido treinador.

Atenção, pois o Amora não era um clube qualquer nos anos 1980. Tinha nome, estatuto, história e prestígio. A aposta em Jesus – um treinador sem carreira para um clube de grande exigência – tinha tudo para correr mal, mas acabou por ser uma história que ainda hoje ecoa nos salões, gabinetes e corredores do velho Estádio da Medideira. O Amora até já tinha estado na categoria principal do futebol português em 1980/81, depois de se sagrar Campeão Nacional da Divisão de Honra sob o comando técnico de Mourinho Félix! Esse mesmo, antigo goleiro do Vitória de Setúbal e do Belenenses e nada mais, nada menos, do que pai de José Mourinho. No escalão máximo, Mourinho Félix acabaria por ficar apenas uns meses no

comando do Amora, mas a verdade é que o clube da Margem Sul haveria de garantir a manutenção com um honroso 12º lugar, apesar de ter tido três treinadores distintos na época. Na temporada seguinte, com José Moniz ao leme, novo brilharete e nova manutenção com um brilhante 11º lugar, com direito à vitória na Medideira frente ao poderoso Benfica e empate no Estádio das Antas frente ao poderoso FC Porto. Na terceira temporada na 1ª Divisão, porém, o sonho começou a ruir e o Amora caiu, num tombo que só acabaria na 3ª Divisão em 1985/86.

Foram quatro anos seguidos tentando subir de divisão e quatro fracassos, não havia forma de o Amora reencontrar o caminho do sucesso. Até o surreal momento já relatado em que o Presidente seixalense Mário Rui Ribeiro tirou um coelho da cartola, convidando o meia-armador do Almancilense para assumir o comando técnico do Amora. Resultado da aposta? Jesus subiu o Amora à 2ª Divisão B logo em 1989/90, garantiu a manutenção em 1990/91 e subiu novamente à Divisão de Honra em 1991/92, sendo campeão da 2ª Divisão B, Zona Sul, nessa inesquecível temporada. Três anos como treinador, três objetivos alcançados. A coisa prometia e começava a correr bem, mas em 1992/93, com um time sem argumentos para estar na competitiva Divisão de Honra, as coisas não correram tão bem e Jorge Jesus abandonou o cargo no meio da temporada. O Amora caiu novamente de divisão no final dessa época.

JÁ HAVIA GENTE ATENTA HÁ 30 ANOS

Se é certo que Mário Rui Ribeiro abriu a ele as portas do maravilhoso mundo novo da carreira de treinador, não é menos verdade que já naquela época, ele não foi o único a notar a qualidade que Jesus precocemente aparentava. Logo na sua primeira temporada completa como treinador do Amora, em 1990, foi Sousa Cintra, o inesquecível e controverso presidente do Sporting entre 1989 e 1995, quem o interpelou de forma curiosa: *“Um dia você ainda vai ser treinador do Sporting”*, disse o algarvio da Raposeira, longe de imaginar que a sua profecia viria mesmo a realizar-se 25 anos mais tarde. Antes, porém, 19 anos depois das suas palavras premonitórias, o dirigente errou apenas por dois quilômetros: em vez de ir parar a Alvalade, Jesus se estabeleceu no Estádio da Luz. Uma pequena distância geográfica, mas todo um mar de diferenças. Seria apenas seis anos mais tarde, os tais 25 passados depois da premonição de Sousa Cintra, que esta viria mesmo a confirmar-se e Jorge Jesus treinaria o clube cuja camisa o seu pai vestiu nos anos 1940. Mas isso é tema para mais adiante.

Depois de quatro anos no Amora, era hora de rumar ao norte do país para assumir um projeto ambicioso no Estádio Dr. Machado de Matos. O hoje extinto Futebol Clube de Felgueiras era um modesto clube que disputava a Divisão de Honra, graças à promoção conseguida em 1991/92 pela mão de Mário Reis. Os seus dirigentes, contudo, queriam mais: queriam jogar na 1ª Divisão de Portugal e foi nesse sentido que contrataram Jorge Jesus, sem clube desde a saída do Amora, mas que aproveitara esse curto período de inatividade para visitar o Barcelona e “beber” da sabedoria de Johann Cruyff. Jesus regressou do seu miniestágio

no Camp Nou cheio de ideias novas e decidiu colocá-las em prática precisamente no Felgueiras, que por sinal até vestia de igual ao Barcelona: riscas largas e verticais, azuis e grenás. Na primeira época, em 1993/94, já se notava que algo de novo estava acontecendo e o Felgueiras ficou em 6º lugar. No ano seguinte, porém, a equipe melhorou ainda mais e terminou a Divisão de Honra em 3º lugar, o último de acesso à 1ª Divisão. Estava consumado mais um objetivo alcançado para Jorge Jesus, que começava a ganhar uma aura de treinador especial, não só pelos resultados alcançados, mas também pela qualidade de jogo que as suas equipes apresentavam em todos os jogos.

No escalão máximo do futebol português, o Felgueiras de Jesus foi uma verdadeira lufada de ar fresco e uma montanha russa de emoções. Ninguém estava preparado para o que estava por vir e ainda hoje muitos recordam aquela equipe de meio-campo exótico onde se destacava um meio-campo caribenho chamado Clint, e um outro australiano, este ex-Sporting, chamado Vlado Bozinovski. No ataque, mais um caribenho internacional por Trinidad e Tobago, o possante Lewis, que terminaria a época com 15 gols, três para o FC Porto – dois nas antigas Antas – e um para o Benfica. Muitas vezes montada num sistema de três centrais e com os laterais bem lançados no ataque, havia muitos pontos de interesse no projeto nortenho de Jorge Jesus. Desde Leal, craque internacional e ex-Sporting, a Teixeira, mítico jogador do Belenenses que ganhara a inesquecível final da Taça de Portugal ao Benfica em 1989, passando por promessas adiadas, como os campeões do mundo de 1989 em Riad, Abel Silva e Amaral. Mas a figura maior, pelo menos aquela que era mais promissora, era mesmo Sérgio Conceição, jovem ponta de apenas 20 anos que, após cumprir uma temporada em Leça da Palmeira, o FC Porto emprestava pelo segundo ano.

Sérgio Conceição viria a ser um dos grandes pontas do futebol português, somando 56 internacionalizações A, presenças e gols em campeonatos do mundo e da Europa, títulos conquistados ao mais alto

nível em países como Portugal, Itália, Bélgica e Grécia. No Felgueiras de Jesus foi titular absoluto, jogador principal e ainda hoje mantêm uma forte relação de amizade, mesmo depois de terem disputado o Campeonato e a Taça de Portugal em confrontos diretos como treinadores em 2017/18. Mas a relação nem sempre foi fácil e quem conta isso é Sidónio Ribeiro, ex-dirigente que, em 1995/96, desempenhava funções como Chefe do Departamento de Futebol no FC Felgueiras. *“Num dos primeiros jogos da época, o Jorge Jesus substituiu o Sérgio Conceição, que não gostou da decisão do treinador e, como forma de retaliação, atirou uma garrafa de água na direção do Jesus. Não lhe acertou, mas as coisas ficaram tensas logo no início da temporada”*, recorda Sidónio Ribeiro. *“O Jesus chamou o Sérgio de canto e deu uma bronca nele, mostrou-lhe quem mandava na equipe e avisou que não toleraria mais aquele tipo de comportamento”*, lembra o ex-dirigente que ainda apertou mais com o jovem ponta: *“Multei-o em 30% do salário e disse que ele só voltaria a receber aquele dinheiro se comesse a render aquilo que esperávamos dele. Acabei por devolver tudo, já que ele foi um dos melhores, senão o melhor jogador da equipe nessa época”*. A multa do clube e o puxão de orelhas do Mister surtiram efeito.

O Felgueiras fez uma primeira rodada excepcional, chegando mesmo à superação no Campeonato lutando pelos lugares europeus. Contudo, o time era muito limitado e as segundas linhas não davam uma resposta suficiente quando eram chamadas ao jogo. O inverno rigoroso, campos pesados, algumas lesões de jogadores determinantes e a segunda rodada acabaram por ser prejudiciais, e o Felgueiras acabou descendo de divisão contra todas as expectativas criadas até janeiro. No auge dos maus resultados ocorreu um dos episódios mais marcantes da carreira de Jesus. *“Durante um treino, um torcedor entrou no campo de pistola na mão, dirigiu-se a mim e apontou a pistola para a minha cabeça ameaçando-me com alguns insultos”*, lembra o treinador do Flamengo. O torcedor exaltado acabou por se acalmar e sair sozinho, e Jesus manteve sempre

uma postura serena e alguns dos jogadores que presenciaram o episódio recordam um treinador com nervos de aço, mesmo tendo uma arma apontada à cabeça. Para a história, além deste bizarro episódio e uma dolorosa queda de divisão, fica um Felgueiras empolgante que, mesmo não tendo atingido os seus objetivos de permanência, ganhou lugar cativo no imaginário dos torcedores de futebol em Portugal.

CHEGOU A HORA DE SAIR DA ZONA DE CONFORTO

Mais de quatro anos na Amora e mais de quatro anos no Felgueiras, para um total de dez temporadas na ativa como treinador e apenas dois emblemas representados. Vários objetivos alcançados em ambos e um nome, Jorge Jesus, que começava a ganhar fama nos meios do futebol de primeira linha em Portugal. Até por alguns episódios concretos que foram ocorrendo ao longo dessas épocas, como a famosa eliminatória da Taça de Portugal frente ao poderoso Benfica de Toni, em 1993. O Amora tinha subido à Divisão de Honra no ano anterior, pela mão de Jorge Jesus, e na temporada 1992/93, conseguiu manter-se na Taça de Portugal até as quartas-de-final, quando o sorteio da FPF ditou que o clube da Margem Sul iria ao Estádio da Luz para defrontar o Benfica. Estamos falando de um Benfica de primeira linha europeia, que tinha marcado presença em duas finais da Champions League nos cinco anos anteriores e chegaria às semifinais da extinta Taça das Taças no ano seguinte. Era o Benfica dos internacionais russos Kulkov, Iuran e Mostovoi, mas também de Abel Xavier, Paulo Sousa, Rui Costa e João Vieira Pinto da Geração de Ouro do futebol português. O Benfica dos brasileiros Mozer, William e Isaías, do sueco Stefan Schwarz e dos portugueses Neno, Veloso, Pacheco, Paneira e Rui Águas, aos quais se juntaria ainda Paulo Futre umas semanas mais tarde. Uma equipe de estrelas, portanto, que viria a ganhar a Taça de Portugal daquele ano numa memorável vitória por 5-2 no Jamor frente ao Boavista de Manuel José.

Mas vamos nos concentrar no Amora e na equipe que Jorge Jesus montou para esse duelo de David contra Golias nas quartas-de-final da

Taça. Naturalmente, apesar de sua vontade ordenar outro estilo e ambição, as armas não eram as mesmas do prestigiado rival e o Amora apresentou-se na Luz com uma equipe mais defensiva, de bloco mais baixo, sem nunca descuidar, contudo, do contra-ataque. A lição estava bem estudada e o tridente composto pelo brasileiro Fernando Macaé com os portugueses Casquilha e Rui Maside – este último que chegou a jogar no Sporting anos antes – começou a dar algumas dores de cabeça ao último reduto defensivo do Benfica. Através de transições rápidas e investidas venenosas, o Amora chegava ao gol de Neno e era precisamente o brasileiro Macaé – três anos no Botafogo antes de viajar para a Europa rumo ao Belenenses – quem mais se destacava. O jogo estava tão equilibrado que o Benfica só chegaria ao primeiro gol já muito perto do intervalo, aos 43 minutos, por intermédio de Mostovoi. Mesmo em cima do apito para o final do primeiro tempo, um visivelmente irritado Macaé viu cartão amarelo e, já nos túneis de acesso aos vestiários, o meio-campo brasileiro do Amora revoltou-se com Toni, treinador do Benfica, por este ter supostamente insinuado durante o primeiro tempo que os jogadores do Amora estariam dopados. Houve conflitos naqueles instantes do intervalo e os ânimos ferveram. Logo no regresso para o segundo tempo, Macaé recebeu novo amarelo aos 50 minutos e o Amora ficou reduzido a dez jogadores, e mais tarde ainda a nove, por nova expulsão de Casquilha. Só aí, já em superioridade numérica, o favoritíssimo Benfica subiu o resultado até os 5-0. Pacheco, Iuran em duas ocasiões e Paulo Sousa para fechar, definiram o placar.

No final do encontro, Jorge Jesus foi em defesa dos seus pupilos e manifestou todo o seu desagrado na coletiva de imprensa: *“Os jogadores do Amora não estavam ‘mamados’, como o controle antidoping vai comprovar. Deveria haver um pouco mais de respeito por parte de um colega de profissão, quer para com os jogadores do Amora, quer para com o próprio treinador”*, afirmou Jorge Jesus que, apesar de estar ainda em início de carreira como técnico, já começava a marcar um estilo bem

direto de quem se recusava a levar desaforos para casa. O exame antidoping acabou por lhe dar razão e o nome do Amora saiu limpo da Luz. Derrotado, é certo, mas resistindo muito à derrota em pleno Estádio da Luz enquanto esteve em igualdade numérica frente a uma das equipes mais fortes da época. Hoje os técnicos se dão bem, como provam as palavras de Toni. *“Jesus tem qualidade e é o principal responsável pela conjuntura atual que vemos na Luz. Tem sido o grande responsável e dinamizador deste Benfica, existindo uma grande empatia entre ele, os jogadores e os torcedores”*, afirmou quando Jesus estava liderando o clube de Lisboa.

CAMPEONATOS DISPUTADOS POR JORGE JESUS COMO TREINADOR			
TEMPORADA	CLUBE	DIVISÃO / CAMPEONATO	CLASSIFICAÇÃO
1988/89	Amora Futebol Clube	3ª Divisão	4º lugar
1989/90	Amora Futebol Clube	2ª Divisão	3º lugar
1990/91	Amora Futebol Clube	2ª Divisão	6º lugar
1991/92	Amora Futebol Clube	2ª Divisão	Campeão
1992/93	Amora Futebol Clube	Divisão de Honra	Saiu no meio
1993/94	Futebol Clube de Felgueiras	Divisão de Honra	6º lugar
1994/95	Futebol Clube de Felgueiras	Divisão de Honra	3º lugar
1995/96	Futebol Clube de Felgueiras	Liga Portuguesa	16º lugar
1996/97	Futebol Clube de Felgueiras	Divisão de Honra	4º lugar
1997/98	Futebol Clube de Felgueiras	Divisão de Honra	Saiu no meio
1998/99	Clube de Futebol União da Madeira	Divisão de Honra	Saiu no meio
1998/99	Clube de Futebol Estrela da Amadora	Liga Portuguesa	8º lugar
1999/00	Clube de Futebol Estrela da Amadora	Liga Portuguesa	8º lugar

CAMPEONATOS DISPUTADOS POR JORGE JESUS COMO TREINADOR			
TEMPORADA	CLUBE	DIVISÃO / CAMPEONATO	CLASSIFICAÇÃO
2000/01	Vitória Futebol Clube de Setúbal	Divisão de Honra	3º lugar
2001/02	Vitória Futebol Clube de Setúbal	Liga Portuguesa	Saiu no meio
2001/02	Clube de Futebol Estrela da Amadora	Divisão de Honra	4º lugar
2002/03	Clube de Futebol Estrela da Amadora	Divisão de Honra	Saiu no meio
2003/04	Vitória Sport Clube	Liga Portuguesa	14º lugar
2004/05	Moreirense Futebol Clube	Liga Portuguesa	16º lugar
2005/06	União Desportiva de Leiria	Liga Portuguesa	7º lugar
2006/07	Clube de Futebol “Os Belenenses”	Liga Portuguesa	5º lugar
2007/08	Clube de Futebol “Os Belenenses”	Liga Portuguesa	8º lugar
2008/09	Sporting Clube de Braga	Liga Portuguesa	6º lugar
2009/10	Sport Lisboa e Benfica	Liga Portuguesa	Campeão
2010/11	Sport Lisboa e Benfica	Liga Portuguesa	2º lugar
2011/12	Sport Lisboa e Benfica	Liga Portuguesa	2º lugar
2012/13	Sport Lisboa e Benfica	Liga Portuguesa	2º lugar
2013/14	Sport Lisboa e Benfica	Liga Portuguesa	Campeão
2014/15	Sport Lisboa e Benfica	Liga Portuguesa	Campeão
2015/16	Sporting Clube de Portugal	Liga Portuguesa	2º lugar
2016/17	Sporting Clube de Portugal	Liga Portuguesa	3º lugar
2017/18	Sporting Clube de Portugal	Liga Portuguesa	3º lugar
2018/19	Al Hilal Saudi Football Club	Liga Saudita	Saiu no meio
2019	Clube de Regatas do Flamengo	Copa Libertadores da América	Campeão

CAMPEONATOS DISPUTADOS POR JORGE JESUS COMO TREINADOR			
TEMPORADA	CLUBE	DIVISÃO / CAMPEONATO	CLASSIFICAÇÃO
2019	Clube de Regatas do Flamengo	Campeonato Brasileiro	Campeão
NOTA: A 3ª Divisão era, no final dos anos 1980, o 4º Escalão do futebol português, o último a nível nacional, e foi aí que Jorge Jesus começou em 1989, no Amora. A 2ª Divisão B, imediatamente acima, era o 3º Escalão do futebol português e também aí Jorge Jesus fez percurso inicial, durante três anos no Amora. A Divisão de Honra era o 2º escalão do futebol português e Jorge Jesus treinou 7 temporadas nessa divisão, divididas entre 5 equipas. Os restantes 20 anos da sua carreira foram passados sempre em ligas de topo: 18 na Liga Portuguesa (escalão principal em Portugal), 1 na Liga Saudita e 1 no Campeonato Brasileiro.			

Os resultados alcançados e que iam ao encontro dos objetivos definidos pelos clubes por onde passava, bem como a forma como as suas equipas jogavam, aliados ao seu temperamento que começava a fazer correr tinta nos jornais, levaram alguns clubes de maior dimensão a olhar para Jorge Jesus com especial interesse depois das suas longas experiências nos projetos desportivos do Amora e do Felgueiras. O primeiro foi o União da Madeira, em 1998, para onde Jorge Jesus se transferiu após abandonar o comando técnico do Felgueiras. Entrou no clube para substituir Fernando Festas – *“um bom amigo”*, como Jesus o descreveu na época – e logo afirmou que queria ficar ali por alguns anos. *“Quero desenvolver um trabalho com duração e conseguir alcançar os objetivos que a direção do União me transmitiu em relação ao futuro do clube”*, disse o Mister na apresentação. Contudo, os planos iniciais deram errado e o técnico acabou por ficar apenas três meses no Campo da Camacha. As razões são, como já foi admitido, desacordos entre a equipa técnica de Jorge Jesus e o planeamento da temporada seguinte, definido pela direção. Mas o convite do Estrela da Amadora, seu clube do coração, também poderá ter estado na gênese da decisão do técnico em voltar rapidamente ao continente, fazendo com que a passagem pela Pérola do Atlântico se tornasse apenas uma pequena nota de rodapé na sua carreira de treinador.

Chega então ao “seu” Estrela da Amadora, que tinha como objetivo, em todas as temporadas, assegurar a manutenção o mais cedo possível. Jorge Jesus assumiu os tricolores da grande Lisboa e em dois anos conseguiu dois oitavos lugares, ou seja, não só assumiu a manutenção como esteve duas vezes muito perto de “fechar” nos lugares europeus. Logo, mais dois objetivos alcançados para o currículo. Em seguida o histórico Vitória de Setúbal, que se encontrava a agonizar na Divisão de Honra, viu em Jorge Jesus o homem ideal para levar os sadinos ao convívio dos grandes e em boa hora o fez, já que Jorge Jesus subiu o Vitória de Setúbal logo na primeira rodada no Bonfim. Quarto clube da carreira – se não contarmos a experiência fugaz na Madeira – e sempre a atingir os objetivos por onde passava, começava a parecer que Jesus tinha uma aura de invencibilidade, mas essa aura dissipou-se no ano seguinte quando o Vitória dispensou os seus serviços no meio da temporada por maus resultados. Regressou ao Estrela da Amadora, que entretanto tinha descido de divisão após a sua saída da Reboleira, e não conseguiu subir nesse ano por apenas um lugar, ficando em 4º na tabela classificativa. No ano seguinte, nova dispensa no meio da temporada – era o choque de frente com uma dura realidade com a qual Jorge Jesus ainda não se tinha deparado até então na sua carreira, a realidade dos maus resultados. Felizmente seria uma fase de curtíssima duração.

DOIS ANOS ATÍPICOS E A VIRADA DEFINITIVA

As suas ideias eram muito ambiciosas para clubes com poucos recursos e isso dificultava, às vezes, a compreensão da sua mensagem por parte dos jogadores, que estavam longe de ser atletas de primeira categoria. Seguiram-se dois anos em que não assumiu projetos no início das temporadas, mas foi chamado durante elas para tentar salvar times da queda. Estamos falando de 2003/04 e 2004/05, quando os seus serviços foram requisitados em horas de aperto por Vitória de Guimarães e Moreirense, respectivamente. Na Cidade Berço, assumiu a turma vitoriana bem baixo na tabela após 14 rodadas, e comandou o grupo de trabalho nos 20 jogos que faltavam para o final da competição, alcançou os objetivos propostos mesmo na reta final, com um modesto, mas digno 14º lugar que valeu a permanência na Liga. No ano seguinte, porém, a tarefa seria bem mais difícil.

Chegou a Moreira de Cónegos já em março de 2005 após um intervalo de sete meses na carreira – o seu maior de todos, após sair de Guimarães – para substituir Vítor Oliveira no comando técnico do Moreirense, que lutava desesperadamente para não descer de divisão. Com apenas sete jogos para disputar, o Moreirense tinha que somar um mínimo de 11 pontos para se manter entre os maiores do futebol nacional. E o calendário era verdadeiramente terrível: Penafiel (f), Sporting (c), Boavista (f), Beira-Mar (c), FC Porto (c), Acadêmica (f) e Sp. Braga (c). Ainda assim, Jorge Jesus recusou um convite do Beira-Mar e aceitou rumar ao Estádio do Parque Desportivo Comendador Joaquim Almeida Freitas, enfrentando esta hercúlea missão sem qualquer receio. Afinal, já tinha conseguido salvar o vizinho Vitória de Guimarães na temporada anterior, embora lá

tenha disputado 20 partidas. *“Sei que esta tarefa é mais complicada, até porque tenho menos tempo para salvar a equipe. Mas se encararmos cada jogo com seriedade, julgo que podemos alcançar o objetivo da manutenção”*, disse de forma ambiciosa na apresentação. Depois de um empate ruim (0-0) na estreia no terreno do Penafiel, seguiu-se a derrota (1-3) na recepção ao Sporting. Nova deslocação complicada, desta vez ao Bessa para enfrentar o Boavista, e novo empate (1-1), depois do qual veio ainda mais um empate (1-1) desta vez na recepção ao Beira-Mar. Depois viria a recepção ao campeão em título, o FC Porto, que se encontrava na perseguição ao líder Benfica: novo empate (1-1), atrasando assim os dragões na corrida pelo título que seria conquistado pelo Benfica do técnico italiano Giovanni Trapattoni. Nos primeiros cinco jogos com Jesus, o Moreirense só perdeu contra o Sporting de José Peseiro, mas somou apenas quatro pontos, frutos de quatro empates, sendo que um deles foi no Bessa e outro contra o FC Porto. Tudo adiado, portanto, para as duas derradeiras rodadas, onde o Moreirense teria que somar seis pontos e esperar pelos resultados alheios. Na ida a Coimbra surgiu finalmente a vitória, num jogo que terminou com uma goleada (0-4) da turma de Jesus. Sete pontos somados e era agora fundamental vencer na recepção ao Sporting de Braga no último jogo. E até podia não chegar. A vitória sorriu uma vez mais a Jorge Jesus, que levou os arsenalistas de virada (2-1). Mas já era tarde, o mal tinha sido feito antes, muito antes, ainda antes de Jesus chegar ao clube. E nem a sua fantástica recuperação na reta final – 2 vitórias, 4 empates e 1 derrota, 10 pontos somados – manteve o Moreirense no escalão máximo do futebol português.

O objetivo não foi alcançado, mas o País despertou novamente para o talento de um homem capaz de meter as equipes a jogar futebol com uma facilidade estonteante, discutindo o resultado em qualquer campo do país. João Bartolomeu, atento ao que a equipe orientada por Jorge Jesus fez na reta final da Liga, levou-o para Leiria em 2005. E desde então nunca mais uma equipe do atual técnico do Flamengo ficou abaixo do 8º lugar onde

quer que fosse, ou seja, nunca mais lutou por algo que não fossem os títulos ou a classificação para competições internacionais.

NÃO HÁ AMORES COMO OS PRIMEIROS

Façamos um pequeno parêntese só para perceber algumas paixões especiais do Mister Jesus. Olhando para o seu percurso como treinador, e se o compararmos em primeira instância com a sua carreira de jogador, há algo que salta imediatamente à vista: dos 14 clubes diferentes que treinou até hoje, o técnico já havia representado cinco deles enquanto jogador. De fato, clubes como Belenenses (1976/77 como jogador, 2006 a 2008 como treinador), União de Leiria (1979/80 como jogador, 2005/2006 como treinador), Vitória de Setúbal (1980 a 1983 como jogador, 2000 a 2002 como treinador), Estrela da Amadora (1985 a 1987 como jogador, 1998 a 2000 e 2002/03 como treinador) e Sporting (1975/76 como jogador, 2015 a 2018 como treinador) são, naturalmente, instituições com as quais Jorge Jesus manteve sempre uma profunda ligação, não só profissional, mas também afetiva.

Até 2019 era frequente, inclusive, vê-lo assistindo a jogos de algumas destas equipas na condição de torcedor, com os respectivos dirigentes ou até entre os mais comuns torcedores. Em relação ao Estrela da Amadora a sua predileção ultrapassava, naturalmente, todas as outras, uma vez que se tratava de uma ligação quase umbilical. A formação tricolor foi o clube onde Jorge Jesus, ainda juvenil, iniciou a sua formação futebolística, era o clube da sua terra, era o clube, enfim, do seu coração. Representá-lo também como jogador profissional e como treinador em duas ocasiões distintas foi, para si, uma inevitabilidade do destino, algo que estava escrito nos astros e que teria que acontecer, mais cedo ou mais tarde. Naturalmente era sócio da instituição com as quotas em dia e sofreu com a lenta agonia do clube que levou ao seu inevitável desaparecimento nos

últimos anos. Outra forte ligação afetiva é a que o une ao Belenenses, onde jogou no início da sua carreira de jogador e onde, como treinador, começou finalmente a despertar a cobiça de clubes de maior dimensão. Foi aí que começou a preparar-se para voos mais altos. A respeito do clube da Cruz de Cristo, afirmou sem segredos em entrevista: *“Sou sócio com as quotas em dia. E até a ‘quota azul’ do clube eu pago religiosamente”*. A “quota azul” é uma quota suplementar que o Belenenses criou para o apoio às modalidades, e como apreciador de futsal, por exemplo, Jorge Jesus sempre fez questão de apoiar o ecletismo do clube do Restelo. *“O Belenenses tem 27 modalidades e uma massa humana a frequentar as suas instalações como só se vê nos clubes grandes. É impressionante a movimentação que há no Restelo ao final da tarde, com tantos jovens praticando esporte no clube... É preciso cativar esta juventude”*, comentou em tempos, quase como que alertando para uma necessidade premente e antecipando os problemas financeiros que viriam a ocorrer anos mais tarde e que levaram ao atual litígio entre o clube e a SAD.

TÍTULOS CONQUISTADOS POR JORGE JESUS COMO TREINADOR

- **1991/92** | Campeão da 2ª Divisão B, Zona Sul
- **2008/09** | Vencedor da Taça Intertoto UEFA
- **2009/10** | Campeão Nacional Português
- **2009/10** | Taça da Liga Portuguesa
- **2010/11** | Taça da Liga Portuguesa
- **2011/12** | Taça da Liga Portuguesa
- **2013/14** | Campeão Nacional Português
- **2013/14** | Taça de Portugal
- **2012/13** | Taça da Liga Portuguesa
- **2014** | Supertaça Cândido de Oliveira
- **2014/15** | Campeão Nacional Português
- **2014/15** | Taça da Liga Portuguesa
- **2015** | Supertaça Cândido de Oliveira
- **2017/18** | Taça da Liga Portuguesa
- **2018** | Supertaça da Arábia Saudita
- **2019** | Copa Libertadores da América
- **2019** | Campeonato Brasileiro

O INÍCIO DA ERA DOURADA DE JORGE JESUS

O União de Leiria tinha sido, em 2001/02, a rampa de lançamento para a carreira de um dos melhores treinadores do mundo, José Mourinho, e na temporada imediatamente a seguir, pelas mãos de Manuel Cajuda, a equipe chegou ao 5º lugar da Liga e à final da Taça de Portugal. Mas o que é certo é que, nos anos seguintes, após o esvaziamento do balão de Cajuda e a aposta falhada em Vítor Pontes, o União ficaria em 10º lugar em 2003/04 e em 15º lugar em 2004/05, fugindo por pouco do rebaixamento. João Bartolomeu, presidente do clube da cidade do Lis, insatisfeito com a situação, contratou Jorge Jesus para inverter o rumo dos acontecimentos. E conseguiu. Com uma equipe muito longe de ser brilhante e onde a estrela maior era mesmo o brasileiro Maciel – emprestado pelo FC Porto e que tinha sido campeão europeu com José Mourinho dois anos antes –, o técnico amadoreense voltou a colocar o clube na luta pela Europa, conquistou o 7º lugar no final da temporada e deixou a equipe praticando um excelente futebol. Essa temporada marca a guinada na carreira de Jorge Jesus e coloca-o, daí em diante, sempre trabalhando por objetivos superiores em todos os clubes por onde passou.

Do centro do país Jorge Jesus rumou ao Belenenses em 2006, não tanto atraído por um projeto desportivo ambicioso, mas mais até por um desejado regresso a Lisboa, de onde estava afastado há três temporadas, desde a sua saída do Estrela da Amadora em 2003. À frente do clube da Cruz de Cristo, *“um clube que sempre sonhara treinar”*, como afirmou na época, Jesus protagonizou uma época como há muito não se lembrava em Belém: 5º lugar na Liga Portuguesa e presença na decisão da Taça de Portugal, onde sofreu derrota por 1-0 frente ao Sporting, gol de Liedson

aos 88 minutos de uma final emocionante. O Belenenses de Silas e Zé Pedro (hoje treinador e treinador adjunto do Sporting, respectivamente), mas também de Costinha, Rolando, Cândido Costa e Rúben Amorim, praticava um futebol com uma qualidade poucas vezes vista por aquelas bandas nos anos mais recentes. Na temporada seguinte – um ano marcado pelas dificuldades financeiras do clube e pela penalização de seis pontos na secretaria, graças à utilização ilegal do atacante camaronês Meyong num jogo após a reabertura do mercado de inverno – Jorge Jesus voltou, apesar desse episódio infeliz, a deixar a equipe num meritório e inesperado 8º lugar, depois de ainda ter atuado na Taça UEFA, obrigando o colosso Bayern de Munique a suar muito para eliminar o conjunto de Belém – derrotas por 1-0 na Alemanha e 0-2 em Portugal.

Já na pré-temporada, em agosto de 2007, num jogo de preparação frente ao poderoso Real Madrid a contar para o prestigiado Troféu Teresa Herrera, Jesus protagonizou mais um episódio marcante daqueles que contribui para a aura que hoje o acompanha enquanto treinador. O Real Madrid do alemão Bernd Schuster apresentara-se com uma equipe muito próxima da máxima força, com jogadores como Casillas, Sérgio Ramos, Pepe, Cannavaro, Guti, Robinho, Raúl, Saviola ou Júlio Baptista, para citar apenas alguns, mas só conseguiu ganhar por 1-0 e fruto de um erro do goleiro do Belenenses – o brasileiro Marco Aurélio – aos 88 minutos, que daria origem ao gol do também brasileiro Robinho. Na análise ao jogo, de forma superior e deselegante, Schuster tentou justificar o resultado – escasso tendo em conta a força de ambos os times – desvalorizando a qualidade do trabalho defensivo do Belenenses. Com quem é que ele se foi meter... A resposta, claro, não se fez esperar ali naquele mesmo local e poucos minutos depois: *“Fomos mais equipe do que eles. O Real Madrid, com os jogadores que tem, joga pouquinho, tinha de jogar muito mais do que isto. E se não o faz, a culpa é do treinador. Com os jogadores dele, eu daria 3 de avanço, mudava aos 5 e acabava aos 10”*, disse Jesus em plena conferência após o jogo, para espanto generalizado de todos os jornalistas

espanhóis e portugueses presentes na sala. Se não o conheciam, passaram a conhecê-lo naquele dia e ficaram também sabendo que Jesus não leva desaforos para casa.

A VALORIZAÇÃO DE JOVENS TALENTOS NO BELENENSES

O projeto esportivo que Jorge Jesus realizou durante dois anos em Belém foi muito interessante e só não deu mais frutos porque o clube navegava ao sabor de alguma instabilidade de direção, eu diria, até algum amadorismo, com episódios tão bizarros como aquela utilização não permitida – e já aqui citada – de um jogador após este já ter sido antes utilizado por outros dois times nessa temporada, algo que a FIFA não permite. Contudo, apesar de todos os obstáculos, o Belenenses não só apresentava uma equipe muito equilibrada como conseguia lançar jovens de grande qualidade e que se revelariam grandes talentos no futuro. Nesses anos, o Belenenses apresentava unidades relevantes na área futebolística nacional, é verdade. Na defesa, o goleiro Costinha, 34 anos, ex-Sporting e FC Porto; o lateral Areias, 31 anos, ex-FC Porto e Celta de Vigo; o lateral Sousa, 29 anos, ex-Benfica; o central Gaspar, 32 anos, ex-FC Porto. No meio-campo era onde abundava mais qualidade, com os meios-campos Silas (31 anos), Zé Pedro (29 anos), Cândido Costa (27 anos) e Hugo Leal (28 anos), todos eles com passado nas seleções portuguesas e em grandes clubes nacionais e internacionais. No ataque, o já citado internacional camaronês Meyong, 27 anos; o português Carlitos, 30 anos, ex-Benfica; ou o internacional lituano Edgaras Jankaukas, 33 anos, ex-Benfica e FC Porto.

Eram nomes de respeito, mas nem por isso Jorge Jesus deixou de lançar Júlio César Jacobi com 21 anos, Rolando com 21 anos, Rodrigo Alvim com 23 anos, Gonçalo Brandão com 20 anos, Rúben Amorim com 22 anos e Eliseu com 23 anos. Todos eles fariam carreira do mais alto nível. Júlio César Jacobi chegou ao Benfica e à Liga Espanhola antes de regressar ao

Brasil. Rolando ganhou títulos nacionais e internacionais pelo FC Porto, chegou à Seleção de Portugal, representou clubes europeus, como Nápoles, Inter de Milão, Anderlecht ou Marselha. Rodrigo Alvim rumou ao Wolfsburg da Alemanha antes de regressar ao Brasil para representar o Flamengo. Gonçalo Brandão representou Siena, Parma e Cesena na Itália antes de regressar a Portugal. Rúben Amorim fez carreira durante anos a fio no Benfica e na Seleção de Portugal. Eliseu foi figura proeminente na Liga Espanhola antes de rumar para o Benfica, onde se manteve durante anos, chegando também à Seleção de Portugal e sagrando-se inclusive Campeão Europeu em 2016. São nomes reais. São fatos irrefutáveis. São provas que desmontam teorias de muitos que teimam em afirmar que Jorge Jesus não lança jovens e não promove o crescimento constante do talento. Fez isso no Belenenses e faria em todos os clubes por onde passou, mais nuns do que noutros, como é evidente. Onde houver talento, Jesus vai apostar nele, desde que o contexto seja favorável e permita esse tipo de apostas, muitas vezes de risco.

A TÃO SONHADA FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL...

Independentemente de ter vulgarizado o Real Madrid, de ter jogado de igual para igual contra o Bayern Munique, de ter classificado o Belenenses para a Europa ou de ter valorizado uma série de jovens ativos no clube, o maior feito da sua passagem por Belém foi mesmo devolver o clube à grandiosa festa da final da Taça de Portugal no Estádio Nacional, naquela fantástica Mata do Jamor às portas de Lisboa. A caminhada até a final foi bonita e teve muita sorte pelo meio, já que o Belenenses enfrentou três equipes de divisões inferiores. Tudo começou com uma goleada fácil na 5ª eliminatória sobre o Gondomar, da II Liga, por 1-4. A seguir, nas oitavas-de-final, bateu o Odivelas por 0-1, no terreno do adversário do 3º escalão. A caminhada continuou com uma nova vitória nas quartas-de-final, por 1-2, perante um adversário ainda mais acessível, o Bragança, do 4º escalão do futebol português. Só nas semifinais as coisas começaram a ficar complicadas, com o Sporting de Braga a obrigar o Belenenses de Jesus a ir até a prorrogação para garantir uma difícil vitória em casa por 2-1. O Belenenses de Jorge Jesus estava de volta à final da Taça de Portugal, 18 anos após a última presença. A caminhada foi relativamente acessível, é preciso dizer, sem grandes pelo caminho e apenas com uma equipe da Liga Portuguesa pela frente, e logo em casa. Seja como for, o percurso foi de méritos e abrilhantado pelo pleno de vitórias, obrigação de quem queria chegar longe. Com mais ou menos sorte, de lá para cá nunca mais o Belenenses voltou a marcar presença no jogo decisivo da segunda maior prova futebolística nacional.

A presença nesta final era importante para o Belenenses, mas não era menos para Jorge Jesus, por todos os motivos que se possam imaginar. Esportivos, profissionais, mas também muito íntimos e pessoais. Uma coisa que muita gente parece ter esquecido – mas que Jesus nunca escondeu –, é que a Taça de Portugal tem para o atual técnico do Flamengo uma tremenda importância. É algo que o Mister sempre encarou como a maior festa do futebol português, razão pela qual nunca faltou a uma edição no Estádio do Jamor entre os seus 13 anos de idade e o momento em que chegou a treinador de clube “grande” e as suas obrigações profissionais deixaram de permitir, até porque a partir de determinado momento da sua carreira o objetivo passou a ser estar ali como treinador a disputar o troféu, e não como mero espectador na bancada. Numa das coletivas de imprensa que antecederam essa final de 2006/07 entre o “seu” Belenenses e o Sporting, Jesus contou uma história impressionante, memorável, inesquecível. *“Chegar a esta final é um sonho que eu alimentava desde 1967. Estava assistindo à final da Taça de Portugal entre o Vitória de Setúbal e a Acadêmica de Coimbra quando, no segundo tempo da prorrogação, o meu avô se sentiu mal e morreu ali ao meu lado. O seu coração, já fraco, não aguentou a emoção do gol do Vitória. Tive uma convivência muito forte com esse meu avô e este episódio foi algo que me marcou para o resto da vida”*. Imagine-se um jovem de apenas 13 anos vendo seu avô falecer ao seu lado nas arquibancadas de um estádio de futebol. É algo que não se esquece, que fica gravado para sempre na memória e na construção da própria personalidade dessa criança, é algo que a acompanhará para sempre, e foi isso que aconteceu com Jorge Jesus. Fez daquela final um objetivo de vida e não descansou enquanto não o alcançou, e logo em quatro ocasiões distintas. Agora, apenas a título de curiosidade, o jogo em que faleceu o avô do Mister Jesus está classificado como sendo o mais longo na história do futebol. A Taça acabaria por ir parar no museu do Vitória de Setúbal, o clube do seu falecido avô, que ganhou por 3-2, mas apenas após a disputa de duas prorrogações além dos

90 minutos regulamentares. Dizem os relatos de então, que foi uma final absolutamente incrível.

Menos incrível, mas igualmente emocionante seria a final da Taça disputada por Jesus com o “seu” Belenenses frente a um poderoso Sporting que se apresentava repleto de estrelas, como os portugueses Ricardo, Caneira, Miguel Veloso e Nani, todos craques internacionais por Portugal. Ou ainda os brasileiros Anderson Polga, Alecsandro e Liedson, o chileno Rodrigo Tello ou o argentino Leandro Romagnoli. Uma parada de estrelas onde se destacava naturalmente o temível goleador Liedson, e seria mesmo ele a sentenciar a partida já perto do final, com um gol solitário aos 87 minutos. O Belenenses havia se saído bem, mas não foi o suficiente. As lágrimas sofridas de Cândido Costa ainda no campo – ele que até já tinha sido campeão nacional e vencedor da Liga Europa pelo FC Porto de José Mourinho – ficarão para sempre como uma imagem bem demonstrativa da desilusão que se abateu sobre os jogadores, mas o futebol é assim mesmo. Saboroso para quem ganha, cruel para quem perde, mágico para todos. Quanto a Jorge Jesus, teria que esperar pela sua terceira final da Taça de Portugal para levantar finalmente o troféu, mas para a sua quarta e última final estaria ainda reservado um dramático momento que recordaremos mais à frente.

CHEGOU A HORA DE ALÇAR VÔOS MAIS ALTOS

Apesar dos resultados amplamente positivos – 8º lugar depois de arrancar com seis pontos negativos no início da Liga – e da química que Jesus tinha com os torcedores do Restelo, tornou-se evidente no final da época 2007/08 que o Belenenses, um clube com claras dificuldades aos mais diversos níveis, já não conseguiria dar-lhe condições para alcançar os voos que Jesus tanto desejava. Próxima paragem: Braga.

No Sporting Clube de Braga, em 2008/09, Jesus encontrou finalmente um clube financeiramente saudável, bem preparado em termos logísticos, com estrutura de clube grande, massa adepta presente, um estádio de luxo, presidente ambicioso, time de qualidade e, a juntar a todos estes tópicos, órfão de um treinador de topo desde a saída de Jesualdo Ferreira para o FC Porto no verão de 2006. Desde então, técnicos como Carlos Carvalhal, Rogério Gonçalves, Jorge Costa e Manuel Machado, todos eles com os seus méritos inquestionáveis, tinham falhado na hora de convencer António Salvador. Jorge Jesus conseguiria? O tempo encarregou-se de provar que sim. Numa temporada simplesmente brilhante, conseguiu a classificação para as competições europeias – terminou a Liga em 6º lugar – e fez a equipe brilhar intensamente na Europa, chegando mesmo às oitavas-de-final da prova após se preparar para a Liga Europa por meio da Taça Intertoto. Caiu aos pés do Paris Saint-Germain, mas pelo caminho derrubou os holandeses do Heerenveen, os ingleses do Portsmouth, os alemães do Wolfsburg e os belgas do Standard de Liège, e ainda assustou o colosso italiano AC Milan em pleno San Siro.

E foi assim que Jorge Jesus, finalmente, se transformou de uma vez por todas num “treinador da moda”. Um dos candidatos à presidência do

Sporting num ato eleitoral de 2009 tentou garanti-lo para 2009/10, pretendendo fazer uso de Jorge Jesus como poderosa bandeira eleitoral. Já o FC Porto, supostamente, quis convencê-lo a esperar pela saída de Jesualdo Ferreira, garantindo-lhe que aquele lugar estaria reservado para ele dali a um ano caso ele não decidisse por nenhum dos rivais. Mas quem acabou por ganhar a disputa de treinador sensação do momento foi mesmo o Sport Lisboa e Benfca, fruto da capacidade de decisão e persuasão de Rui Costa e Luís Filipe Vieira, mas também, em grande medida, graças à vontade de Jorge Jesus de ir para o Estádio da Luz. Daí em diante, nunca mais a sua carreira deixou de ser uma trajetória de sucesso e diferenciada, sempre no topo, sempre na luta por títulos e sempre a atrair legiões de seguidores e críticos por onde passa. Jesus é assim: ou se ama ou se odeia, mas não deixa ninguém indiferente. É uma história de constante superação no mundo do futebol de qualidade, aquela que o Mister escreve semanalmente há mais de dez anos.

CAPÍTULO 6

UMA PERSONALIDADE À PARTE



UMA FORMA ESPECIAL DE OLHAR PARA O ESPORTE

O Mister Jesus não é um treinador convencional, não mesmo. Engana-se aquele que pensa que consegue “manjar” o técnico do Flamengo por meio dos paradigmas vigentes no futebol, seja no Brasil, seja em qualquer parte do mundo. É um homem diferente, que ousa pensar “fora da caixa”, que tenta sempre ir além e que não tem medo de experimentar coisas novas no desempenho da sua observada profissão de treinador de futebol de equipes de altíssimo nível. Treina de forma única. Pensa de forma única. Comunica-se de forma única. E única por quê? Porque é sua, tem gênese apenas e só na sua forma de olhar o mundo, de olhar o homem e de olhar o futebol. É possível discutir se é melhor ou pior? Claro que sim, sem dúvida, até porque ninguém está acima da crítica, muito menos num fenômeno tão global e universal como é o caso do esporte-rei. Mas aquilo que nunca poderá ser discutido é a sua individualidade, a sua singularidade, a sua originalidade. Jorge Jesus é ímpar e incomparável, um fenômeno dentro do próprio fenômeno do futebol.

Já analisamos a sua infância e sua adolescência, já analisamos o seu percurso enquanto jogador e o início da sua carreira como treinador, e em tantas coisas mundanas Jorge Jesus é um homem comum. Tem uma filha e dois filhos. Tânia, a mais velha, nasceu em 1977, e Gonçalo nasceu em 1979. Ambos ainda durante a sua carreira de jogador profissional de futebol. Mais tarde, em 1994 e já com a carreira de treinador a toda a velocidade, teve mais um filho, Mauro, hoje com 25 anos. Como não podia deixar de ser, os genes do esporte e da competitividade sempre estiveram

bem marcados no DNA de Gonçalo e Mauro – os valores do esporte correm em suas veias. No entanto, ambos optaram por uma modalidade distinta da do seu pai: o rugby. Mauro se deixou “influenciar” pelo irmão mais velho, já que Gonçalo foi treinador da modalidade da bola oval. O pai, já se sabe, prefere a “redondinha”, mas respeita a escolha dos seus filhos e faz isso de uma maneira muito própria. *“Se há modalidade coletiva com enorme fair-play é o rugby, onde se encontra um grande espírito esportivo. Costumo dizer aos meus filhos que o rugby é o esporte mais estúpido praticado pelos atletas mais inteligentes. Se assim não fosse, com a componente física que o jogo tem, o mais certo era acabar sempre tudo na porrada. Mas isso não acontece, porque eles têm uma extraordinária noção de fair-play. Já estagiei com equipes de rugby para aprender coisas diferentes e não descanso enquanto não transportar para o futebol alguns dos ensinamentos que colhi nessa modalidade”*, afirmou acerca da modalidade escolhida pelos seus filhos. E tendo em conta a inovação que implementa constantemente em suas equipes, não é de estranhar que já tenha transportado para o futebol algo do que bebeu da sua observação do rugby.

É também nestes detalhes que Jorge Jesus é diferente, na forma como olha para as coisas comuns e tenta extrair ensinamentos distintos, detalhes especiais. São coisas que não se aprendem nos livros, lições de vida e não de academia, pormenores com que todos nos deparamos diariamente, mas que só alguns conseguem apreender e aplicar à sua própria vida, ao desempenho da sua própria missão. Esta questão da observação de outras modalidades é um exemplo da sua singularidade como treinador e não é um hábito de hoje, é algo que tem muitos anos. O próprio Jesus admitiu, em entrevista há uma década e meia, que acompanha outras modalidades para aprender outros conceitos, ideias, movimentações táticas que possam ser adaptadas ao futebol. Em Portugal, por exemplo, ficaram conhecidos os seus famosos “bloqueios” nas bolas paradas ofensivas, com jogadores estrategicamente colocados, sem se movimentarem, sem protagonizarem

qualquer ação faltosa a não ser “tapar” a passagem de defensores adversários para que estes sentissem dificuldades em chegar à bola para efetuar o corte antes que esta encontrasse um atacante. Estratégia claramente transportada de modalidades como o basquetebol, o handebol ou até mesmo o futsal. Aliás, futsal é modalidade que praticava esporadicamente com amigos, da qual sempre destacou a velocidade, o imprevisto e a qualidade técnica. Jorge Jesus é um amante do esporte em geral. Gosta de correr e ficaram bem conhecidas as suas sessões de corrida matinal com os seus cães nas praias da Costa da Caparica, pretendendo manter a forma física que lhe permite, mesmo aos 65 anos, correr com os jogadores no treino enquanto grita com eles – por vezes palavras pouco simpáticas –, como ficou provado logo no primeiro treino no “Ninho”.

O respeito do rugby, os bloqueios do basquete e o imprevisto do futsal são apenas alguns dos ensinamentos que já admitiu ter “bebido” de outras modalidades. Sem qualquer problema em admiti-lo, muito pelo contrário, faz isso com visível orgulho. Jorge Jesus é, em todos os aspectos, um autodidata e um criador da sua própria estratégia, da sua forma de trabalhar e de ler o jogo. Um observador. Alguém que está em permanente aprendizagem com tudo o que o rodeia. Em suma, é um criador de coisas novas, como facilmente se percebe pelo seu trabalho e perceberemos ainda melhor ao longo das páginas deste livro. Afinal de contas, não é por acaso que ficou conhecido em Portugal como “O Mestre da Tática”.

O COMPORTAMENTO DO MISTER NO BANCO

Jorge Jesus junto à linha lateral é um espetáculo dentro do próprio espetáculo, como os brasileiros também já tiveram oportunidade de perceber em inúmeras ocasiões. De camisa e terno formal ou apenas de uniforme, o seu comportamento não muda nunca. Ninguém vai vê-lo sentado no banco, isso é garantido. Fala com todo mundo, grita com os jogadores, corre sem parar, protesta com a equipe de arbitragem, corrige posicionamentos e movimentações dos seus atletas, ultrapassa os limites da sua área técnica e chega ao fim dos jogos quase tão cansado como os seus jogadores. Nunca para de mascar chiclete e não tira os olhos do jogo nem por um instante. Cansa só de ver! Essa constante “mobilidade” no banco sempre foi uma realidade, faz parte da sua maneira de ser, ajuda-o a extravasar e a liberar o estresse competitivo. Em determinado ponto de sua carreira, porém, a partir de janeiro de 2010, o técnico passou a mexer-se muito menos junto à linha lateral, não abdicando contudo de ver sempre os jogos em pé. A razão para a sua limitação de movimentos era simples: Jesus sofreu uma lesão no menisco do joelho direito, o que o impossibilitava de estar 100%. Não conseguia, por exemplo, agachar-se junto à linha como tanto gosta de fazer em momentos de breve reflexão durante o jogo. As dores eram muitas e a cirurgia para resolver o problema revelou-se inevitável, mas o Mister estava em plena luta pelo título a serviço do Benfica e optou por esperar pelo final da temporada de forma a não perder um único momento da época. De lá para cá, e mesmo 10 anos depois, a excelente forma física do treinador de 65 anos foi sempre uma nota digna de destaque em todos os clubes por onde passou.

Até pela sua linguagem corporal e pelo constante sobressalto que demonstra, Jorge Jesus é claramente um treinador diferente da maioria. Mesmo sob as mais impiedosas intempéries ou sob o mais abrasador calor, o técnico nunca se senta, procurando abrigar-se da chuva ou do sol. Diz quem o conhece que é por solidariedade com os jogadores que sofrem dentro do campo. Seja como for, uma coisa é certa: olhando para o banco, os craques sabem que não sofrem sozinhos, não lutam sozinhos, não ganham nem perdem sozinhos. Nos primeiros momentos num novo clube, Jorge Jesus fala permanentemente até com os jogadores que estão sentados no banco, fazendo-os entender o que está certo ou errado nas movimentações dos seus colegas que estão em campo, de forma a não repetirem os mesmos erros quando chegar a sua hora de entrar. Assim, o Mister faz também com que os seus reservas estejam mais atentos, mais alerta, se sintam mais integrados no jogo e “ligados” à competitividade que se exige mesmo acompanhando de fora.

Mas a atividade de Jorge Jesus junto à linha lateral não termina na comunicação com seus jogadores, nem seu famoso hábito de mascar chiclete. Vai muito além disso, na forma como vive as incidências a partir do banco. Para Jorge Jesus, o jogo não acaba com o apito do árbitro e por isso ele faz questão de tentar controlar sempre a saída dos seus jogadores para os túneis de acesso aos vestiários, seja no intervalo, seja no final dos jogos, não se coibindo, muitas vezes, de os segurar no campo enquanto os adversários vão para os vestiários. Pretende com isto evitar confrontos desnecessários no calor do jogo, conflitos que, em confrontos mais tensos, podem mesmo levar a desnecessárias sanções disciplinares. E é também nestes detalhes que se ganham jogos, que se ganham títulos. Nesta sua capacidade de antecipar aquilo que ainda não aconteceu e evitar que o desfecho de determinado incidente não seja o mais desejado. Você se lembra das palavras do Mister quando questionado acerca das razões que o levam a nunca estar parado no banco? Nós ajudamos a recordar, foi em julho, logo após o seu jogo de estreia, um empate com um gol para a Copa

do Brasil no terreno do Athletico Paranaense: *“É a minha forma de estar no jogo. Eu acho que antecipo as coisas antes de elas acontecerem. Na tentativa de implementar as ideias que tenho para a equipe, com e sem bola, tento sempre fazer com que os jogadores estejam bem posicionados. É a minha maneira de ajudar para que todos os jogadores estejam ajustados à forma como treinamos”*, explicou o Mister. E esta justificação aplica-se tanto ao jogo como aos instantes de pausa: Jesus antecipa – ou tenta sempre antecipar – as coisas antes que elas aconteçam. E para quem não acredita que isto é mesmo verdade, basta recordar as palavras de Lincoln após a sofrida vitória no terreno do Botafogo, já em novembro: *“O Mister chamou-me e disse para eu ficar na área que ia acabar por fazer gol. Cumpri o que ele pediu, procurei posicionar-me entre os centrais, vi um espaço e acabei por fazer o gol. Jorge Jesus tem me dado muitos conselhos no dia a dia e hoje não foi diferente. Parece que ele vê as coisas antes de elas acontecerem...”*, revelou o jovem atacante. Isso vai acontecer sempre? Não, lógico que não, Jorge Jesus não é vidente. Mas a sua capacidade de antecipar acontecimentos através da sua atenta observação a partir do banco – mesmo com o jogo parado – ficou famosa nos clubes por onde passou, e quando assim é, a vitória fica muito mais perto do que a derrota.

TENTAR CONTROLAR ATÉ O INCONTROLÁVEL

Outros episódios que ficaram na memória de quem acompanha atentamente a carreira do Mister há muitos anos relacionam-se a momentos muito específicos em que Jorge Jesus nem sequer tenta esconder a sua ira e a sua frustração. Em alguns jogos não conseguiu nem mesmo controlar-se e acabou expulso, no Benfica, no Sporting, em momentos de maior exaltação com as equipas de arbitragem. A sua mais famosa expulsão foi no Santiago Bernabéu, contra o Real Madrid, com o Sporting a ganhar 0-1 e os “Galáticos” indo com tudo para cima de Rui Patrício. Já expulso, Jesus sentou-se na bancada atrás dos bancos e nem dali parou de dar indicações para dentro do campo, o que lhe valeria mesmo dois jogos de suspensão atribuídos pela UEFA.

Mas nem só na direção dos árbitros Jorge Jesus mostra sua ira. Certo dia, em 2010 – numa partida disputada em Alvalade à frente do Benfica –, perante a incapacidade do seu departamento médico de estancar uma hemorragia na cabeça do volante espanhol Javi Garcia, que havia se lesionado após embate com um adversário, Jorge Jesus gritou e esbravejou com sua equipa técnica ali mesmo, junto ao banco de reservas, perante todas as câmaras e olhares mais indiscretos. De fato, não era para menos: o volante espanhol teve que sair quatro vezes do campo para receber assistência, num total aproximado de cerca de oito minutos em que o Benfica jogou com apenas dez jogadores, o que poderia ter saído muito caro à turma da Luz na corrida pelo título e justificou plenamente o desespero do técnico. Em outro momento, frente à Académica de Coimbra e num momento em que o Benfica já ganhava por 4-0, na Luz, o volante português Ruben Amorim arriscou um remate de longe na reta final do

encontro e acabou por sofrer uma lesão muscular. Jesus percebeu de imediato a gravidade da situação e ficou furioso, não disfarçando a sua raiva. Afinal de contas, o jogo já estava decidido e aquele momento acabou por privar a equipe de um dos seus mais completos jogadores nos importantes jogos que se seguiriam.

Ira e nervosismo não são, apesar disso, os únicos traços que marcam o comportamento de Jorge Jesus no banco. Em Vila do Conde, em 2009, num jogo para a Taça da Liga frente ao Rio Ave, após uma precipitação de Maxi Pereira que poderia ter valido o gol do adversário num momento em que o resultado estava em aberto – o Benfica ganharia 1-0 –, o atacante vila-condense chutou perto da rede, mas para fora. Jesus respirou fundo, olhou para o chão, virou costas ao campo e, de forma serena, benzeu-se, como que agradecendo pelo fato de a sua equipe ter sido “protegida” naquele momento. Ele que, apesar de não ser um religioso praticante, admite sem problemas ser um homem de fé. É também um disciplinador, ninguém se atreve a contestar essa sua faceta, mas sabe diferenciar atos de indisciplina de momentos provocados pelo calor do jogo. Ainda em 2009, quando Angel Di Maria foi expulso sem necessidade nenhuma num jogo em Olhão, prejudicando, desta forma, a atuação da sua equipe, o jovem lateral argentino foi multado pelo clube e repreendido pelo técnico. No entanto, quando nesse mesmo ano o volante Carlos Martins se irritou com o atacante Oscar Cardozo em pleno campo, discutindo com o paraguaio de forma visível e irada, Jorge Jesus adotou uma postura pedagógica e de compreensão competitiva: *“Até gosto que essas coisas aconteçam. Ambos tinham vontade de marcar e o Carlos achou, e bem, que o Cardozo devia ter passado a bola e feito a ‘parede’.* Isso não tem nada a ver com indisciplina. Pelo contrário: trata-se de querer”, afirmou o técnico nas reações imediatas a um jogo que até terminou em vitória. Já no Flamengo, em novembro, após um frustrante empate a dois gols no terreno do Goiás, Jesus adotou uma atitude semelhante, mostrando que mantém a sua coerência enquanto líder, mesmo passados dez anos do episódio de Carlos

Martins e Oscar Cardozo em Lisboa. Desta vez, foram Willian Arão e “Gabigol” que se pegaram no final do encontro, forçando Jesus a intervir ainda em pleno campo. A atitude pedagógica do Mister fez-se sentir novamente na coletiva de imprensa. *“Os grandes jogadores não são só aqueles que são melhores tecnicamente e taticamente, são também os que conseguem ter um equilíbrio emocional muito acima do normal. Esse é um aspecto que ainda tenho que trabalhar com o ‘Gabigol’. Quando se sofre dois gols nos últimos cinco minutos é natural que toda a equipe fique estressada. Como é normal nesta equipe, todos têm opinião e todos cobram uns aos outros. Não foi nada mais do que isso, foi algo que aconteceu no calor do jogo. O futebol é um esporte com muita emoção no momento, não há time-outs para acalmar. Tudo isto faz parte dos grandes jogadores e das grandes equipes”*, observou na época.

ARROGÂNCIA? PRESUNÇÃO? OU PURO REALISMO?

Desde que chegou ao Brasil, Jorge Jesus tem revelado um respeito pelos profissionais do futebol brasileiro. Dos treinadores aos jogadores, passando por dirigentes, torcedores e até jornalistas, o Mister tem sido relativamente modesto nas suas abordagens a várias temáticas difíceis de enfrentar, tem sabido encaixar as críticas e até os ataques de que tem sido alvo, tem respondido a algumas injustiças com muita diplomacia e são raros os episódios em que perdeu a paciência. Aconteceu no momento em que mandou o VAR de férias após erros gritantes no Athletico Paranaense x Flamengo de outubro para o Brasileirão, ou quando denunciou “*uma verdadeira caça ao homem*” após o Botafogo x Flamengo já em novembro. Mas foram exceções, já que outras tentativas de “desvalorização” do seu trabalho como aquela de que foi alvo em outubro por parte de Argélico Fucks, treinador do CSA, mereceram por parte de Jorge Jesus respostas muito calmas e ponderadas, de inegável respeito para com os profissionais de um país que o recebeu tão bem. Mas que isto não seja encarado como uma falsa modéstia por parte do Mister Jesus, muito pelo contrário. Trata-se, sim, de uma forma de estar respeitosa e agradecida num país que vive o futebol de forma tremendamente apaixonada e recebeu o treinador português de braços abertos para que este pudesse desenvolver e apresentar o seu trabalho da melhor forma possível, com espírito esportivo e honestidade intelectual.

No passado, contudo, e dentro do seu próprio país, que o viu nascer e crescer como treinador a partir das categorias mais baixas, Jesus foi sempre mais incisivo nas palavras e mais intenso na apresentação dos seus

raciocínios. Mais confiante, digamos assim, mais ambicioso e mais “arrogante”, no bom sentido. Na sua apresentação como técnico do Benfica, por exemplo, Jesus fez promessas altamente arriscadas, mostrando uma inabalável fé na sua capacidade como treinador. *“Vim para ganhar títulos e não vou desiludir os sócios do Benfica. Sei que vou ser o 18º treinador a sagrar-se campeão nacional neste clube. Estes jogadores vão jogar o dobro e o nosso objetivo é ganhar todos os jogos que disputarmos.”* Afirmações que ficaram famosas, elevaram a sua responsabilidade e colocaram as expectativas num patamar estratosférico. Era Jorge Jesus indo ao ataque, bem à sua maneira. Mais tarde, quando abandonou o Benfica e rumou ao Sporting, não fez por menos e revelou imediatamente ao que vinha no dia da sua apresentação: *“Portugal tem tido sempre duas equipas a lutar pelo título, mas agora, comigo no Sporting, podem ter a certeza de que passam a haver três candidatas a sério!”*. O que é certo, é que cumpriu mesmo as promessas que fez, quer na Luz, quer em Alvalade. Mais tarde, depois de ganhar os três primeiros duelos diretos com o Benfica que havia acabado de abandonar, foi ainda mais corrosivo: *“O que é que mudou no Benfica desde que eu saí de lá? Não mudou nada, está tudo igual... Mas falta o cérebro!”*, afirmou provocante.

Por estas e tantas outras, “ou se ama, ou se odeia” Jorge Jesus. Se não for bem assim, andará lá muito perto a reação que a sua personalidade desperta nos torcedores de futebol de um modo geral. E não é para menos. Afinal de contas, são muitas as ideias pouco consensuais que Jesus defendeu em algumas entrevistas nas quais opinou acerca de alguns aspectos melindrosos do futebol. Temas que, na maioria dos casos, os outros treinadores nem sequer se atrevem a abordar. Em tempos disse, por exemplo, que *“o fair-play é uma treta”*, e logo se levantaram as vozes críticas contra a sua intervenção. Mais tarde justificou a sua frase e serenou alguns ânimos. *“O fair-play já quase não existe em lado nenhum. Em todo o mundo, os jogadores atiram-se no chão na tentativa de cavar o*

pênalti ou conseguir um cartão para o adversário, simulam lesões para travar ataques perigosos dos adversários. Isto não é fair-play”, disse acerca de uma temática que, inclusive, também já abordou no Brasil, quando os adversários não colocaram a bola fora do campo para que jogadores do Flamengo fossem atendidos. Não só Jesus disse que fizeram muito bem, como logo em seguida avisou que a sua equipe faria o mesmo quando fosse preciso.

Outra opinião meio polêmica que o técnico defende tem a ver com o “politicamente correto”. *“Nunca tive medo de dizer aquilo que penso. Nem como jogador, nem como treinador. Não concordo nada com a expressão “politicamente correto”, isso não faz parte do meu vocabulário. Rejeito hipocrisias e digo sempre aquilo que penso, doa a quem doer”.* Que o diga Alberto Valentim, que não gostou de ver a forma direta como Jorge Jesus denunciou o estilo de jogo demasiadamente viril do Botafogo, que desde o primeiro minuto tentou, na visão do Mister, “intimidar” os jogadores do Flamengo. *“Ele falou uma grande bobagem, coitadinho dele, não precisava disso. Devia ter ficado de boca calada. Que cuide da equipe dele, que está bem. Ninguém veio aqui para bater ou caçar ninguém”.* Jesus optou por não alimentar polêmicas e não deu “troco”, mas estava armada a situação para uma faceta até então desconhecida do Mister: não leva desaforo para casa, não manda recado e diz sempre o que pensa.

Uma outra característica que muitos lhe apontam é certa falta de humildade no discurso. A forma como reclama para si os méritos da introdução da defesa à zona em Portugal nos lances de bola parada, por exemplo, é algo que não cai bem para alguns dos seus colegas. *“Hoje vejo muitas equipes defendendo os lances de bola parada de uma determinada maneira, à zona, quando há cerca de 25 anos só as minhas equipes defendiam assim. Muitas vezes encontro jogadores que treinei há mais de 20 anos e que se lembram disso mesmo. Achem graça do fato de agora estarmos generalizando algo que eu lhes ensinei há tanto tempo. E sei, de fonte segura, que muitas vezes são ex-jogadores meus que pedem aos seus*

treinadores para continuarem a defender desse modo, o que muitas vezes acaba por ser aceito”, conta Jesus sem tabus nem pudores, palavras que criam “anticorpos” com alguns dos seus colegas, mas que o Mister não deixa de reproduzir por temer ferir sensibilidades.

Apesar de alguns conflitos ao longo da carreira com colegas de profissão, Jorge Jesus é muito corporativo na defesa da classe, principalmente quando defende algo, de modo geral. Mas cada caso é um caso e até neste tema mais consensual o Mister tem algumas opiniões mais incisivas e causadoras de algum desconforto. Assim, tal como em quase tudo na vida, a teoria de Jorge Jesus acerca dos treinadores é muito pessoal e assertiva. *“Só conhece bem o jogo quem passou por ele. Ser bom treinador é como ser bom jogador: tem de se nascer para isso, tem de haver arte para a função”, defende. E vai mais longe: “Durante alguns anos, a confusão instalada levou a se qualificar o trabalho de qualidade julgando que esse era feito por aqueles que mais bem se expressavam em termos de terminologia do futebol. Confundi-se falar bem com treinar bem! ‘Contra-ataque’ passou a ser ‘transição’, ‘esticar o campo’ passou a ser ‘campo grande’, enfim, tantas coisas que induziram as pessoas num erro, insinuando que quem se expressava melhor é que conhecia os segredos da modalidade. Nada mais errado”, conclui. Ainda para defender que é preciso “arte” para saber treinar, Jorge Jesus proferiu uma das suas mais famosas e citadas analogias, recorrendo a uma comparação que acabou levantando muita discussão. “Outro dia vi uma reportagem na televisão sobre um quadro da Paula Rego, e chamou-me particularmente a atenção porque o quadro se chamava Maria Elisa, que era o nome da minha falecida mãe. A Paula Rego explicava o quadro e eu bem olhava para ele, mas não conseguia perceber onde estava aquilo que ela estava descrevendo. Ou seja, eu via, mas não percebia. E assim sucede também no futebol: todos o conseguem ver, mas são poucos os que o entendem.”* Noutra ocasião, para transmitir mais ou menos a mesma ideia, Jesus voltou a recorrer ao mundo das artes: *“Os jogadores e os treinadores são*

como os pintores, pois todos sabem usar o pincel, montar a tela e preparar as tintas, mas poucos são aqueles que depois sabem conjugá-las de modo a dar-lhe aquele toque especial, ou seja, de modo a fazer arte. Os poucos que o conseguem são os verdadeiros Picassos da bola”. Eis Jorge Jesus no seu melhor, sempre com algo de novo para dizer, sempre com uma visão diferente daquilo que é o futebol e os seus participantes. Ou como diria o catedrático Professor Manuel Sérgio a respeito do Mister, de quem este eminente filósofo português é frequente conselheiro e amigo pessoal: *“Mais vale dizer as coisas certas com as palavras erradas, do que as coisas erradas com as palavras certas.”* E alguém se atreve a discordar?

O PERFIL IDEAL DE JOGADOR PARA JORGE JESUS

Adepto confesso do calcio italiano e do artístico futebol da América do Sul, quando questionado sobre o seu perfil de futebolista, o técnico não teve problemas em traçar aquele que seria um jogador perfeito: *“Para mim, o jogador ideal teria a técnica do jogador brasileiro, a leitura tática do jogador italiano e as ganas do jogador argentino, que é muito competitivo e com grande espírito de sacrifício”*. Esta sua revelação tem mais de dez anos, mas os seus critérios de avaliação não mudaram muito de lá para cá. Aliás, desde que está no Flamengo já falou em mais do que uma ocasião acerca da qualidade do jogador brasileiro, e os mais de 100 brasileiros com quem trabalhou ao longo da sua carreira – muito antes de chegar ao Brasil – são também prova da sua preferência por jogadores vindos do Brasil. Em tempo, antes de chegar a clubes de um patamar mais elevado, revelou que o jogador “já formado” mais talentoso que já tinha visto foi Roberto Assis, irmão de Ronaldinho, com quem trabalhou apenas alguns meses no modesto Estrela da Amadora.

Mais tarde trabalharia com profissionais de outra estirpe, em outras fases das suas carreiras e em clubes com outras ambições, com outro enquadramento de trabalho para os seus jogadores. De todos aqueles com quem trabalhou ao longo de 30 anos, a sua preferência já revelada recai em Pablo Aimar, o astro argentino que fez carreira principalmente no River Plate da Argentina, no Valência de Espanha e no Benfica de Portugal. Dono de uma técnica prodigiosa, de uma visão de jogo clarividente e de uma inteligência rara, Pablo Aimar trabalhou quatro anos com Jesus no Benfica, fazendo 150 jogos e 15 gols sob o comando técnico do Mister. No

total da sua carreira, somou 599 jogos, 88 gols e 18 títulos nacionais e internacionais.

Falando acerca de Aimar, Jorge Jesus revela: *“Não tenho dúvidas em classificá-lo como o melhor de todos, e veja que eu trabalhei com grandes jogadores, como Di Maria, Saviola ou Ramires. Mas como o Aimar não tive nenhum, era um jogador impressionante. Aprendi a ser melhor treinador com ele. Pensa o jogo e sabe do jogo como ninguém. Mas também tive problemas com ele. Os grandes jogadores não gostam muito que os treinadores sejam exigentes com eles, pensam que têm um estatuto diferente, mas para mim não têm. A regra é o dia a dia. Seja como for, para mim, o Aimar foi uma grande referência e ainda hoje mantenho proximidade com ele.”* Sobre o seu pupilo de maior destaque, Jesus tem ainda uma história curiosa para partilhar, revelando que não foi só Aimar quem ajudou Jesus a ser melhor treinador, como também o próprio Jesus ensinou muita coisa a Pablo Aimar: *“Esteve na Arábia Saudita como treinador da Seleção Argentina de sub-20, conversamos bastante sobre os anos em que trabalhamos juntos, e em determinado momento, ele perguntou se eu assistiria ao seu treino. Perguntei o porquê, e ele disse que queria muito que eu o visse dar um treino com tudo aquilo que eu lhe ensinei em nível defensivo. Fiquei vendo e quando acabou ele veio novamente falar comigo para saber o que eu tinha achado. ‘Faltou metade, há muita coisa que já esqueceste’, eu disse. Foi engraçado”,* lembra o Mister sorridente quando recorda essa história. Quanto à opinião de Aimar acerca de Jesus, as suas palavras não deixam margem para dúvidas. *“Com alguns treinadores percebi que podia ser melhor jogador. Fizeram-me aprender. José Pekerman, Marcelo Bielsa e Jorge Jesus são exemplos disso. Com treinadores como eles, os jogadores transformam-se em referências nas suas posições, tornam-se jogadores melhores. Os jogadores não crescem apenas no campo, porque a influência destes treinadores vai até o vestiário. Admiro muito o Jorge Jesus. Aprendi muito com ele e gosto muito da maneira como ele trabalha, como treina e como*

prepara as suas equipes. E gosto muito de ver as suas equipes jogando”, revelou o médio que foi craque de seleção em 53 ocasiões.

Outro critério que Jesus muito valoriza nos seus jogadores é a inteligência e a capacidade de liderança, bem como a lealdade para com o treinador. Por isso sua noção de capitão de equipe é bastante rigorosa e exigente. Para o Mister, o capitão tem que obedecer a critérios muito específicos: *“A liderança no vestiário, bem como a defesa das ideias do treinador, são pontos fundamentais a um capitão de equipe. Além disso, tem que saber assumir-se em todas as situações de diálogo entre a direção e o grupo de trabalho. Pode até nem ser um jogador titular, mas aquele que corresponder a estes requisitos será o meu capitão de equipe.”*, diz Jesus a este propósito. Luisão, brasileiro craque da seleção em 46 ocasiões, é aquele que melhor personificou este perfil traçado por Jesus, e foi mesmo o capitão com quem o Mister mais anos trabalhou: seis épocas consecutivas com a braçadeira durante os seis anos de Jesus no comando técnico do Benfica.

O TREINO: DA OBSESSÃO À PERFEIÇÃO

Na forma de trabalhar de Jorge Jesus é possível encontrar alguns comportamentos quase obsessivos que, em última instância, podem fazer a diferença nos momentos decisivos. Um deles é o visionamento exaustivo de vídeos dos adversários, recolhendo informações detalhadas dos modelos de jogo, das movimentações ofensivas e defensivas, das maiores fragilidades e dos maiores focos de perigo entre os jogadores que a sua equipe enfrentará. Depois de esmiuçados todos os pormenores do adversário, Jesus partilha com cada um dos setores da sua equipe as informações que entende serem úteis, de modo a conseguir potenciar, no campo, esse conhecimento acumulado dos rivais. Naturalmente, isto se reflete numa completa preparação dos jogos, tendo em conta um conhecimento muito mais vasto e profundo dos perigos que cada jogador encontrará pela frente. Por outro lado – não numa perspectiva imediata, mas, sim, numa lógica de médio-longo prazo –, Jorge Jesus nunca se coibiu de acompanhar todos os grandes campeonatos internacionais, com particular destaque para o brasileiro e o argentino. Isto permitia-lhe ter um conhecimento muito profundo e concreto de inúmeros jogadores que atuavam no estrangeiro e que, a qualquer momento, poderiam ser contratados como reforços para as suas equipas, fosse numa perspectiva de entrada direta ou numa lógica de alternativas válidas aos habituais titulares. Essa sua rotina de acompanhamento permanente de outras realidades terá sido decisiva, também, para sua ligeira e eficaz adaptação ao futebol brasileiro.

No que diz respeito aos treinos, Jorge Jesus não costuma fazer treinos abertos ao público, salvo raras exceções. Principalmente à medida que se

aproxima a data do jogo, Jesus manda fechar as portas dos treinos para desenvolver as melhores estratégias de acordo com as especificidades de cada adversário. O técnico acredita sempre em surpreender o adversário do ponto de vista tático e não está disposto a abdicar de qualquer vantagem que seja, principalmente a vantagem do fator surpresa. A este respeito ficou conhecido, por exemplo, um episódio protagonizado por Jorge Jesus ainda defendendo o Estrela da Amadora, na véspera de uma recepção ao Benfica. O técnico tinha agendado o treino para ocorrer às portas fechadas, mas de repente viu que havia pessoas estranhas ao clube da Reboleira nas imediações do campo. Interrompeu o treino e expulsou imediatamente os estranhos em questão. No final de contas, eram apenas técnicos de uma estação de televisão que se preparavam para instalar algumas das câmeras que captariam as imagens do jogo no dia seguinte, mas Jesus nem quis saber de justificativas. Para o técnico, aqueles estranhos podiam muito bem ser “espiões” do adversário do dia seguinte e Jesus não estava disposto a correr riscos. Por mais exagerado que este comportamento possa parecer, o que é certo, é que nos dias que correm os jogos de futebol ganham-se e perdem-se em detalhes.

De acordo com os relatos de quem com ele trabalhou em Portugal nos diversos clubes que treinou, Jesus costuma passar, em média, 10 a 12 horas diárias trabalhando. É certo que o Mister costuma apresentar resultados e estes não surgem sem uma grande dose de trabalho, empenho e dedicação, características que exige de seus jogadores e membros da equipe técnica, mas que ele próprio não se inibe de personificar. Por volta das 8 da manhã Jorge Jesus normalmente já está trabalhando nas instalações do seu clube, horário em que é muitas vezes acompanhado pelos membros da sua equipe técnica. Desenvolvimento de novos exercícios procurando a apresentação de uma determinada jogada estudada, análise detalhada dos adversários ou preparação física específica de um jogador que precisa ganhar ritmo, encontram-se entre as diversas missões que o técnico abraça logo pela manhã, ainda antes de o time

chegar ao local do treino. Por outro lado, são inúmeros os relatos de profissionais que trabalharam de forma estreita com o treinador do Flamengo e que o descrevem como verdadeiramente obcecado – no bom sentido – com tudo o que diz respeito ao jogo. Em suma, é um verdadeiro perfeccionista que não abdica de tentar controlar todos os aspectos do treino e do jogo, nem que para isso tenha que acordar os seus adjuntos com um telefonema no meio da noite só para confirmar determinada nota ou partilhar uma informação importante.

É, contudo, na relação com os jogadores e na forma como lhes transmite as suas ideias, que parece residir um dos grandes segredos de Jorge Jesus, realidade facilmente comprovável pela rapidez com que o time do Flamengo assimilou as suas ideias. Não é de “falinhas mansas”, nem tão pouco de cair no elogio fácil aos seus pupilos. Recorre muito ao vernáculo e ao grito se for necessário, é duro, extremamente duro para com os seus, a quem exige que deem tudo em cada momento, mas é também de uma grande noção de justiça na hora de atribuir mérito a quem o merece. As suas palestras nos treinos e nos jogos não são memoráveis pela dialética, bem pelo contrário, mas o que é certo, é que a mensagem passa de forma muito eficaz. *“As suas palestras eram sempre divertidas, bem como a forma como falava com os jogadores. Devolveu-nos o prazer de ir para os treinos e isso é fundamental. Falando conosco, fez-nos ver que tínhamos valor e que podíamos jogar bom futebol”*, recorda Nuno Assis, volante criativo com quem Jorge Jesus trabalhou apenas alguns meses no Vitória de Guimarães. *“Antes dos jogos, falava dos adversários e, penso eu que de propósito, enganava-se nos nomes de vários jogadores para criar um ambiente de desconpressão no vestiário”*, revela Assis, retratando na perfeição um técnico que, não sendo particularmente possuidor do dom da palavra, também não sente qualquer dificuldade na hora de passar os seus ensinamentos e as suas ordens para o grupo de trabalho. Contudo, se em muitos momentos o seu discurso vai mesmo no sentido da desconpressão do vestiário, noutros, o que Jorge Jesus pretende

é mesmo que a adrenalina e a atenção dos seus jogadores se encontrem nos níveis mais elevados. E aí, nem todos têm estofo para aguentar. *“É preciso ser muito forte psicologicamente para corresponder às suas elevadas expectativas e exigências. Nem sempre era fácil, mas sabíamos que o seu objetivo era sempre tirar o máximo rendimento do grupo de trabalho”*, recorda Cândido Costa, que trabalhou com Jorge Jesus no Belenenses. Um jogador que optou por manter o anonimato chegou mesmo a dizer em entrevista: *“Nunca fui tão ofendido por um treinador em toda a vida como por Jorge Jesus. Mas o mais estranho é que logo a seguir está tudo bem e ninguém guarda rancor dele. Jorge Jesus foi o melhor treinador que tive em toda a minha carreira”*, finaliza.

Não é raro ver Jesus gritando *“Seu burro!”* no meio de um treino para um jogador, mas são situações que, pela forma espontânea como ocorrem, por norma não causam constrangimento nem mal-estar em ninguém. Prova disso mesmo é um episódio em que Jesus entrou em discussão intensa com o seu treinador assistente, na época, Raul José, em pleno treino do Belenenses no Restelo, na frente de jogadores, colegas e jornalistas. Raul José foi, durante muitos anos, o seu braço direito e um dos seus melhores amigos, prova de que Jesus não se exalta por desgostar de determinada pessoa, mas sim por ser muito exigente com aqueles que o rodeiam e com quem trabalha no seu dia a dia. Apesar das broncas e reprimendas intensas, Jorge Jesus tem também um outro lado da moeda que agrada bastante aos seus atletas. Para passar as suas indicações táticas e aquilo que espera e pretende de cada jogador, dialoga de forma tranquila, longa e paciente com os jogadores de forma individual, disponibilizando-se para esclarecer todas as suas dúvidas à exaustão. Isto para que a sua mensagem passe da forma mais eficaz e direcionada possível. Além dessas conversas individuais reúne também os jogadores por setores: goleiro, defesas, meios-campos e atacantes. Dá palestras nos treinos para cada um dos setores, em vez de passá-las de forma generalizada para toda a equipe. Essas só acontecem, por norma, já no estádio, no vestiário, nos momentos

que antecede os jogos. Questionado acerca das suas regras de ouro no campo e no vestiário, responde de forma simples e sucinta: *“No campo, creio que me antecipo com muita facilidade ao que pode acontecer no jogo. No vestiário, desejo sempre que os meus jogadores sejam perfeitos nos aspectos técnicos e táticos. Às vezes fico cego com isso.”*, confessa Jorge Jesus.

TRANSPORTAR AS IDEIAS DOS TREINOS PARA OS JOGOS

A forma como Nuno Assis, um jogador eminentemente ofensivo, começou por descrever Jesus em entrevista, não deixou ninguém com dúvidas. *“Ele insiste muito na vertente defensiva. E no que diz respeito à tática é mesmo o melhor treinador em Portugal”*, disse o ex-volante português craque internacional. Hugo Leal, outro ex-jogador, criativo volante e também jogador da seleção de Portugal, recorda alguns episódios ocorridos quando trabalhou com o técnico nos seus tempos no Belenenses. *“Há uma preocupação muito acentuada da sua parte com a defesa. Ele é muito exigente com a forma como a equipe defende, com e sem bola. Os defesas são sempre os elementos que mais sofrem com Jorge Jesus, mas também são os jogadores que mais evoluem com ele e com quem ele acaba por se afeiçoar mais facilmente”*, recorda. Outro ex-jogador que trabalhou com Jorge Jesus em Belém e que bem se recorda do feitio do atual técnico do Flamengo é o já citado Cândido Costa, que atuava como lateral-direito no sistema adotado por Jesus: *“Com um mínimo erro que eu cometesse, ele já berrava comigo daquela sua forma tão característica de gritar. Mas logo em seguida olhava para mim e ria, percebendo que talvez tivesse exagerado. Eu já o conhecia e não levava suas atitudes nada a mal”*.

Com o tempo, as equipes de Jesus começaram a praticar um futebol cada vez mais ofensivo e empolgante, cada vez mais bonito e apelativo, também fruto do trabalho com jogadores cada vez mais evoluídos tecnicamente e em clubes com objetivos cada vez mais ambiciosos, como Benfica e Flamengo nos seus respectivos contextos. A obsessão pela segurança defensiva, contudo, mantém-se até os dias de hoje e o seu

desafio permanente é mesmo fazer suas equipes ataquem de forma constante sem que se desequilibrem defensivamente. Para Jorge Jesus, há cinco momentos fundamentais que compõem um jogo de futebol. Nas palavras do próprio, numa coletiva de imprensa ainda defendendo o Belenenses, aqui fica uma sucinta descrição daquilo que o atual técnico rubro-negro considera ser o futebol moderno: *“O futebol tem cinco momentos de jogo. Dois momentos ofensivos, que são o ataque posicional e a transição ofensiva – a que antes chamávamos de contra-ataque. E dois momentos defensivos, que são a organização defensiva e a reorganização posicional defensiva – a que hoje se chama transição ataque-defesa. Por fim, há mais um momento que nunca nenhum treinador no mundo mencionou, fui eu o primeiro a falar nisso, que é a estratégia posicional, ou seja, a bola parada”*. É assim, desta forma simples e direta, que Jesus partilha a sua concepção de futebol, não deixando de reclamar para si a invenção da terminologia utilizada para descrever um quinto momento do jogo que, a bem da verdade, assume cada vez maior importância no futebol em geral e no Flamengo em particular: os lances de bola parada. Mas o técnico vai ainda mais longe na sua concepção do jogo: *“As equipes têm que saber jogar com estes cinco momentos. E como é que tudo isto é caracterizado em termos de equipe? Com muito treino, muito trabalho. E como o futebol não é uma ciência exata, mas uma ciência de cada um, cada técnico faz essa definição à sua maneira. Agora, se não tivermos bons jogadores, isto não serve de nada”*, concluiu Jorge Jesus nessa mesma coletiva de imprensa repleta de compartilhamento de conhecimento.

Acerca do modelo de jogo propriamente dito, Jorge Jesus ficou conhecido no Benfica por apostar num arrojado 4x4x2 que se traduzia, muitas vezes, numa vertigem ofensiva que terminava em muitas goleadas. Contudo, contra adversários mais fortes, a equipe expunha-se demais no momento da transição defensiva e Jesus não tolera que isso aconteça nas suas equipes. Assim, e na impossibilidade de ter sempre jogadores que lhe

permitam dar segurança e eficácia a esse modelo – Ramires e Enzo Pérez no Benfica, ou João Mário no Sporting, foram excelentes exemplos –, Jesus adota muitas vezes modelos alternativos. Aliás, o próprio Jesus recusa a ideia de trabalhar apenas um modelo. *“Não tenho apenas um princípio de jogo. Quem trabalha comigo sabe que não trabalho apenas um modelo. Durante os 90 minutos podemos ter que alterar o sistema e a estratégia em função das incidências do jogo. Claro que temos que ter um ponto de partida para a estrutura, mas isso dependerá sempre das características dos jogadores.”* Até porque, para si, não é o modelo que define uma equipe. *“É a dinâmica de jogo que define o que é uma equipe ofensiva e uma equipe menos ofensiva”*, afirma de forma firme. Uma coisa é certa: seja em que modelo for, as suas equipes nunca são extremamente defensivas e nunca se eximem da missão de jogar um futebol atrativo e eficaz.

CAPÍTULO 7

UM FURACÃO NO FUTEBOL PORTUGUÊS



JESUS FINALMENTE NUM “GRANDE” EM PORTUGAL

Jorge Fernando Pinheiro de Jesus tornou-se, em 2009, “apenas” o 15º treinador português do Sport Lisboa e Benfica, clube que – hoje com 115 anos de história – teve 26 estrangeiros no comando técnico da sua equipe de futebol e ainda mais dois portugueses após a saída de Jesus em 2015. Destes 43 treinadores que ocuparam o mais alto cargo da hierarquia técnica na Luz, 20 foram campeões nacionais, mas nesses 20 contam-se apenas seis portugueses, e só três destes até à chegada de Jesus ao clube. Números surpreendentes num clube que é a instituição mais representativa de Portugal no mundo. A somar a estes dados históricos, há ainda o fato de o Benfica atravessar, no momento da contratação de Jorge Jesus, um dos mais complexos períodos da sua longa história, tendo perdido a hegemonia do futebol português nos 20 anos anteriores para o FC Porto.

Os primeiros parágrafos deste capítulo servem para contextualizar o complexo momento em que o atual técnico do Flamengo chegou pela primeira vez a um clube “grande”, mas também para enquadrar o leitor nos paradoxos que daí advêm. Jorge Jesus já tinha duas décadas de carreira como treinador de futebol, era – e é – amigo de Jorge Nuno Pinto da Costa (Presidente do FC Porto), foi jogador profissional do Sporting, nunca havia conquistado um título de importância, nunca havia treinado um clube com ambições de conquista de títulos de campeão, não tinha o dom da palavra, não tinha uma imagem polida e, além de tudo isto, ainda é português. E por que é que a sua nacionalidade vem ao caso nesta matéria?

Porque o Benfica sempre teve – até a mudança de paradigma imposta por Jesus – uma história baseada em grandes conquistas protagonizadas por treinadores estrangeiros. Aliás, o mítico Rui Costa, hoje diretor desportivo do Benfica e que já na época desempenhava essas funções, sentiu necessidade de mandar um “recado” aos torcedores no momento da contratação do técnico: *“Jorge Jesus reúne todas as condições para treinar o Benfica. Estamos plenamente convencidos da sua qualidade e daquilo que pode dar ao clube. Achamos que é o treinador ideal para o Benfica e só esperamos que os torcedores deem a ele o mesmo crédito que deram aos treinadores estrangeiros”*, alertou na época o verdadeiro “gênio” que foi em tempos um dos melhores jogadores do Benfica, de Portugal e do mundo. À partida, levando em conta a história do clube, bem como as idiossincrasias e rivalidades muito particulares do futebol português, Jorge Jesus seria o “modelo” de tudo aquilo que o Benfica não procurava. Porque os portugueses sempre tiveram menos sucesso do que os estrangeiros na Luz. Porque era um técnico que nunca tinha vencido. Porque surgia indiretamente conotado com os eternos rivais. Porque não era uma figura capaz de reunir simpatias unânimes e consensuais. No entanto, foi sobre ele que recaiu a escolha dos responsáveis do clube. Por quê? O que teria levado o Benfica a enveredar por este caminho?

Os treinadores estrangeiros, até então, tinham sempre conquistado mais títulos no Benfica, e eram mais bem-tratados e protegidos pelos seus torcedores. Sempre gozaram de uma aura de superioridade de conhecimentos, mais concretamente ao nível do treino e dos conceitos táticos, mas também ao nível do discurso. Além dessas premissas, ainda há o fato de não terem, à época, nenhuma ligação com os eternos rivais do clube da Luz. Aliás, foram essas as principais razões que tinham levado o Benfica a definir um primeiro perfil de treinador: jovem, ambicioso, estudioso, metódico, bem-falante e estrangeiro. Características que levaram à contratação do espanhol Quique Flores no ano anterior, um ato de gestão que acabaria por se revelar mais um fracasso. Perante esse novo

equivoco, urgia fazer algo. Era fundamental mudar de rumo, sob pena de ver o clube afundar-se profundamente numa crise esportiva sem precedentes na sua história. Nessa encruzilhada, nesse momento que definiria, talvez para sempre, o resto da vida do clube, os seus responsáveis viram-se forçados a mudar de estratégia.

Não fazia qualquer sentido continuar a acreditar em dogmas cujo único fundamento era a estatística do passado. Assim como não fazia sentido alimentar estigmas que vetavam treinadores portugueses antes mesmo de terem uma oportunidade no clube. Em suma, estava na hora de escolher exclusivamente com base na meritocracia. Apenas e só. Olhar para quem tinha valor, sabedoria, conhecimento, e escolher em conformidade com esses pergaminhos, apostando de forma veemente num projeto que desse, a curto prazo, os frutos desejados. A escolha recaiu em Jorge Jesus, um técnico que vinha mostrando, ano após ano, um inigualável conhecimento do futebol português e uma incomum capacidade de adaptação e superação dos adversários, tudo isto em equipas de menor dimensão e cujos objetivos nunca passaram pela conquista de títulos. Se clubes como Amora e Felgueiras lhe moldaram o espírito combativo e o ensinaram a ganhar com poucos recursos, instituições como Vitória de Guimarães e Vitória de Setúbal ajudaram-no a saber lidar com massas associativas exigentes. Mais tarde, União de Leiria e Belenenses colocaram-no no caminho das vitórias mais regulares e, por fim, o Sporting de Braga deu a ele a única coisa que lhe faltava no futebol. Deu-lhe mundo. Um mundo que ele ainda não conhecia e, ao mesmo tempo, um mundo que nunca tinha sequer ouvido falar no seu nome.

Preparar a formação minhota para a fase de grupos da Taça UEFA, ultrapassando turcos, bósnios e eslovacos, não saciou a vontade de Jorge Jesus, que queria mais, muito mais. Jesus queria pisar nos principais palcos e apresentar-se em definitivo à Europa do futebol. Na senda da sua ambição, fez o Sporting de Braga evoluir de forma brilhante frente a clubes das poderosas Premier League, Série A italiana e Bundesliga, gelou

o San Siro e o Parque dos Príncipes, sobrevoou meia Europa, de Itália à Bélgica, de França à Holanda, espalhando o perfume da sua filosofia de futebol e deixando os mais atentos estupefatos perante a sua cultura tática. Humilhou os arrogantes ingleses no campo e na imprensa. Impressionou e surpreendeu os italianos, eternos mestres da tática. Esmagou holandeses e belgas, pioneiros de escolas futebolísticas que fizeram história no Velho Continente. Tudo isto em poucos meses. Na primeira vez em que lhe deram verdadeiras condições para trabalhar, o técnico gritou bem alto para quem o quisesse ouvir: o meu nome é Jorge Jesus, sou treinador de futebol e vim para ficar. O Benfica estava atento e de modo certo arriscou na sua contratação que, afinal, de arriscada não tinha nada.

Poucos meses depois já toda a gente sabia quem era aquele técnico de discurso diferente e apaixonado, aquele treinador sem medo que colocava o Benfica para jogar um futebol ofensivo e empolgante. José Mourinho, treinador de topo à escala global, foi mesmo um dos primeiros a “atravessar-se” na sua defesa. *“Jorge Jesus já está num grande clube europeu e mundial. No futebol, o que conta são os resultados e não a formação académica. Jesus já está no topo, é preciso entender isso”,* afirmou o Special One numa altura em que toda a gente emitia opiniões acerca do Mister, muitas delas sob a forma de críticas sem qualquer fundamento. Outro dos que saíram em sua defesa foi o filósofo Manuel Sérgio, professor catedrático que teve como aluno, entre muitos outros, o próprio José Mourinho. *“O Jorge Jesus é um extraordinário mestre de coisas que não podem ser estudadas, que não se ensinam nem se aprendem. Tem um talento muito especial para a profissão que abraçou. É um líder que apresenta uma pronta e correta leitura de jogo e sabe se comunicar, como poucos, com os jogadores.”* Começava assim a se desfazer a mentira de que Jorge Jesus não tinha capacidades para assumir um clube com a dimensão nacional e internacional do Benfica. Jesus deitava por terra um dogma com décadas e, então em Portugal como hoje no Brasil, começava a quebrar paradigmas no futebol.

DO CÉU AO INFERNO E DO INFERNO AO CÉU NOVAMENTE

Jesus não defraudou expectativas e entrou “com tudo” no Benfica, conquistando imediatamente dois títulos na primeira época. O Campeonato Nacional – não conquistado pelo clube há 5 anos e apenas conquistado numa única ocasião nos 15 anos anteriores – e a Taça da Liga, numa final que foi uma verdadeira manifestação de força: 3-0 contra o então hegemônico FC Porto. A equipe atacava e marcava como nunca, praticava um futebol empolgante com base na qualidade, eficácia e velocidade de execução de jogadores como Di Maria, Ramires, Aimar, Saviola e Cardozo. Defendia de forma arrojada, com os centrais Luisão e David Luiz, os laterais Maxi Pereira e Fábio Coentrão, e o volante Javi Garcia como único pivô defensivo no meio-campo. De resto, a forma como as suas equipes jogam (quase) sempre com um volante posicional que participa igualmente nas manobras defensivas e ofensivas, foi uma das suas grandes imagens de marca nessa época e uma “inovação” corajosa que, de lá para cá, tem influenciado grandes equipes nacionais e internacionais.

Após o final desse primeiro ano fulgurante, Jesus foi recompensado com a extensão do seu contrato e um aumento salarial significativo. Tornou-se o treinador mais bem-pago na Liga Portuguesa e reforçou os seus poderes na estrutura do clube. A conquista do tão desejado 33.º Campeonato Nacional da história das águias de Lisboa, aliado ao preparo para a Champions League, conferiu a Jorge Jesus uma aura quase messiânica junto dos torcedores, não só pelas conquistas alcançadas, mas também pela extraordinária qualidade do futebol praticado, tantas vezes

celebrado pela imprensa com manchetes como “Rolo Compressor Ofensivo” ou “Sensacional Futebol Espetáculo”. Quanto ao Mister, assumia sem pudores a sua faceta de “Mestre da Tática” capaz de colocar a equipe a jogar com “*elevada nota artística*”, expressão que o próprio tornou famosa e que ainda hoje ocupa o seu espaço no léxico futebolístico em Portugal. Impossível dissociar essa expressão do seu criador, mas os soundbytes que o técnico introduziu na linguagem corrente dos torcedores foram de tal forma marcantes que ainda hoje são aplicados a outros treinadores e outros confrontos, embora ninguém esqueça a verdadeira gênese dessas palavras. Fruto de tão marcante primeira temporada na Luz, o Benfica acabaria por fazer nesse verão de 2010 as duas maiores vendas da sua história até então: o brasileiro Ramires para o Chelsea por 22,5 milhões de euros, e o argentino Di Maria para o Real Madrid por 30 milhões de euros. No caso do ponta que rumou ao Santiago Bernabéu, os objetivos variáveis definidos no momento da venda viriam a render ainda mais 6 milhões aos cofres do Benfica nos anos seguintes, por títulos conquistados, por mecanismo de solidariedade da FIFA e ainda por mais-valias numa posterior venda para o Manchester United. Em suma, o Benfica encaixaria quase 60 milhões de euros com ambos os alas que deram asas ao ataque de Jorge Jesus naquela inesquecível temporada 2009/10. Muito dinheiro, sim, e que muita falta fazia às então abaladas finanças do Benfica. Mas o preço a pagar dentro das quatro linhas seria sentido rapidamente e seria elevadíssimo.

Para os lugares de Di Maria e Ramires, o Benfica contratou dois promissores argentinos craques internacionais que brilhariam anos a fio no futebol português: Nico Gaitan e Toto Salvio, este último por empréstimo do Atlético de Madrid. Jogadores de qualidade refinada, técnica aprimorada e talento inquestionável. No entanto, a tremenda rotação que Di Maria e Ramires ofereciam ao estilo de jogo implementado por Jorge Jesus era impossível de reproduzir com jogadores de características tão distintas. Se na esquerda o futebol meticuloso de Gaitan encantava, mas

estava longe da vertigem ofensiva das galopadas de Di Maria, na direita, a diferença era ainda mais gritante do ponto de vista tático: Salvio tinha mais gol do que Ramires, surgia mais vezes em zonas de finalização e ganhava mais facilmente a linha de fundo, mas era também muito mais vertical, ou seja, não tinha características para pisar terrenos mais interiores que permitissem o equilíbrio defensivo em zonas centrais nos momentos de transição defensiva, algo que Ramires interpretava de forma sublime e extraordinária. As consequências seriam imediatas e o 4x4x2 clássico de Jorge Jesus viria a sofrer em muitos momentos da época por manifesta incapacidade de cobrir a sistemática inferioridade numérica no meio-campo, algo que o sempre solícito Javi Garcia não conseguia evitar a jogar sozinho na posição “6”, até porque tinha Pablo Aimar à sua frente muitas vezes, um dos mais geniais futebolistas que já pisaram nos gramados portugueses, mas cujas características defensivas nunca foram muito fortes, menos ainda numa fase já avançada da sua carreira e com problemas físicos que o impediam de se apresentar 100% na maioria das ocasiões.

Os problemas do Benfica passavam muito por aí, mas estavam longe de terminar nessa questão do desequilíbrio na zona central. Pelo contrário. Também no gol ocorreu uma troca que viria a revelar-se catastrófica, quando o português Quim foi dispensado e para o seu lugar chegou o goleiro mais caro do futebol português até então: o espanhol Roberto Jimenez, contratado ao Atlético de Madrid por cerca de 8 milhões de euros. Jovem, ágil, de tremendo porte atlético, com formação de clube grande e supostamente perto de entrar para a poderosíssima Seleção de Espanha, tudo indicava que seria um upgrade significativo para a segurança defensiva do elenco de Jesus. Nada mais errado: Roberto viria a revelar-se um dos maiores insucessos da história do clube e ainda hoje alguns dos seus “frangos” fazem parte das piadas futebolísticas portuguesas. Algumas das suas ações chegavam a parecer caricaturas, atos de brincadeira, interpretações surrealistas de uma tragicomédia que

deixava os torcedores de coração nas mãos e Jorge Jesus à beira do desespero. Por vezes, porém, fazia defesas do outro mundo, mostrando que tinham mesmo visto algo nele para apostarem com tanta força na sua contratação. Ficaria para sempre associado a uma irregularidade de apresentação que não combina com um clube que luta por títulos e sairia no verão seguinte sem deixar saudades, não sem antes ficar ligado a uma temporada que acabaria por ser uma das mais negativas nos últimos anos do clube, principalmente no que diz respeito à luta no campeonato nacional, onde o Benfica terminaria 22 pontos atrás do campeão FC Porto.

A época começou logo mal, com uma imprevisível derrota na Supertaça frente aos dragões da Invicta. O FC Porto superiorizou-se e venceu por 2-0 numa final sem grande história, mas que acabaria por marcar o ritmo daquilo que seria o resto da época: a equipe do jovem André Villas-Boas a brilhar em todas as frentes e a “vulgarizar” o Benfica nas competições onde se cruzaram. No balanço final da época, Supertaça, Taça de Portugal e Campeonato para o Museu do FC Porto. Como se não fosse peso suficientemente esmagador em cima de uma equipe que havia encantado na temporada anterior, o Benfica ainda veria o eterno rival conquistar a Liga Europa numa final contra o Sporting de Braga. Pior: esse finalista vencido só atingiu essa final porque eliminara o Benfica na semifinal dessa mesma competição europeia. No meio de tantas derrotas dramáticas, ainda assim Jorge Jesus conseguiu salvar – não a temporada – conquistando a Taça da Liga para o Museu Cosme Damião, naquele que seria o terceiro título pelo Benfica, o quarto oficial da carreira.

A questão que permanece, olhando para estes fatos, é pertinente e de resposta complexa: como foi possível uma equipe tão forte como o Benfica de 2009/10, orientada pelo mesmo competente treinador, sofrer tão pesadas derrotas em 2010/11 perante o rival FC Porto? Não há apenas uma explicação, mas várias, e todas válidas para percebermos o que se passou. Em primeiro lugar, e acima de qualquer outra razão, é importante olhar para o extraordinário time do FC Porto nessa temporada. De uma

ponta à outra do campo, o talento povoava cada metro quadrado do campo, a equipe somava estrelas em todas as posições do terreno e ainda dava para guardar mais algumas no banco. Era um conjunto de colocar qualquer adversário imediatamente em alerta ao perceber que estava perante um conjunto de jogadores absolutamente competentes. A qualidade do grupo era enorme e foi cair nas melhores mãos possíveis, as de um talentoso e ambicioso jovem treinador que hoje orienta o Marselha, em França, e que viria a treinar clubes como Chelsea e Tottenham na Inglaterra, ou Zenit na Rússia, nos anos após a sua saída do Dragão.

Naturalmente as explicações das derrotas nunca estão apenas nos méritos de quem ganha, mas também nos deméritos de quem perde. E nesse capítulo o Benfica de Jorge Jesus deu alguns tiros no pé ao longo da temporada. Já abordamos antes a questão do goleiro e de ambos os alas, mas há mais. David Luiz, jovem central brasileiro que havia brilhado muito na temporada anterior, apresentou-se um pouco aquém do esperado, talvez por ter visto tantas supostas propostas pelo seu passe serem recusadas pelo Benfica no verão. Na frente, Aimar nunca esteve 100% do ponto de vista físico e Saviola passou por algo que já havia passado no Barcelona, no Real Madrid, no Mônaco e no Sevilla: grandes épocas de estreia sem correspondência ou continuidade plena nas épocas seguintes. Além destes casos, Salvio viria a lesionar-se com gravidade no jogo das quartas-de-final da Liga Europa em Eindhoven, frente aos holandeses do PSV, e não mais poderia oferecer sua colaboração à equipe até final da temporada. Acabou por ser uma temporada sob o signo da Lei de Murphy: tudo o que poderia correr mal à equipe de Jesus, correu mesmo, e nem a qualidade e regularidade patenteadas por internacionais experientes como Luisão, Maxi Pereira, Javi Garcia ou Oscar Cardozo permitiria mitigar os estragos de um ano para esquecer. Ainda assim, o Mister Jesus recebeu uma prova de confiança da direção do Benfica e, apesar dos objetivos falhados, continuaria na temporada seguinte para poder dar seguimento ao seu projeto a longo prazo.

As duas temporadas seguintes de Jorge Jesus no Benfica são e serão sempre alvo de inúmeras dissertações, inusitadas teorias e variadas análises. Todo mundo se lembra onde estava no dia dos jogos que marcam esta narrativa, todo mundo tem uma opinião acerca do que se passou e nunca, jamais, alguém vai se esquecer desses dois anos do futebol português. Quem acompanhou de perto esse período não o esquece, quer seja torcedor de quem ganhou, de quem perdeu, ou de nenhum deles! Aquilo que se passou não poderia ser escrito em uma simples obra de ficção, não poderia ser inventado, não poderia de maneira nenhuma ter saído de uma mente qualquer, por mais fértil que fosse a imaginação de quem tentasse desenvolver semelhante argumento. Foi uma das mais surreais sucessões de acontecimentos de que há memória na história do futebol mundial, digna de ser transposta para o telão do cinema com contornos do mais refinado suspense para os espectadores, épicos marcos de glória para os vencedores e sinuosos caminhos de eterna tortura para os derrotados.

De forma inesperada, o FC Porto perdeu o seu treinador de sonho a poucos dias do arranque da temporada quando os londrinos do Chelsea “bateram” os 15 milhões de euros da cláusula de rescisão de André Villas-Boas. Sem plano B e sem tempo para reagir, o FC Porto promoveu o assistente Vítor Pereira ao cargo de treinador principal com a missão de travar a tentativa de reconquista por parte do Benfica de Jorge Jesus. A tarefa era árdua, até porque as saídas de jogadores centrais, como Radamel Falcao ou Freddy Guarin pareciam difíceis de cobrir. Entretanto, o Benfica reforçava-se da melhor forma possível para tentar recuperar o título de Campeão Nacional, contratando “craques”, como Garay ao Real Madrid, Nolito ao Barcelona ou Axel Witsel ao Standard Liège. E trocando de goleiro, claro, contratando também o brasileiro Artur Moraes ao finalista vencido da Liga Europa no ano anterior, o Sporting de Braga. A aposta do Benfica era clara e o momento periclitante do FC Porto era impossível de disfarçar, razão pela qual o Benfica partiu para a temporada 2011/12 como

principal favorito, apesar de o campeão em título ser precisamente o seu rival direto. Na mente de Jesus, naturalmente, só havia um objetivo: ganhar todas os jogos em que o Benfica estivesse envolvido. A temporada começou com o Benfica garantindo a classificação para a Champions League, em Istambul frente ao Trabzonspor. Bom presságio para um clube que não atravessava uma fase de presenças constantes na principal prova da UEFA e que, assim, assegurava a segunda presença consecutiva sob o comando técnico de Jesus. Seria a melhor campanha de Jesus na Champions League, passando a fase de grupos e as oitavas-de-final, caindo apenas nas quartas-de-final frente a um poderosíssimo Chelsea que viria mesmo a conquistar a competição. Isso mesmo, o Chelsea, aquele que resgatou Villas-Boas ao FC Porto. Isso significa que Jesus voltou a cair aos pés do jovem técnico português, desta vez na Europa? Não. Villas-Boas foi demitido ainda na fase de grupos da prova e quando o Chelsea enfrentou o Benfica já era Di Matteo que assumia os destinos da equipe, o mesmo Di Matteo que, contra todas as previsões e expectativas, levaria o clube londrino à conquista de prova. Na Liga Portuguesa, muita expectativa para perceber se o Benfica conseguiria dar resposta ao feito do FC Porto no anterior, recuperando o tão desejado título. Na Taça de Portugal e na Taça da Liga, o mesmo objetivo de sempre: vencer. O Benfica arrancou bem, ganhou uma vantagem significativa de 5 pontos que manteve até perto do final, mas em duas semanas deixou-a escapar, no fim de um atípico jogo na Rússia que deixou a equipe arrasada. O Benfica perdeu esses 5 pontos frente a rivais mais modestos na Liga e perderia depois no confronto direto com o FC Porto, deixando fugir o título numa temporada em que foi de longe a equipe que melhor futebol jogou, e também a mais forte ao longo de quase toda a temporada. Na Taça de Portugal, o Benfica caiu cedo e na Taça da Liga voltou a conquistar um título que serviria apenas como pequena consolação para as ambições de Jesus.

A qualidade do trabalho desenvolvido era de tal ordem que o Benfica nem sequer pensou em demitir o Mister, mesmo após dois anos

consecutivos sem alcançar o principal objetivo da conquista do Campeonato. Havia crença absoluta no trabalho desenvolvido e era com essa convicção que iriam partir para uma nova temporada com pouquíssimas mudanças no time, a não ser reforços cirúrgicos em posições mais carentes. Foi um ano disputado ombro a ombro, quase até o fim, com o Benfica a ser novamente a equipe lusa que mais e melhor futebol jogava, fosse na Europa, fosse em Portugal. Novamente com uma vantagem significativa e ainda mais perto do final da época, ninguém imaginava uma nova derrota e o próprio treinador do FC Porto, Vítor Pereira, chegou a admitir na reta final que podiam “*entregar já as faixas de campeão ao Benfica*”. A realidade, contudo, seria bem diferente e o Benfica acabaria por “desperdiçar” uma vantagem de 4 pontos a três rodadas do fim, primeiro com um inesperado empate em casa contra o Estoril Praia e depois com uma derrota no terreno do FC Porto, aos 92 minutos e com contornos dramáticos que abordaremos com mais detalhes no próximo capítulo. Três anos seguidos sem ganhar o campeonato nacional e nessa época com a agravante de perder as finais da Liga Europa e da Taça de Portugal na semana seguinte a perder a Liga Portuguesa. Em condições normais, qualquer treinador teria sido dispensado, mas Jorge Jesus não é um treinador normal e, mais uma vez, a qualidade extraordinária do seu trabalho valeu-lhe a continuidade na Luz, para inverter o rumo dos acontecimentos. Luís Filipe Vieira voltou a confiar no seu técnico e voltou a renovar-lhe o contrato por mais duas temporadas.

O ano seguinte começaria com margem de erro igual a zero. Os torcedores não tolerariam o mínimo deslize e Jorge Jesus sabia disso melhor do que ninguém. O FC Porto continuava a apostar forte e contratou Paulo Fonseca, um dos mais promissores treinadores portugueses da sua geração. As coisas até começaram mal para o Benfica, que em novembro já estava com 5 pontos de atraso para o líder FC Porto, mas rapidamente os cenários se inverteram e o Benfica “disparou” para uma temporada esmagadora. Campeão Nacional em abril com relativa facilidade e

significativa vantagem para os rivais – 7 pontos para o Sporting e 13 para o FC Porto –, a Liga Portuguesa acabou por ser um verdadeiro e tranquilo passeio para Jorge Jesus. Como se não bastasse, ganhou ainda a Taça de Portugal e a Taça da Liga, chegando ainda a mais uma final europeia. Foi uma das maiores demonstrações de competência por parte de um treinador português em toda a história do futebol lusitano, a prova cabal de que o trabalho desenvolvido tinha enorme qualidade e de que os desajustes dos dois anos anteriores tinham se relacionado com a qualidade do adversário, como é evidente, mas também com detalhes impossíveis de prever num jogo tão complexo na sua simplicidade, como é o futebol. A época seguinte acabaria por ser mais do mesmo, com o Benfica entrando logo com a conquista da Supertaça e a sagrar-se novamente campeão nacional de forma muito tranquila e liderando a competição do princípio ao fim. Juntou ainda mais uma Taça da Liga ao currículo e selou, assim, um brilhante ciclo de duas temporadas com seis títulos conquistados. Definitivamente, Jesus tocava no “céu” depois de ter descido ao “inferno”.

NÚMEROS QUE O COLOCAM PARA SEMPRE NA HISTÓRIA

Tudo somado, Jorge Jesus conquistou dez títulos oficiais jogando pelo Benfica ao longo de seis temporadas e esteve apenas um ano em branco no que se relaciona a conquistas. No caminho, disputou duas finais da Liga Europa, alcançou uma presença nas quartas-de-final da Champions League, protagonizou mais duas presenças na luta pelo campeonato até à última rodada e disputou outras duas finais domésticas embora sem sucesso – uma na Taça de Portugal e outra na Supertaça Cândido de Oliveira. Foi uma fase dourada para o clube e para o treinador, que viveram tempos memoráveis naqueles seis anos em comum. Ao todo, Jorge Jesus disputou 321 jogos pelo Benfica e as suas equipas marcaram um total de 674 gols, ou seja, uma média superior a dois gols por jogo e bem demonstrativa da tendência ofensiva do seu futebol ao longo desses seis anos. É, até hoje, o treinador da história do Benfica com mais títulos oficiais conquistados treinando o clube.

TREINADORES COM MAIS TÍTULOS CONQUISTADOS NO BENFICA

1º – Jorge Jesus | 10 títulos em 6 anos | 3 Ligas | 1 Taça de Portugal | 5 Taças da Liga | 1 Supertaça

2º – Otto Glória | 8 títulos em 8 anos | 4 Ligas | 4 Taças de Portugal

3º – Janos Biri | 6 títulos em 8 anos | 3 Ligas | 3 Taças de Portugal

4º – Rui Vitória | 6 títulos em 3 anos | 2 Ligas | 1 Taça de Portugal | 1 Taça da Liga | 2 Supertaças

5º – Eriksson | 5 títulos em 5 anos | 3 Ligas | 1 Taça de Portugal | 1 Supertaça

6º – Mortimore | 5 títulos em 5 anos | 2 Ligas | 2 Taças de Portugal e 1 Supertaça

O Benfica de Jorge Jesus nunca terminou uma única temporada com registos abaixo dos 100 gols marcados e só numa ocasião ficou abaixo dos 50 jogos disputados, ficando, ainda assim, com 49 na sua última temporada na Luz. Estes números logo nos levam para equipes particularmente competitivas na sua passagem pelo clube, com várias

temporadas consecutivas de campanhas sempre na luta até o final em praticamente todas as competições que o clube disputou. É, até hoje, o treinador da história do Benfica com mais vitórias alcançadas e com mais jogos oficiais disputados jogando pelo clube.

TREINADORES COM MAIS VITÓRIAS PELO BENFICA

- 1º – Jorge Jesus | 225 vitórias em 321 jogos | 6 temporadas
- 2º – Janos Biri | 194 vitórias em 272 jogos | 8 temporadas
- 3º – Sven-Goran Eriksson | 159 vitórias em 233 jogos | 5 temporadas
- 4º – Otto Glória | 140 vitórias em 240 jogos | 8 temporadas
- 5º – John Mortimore | 139 vitórias em 203 jogos | 5 temporadas
- 6º – Toni | 127 vitórias em 215 jogos | 6 temporadas
- 7º – Rui Vitória | 123 vitórias em 180 jogos | 4 temporadas

Os registos de Jorge Jesus nesse período não ficaram apenas por esses recordes alcançados, apresentam outros números dignos de realce. É, a título de exemplo, o treinador com mais jogos pelo Benfica na Liga Portuguesa – 184 – à frente dos incríveis Otto Glória, com 179, e Sven-Goran Eriksson, com 166. Mais surpreendente ainda foi seu histórico de mais de 5 temporadas sempre marcando no Estádio da Luz em jogos para a Liga – 89 jogos consecutivos – falhando apenas no jogo 90, um 0-0 frente ao FCP em abril de 2015, já quase no final da sua sexta temporada no clube. Ao todo, foram 92 jogos em casa para a Liga Portuguesa e apenas um jogo em branco, curiosamente, um jogo em que o empate até servia os

interesses de Jorge Jesus perfeitamente. Também merecedores de amplo destaque são os seus registos de cinco temporadas seguidas sempre a chegar às quartas-de-final das provas da UEFA – falhando apenas no seu último ano –, bem como o recorde absoluto de 34 jogos consecutivos sem perder numa prova a eliminar, no caso, a Taça da Liga em Portugal. Disputou 11 finais jogando pelo Benfica, mais do que qualquer outro treinador a serviço de uma equipe portuguesa, e deixou um novo legado no clube que lhe abriu as portas em 2009: de lá para cá, nunca mais o Benfica avançou para a contratação de treinadores estrangeiros, como tinha sido a situação ao longo da maior parte da sua longa história.

O INESPERADO DESENLACE QUE ABALOU UMA NAÇÃO

Terminadas essas seis temporadas de vínculo quase umbilical, o Benfica entendeu que estava prestes a fechar esse ciclo e iniciar um outro, com um novo treinador que trouxesse ideias novas ao comando técnico da equipe. Estava no seu direito e os seus dirigentes tinham legitimidade para assim decidir, embora sempre tivessem pensado que Jesus partiria ao estrangeiro quando saísse do Benfica. O Mister, contudo, ainda não estava preparado para dar esse passo, até porque o seu pai, Virgolino de Jesus, ainda era vivo, e Jorge Jesus sempre disse que não queria “emigrar” enquanto o seu pai ainda estivesse aqui. Surgiu o convite do rival Sporting, um clube em crise prolongada e sem os pergaminhos do Benfica, e Jorge Jesus decidiu aceitar o desafio de devolver a grandeza ao clube onde o seu pai – e ele próprio – jogara. Jesus tinha várias propostas do estrangeiro mas, contra todas as expectativas, inclusive do Benfica, decidiu continuar em Portugal. O Benfica tinha menosprezado a sua vontade de ficar e a notícia apanhou o país de surpresa, abalando as fundações do futebol português até pela intensa rivalidade que se reativou entre os dois “grandes” de Lisboa. Afinal de contas, o período de Jesus no Benfica tinha sido absolutamente dilacerante para o Sporting no que diz respeito aos confrontos diretos entre ambos os clubes e Jorge Jesus parecia decidido a reverter esse cenário.

Os meses que se seguiram foram empolgantes e demolidores por parte de Jorge Jesus, como veremos com mais detalhes no capítulo seguinte, mas a verdade é que, no final da temporada, o Benfica voltaria a sorrir, mesmo sem Jorge Jesus no seu comando. Seria isto sinônimo de um mau

trabalho do Mister agora no rival? Nada disso. Muito pelo contrário. Só para termos uma pequena noção da grandeza do feito alcançado por Jorge Jesus nesse ano, basta constatar que o recorde absoluto de pontos somados numa só edição da Liga Portuguesa era de 86, precisamente por José Mourinho nos seus tempos demolidores no FC Porto. E que pontuação fez Jorge Jesus na sua estreia pelo Sporting? Precisamente esses mesmos 86 pontos, mas com um “pequeno” problema a atrapalhar: é que o Benfica somou 88 pontos, pulverizou o recorde anterior e sagrou-se novamente campeão nacional, numa liga disputada acirradamente e com contornos de suspense raras vezes vistos em Portugal. O melhor é mesmo ler o capítulo dedicado aos clássicos da carreira do Mister para perceber melhor a dimensão daquilo que estamos lembrando. Ainda assim, nessa época o Sporting ainda ganhou a Supertaça Cândido Oliveira, o 12º título da carreira de Jorge Jesus em mais uma final disputada. De resto, no comando do Sporting ainda disputaria mais duas finais antes de abandonar o clube – uma na Taça da Liga e outra na Taça de Portugal – para rumar à Arábia Saudita, onde disputaria mais uma final logo de imediato. Mas não seria a última do seu currículo, essa foi já no comando do Flamengo, numa decisão da Libertadores que elevou para 17 o número de finais disputadas pelo Mister.

TODAS AS 17 FINAIS DO MISTER JORGE JESUS

D – Belenenses-Sporting | 0 x 1 | Taça de Portugal | 2006/07

V – FC Porto-Benfica | 0 x 3 | Taça da Liga | 2009/10

D – FC Porto-Benfica | 2 x 0 | Supertaça Cândido de Oliveira | 2010

V – Paços de Ferreira-Benfica | 1 x 2 | Taça da Liga | 2010/11

V – Benfica-Gil Vicente | 2 x 1 | Taça da Liga | 2011/12

D – Benfica-Chelsea | 1 x 2 | Liga Europa | 2012/13

D – Vitória de Guimarães-Benfica | 2 x 1 | Taça de Portugal |
2012/13

V – Rio Ave-Benfica | 0 x 2 | Taça da Liga | 2013/14

E – Sevilha-Benfica | 0 x 0 (4 x 2 nos pênaltis) | Liga Europa |
2013/14

V – Benfica-Rio Ave | 1 x 0 | Taça de Portugal | 2013/14

E – Benfica-Rio Ave | 0 x 0 (3 x 2 nos pênaltis) | Supertaça Cândido
de Oliveira | 2014

V – Marítimo-Benfica | 1 x 2 | Taça da Liga | 2014/15

V – Benfica-Sporting | 0 x 1 | Supertaça Cândido de Oliveira | 2015

E – Vitória de Setúbal-Sporting | 1 x 1 (4 x 5 nos pênaltis) | Taça da
Liga | 2017/18

D – Desportivo das Aves-Sporting | 2 x 1 | Taça de Portugal |
2017/18

V – Al Hilal-Al Ittihad | 2 x 1 | Supertaça da Arábia Saudita | 2018

V – Flamengo-River Plate | 2 x 1 | Copa Libertadores da América |

2019

No comando do Sporting, Jorge Jesus ainda ficou três temporadas, conquistou dois troféus e rescindiu o seu contrato na condição de treinador na ativa com mais jogos na Liga Portuguesa, título que ainda hoje mantém, apesar de estar afastado do futebol lusitano há quase duas temporadas. No esporte, além dessas conquistas oficiais, as maiores notas de registro são mesmo os clássicos e jogos europeus que disputou, colocando o Sporting a jogar em igualdade com qualquer adversário, independentemente da sua dimensão nacional ou internacional. Infelizmente, e por motivos aos quais o Mister foi totalmente alheio, a passagem pelo clube acabou por ficar mais marcada por trágicos acontecimentos fora do campo.

TREINADORES COM MAIS JOGOS NA LIGA PORTUGUESA

1º – Fernando Vaz | 626 jogos | Falecido em 1986

2º – Manuel Oliveira | 617 jogos | Falecido em 2017

3º – José Maria Pedroto | 573 jogos | Falecido em 1985

4º – Manuel José | 560 jogos | Aposentado em 2013

5º – Jorge Jesus | 554 jogos | Ainda na ativa

UMA MONTANHA-RUSSA DE EMOÇÕES DURANTE TRÊS ANOS

Jorge Jesus chegou ao Sporting e mexeu com tudo. Literalmente tudo. Em termos esportivos, na dinâmica dos torcedores, na comunicação, na estrutura profissional do clube, na forma de trabalhar em inúmeros setores e até na presença do Sporting na comunicação social. Afinal de contas, era o treinador com mais títulos da história do futebol em Portugal, um símbolo do rival, o bicampeão em título, o treinador mais “caro” da história do futebol português, um homem experiente e com anos a fio sempre a lutar pelos mais altos objetivos em Portugal e na Europa. Mesmo numa estrutura marcada pelo amadorismo e que nada tinha a ver com o seu clube anterior – algo que o próprio chegou a admitir publicamente –, Jesus conseguiu incutir uma dinâmica de vitórias raramente vista em Alvalade. Chegou para ganhar? Não. Mas chegou para assustar Benfica e FC Porto, habituados a olhar para o Sporting como um mero figurante na Liga Portuguesa, como há muito acontecia.

Emocionou-se na sua própria apresentação, ao ver nos telões gigantes do Estádio de Alvalade imagens antigas do seu pai enquanto jogador do clube. Conteve as lágrimas a muito custo, respirou fundo e disparou ao microfone perante uma multidão de milhares em delírio: “*A partir de agora Portugal vai passar a ter sempre três candidatos a ganhar tudo!*”, embora sem prometer conquistas. Sabia que não podia fazer isso, não no clube para onde ia e no contexto que encontrou. Mas aquilo que prometeu, intrometer-se na luta com Benfica e FC Porto, cumpriu na íntegra. Conquistou uma Supertaça logo no seu primeiro jogo pelo Sporting e lutou pelo título de campeão nacional até à última rodada dessa primeira

temporada. No ano seguinte, as coisas não correram tão bem, ficou em 3º lugar, tal como no terceiro ano, onde ainda assim voltou a conquistar um título oficial, a Taça da Liga. São três épocas que analisamos mais em detalhe nos capítulos destinados aos clássicos e às campanhas europeias do Mister. No seu último ano no Sporting – e até ver, no futebol português –, chegou ainda à final da Taça de Portugal, que perderia frente ao modesto Desportivo das Aves num contexto muito adverso. A equipe não treinou toda a semana, os jogadores andaram sempre afastados uns dos outros e com escolta policial, Jesus não teve sequer oportunidade de preparar o jogo. Mais tarde, admitiria: *“Não devíamos ter jogado aquela final da Taça, os jogadores não estavam em condições. Senti que os torcedores e os jogadores do Sporting não mereciam aquilo, se fosse hoje tenho a certeza de que não teríamos jogado. Só depois da final é que me senti verdadeiramente impotente, para mim foi um dia, do ponto de vista emocional, mais complicado do que o dia da invasão à Academia”*, recordou em julho, numa entrevista concedida já na Arábia Saudita e na primeira vez em que falou sobre o sucedido.

A história não merece muita atenção aos detalhes, mas é inevitável recordar pelo menos aquilo que mais diz respeito a Jorge Jesus. O Sporting tinha um presidente visivelmente desequilibrado do ponto de vista emocional, capaz de reproduzir as maiores barbaridades na comunicação dia após dia. Desde severos ataques aos rivais a discursos de ódio contra a comunicação social. De perseguições a torcedores do seu próprio clube que não concordavam com a sua maneira de pensar e agir, a verdadeiras “caças” a ex-dirigentes e ex-presidentes do Sporting. De críticas públicas a todos os mediadores do fenómeno do futebol, a extensos textos nas redes sociais criticando os seus próprios jogadores e colocando os torcedores contra o time profissional do clube. Era esta a realidade do clube que Jorge Jesus encontrou e podemos dizer que nunca gozou de tranquilidade e estabilidade para desenvolver um trabalho sólido e sustentado. Aliás, com as condições que lhes deram, tanto Jorge Jesus como o seu antecessor,

Marco Silva, fizeram verdadeiros milagres durante o tempo que passaram no Sporting.

O expoente máximo desse comportamento errático e pernicioso ocorreu perto do final da temporada, quando o presidente entrou em choque com os seus próprios jogadores após o jogo com o Atlético Madrid, num episódio desenvolvido mais em detalhe nas páginas dedicadas a esse jogo da Liga Europa. O ambiente que se vivia no clube daí em diante tornou-se irrespirável. O Sporting não conseguiria chegar à Champions League na última rodada, num jogo na Madeira, e logo no aeroporto alguns torcedores mais radicais se envolveram em intensas discussões com os jogadores. Já em Lisboa, e numa zona restrita das garagens do estádio do clube, a qual supostamente os torcedores não teriam acesso, novos confrontos verbais e algumas ameaças. Ao mesmo tempo, Jesus era demitido no gabinete do Presidente perante toda a sua equipe técnica, recebendo a informação de viva-voz de que o ciclo se encerrara e de que já não se sentaria no banco na final da Taça de Portugal. A notícia correu depressa e a imprensa correu para o estádio para tentar obter declarações do Presidente que, instantes depois de ter despedido Jesus, afirmou que afinal era tudo mentira e que no dia seguinte haveria treino na Academia do Sporting, orientado por Jesus, dentro da mais pacata normalidade. Perante isto, e sem receber a notificação formal a respeito da retratação por escrito, nada mais restou ao Mister a não ser apresentar-se ao trabalho no dia seguinte, como se nada tivesse acontecido.

Esse treino, porém, nunca viria a acontecer. Aliás, Jorge Jesus nunca mais voltaria a coordenar um treino na Academia do Sporting. Quando se encontrava sozinho no campo do centro de treinos do clube, preparando os exercícios para os jogadores que se arrumavam no vestiário, as instalações foram invadidas por mais de cinquenta torcedores radicais de rosto coberto. Dirigiram-se para o vestiário e sequestraram a equipe ali mesmo, seguindo-se momentos de verdadeiro horror e mais tarde relatados pelos jogadores às autoridades. Houve agressões a soco e a pontapé, com cintos

e com bastões, lançamento de bombas e tochas, aconteceu de tudo ali dentro. Os jogadores foram alvo de ameaças com arma branca, insultos, ameaças às suas próprias famílias durante minutos que pareceram horas. Mister Jesus, que do campo de treino viu os invasores dirigirem-se ao vestiário, correu atrás deles na tentativa de os impedir. Agarrou, gritou, empurrou, insultou e tentou passar em meio aos agressores de forma corajosa e com instinto protetor para com os seus jogadores. As imagens das câmeras de segurança mostram bem o seu desespero, mas de nada adiantou e acabou também ele, aos 63 anos, covardemente agredido a socos e derrubado no chão sem respeito nem misericórdia. Eram muitos, eram jovens, eram delinquentes e estavam decididos a fazer o que bem entendessem. Foi o momento mais negro da história do clube, um dos mais negros da história do futebol português, e certamente o mais difícil da carreira do Mister Jesus.

Os dias que se seguiram foram absolutamente dramáticos e ninguém sabia o que poderia acontecer. Dezenas de agressores foram detidos e acusados de terrorismo, num processo que ainda decorre nos tribunais portugueses e numa história cujos “mandantes”, ou seja, os “autores morais” do ataque, ainda precisam ser apontados. Mas isso é matéria para a justiça e não para as páginas deste livro. No que diz respeito ao futebol, e numa tentativa de provar que um ato de violência pura e gratuita não podia impedir a festa do jogo, ocorreram pressões políticas e por parte das entidades que tutelam o futebol em Portugal para que a Final da Taça de Portugal se realizasse a qualquer custo, mesmo sem levar em conta o trauma pelo qual estavam passando os jogadores e os treinadores do Sporting. A data da final chegou sem que Jorge Jesus tivesse conseguido treinar convenientemente os seus jogadores, ou de preparar a partida frente a um adversário que mostrou-se valoroso e cheio de méritos próprios. O desfecho da derrota seria inevitável, num dia em que as imagens mais marcantes seriam mesmo as dos jogadores leoninos a chorar, inconsoláveis, alguns deles ainda com ligaduras a ocultar ferimentos

sofridos no ataque que havia ocorrido apenas cinco dias antes. Chegava ao fim, da pior forma, a ligação de Jesus ao Sporting, num episódio cujos detalhes não merecem mais atenção do que estas sucintas linhas de breve contextualização. O Mister não merecia tamanha traição. O clube não merecia tamanha desfaçatez. O futebol não merecia tamanha vergonha.

MUITOS JOVENS LANÇADOS POR JESUS EM NOVE ANOS

Não podíamos de maneira nenhuma encerrar este capítulo num registo tão negativo e sombrio como o dos acontecimentos que acabamos de narrar. Os nove anos de Jorge Jesus a serviço de dois dos maiores clubes portugueses podem e devem ser lembrados por razões amplamente positivas, e uma delas é a sua tremenda capacidade de valorizar talentos nos clubes por onde passa. De uma forma absolutamente falaciosa e numa época em que a “guerra da comunicação” entre Benfica e Sporting se encontrava péssima em relação à troca de clubes por parte do Mister, cultivou-se uma ideia errada de que Jorge Jesus não “acredita” em jogadores jovens, e por isso não os escalava no jogo. Mas tal como provaram recentemente as apostas sem qualquer receio em jogadores como Thuler (20 anos), Lincoln (18 anos) e Reinier (17 anos), todos havia escassos meses no Flamengo, essa insinuação sem qualquer nexo não corresponde em nada à verdade.

Nos seus seis anos no Benfica, por exemplo, Jorge Jesus fez apostas tremendas em David Luiz (22 anos), Di Maria (21 Anos) e Fábio Coentrão (21 Anos), jogadores que nunca tinham rendido de forma interessante no clube antes da sua chegada. Mas de uma forma ainda mais radical e transformadora, lançou também nomes como Javi Garcia (22 anos), Salvio (20 anos), Rodrigo (20 Anos), Jan Oblak (20 Anos), André Almeida (20 anos), Lazar Markovic (19 anos), André Gomes (19 Anos) e Gonçalo Guedes (18 Anos). Nos três anos que passou no Sporting, repetiu a mesma fórmula e a escolha viria a recair em jogadores como Rúben Semedo (21 anos), Gelson Martins (20 anos), Daniel Podence (20 anos), Matheus

Pereira (19 anos) e Rafael Leão (18 anos), alguns dos nomes que ficaram marcados como apostas pessoais de Jesus em jovens da formação do clube.

UMA FÁBRICA DE MILHÕES NAS MÃOS DO MISTER

Mais do que a mera aposta em jovens, o que mais surpreende em Jorge Jesus é a sua capacidade de capitalizar o talento de jogadores que não rendiam tanto quanto deviam e passaram a render muito mais ao trabalhar com o Mister. Essa potenciação de talento é algo que os clubes muito valorizam, porque é no binômio entre a vertente desportiva e a vertente financeira que reside o segredo do sucesso. Potenciar o talento em termos desportivos, obter resultados e mais tarde conseguir retorno financeiro, de forma a resgatar novo talento para potenciar e fazer crescer, investir no crescimento do clube, conquistar títulos e voltar a negociar jogadores. E assim sucessivamente, num ciclo que busca ser sempre o mais eficaz e afinado possível, algo que só é possível trabalhando com um treinador que saiba perceber e interpretar esta dinâmica de projeto esportivo aplicado à gestão do clube.

MAIORES VENDAS DO BENFICA ANTES DE JORGE JESUS

- Simão Sabrosa | 2007 | Atlético de Madrid | 20 milhões de euros (15 milhões + 5 em objetivos)
- Manuel Fernandes | 2007 | Valência | 18 milhões de euros

MAIORES VENDAS DO BENFICA DE JOGADORES DE JESUS

- Axel Witsel | 2012 | Zenit São Petersburgo | 40 milhões de euros
- Angel Di Maria | 2010 | Real Madrid | 36 milhões de euros (30 milhões + 6 em objetivos)
- David Luiz | 2011 | Chelsea | 30 milhões de euros (inclui 5 milhões do passe de Matic)
- Fábio Coentrão | 2011 | Real Madrid | 30 milhões de euros
- Rodrigo Moreno | 2014 | Valência | 30 milhões de euros
- Gonçalo Guedes | 2016 | Paris Saint-Germain | 30 milhões de euros
- Enzo Pérez | 2015 | Valência | 25 milhões de euros
- Lazar Markovic | 2014 | Liverpool | 25 milhões de euros
- Anderson Talisca | 2018 | Guangzhou Evergrande | 25 milhões de euros
- Javi Garcia | 2013 | Manchester City | 25 milhões de euros
- Nemanja Matic | 2014 | Chelsea | 25 milhões de euros
- Ramires Santos | 2010 | Chelsea | 22,5 milhões de euros
- Jan Oblak | 2014 | Atlético de Madrid | 16 milhões de euros
- André Gomes | 2014 | Valência | 15 milhões de euros

Uma análise um pouco mais atenta dos Relatórios & Contas da SAD do Sport Lisboa e Benfica nos permite tirar algumas conclusões bem interessantes logo de cara. Por exemplo, podemos observar que quatro das

maiores vendas da história do clube foram negócios de jogadores brasileiros potenciados por Jorge Jesus. E seis das maiores vendas da história do clube foram, ao mesmo tempo, negócios de jogadores sul-americanos também potenciados por Jorge Jesus. Por fim, impossível deixar de constatar e analisar que as 12 maiores vendas da história do Benfica, até a saída do Mister do clube, foram sempre negócios de jogadores potenciados por Jorge Jesus.

MAIORES VENDAS DO SPORTING ANTES DE JORGE JESUS

- Luís 'Nani' | 2007 | Manchester United | 25 milhões de euros
- Cristiano Ronaldo | 2003 | Manchester United | 19 milhões de euros

MAIORES VENDAS DO SPORTING DE JOGADORES DE JESUS

- João Mário | 2016 | Inter de Milão | 40 milhões de euros
- Islam Slimani | 2016 | Leicester | 30,5 milhões de euros
- Gelson Martins | 2019 | Atlético Madrid | 25 milhões de euros (inclui 7,5 milhões do passe de Vietto)
- Adrien Silva | 2017 | Leicester | 24,5 milhões de euros
- William Carvalho | 2018 | Bétis de Sevilha | 20 milhões de euros
- Rui Patrício | 2018 | Wolverhampton | 18 milhões de euros
- Rúben Semedo | 2017 | Villarreal | 14 milhões de euros

Também a análise mais atenta dos Relatórios & Contas da SAD do Sporting Clube de Portugal nos permite perceber que foi depois da passagem de Jorge Jesus por Alvalade, que o clube começou a entrar no circuito das grandes vendas, curiosamente sempre de jogadores potenciados pelo Mister. Constatamos, por exemplo, que as duas maiores vendas do Sporting foram de jogadores potenciados por Jorge Jesus. Em nove anos de presença de Jesus no comando técnico dos “grandes” de Lisboa, os dois clubes fizeram 21 das maiores vendas da história do futebol português, ascendendo a um valor total aproximado de 550M€. Resultados sem precedentes e que demonstram sem margem para dúvidas que houve, claramente, um “antes” e um “depois” de Jorge Jesus em ambas as entidades e no futebol português de um modo geral.

CAPÍTULO 8

UMA CARREIRA REPLETA DE CLÁSSICOS



JORGE JESUS, O HOMEM DOS 52 CLÁSSICOS

Os duelos entre as três principais equipes do futebol português são clássicos eternos do futebol mundial, jogos empolgantes e de resultado quase sempre incerto. Jesus esteve por nove anos no comando técnico dos dois “grandes” de Lisboa – 6 temporadas no Benfica e mais 3 no Sporting – e viveu no banco inúmeros clássicos que entraram diretamente para a história dos momentos mais inesquecíveis do futebol em Portugal. Perdeu e ganhou, sorriu e chorou, festejou e até se ajoelhou. Passou por tudo, foi do céu ao inferno e vice-versa. Afinal de contas, mais de cinquenta jogos entre as melhores equipes do país teriam sempre que carregar consigo muitas histórias de drama e alegria, muitos momentos épicos e inesquecíveis, muitas páginas de uma carreira já repleta de instantes para mais tarde recordar. Contas gerais feitas, Jesus sai muito por cima dos rivais nesta análise em particular dos clássicos de Lisboa e dos duelos disputados com o rival mais a norte, o FC Porto. Dos 52 clássicos que disputou, venceu 24, empatou 13 e perdeu 15. Desses 13 empates, dois foram para a decisão de pênaltis e venceria ambos para garantir os acessos a duas finais. Suas equipes marcaram um total de 73 gols e sofreram 53.

São os números destes jogos de tripla – que podem dar empate, vitória ou derrota para qualquer um dos lados – que devem ser analisados em maior detalhe, precisamente por serem mais equilibrados. Porque é nestes confrontos entre equipes com times de valor aproximado, entre treinadores teoricamente mais bem-preparados, entre clubes com orçamentos mais aproximados, entre times com estádios e massas adeptas de maior

dimensão, que se vê normalmente a verdadeira qualidade dos profissionais envolvidos. Mesmas armas, mesmos palcos, mesmos argumentos, mesmos objetivos e que vença o melhor. No fundo, é como uma corrida de Fórmula 1: quando é disputada entre carros com motores muito diferentes, faz lembrar duelos entre as equipes de topo e as que lutam para não cair de divisão. Mas quando a corrida é disputada entre carros equivalentes, com motores semelhantes, na mesma pista e nas mesmas condições, se não houver percalços imprevistos, acaba vencendo, quase sempre, o melhor piloto. Assim podem e devem também ser analisados os grandes clássicos: bola a rolar e que vença o melhor!

MISTER JESUS IMPÔS O MAIOR JEJUM DA HISTÓRIA AO LEÃO

Durante o período de seis anos em que Jorge Jesus esteve no Benfica, o eterno rival Sporting teve 12 treinadores. De todos eles, apenas três foram interinos ou de transição e nove foram indicados pelos responsáveis do clube para assumirem os destinos da equipe em definitivo. Os técnicos Paulo Bento, Leonel Pontes (interino), Carlos Carvalhal, Paulo Sérgio, José Couceiro (interino), Domingos Paciência, Ricardo Sá Pinto, Oceano da Cruz (interino), Franky Vercauteren, Jesualdo Ferreira, Leonardo Jardim e Marco Silva disputaram, todos juntos, um total acumulado de 15 clássicos contra Jorge Jesus e o Sporting apenas ganhou um deles, em 2012, pela margem mínima e com Ricardo Sá Pinto no comando técnico. De fato, pelo Sporting só mesmo o atual treinador do Sporting de Braga conseguiu bater Jesus no Benfica, naquele que seria o período mais desequilibrado entre ambos os clubes que mantêm uma rivalidade com mais de 100 anos de história. Foram 10 vitórias para Jesus, apenas uma para todos os outros juntos e quatro empates nesse período. E enganam-se aqueles que pensam que esta diferença se relaciona, por exemplo, à falta de qualidade dos treinadores em questão. Muito pelo contrário! Dos 12 técnicos, apenas um era estrangeiro – o belga Franky Vercauteren – e esteve pouco tempo em Portugal, então podemos excluir desta equação por uma questão de justiça. Pela mesma honestidade intelectual que nos impomos e que norteia esta obra, deixemos também de fora os treinadores de transição que quase não conduziram os destinos da equipe – Leonel Pontes, José Couceiro e Oceano da Cruz. Restam oito nomes e quase todos

eles com carreiras importantes e argumentos fortes no capítulo do treino a nível nacional e internacional.

PAULO BENTO, A PRIMEIRA VÍTIMA DO TRABALHO DO MISTER

Paulo Bento foi o primeiro a “cair” durante a passagem de Jorge Jesus no Benfica e foi claro em entrevista concedida uns meses após a sua saída do Sporting: *“O bom momento que o Benfica estava atravessando acabou por também ajudar ao nosso insucesso. A arrancada forte e os resultados que vinham somando contribuíram também para a nossa saída”*, referiu o treinador que estava há quatro anos no comando do clube e que, daí em diante, treinou a Seleção de Portugal e o Olympiacos, entre outros. Nesse caminho, uma curta passagem sem sucesso pelo futebol brasileiro para orientar o Cruzeiro em 2016. É hoje o treinador da Coreia do Sul. Saiu do Sporting em novembro de 2009 sem disputar qualquer clássico contra Jesus.

TRÊS TENTATIVAS PARA CARLOS CARVALHAL

O treinador que veio em seguida foi Carlos Carvalho, uma aposta irreverente e de risco, mas um técnico jovem e ambicioso com qualidade comprovada. Assumiu a equipe das mãos de Leonel Pontes – que assegurou a transição frente ao Rio Ave – e logo na estreia para a Liga Portuguesa recebeu o Benfica, alcançando um bom empate 0-0 no primeiro clássico da carreira de ambos os treinadores, já que também Jesus fazia a sua estreia em jogos desta natureza. Carvalho só havia tido um jogo da Taça de Portugal para se habituar ao cargo – frente ao Pescadores da Costa de Caparica, equipe amadora do futebol português –, mas acabou por se revelar astuto na estratégia montada. Porém, três meses mais tarde e novamente na casa do Sporting, a história seria bem diferente e Carlos Carvalho sofreria uma pesada derrota por 1-4 nas semifinais da Taça da Liga. Mais dois meses se passaram e novo clássico, desta vez na Luz, e nova vitória do Benfica agora por 2-0. Jesus começava a mostrar ao que vinha no capítulo muito específico dos clássicos lisboetas. Seria o último duelo com Carvalho, hoje treinador do Rio Ave. Após sair do Sporting, treinou Besiktas e Istambul BB em duas temporadas na Turquia, foi coordenador-técnico no Al Ahli do Dubai, treinou o Sheffield Wednesday três temporadas no Championship de Inglaterra e chegou na Premier League por meio do Swansea City.

PAULO SÉRGIO E JOSÉ COUCEIRO, OS SENHORES QUE SE SEGUIRAM

A temporada seguinte ditou novo duelo logo à quinta rodada e foi Paulo Sérgio quem assumiu o comando do Sporting sem, contudo, que nada mudasse: novo treinador no frente a frente com Mister Jesus e o mesmo desfecho, 0-2 para o Benfica. Paulo Sérgio se manteve no comando dos leões até o jogo da segunda rodada, na Luz, mas o resultado repetiu-se uma vez mais com o Benfica ganhando o clássico por 2-0 pela terceira vez consecutiva. Mais um treinador que abandonava o cargo sem conseguir derrotar o Benfica do Mister Jesus, já que o terceiro clássico dessa temporada, nas semifinais da Taça da Liga, já foi orientado por José Couceiro, que assumiu a equipe numa fase de transição. De nada serviu, contudo, ao Sporting, já que o Benfica venceria novamente por 2-1, embora num jogo bem mais disputado. Era a quinta vitória consecutiva de Jorge Jesus no histórico jogo entre os maiores de Lisboa.

DOMINGOS PROMETIA MUITO... MAS TAMBÉM FALHOU

Nova temporada, a terceira de Jorge Jesus na Luz, e nova vitória no primeiro clássico do ano. Domingos Paciência assumiu o comando técnico leonino no início da temporada – logo ele, que havia criado tantos problemas ao Mister enquanto treinador do Sporting de Braga, disputando a Liga palmo a palmo no primeiro ano e afastando-o inclusive de uma final da Liga Europa no segundo ano –, mas foi derrotado na sua única visita à casa do Benfica. Aliás, foi o único clássico de Domingos, que orientou em seguida o Deportivo La Coruña na Espanha, o Kayserispor na Turquia e o Apoel de Nicósia no Chipre. Também conduziu os destinos de Vitória de Setúbal e Belenenses, clubes onde Jorge Jesus também fez carreira como jogador e treinador.

SÁ PINTO ESTANCA TEMPORARIAMENTE A SANGRIA

No meio dessa temporada, chegou a Alvalade o primeiro e único treinador que viria a impor uma derrota ao Benfica de Jorge Jesus em clássicos de Lisboa, nada mais, nada menos, do que Ricardo Sá Pinto, hoje treinador do Sporting de Braga. Num contexto particularmente desfavorável, o Benfica visitou Alvalade na segunda rodada da temporada 2011/12, na ressaca de uma derrota em Londres para a Champions League. Como poderemos ver mais em detalhes nas páginas dedicadas às campanhas europeias de Jesus, os jogadores apresentavam-se particularmente fragilizados em termos físicos, de ânimo abatido pela recente perda da liderança na Liga, e arrasados pelo impacto negativo de uma sofrida eliminação europeia. Ainda assim, o Benfica chegou a Alvalade com uma equipe de primeira linha e sem deixar jogadores de fora, mas uma grande penalidade convertida pelo holandês Ricky Van Wolfswinkel logo aos 18 minutos seria suficiente para travar uma série de seis vitórias consecutivas e sete clássicos sem perder para Jesus. Sá Pinto travava finalmente esse ciclo infernal. Seria de esperar que um treinador que tinha sido jogador-símbolo do Sporting no auge da sua carreira, jogador da seleção de Portugal, treinador das categorias jovens do Sporting, durasse algum tempo no comando técnico do clube. Afinal de contas, além de ter sido o único que venceu um jogo ao Benfica de Jesus em três anos, Sá Pinto foi também o homem que levou o Sporting às semifinais da Liga Europa após eliminar o poderoso Manchester City, e ainda à final da Taça de Portugal, embora perdendo para a Acadêmica de Coimbra. Esses feitos permitiram a ele iniciar a temporada seguinte, mas

alguns deslizes iniciais, que culminaram numa derrota por 3-0 na Hungria frente ao Videoton do também português Paulo Sousa, fizeram com que Sá Pinto já não liderasse a equipe no primeiro clássico da temporada 2012/13, no início de dezembro. De lá para cá, Ricardo Sá Pinto treinou o histórico Estrela Vermelha de Belgrado, o OFI Creta e o Atromitos – ambos da Grécia –, o Standard Liège, da Bélgica, e o Légia de Varsóvia, da Polónia. Ainda orientou o Belenenses e está agora no Sporting de Braga, curiosamente, os dois clubes que alçaram Jorge Jesus aos patamares mais elevados antes de chegar ao Benfica.

LÁ VEM UM BELGA PARA TENTAR ALGO DIFERENTE

Quem lhe sucedeu foi um estrangeiro, o belga Franky Vercauteren. Como jogador ficou famoso no comando do melhor Anderlecht de todos – 1975 a 1987 – e da Bélgica que marcou brilhante presença no Mundial do México em 1986, mas como treinador, o seu currículo era mais modesto. Levava seis jogos no comando técnico dos leões quando recebeu o Benfica no seu primeiro – e único – clássico lisboeta: 1-3 para o Benfica e tudo de volta à normalidade após aquele percalço da vitória de Sá Pinto, que não foi nada além de um verdadeiro oásis em seis anos de Jesus de águia ao peito. De lá para cá, Vercauteren passou quatro anos na Rússia treinando o Krylia Sovetov, teve duas passagens fugazes pela Bélgica e uma pela Arábia Saudita.

O FAMOSO CLÁSSICO DO “LIMPINHO, LIMPINHO!”

No último clássico da temporada, Jesus teria no banco adversário um treinador de altíssimo gabarito, nada mais, nada menos, do que o Professor Jesualdo Ferreira. Estamos falando de um dos melhores treinadores portugueses em muitos anos, recentemente aposentado após uma última experiência de quatro anos no Qatar. Ganhou três Ligas Portuguesas consecutivas, duas Taças de Portugal e uma Supertaça no FC Porto, e só viu o seu reinado de conquistas travado precisamente por Jesus no seu primeiro ano de Benfica. Nesse ano lutou com armas desiguais, pois um Sporting em convulsão recorreu aos seus serviços em desespero de causa, mas sem qualquer solidez de projeto. Conclusão, mais do mesmo, nova vitória do Benfica por 2-0, embora desta vez com mais dificuldade graças à qualidade tática incutida por Jesualdo Ferreira, como o próprio Jorge Jesus admitiu. *“Além de ter excelentes jogadores, hoje o Sporting mostrou que já está bem mais organizado. Houve, inclusive, momentos em que estiveram por cima no jogo, mas os jogadores do Benfica acabaram fazendo a diferença. Um clássico é um clássico, é isto mesmo, um jogo imprevisível e com um ambiente muito especial”*, afirmou o Mister no final do encontro, numa demonstração de *fairplay*, respeito e reconhecimento da qualidade do trabalho realizado pelo treinador adversário. Só mesmo quando a conversa descambou para questões extrafutebol e para o plano da arbitragem, é que o Mister Jesus engrossou a voz, endureceu o discurso e proferiu a expressão “limpinho, limpinho”, que ficou para sempre conhecida no futebol português e ainda hoje faz parte do folclore linguístico nacional. *“O Sporting não se pode queixar da*

arbitragem. O seu treinador tem o direito de ter opinião e de ver o jogo à sua maneira, e eu tenho a minha. O Benfica teve dificuldades no jogo, sim, eu já admiti. O Sporting mostrou que é uma grande equipe, sim. Agora, uma coisa é certa: o Benfica ganhou o jogo limpinho, limpinho“, enfatizou o atual treinador do Flamengo. Jesualdo abandonou o Sporting no final dessa temporada e rumou ao Zamalek do Egito, onde ficou um ano e ganhou dois títulos. Daí, seguiu para o Al-Sadd do Qatar onde ganharia mais quatro títulos em quatro anos antes de se aposentar. Um senhor, um cavalheiro, um treinador extraordinário de dimensão humana e futebolística sem paralelo.

ATÉ LEONARDO JARDIM SOFREU PERANTE JESUS

A temporada seguinte começava com o promissor Leonardo Jardim no comando do Sporting, mas a herança dos clássicos recentes era pesadíssima: dez jogos contra o Benfica com oito derrotas sofridas pelo Sporting e apenas uma vitória. Jesus estava esmagador e não perdoava, por isso era urgente fazer algo de diferente. Jardim nem começou muito mal e arrancou um empate em casa logo na rodada três da Liga, mas logo se percebeu que ainda não seria desta vez que os acontecimentos se inverteriam em relação aos feitos de Jesus. Dois meses depois e novo duelo, desta vez um “mata-mata” para a Taça de Portugal na casa do Benfica e um empolgante 4-3 após prorrogação, para a equipe de Jesus. Mais três meses passados, terceira oportunidade para Jardim tentar acabar com o ciclo infernal e terceira tentativa falha, com a nova derrota por 2-0. Jesus estava absolutamente imparável e chegava ao final da sua quinta temporada de Benfica com dez vitórias, dois empates e apenas uma derrota em confrontos com o outro grande lisboeta, algo nunca visto antes, em mais de um século de intensa rivalidade. Jardim rumaria ao Mónaco no final da temporada e por lá se mantém mais de cinco anos depois.

FINALMENTE, UM ANO DE EQUILÍBRIO NOS CLÁSSICOS

Não se sabia ainda, à partida para a época 2014/15, mas este seria o último ano de Jorge Jesus no Benfica e, como tal, seria a última oportunidade para o Sporting tentar limpar a imagem dos inenarráveis cinco anos e treze clássicos anteriores. A chegada do jovem Marco Silva ao clube, um dos mais promissores, cobiçados e competentes treinadores da sua geração, abria boas perspectivas e de fato a estreia foi muito promissora. Logo na 3ª rodada da Liga, a visita do Sporting ao Estádio da Luz e uma exibição muito personalizada por parte dos leões chegou mesmo a dominar o Benfica. O empate acabou por ser o resultado mais justo para aquilo que ambas as equipas apresentaram. Uma volta concluída e foi a vez de o Benfica visitar Alvalade. Novo duelo muito disputado, mas novo e claro ascendente para o Sporting, que chegou mesmo aos 92 minutos do jogo em vantagem no marcador, fruto de um gol do lateral brasileiro Jefferson, cinco minutos antes. As equipas de Jesus, porém, nunca desistem, e aos 93 minutos, eis que Jardel, central brasileiro do Benfica, empata a partida. Era o último de 15 clássicos para Jesus em seis anos de Benfica e ainda não era desta vez que o Sporting começava a inverter a tendência. Só seria invertida na temporada seguinte, precisamente com a inesperada ida de Jorge Jesus para o Sporting. Mas analisaremos esses clássicos mais adiante. Quanto a Marco Silva, ganharia a final da Taça de Portugal logo nesse ano, numa épica final decidida nos pênaltis frente ao Sporting de Braga de Sérgio Conceição – ex-jogador de Jesus e hoje treinador do FC Porto – e seguiu para o Olympiacos, onde seria campeão grego logo numa primeira época em que quebrou todos os

recordes do clube de Atenas. De lá para cá, fixou-se na Premier League, onde orienta o Everton depois de ter assumido o comando técnico também de Hull City e Watford em anos anteriores.

OS 15 CLÁSSICOS DE JESUS PELO BENFICA CONTRA O SPORTING

E – Sporting–Benfica | 0 X 0 | Rodada 11 da Liga Portuguesa |
2009/10

V – Sporting–Benfica | 1 X 4 | Semifinais da Taça da Liga | 2009/10

V – Benfica–Sporting | 2 X 0 | Rodada 26 da Liga Portuguesa |
2009/10

V – Benfica–Sporting | 2 X 0 | Rodada 5 da Liga Portuguesa |
2010/11

V – Sporting–Benfica | 0 X 2 | Rodada 20 da Liga Portuguesa |
2010/11

V – Benfica–Sporting | 2 X 1 | Semifinais da Taça da Liga | 2010/11

V – Benfica–Sporting | 1 X 0 | Rodada 11 da Liga Portuguesa |
2011/12

D – Sporting–Benfica | 1 X 0 | Rodada 26 da Liga Portuguesa |
2011/12

V – Sporting–Benfica | 1 X 3 | Rodada 11 da Liga Portuguesa |
2012/13

V – Benfica–Sporting | 2 X 0 | Rodada 26 da Liga Portuguesa |
2012/13

E – Sporting–Benfica | 1 X 1 | Rodada 3 da Liga Portuguesa |
2013/14

V – Benfica–Sporting | 4 X 3 | 4ª Eliminatória da Taça de Portugal |
2013/14

V – Benfica–Sporting | 2 X 0 | Rodada 18 da Liga Portuguesa |
2013/14

E – Benfica–Sporting | 1 X 1 | Rodada 3 da Liga Portuguesa |
2014/15

E – Sporting–Benfica | 1 X 1 | Rodada 20 da Liga Portuguesa |
2014/15

MAIS A NORTE, A ÁGUIA PIOU BEM MAIS FININHO

Se, frente ao rival de Lisboa, Jorge Jesus impôs a sua lei desde o início e a seu bel-prazer, ficando para sempre na história como um dos maiores vencedores do clássico eterno, frente ao rival mais a norte de Portugal, o FC Porto, as coisas seriam muito diferentes. Entre as inúmeras razões para as diferenças de resultados em ambos os clássicos, as mais relevantes serão, necessariamente, a maior estabilidade do projeto do FC Porto, a maior qualidade dos seus times e também a maior dimensão do clube neste momento da sua história quando comparado com igual período do Sporting. Vejamos, por exemplo, os treinadores e percebemos que enquanto o Sporting apresentou 12 treinadores nos seis anos de Jesus no Benfica, o FC Porto apresentou “apenas” metade, ou seja, teve alguma instabilidade no cargo, mas nada que se compare com o rival lisboeta. Jesualdo Ferreira, André-Villas Boas, Vítor Pereira, Paulo Fonseca, Luís Castro e Julen Lopetegui, seis nomes de tremendo peso e significativo destaque no futebol europeu dos últimos anos. André Villas-Boas foi aquele que atingiu maior sucesso num curto espaço de tempo e que mais derrotas diretas impôs a Jorge Jesus, mas Vítor Pereira foi aquele que mais “castigou” o Mister no desfecho de duas temporadas consecutivas e no que diz respeito às decisões dos campeonatos.

Numa espécie de balanço sucinto dos clássicos de Jesus pelo Benfica contra o FC Porto, concluímos que ganhou sete, empatou quatro e perdeu nove. Frente a Villas-Boas, ganhou apenas um e perdeu cinco, naquele que é o seu registo mais modesto, e frente a Vítor Pereira ganhou um e perdeu dois, tendo empatado outros dois, num registo bem mais equilibrado mas

ainda assim negativo. Igualmente negativo, mas equilibrado nos confrontos diretos é o saldo com Luís Castro, com quem perdeu dois jogos, ganhou um e empatou outro, embora todos num contexto muito específico e que acabaria por ser favorável, até, em termos práticos, ao Mister Jesus. Foram os três únicos treinadores com os quais apresentou saldo deficitário em clássicos ao longo dos seus seis anos de Benfica, além do equilíbrio total com Marco Silva e daquele jogo isolado de Ricardo Sá Pinto. Contra Jesualdo Ferreira, Paulo Fonseca e Julen Lopetegui, todos no FC Porto, Jesus saiu por cima.

ENTRADA PARA “MATAR” E PROFESSOR JESUALDO EM XEQUE

O primeiro ano de Jesus no Benfica foi demolidor em todos os níveis e nem Sporting nem FC Porto conseguiram acompanhar a elevada “pedalada” do Mister. Aliás, o seu principal rival nesse ano seria mesmo o Sporting de Braga de Domingos Paciência, que disputou o título de forma brilhante e abnegada até à última rodada da Liga Portuguesa. No primeiro clássico com o rival mais temível do Benfica nos últimos 40 anos, o FC Porto apresentou-se na Luz no final da primeira rodada à 14ª rodada, disposto a travar a cavalgada do Benfica na Liga, mas sem sucesso. O Benfica ganharia por 1-0 com gol de Saviola e os dragões não mais voltariam a entrar na corrida do título. Três meses depois e os rivais tinham novo encontro marcado, agora na final da Taça da Liga, numa tarde primaveril em pleno Estádio do Algarve. Vitória por 3-0 para o Benfica e Jesus parecia estar disposto a fazer também ao FC Porto aquilo que se preparava para fazer ao Sporting, assumindo uma hegemonia sem precedentes nos jogos ditos grandes em Portugal. Para a penúltima rodada da Liga estava marcada a visita do Benfica ao Dragão e, já com FC Porto fora da corrida pelo título, Jorge Jesus podia mesmo ser campeão na casa do rival. Nesse dia, porém, o orgulho dos portistas falou mais alto e, mesmo sem objetivos em aberto na Liga, venceram por 3-1 e obrigaram Jesus a esperar mais uma semana para festejar o seu primeiro campeonato da carreira.

O ANO DE TODAS AS DERROTAS ÀS MÃOS DE VILLAS-BOAS

Jesualdo Ferreira abandonava o FC Porto ao fim de quatro anos no clube – tricampeão nos primeiros três anos e apenas travado pela chegada de Jorge Jesus ao rival – e chegava ao comando da equipe um jovem ambicioso sem qualquer tipo de currículo, a não ser ter sido assistente de José Mourinho durante alguns anos e ter treinado a modesta Acadêmica de Coimbra durante alguns meses na Liga Portuguesa. Mal sabia o FC Porto que acabara de contratar um dos seus melhores treinadores de todos, que logo na Supertaça se apresentou ganhando por 2-0 sem apelo nem agravo. Ninguém encarou aquela derrota como particularmente preocupante, até porque o Benfica tinha acabado de contratar nomes de peso como Roberto, Gaitan e Salvio, e tinha visto Coentrão, Maxi e Cardozo chegarem mais tarde devido às presenças no Mundial 2010, na África do Sul.

Três meses depois, porém, o maior choque e a mais pesada derrota da carreira de Jesus como treinador de topo: 5-0 no Dragão e uma exibição absolutamente esmagadora por parte de um FC Porto nada menos do que sublime. Recordar que estamos falando de uma equipe onde pontificavam os brasileiros craques internacionais Helton, Maicon, Hulk, Souza e Walter, bem como os colombianos Fredy Guarín, James Rodríguez e Radamel Falcao, os uruguaioes Álvaro Pereira e Jorge Fucile, os argentinos Belluschi e Otamendi, e os portugueses Rolando e João Moutinho. O internacional brasileiro Fernando, o internacional português Raúl Meireles e o internacional uruguaio Cristián Rodríguez, por exemplo, nem sequer foram a jogo, o que demonstra bem a força e qualidade do time às ordens de Villas-Boas que, de resto, viria a ganhar Liga Portuguesa, Taça de

Portugal e Liga Europa nessa temporada, além da Supertaça conquistada logo a abrir as hostilidades. Mais três meses se passaram e novo duelo, agora para as semifinais da Taça de Portugal e novamente no Dragão. Contra todas as expectativas e surpreendendo os mais céticos, o Benfica ganha com clareza por 0-2 na casa do rival e traz preciosa vantagem para o segundo jogo na Luz, mas os castigos para Jesus ainda estavam longe de terminar nessa época. O FC Porto venceria por 1-3 na Luz e colocaria o Benfica fora do seu último objetivo da época, a Taça de Portugal. Ainda antes disso já o FC Porto se sagrara campeão em pleno Estádio da Luz, vencendo por 1-2 e levando algum “inconsciente” responsável da estrutura do Benfica a mandar apagar as luzes para evitar os festejos dos azuis e brancos no campo. Naturalmente, os festejos ganharam uma dimensão ainda mais épica e esse jogo do título ficaria para sempre conhecido como “o clássico do apagão”, como se uma metáfora bastasse para simbolizar um ano negro para o Benfica e para Jorge Jesus.

A “VIA SACRA” DE JESUS, SEGUNDO VÍTOR PEREIRA

No ano seguinte, o objetivo estava mais do que definido: recuperar o título e o domínio do futebol português, depois de uma época de “derrotas” sofridas as mãos de André Villas-Boas. Com a saída deste – o Chelsea pagou 15 milhões de euros pelo técnico português – e a promoção do seu assistente Vítor Pereira a treinador principal, o cenário parecia ser favorável a Jorge Jesus. Contudo, fruto de alguns percalços, problemas físicos e uma gestão da campanha europeia que Jesus não voltaria a repetir – perceberemos esta questão com mais detalhes no capítulo das competições europeias –, o ano não seria tão favorável como se esperava, muito pelo contrário. No primeiro clássico da época, as coisas até correram bem ao Benfica, que arrancou um empate a dois gols na casa do rival. Daí em diante e até fevereiro o Benfica protagonizaria uma temporada exemplar, a roçar a perfeição e quase só com vitórias, o que lhe permitiu chegar a pouco mais de três meses do final da temporada com 5 pontos de avanço sobre o FC Porto de Vítor Pereira. Mas de repente, após uma desgastante deslocação à Rússia, o Benfica desperdiçou essa vantagem perdendo em Guimarães e empatando em Coimbra, por isso receberia o rival em igualdade pontual na Luz. Jogo equilibrado e empatado novamente em 2-2 já perto do final, quando o FC Porto se adianta no marcador num dos lances mais polêmicos dos últimos anos no futebol português. Lance de bola parada e o central brasileiro Maicon, visivelmente deslocados, fez o 2-3 aos 87 minutos e sentenciou a partida, com o FC Porto assumindo a liderança da Liga Portuguesa que não mais abandonaria até o fim. O árbitro era Pedro Proença, hoje Presidente da

Liga, e falou recentemente sobre esse lance: *“Se fosse hoje, com recurso ao VAR, certamente que não teria cometido aquele erro e não teria validado o gol de Maicon”*, afirmou. Mas é o que é. Para Jorge Jesus valeu perder o clássico e falhar novamente a revalidação do título. Mais à frente, ainda nessa temporada, Jesus devolveria a derrota ao rival, vencendo por 3-2 na semifinal da Taça da Liga e fechando esse duelo particular com um assinalável equilíbrio de uma vitória, um empate e uma derrota para cada um, com sete gols marcados e sete gols sofridos para cada lado. O desempate ficaria agendado para o ano seguinte, com ambos mantendo os respectivos cargos.

O ano seguinte abriu com novo empate a dois gols, que não serviu de tira-teimas entre ambos. Seria uma época em que ambos se apresentariam fortíssimos ao longo de todo o ano, não perdendo qualquer jogo até à penúltima rodada da Liga, para quando estava agendado o último clássico da temporada. Jorge Jesus chegava a esse jogo muito perto do paraíso: líder da Liga Portuguesa, precisando apenas empatar na casa do rival para ser campeão, mas também classificado para as finais da Taça de Portugal e da Liga Europa. Podia, no espaço de semanas, coroar-se de glória e conquistar três títulos de destaque e marcantes para a sua carreira. Mas como o futebol não se cansa de nos ensinar, a distância entre o paraíso e o inferno é apenas uma linha muito tênue, e nada está conquistado até que seja matematicamente impossível verificar-se uma mudança na tabela, ou até que o árbitro apite o final. Até entrou no jogo decisivo a ganhar, fruto de um gol do atacante brasileiro Lima, mas o uruguaio Maxi Pereira fez um gol contra ainda antes do intervalo e foi tudo igual para o descanso. No segundo tempo, sem que nada acontecesse para fazer mexer o marcador, Vítor Pereira joga as fichas todas nos minutos finais e lança dois atacantes brasileiros, o veterano Liedson e o jovem Kelvin. Já para lá dos 90 minutos, o Benfica parece ter o título na mão com um lançamento lateral na sua zona ofensiva. Lance mal cobrado, bola recuperada pelo FC Porto que estica no ataque, chega a Liedson, que lança Kelvin junto à linha e

este, pressionado por Roderick Miranda, de muito longe e quase sem ângulo, desfere um inesperado remate cruzado e rasteiro que surpreendeu o goleiro brasileiro Artur Moraes. Estava feito o 2-1 aos 92 minutos. Sem mais tempo para jogar e (quase) sem mais campeonato para disputar, a Liga Portuguesa estava novamente perdida para Jesus pelo terceiro ano consecutivo. Ciente disso, caiu de joelhos no momento daquele gol e ali ficou, de olhar perdido e sem conseguir aceitar o que tinha acabado de acontecer. Foi um verdadeiro balde de água fria sem precedentes e com consequências muito além do campeonato. Na semana seguinte, o Benfica perdeu a final da Liga Europa também por 2-1, também aos 92 minutos. E na outra semana, perdeu a final da Taça de Portugal para o Vitória de Guimarães também por 2-1. Estava consumada a descida ao inferno depois de quase tocar no céu, mas o futebol é assim mesmo. Quanto a Vítor Pereira, abandonou o FC Porto no final da temporada. De lá para cá, treinou na Arábia Saudita, na Turquia, na Alemanha, e foi campeão na Grécia e na China, onde se encontra neste momento.

DAR A VOLTA A UM PAULO FONSECA QUE ENTROU COM TUDO

Apesar dos três títulos perdidos, havia no Benfica uma profunda convicção de que o trabalho de Jorge Jesus era de enorme qualidade, e que os resultados eram apenas uma questão de tempo. Teria no ano seguinte uma nova oportunidade de ser superior ao FC Porto e agarrar o título. A chegada de Paulo Fonseca ao Dragão, contudo, ameaçava esses objetivos. O FC Porto entrou com tudo, conquistou de imediato a Supertaça frente ao Vitória de Guimarães por 3-0 e em novembro já levava uma vantagem de cinco pontos na Liga para o Benfica de Jesus. Nos meses seguintes, porém, sofreu alguns resultados menos felizes e chegou à data do seu primeiro clássico, em fevereiro na Luz, já à mercê do Benfica. Esse clássico ocorreu em circunstâncias muito específicas, uma vez que foi o primeiro jogo do Benfica após a morte do seu maior símbolo, Eusébio da Silva Ferreira, uma das figuras maiores do futebol português e mundial. A atmosfera na Luz era de grande união no clube e todos os jogadores do Benfica entraram em campo com o nome de Eusébio estampado nas costas. A vitória por 2-0 surgiu tão fácil como natural e precipitou aquilo que seria um ano de catarse e reconquista para Jorge Jesus. Paulo Fonseca ainda aguentou mais umas semanas no cargo, mas já não seria ele a disputar os restantes duelos dessa temporada com Jesus. De lá para cá, Fonseca conquistou a Taça de Portugal no Sporting de Braga e ganhou sete títulos oficiais no Shakhtar Donetsk da Ucrânia, antes de rumar para a Itália para treinar a AS Roma, onde se encontra agora.

OS OBSTÁCULOS LEVANTADOS PELO PROFESSOR LUÍS CASTRO

Para o lugar de Paulo Fonseca, o FC Porto promoveu o Professor Luís Castro ao cargo, o então treinador da equipe B do clube. A equipe melhorou em alguns capítulos, mas não o suficiente para disputar com o Benfica de Jesus nesse ano, apesar dos méritos de Luís Castro até nos confrontos diretos. E seriam ainda mais quatro nessa temporada. Logo no primeiro, a contar para as semifinais da Taça de Portugal no Dragão, o FC Porto ganhou por 1-0, mas seria uma alegria efêmera, já que o Benfica viraria a eliminatória no segundo jogo, ganhando por 3-1 na Luz mesmo jogando com um desfalque desde os 28 minutos de jogo e em desvantagem na eliminatória. Foi uma das melhores e mais extraordinárias demonstrações de força, tática e estratégia de Jorge Jesus na sua longa carreira. O Benfica marcou aos 17 minutos por intermédio de Salvio e igualou a eliminatória, mas o lateral-esquerdo brasileiro Siqueira recebeu um cartão amarelo aos 25 minutos e outro aos 28, fazendo-se assim expulsar ainda com mais de uma hora de jogo para disputar. O FC Porto carregou e, depois dos 52 minutos, marcaria mesmo por intermédio de Silvestre Varela, passando assim novamente para a frente na eliminatória. Aos 60 minutos, e com o Benfica sempre em inferioridade numérica, Enzo Pérez colocou novamente o Benfica na frente do jogo, mas não na eliminatória, uma vez que o FC Porto tinha a vantagem do gol marcado fora. Jesus, que logo após a expulsão tinha tirado o atacante Cardozo para fazer entrar o lateral André Almeida, decidiu agora renovar o ataque, tirando o desgastado Rodrigo para fazer entrar Lima, tentando assim um último assalto ao gol adversário. Aos 80 minutos, o jovem André Gomes –

hoje titular no Everton e que acabou de sofrer uma lesão de grande gravidade na Premier League – fez mesmo o 3-1 para delírio dos 65 mil torcedores na Luz e colocou o Benfica na final da Taça de Portugal nesse terceiro clássico da época, frente ao FC Porto.

Menos de duas semanas se passaram – e com o Benfica tendo derrotado a poderosíssima Juventus apenas três dias antes –, novo clássico no Dragão, agora para as semifinais da Taça da Liga. Benfica a apresentar-se com muitos jogadores poupados, já que enfrentaria novamente a Juventus quatro dias depois. Ficaram de fora dessa visita ao terreno do rival nomes como Luisão, Garay, Maxi Pereira, Fejsa, Enzo Pérez, Gaitan, Salvio e Markovic, mas foi suficiente para empatar sem gols e levar o jogo para as grandes penalidades, onde a sorte voltou a sorrir a Jesus. Mais uma final para o Benfica, mais uma frustração devolvida ao FC Porto depois dos três anos depressivos que vivera anteriormente. Na última rodada da Liga Portuguesa, mais um clássico, mas sem história, com o Benfica já Campeão e apenas cumprindo tabela, já que tinha uma nova final europeia para disputar quatro dias depois. O FC Porto jogou pela honra e ganhou 2-1, num jogo em que o Benfica se apresentou praticamente só com segundas linhas, exceção de Enzo Pérez e Toto Salvio, apenas porque estavam ambos afastados da final da Liga Europa por motivos disciplinares. No final dessa temporada, Luís Castro voltaria à equipe B do FC Porto, onde se sagrou, mais tarde, Campeão da II Liga. Treinou depois Rio Ave, Desportivo de Chaves e Vitória de Guimarães na Liga Portuguesa antes de rumar à Ucrânia para substituir Paulo Fonseca no comando técnico do Shakhtar Donetsk. Prepara-se para ser campeão logo no seu ano de estreia, tal é a vantagem pontual esmagadora que já apresenta nesta fase.

O ANO DAQUELE PEQUENO LAPSO COM JULEN ‘LATOPEGUI’

Para enfrentar Jorge Jesus no seu último ano de Benfica, o FC Porto contratou um treinador espanhol, o basco Julen Lopetegui. Não estamos falando de um treinador qualquer, trata-se de alguém que orientou nos últimos anos a Seleção de Espanha e o Real Madrid, por exemplo, e que treina neste momento o surpreendente Sevilha. Nada que assustasse Jesus, que não sentiu dificuldade em ultrapassar as estratégias do espanhol. Logo no primeiro clássico, por exemplo, vitória por 0-2 no Dragão, dois gols do brasileiro Lima, brilhantemente ajudado nesse jogo pelo também brasileiro Andersson Talisca e numa época em que o astro brasileiro Jonas – chegado no decorrer da época como jogador “desempregado” – ainda cumpria um natural processo de adaptação à equipe e ao futebol português. Uma derrota por esses números em casa do rival era coisa que só acontecera uma vez este século – em 2005/06, dois gols de Nuno Gomes no Benfica de Ronald Koeman – e antes disso era preciso recuar até o início dos anos 1990, quando César Brito fez o mesmo no histórico jogo do título em 1990/91, sob o comando técnico do sueco Sven-Goran Eriksson, um dos melhores treinadores da história moderna do clube. Não deixava, portanto, de ser um feito assinalável e que colocava Lopetegui em sentido para o resto da época, na qual o Benfica passou de forma relativamente tranquila.

Lopetegui ainda tentou roubar a liderança no clássico da segunda rodada, mas Jesus blindou os caminhos de seu gol e o jogo terminou 0-0, sem grandes oportunidades de gol dignas de destaque. Sem história, portanto, não fosse o fato de Julen Lopetegui, visivelmente irritado, ter

tentado tirar satisfações com Jesus em pleno campo no final do jogo, num registo de evidente confronto que não passou despercebido a ninguém. A razão? O fato de Jorge Jesus se ter “enganado” com seu nome em coletivas de imprensa anteriores, referindo-se a ele como “Lotopegui” e “Latopegui”, algo que o espanhol entendeu como uma falta de respeito. Para muitos, não passou de um lapso de linguagem igual a tantos protagonizados por Jesus. Para outros, foi uma provocação para desestabilizar o treinador rival, mas convenhamos que o nome do basco não é tão comum e tão fácil de pronunciar assim. Curiosa foi a reação de Jesus na coletiva de imprensa após o jogo, com uma leitura muito peculiar do sucedido. *“Para mim, o Lopetegui subiu na escala. Mostrou que é um homem corajoso. Um verdadeiro líder como homem. A qualidade como treinador já é outra coisa”*, afirmou o Mister, numa demonstração de fairplay pelo conflito que ocorrera minutos antes, mas não sem perder a oportunidade de questionar a capacidade do seu rival enquanto técnico.

De resto, os treinadores espanhóis raramente têm sucesso no futebol português, que o digam Víctor Fernández e Julen Lopetegui após passagens pelo FC Porto, ou até mesmo José António Camacho e Quique Flores após passagens pelo Benfica, todos eles sem grande história para contar a não ser os “banhos de tática” que tantas vezes levaram dos técnicos portugueses e que tanto surpreenderam “nuestros hermanos”. Por norma apresentam-se em Portugal com uma aura de senhores das verdades absolutas do futebol, como se viessem para ensinar, e no caso de Julen Lopetegui – o mais arrogante de todos – essa sua convicção transparecia nos gestos e nas palavras, na atitude e no olhar, ele transpirava arrogância e superioridade, mas provavelmente não contava deparar-se com um Mister Jesus que o reduziu a uma mera nota de rodapé na história recente do futebol português. Para que melhor se entendam as dificuldades que os treinadores espanhóis sempre sentiram em Portugal, é preciso recordar uma frase de Quique Flores quando esteve no Benfica. *“O futebol português é muito anárquico do ponto de vista tático”*, queixou-se o

madrileno que nunca entendeu que aquilo a que ele chamava de “anarquia” é, na verdade, uma tremenda versatilidade tática e estratégica dos técnicos portugueses, capazes de montar as suas equipes em vários sistemas, vários modelos táticos e várias dinâmicas distintas. Tudo em função do adversário, do campo, do momento e dos objetivos. Quique Flores recebia os relatórios dos seus observadores de adversários e era sistematicamente surpreendido com novidades que os seus adjuntos não tinham visto em jogos anteriores. Chamava-lhe então “anarquia”, porque normalmente tentamos justificar aquilo que não entendemos através de críticas gratuitas. Nem é preciso dizer que não aguentou mais do que um ano em Portugal e partiu sem nunca perceber a genialidade dos treinadores portugueses. Para o seu lugar, como treinador do Benfica, entrou Jorge Jesus, que prometeu logo na coletiva de imprensa da sua apresentação: *“Comigo, estes jogadores vão jogar o dobro... E se calhar, o dobro é pouco”*. E não é que cumpriu? Jesus foi Jesus. Confiante. Um pouco arrogante, até, por que não dizer? Digam “anarquia”, que ele vai ensinando a sua arte como treinador por onde passa. É a arte do treinador português, mas muito em particular a sua, que é única, incomparável e irrepetível.

**OS 20 CLÁSSICOS DE JESUS PELO BENFICA CONTRA O FC
PORTO**

V – Benfica–FC Porto | 1 X 0 | Rodada 14 da Liga Portuguesa |
2009/10

V – FC Porto–Benfica | 0 X 3 | Final da Taça da Liga | 2009/10

D – FC Porto–Benfica | 3 X 1 | Rodada 29 da Liga Portuguesa |
2009/10

D – FC Porto–Benfica | 2 X 0 | Supertaça Cândido de Oliveira |
2010

D – FC Porto–Benfica | 5 X 0 | Rodada 10 da Liga Portuguesa |
2010/11

V – FC Porto–Benfica | 0 X 2 | 1ª jogo das Semi-finais da Taça de
Portugal | 2010/11

D – Benfica–FC Porto | 1 X 2 | Rodada 25 da Liga Portuguesa |
2010/11

D – Benfica–FC Porto | 1 X 3 | 2ª jogo das Semi-finais da Taça de
Portugal | 2010/11

E – FC Porto–Benfica | 2 X 2 | Rodada 6 da Liga Portuguesa |
2011/12

D – Benfica–FC Porto | 2 X 3 | Rodada 21 da Liga Portuguesa |
2011/12

V – Benfica–FC Porto | 3 X 2 | Semi-finais da Taça da Liga |
2011/12

E – Benfica–FC Porto | 2 X 2 | Rodada 14 da Liga Portuguesa |
2012/13

D – FC Porto–Benfica | 2 X 1 | Rodada 29 da Liga Portuguesa |
2012/13

V – Benfica–FC Porto | 2 X 0 | Rodada 15 da Liga Portuguesa |
2013/14

D – FC Porto–Benfica | 1 X 0 | 1ª jogo das Semifinais da Taça de
Portugal | 2013/14

V – Benfica–FC Porto | 3 X 1 | 2ª jogo das Semifinais da Taça de
Portugal | 2013/14

E – FC Porto–Benfica | 0 X 0 (3 X 4 nos pênaltis) | Semifinais da
Taça da Liga | 2013/14

D – FC Porto–Benfica | 2 X 1 | Rodada 30 da Liga Portuguesa |
2013/14

V – FC Porto–Benfica | 0 X 2 | Rodada 13 da Liga Portuguesa |
2014/15

E – Benfica–FC Porto | 0 X 0 | Rodada 30 da Liga Portuguesa |
2014/15

Seja como for, e voltando à narrativa dessa temporada em concreto, o Benfica seria mesmo campeão nacional pela terceira vez com Jesus, desta vez a duas rodadas do fim, quando o FC Porto não foi além do empate contra o Belenenses. Nessa tarde, no Restelo, foi Lopetegui quem ajoelhou no desespero de não conseguir os três pontos da vitória, e Jorge Jesus deve

ter se sentido pelo menos um pouco vingado pelas derrotas do passado recente. No final dessa temporada, Jesus abandonaria o Benfica. Se o saldo dos duelos com o Sporting fora esmagadoramente positivo, com o FC Porto as contas não eram tão favoráveis, fechando a folha de serviço com sete vitórias, quatro empates e nove derrotas, 27 gols marcados e 30 sofridos. Nada mau para quem, no final de uma temporada frente a André Villas-Boas estava “esmagado” pelos números e após duas temporadas frente a Vítor Pereira continuava em acentuada desvantagem. Acabou por conseguir equilibrar um pouco nos dois últimos anos antes de rumar para outras paragens – não muito longe – onde ainda teria mais 17 clássicos para disputar e com muitas surpresas ainda reservadas...

JESUS NO LEÃO TRAVA A HEGEMONIA DE JESUS NA ÁGUIA

A entrada no Sporting no seguimento da saída do Benfica foi uma novela já muito analisada nas páginas anteriores, mas é importante olhar também para este momento com base nos números, e estes não mentem. Jesus trazia registos nunca vistos antes no clássico, com um parcial de dez vitórias, quatro empates e apenas uma derrota em 15 confrontos com vários treinadores diferentes, com 27 gols marcados e apenas dez sofridos. Como seria agora? A tendência de vitória se manteria para o Benfica, ou mudaria para o Sporting com Jorge Jesus no outro lado da barricada? Efetivamente, o Mister conseguiu travar a esmagadora escalada ascendente do Benfica nos números históricos do clássico eterno de Lisboa e em três anos no Sporting conseguiu fechar com um parcial de três vitórias, três empates e duas derrotas em oito duelos, o que, além de ser positivo em termos numéricos absolutos, tem ainda mais destaque pela radical mudança do status-quo de ambos os clubes nessa década. Também os nove gols marcados e seis sofridos, agora de leão ao peito, ajudam a perceber a tremenda evolução e inversão de paradigma, pelo menos no que diz respeito aos confrontos diretos, já que no que diz respeito a campeonatos não haveria esse reflexo direto, como já vimos anteriormente. A leitura permite concluir claramente que o Sporting viveu um antes, um durante e após Jorge Jesus no clube, até porque desde a sua saída a tendência inverteu-se novamente de forma radical, com três vitórias para o Benfica, um empate e uma vitória para o Sporting, com um resultado parcial de dez gols para o Benfica e apenas quatro para o Sporting nos cinco jogos realizados desde então. Números que merecem

profunda reflexão acerca do impacto direto que o Mister Jesus tem nas equipes que orienta, mas também o impacto indireto que tem nos adversários que enfrenta.

UMA ENTRADA ABSOLUTAMENTE DEMOLIDORA

Nem nos seus melhores sonhos Jesus poderia imaginar que os seus primeiros duelos com o seu clube anterior poderiam correr de forma tão favorável. Logo na estreia, no primeiro jogo da época, Benfica e Sporting disputaram a Supertaça, fruto do Campeonato Nacional conquistado por Jesus no Benfica e da Taça de Portugal conquistada por Marco Silva no Sporting. No calor do mês de agosto, no verão Algarvio, Jesus venceu o seu sucessor Rui Vitória por 1-0, num jogo nem sempre bem-disputado mas muito dividido e de resultado incerto até o fim. O gol, às três tabelas após remate do peruano André Carrillo desviado pelo colombiano Téó Gutiérrez, foi suficiente para ganhar o troféu e abrir as hostilidades frente ao seu anterior clube. Menos de três meses depois, novo confronto e desta vez na Luz, casa que Jesus tão bem conhecia. Resultado? Goleada do Sporting por 0-3, construída em pouco mais de meia hora, com gols de Téó Gutiérrez aos nove minutos, do argelino Islam Slimani aos 21 e do costa-riquenho Bryan Ruiz aos 36. O país futebolístico em choque, o Benfica de Rui Vitória à beira da depressão e o Sporting de Jorge Jesus em êxtase puro.

Não seria preciso esperar muito para novo capítulo, com uma eliminatória da Taça de Portugal ditando novo confronto entre ambos, agora em Alvalade, casa do Sporting. Mais difícil, com o Benfica entrando praticamente vencendo com gol do grego Kostas Mitroglou logo aos seis minutos, mas Adrien Silva empatou no fim do primeiro tempo. Tudo empatado para o intervalo e tudo empatado no final do jogo após um segundo tempo em branco. Já no prolongamento, Islam Slimani

desbloqueou o marcador e mandou o Benfica para fora da Taça de Portugal, outro título do qual era detentor por conquista de Jesus no ano anterior. Três confrontos diretos em apenas quatro meses, três vitórias para Jorge Jesus, um título conquistado, vantagem confortável na Liga após goleada fora, rival eliminado na Taça... Tudo parecia saído de um conto de fadas, mas o pior – em futebol há sempre um “pior” – estava para vir.

O Sporting chegou a ter sete pontos de vantagem sobre o Benfica, mas alguns deslizes inesperados em campos teoricamente acessíveis permitiram que o Benfica chegasse ao clássico da segunda rodada – em Alvalade e a nove rodadas do fim – apenas a um ponto da equipe de Jesus, ou seja, em condições de garantir a liderança em caso de vitória. Emoções ao rubro, portanto. No dia do jogo, má notícia para o Benfica: Júlio César, mítico goleiro brasileiro e titular absoluto desde a sua chegada a Portugal, não poderia jogar por motivos físicos. Os seus crônicos problemas lombares causaram uma recaída no pior momento possível, quando a equipe mais precisava dele. Solução? Escalar outro goleiro brasileiro, este bem mais jovem e em estreia absoluta. O seu nome? Ederson, atual titular do Manchester City e sombra constante de Alisson Becker na Seleção do Brasil. E o jovem seria mesmo decisivo não só para o jogo, como também para o desfecho da temporada e para aquilo que seriam os destinos de ambos os clubes nos anos seguintes.

A história é simples de contar. O Benfica colocou-se em vantagem aos 20 minutos por intermédio de Mitroglou e naquele momento era líder caso conseguisse manter o resultado até o fim. O Sporting carregou com tudo em cima do rival durante os 70 minutos seguintes: Islam Slimani, Bryan Ruiz, Bruno César, William Carvalho, Adrien Silva e João Mário, mais tarde também Téo Gutiérrez e Gelson Martins, todos tentaram chegar ao gol por todos os meios possíveis e imagináveis, mas a defesa do Benfica manteve-se sólida e intransponível. Há um lance, porém, que ainda hoje é lembrado por todos em Portugal sempre que ocorre um lance de fracasso descarado. Aos 72 minutos, Slimani ganha a linha de fundo e cruza tenso,

rasteiro, para o centro da pequena área onde surge Bryan Ruiz sozinho perante o gol deserto. Mas estamos falando de uma bola praticamente em cima da linha, quase por baixo do travessão, um lance que muitos pensariam ser impossível de atirar por cima. Pois foi precisamente isso o que aconteceu. O costa-riquenho, por sinal um dos jogadores do Sporting mais evoluídos tecnicamente, atirou para as nuvens e ainda hoje, sempre que alguém falha um gol clamoroso, levantam-se vozes em Portugal a dizer que é “um fracasso à Bryan Ruiz”. Associação injusta, no meu entender, já que revendo as imagens, podemos verificar um ligeiríssimo desvio – quase imperceptível – de Ederson com a mão direita junto ao campo. A bola, tensa, é levemente desviada pelo jovem goleiro, desvio suficiente para que a finalização de Bryan Ruiz fosse deficiente. Foi a defesa do jogo, do ano, da década, e muitos não sabem sequer que o foi, até porque há quem se recuse a rever o lance, de tão dramático que foi na época. Ederson foi, assim, o herói improvável e inesperado de um jogo que nem teria disputado, caso Júlio César não estivesse lesionado.

Daí em diante, o Benfica de Rui Vitória somou por vitórias todos os jogos disputados até o final do Campeonato, tal como o Sporting de Jorge Jesus. Ninguém voltaria a tropeçar, nem mesmo nos jogos mais complicados, e o Benfica seria campeão numa das retas finais mais dramáticas de que se tem registro, na linha dos dois campeonatos que perdera para o FC Porto de Vítor Pereira. Desta vez, o Benfica estava no lado vencedor, mas Jorge Jesus voltava a estar na pele indesejada do treinador derrotado após um trabalho estupendo ao longo de toda a temporada. Mais uma vez nos vem à memória a velha máxima de Zednek Zeman, de tão pertinente que é. “*O resultado é casual, o desempenho, não*”. E o desempenho da equipe de Jesus, esse tinha sido mais uma vez fenomenal, numa terceira Liga perdida na carreira por meros detalhes que em nada desmerecem a qualidade do trabalho por ele desenvolvido.

DOIS ANOS APENAS A LUTAR DE FORMA DIGNA

Após o impacto inicial da sua primeira época pós-Benfica, não mais o Sporting conseguiria intrometer-se na luta do título de forma efetiva, conquistando dois terceiros lugares consecutivos, muito por culpa de um contexto delicado no clube. Dificuldades financeiras constantes, times mais desequilibrados e liderança errática por parte de um presidente inapto para o cargo, tinham como consequência um Jorge Jesus mais limitado nas suas ações, sem o apoio de uma estrutura forte, competente e profissional, como aquela que conhecera antes no comando do Benfica, ou depois no comando do Flamengo, para dar os dois exemplos mais flagrantes. Mas nem isso tornou os confrontos diretos mais fáceis para o Benfica, muito pelo contrário, continuou a ser muito difícil bater a equipe de Jorge Jesus.

Nesses dois últimos anos só perdeu mais um jogo contra o Benfica, e seria na Luz, logo no primeiro clássico da sua segunda temporada em Alvalade. Depois disso, um empate na rodada 30 desse mesmo ano, quando o Benfica lutava acirradamente pelo título com o FC Porto de Nuno Espírito Santo e precisava somar os três pontos. Novo empate no meio da temporada seguinte com Sporting e Benfica ainda empenhados na luta do título, e por fim um último empate já na rodada 30 com ambos afastados da corrida pelo título mas ainda num memorável combate pelo 2º lugar que daria o tão importante acesso à Champions League. Uma imagem nítida surge imediatamente após estes três anos de clássicos de Jesus de leão ao peito: o Sporting era presa fácil para o Benfica nos muitos anos anteriores, deixou de ser nessas três temporadas e ameaça agora voltar a ser, olhando para os números mais recentes. O efeito do Mister

Jorge Jesus, uma vez mais, foi sentido de forma profunda e intensa, em todos os clubes por onde passa.

OS 8 CLÁSSICOS DE JESUS PELO SPORTING CONTRA O BENFICA

V – Benfica–Sporting | 0 X 1 | Supertaça Cândido de Oliveira | 2015

V – Benfica–Sporting | 0 X 3 | Rodada 8 da Liga Portuguesa |
2015/16

V – Sporting–Benfica | 2 X 1 | 4ª Eliminatória da Taça de Portugal |
2015/16

D – Sporting–Benfica | 0 X 1 | Rodada 25 da Liga Portuguesa |
2015/16

D – Benfica–Sporting | 2 X 1 | Rodada 13 da Liga Portuguesa |
2016/17

E – Sporting–Benfica | 1 X 1 | Rodada 30 da Liga Portuguesa |
2016/17

E – Benfica–Sporting | 1 X 1 | Rodada 16 da Liga Portuguesa |
2017/18

E – Sporting–Benfica | 0 X 0 | Rodada 33 da Liga Portuguesa |
2017/18

OBTER A VANTAGEM QUE NÃO CONSEGUIRA NO BENFICA

Apesar dos muitos títulos conquistados pelo FC Porto nos últimos 30 anos por comparação com os escassos conquistados pelo Sporting, o desnível nos confrontos diretos entre ambos nunca foi tão grande como entre Benfica e Sporting naqueles anos de Jesus na Luz. Por alguma razão, o Sporting nunca se “encolheu” tanto perante o FC Porto como perante o Benfica, nem o FC Porto se “agiganta” tanto perante o Sporting como o fez durante décadas com o Benfica. São dinâmicas muito próprias do futebol – contingências difíceis de explicar a quem não acompanha os fenômenos muito particulares de uma Liga por dentro –, mas que são cíclicas e existem em todos os países do mundo. Jesus não permitiu que o FC Porto alterasse essa dinâmica de equilíbrio de resultados enquanto esteve em Alvalade, muito pelo contrário, fez com que o Sporting conseguisse resultados superiores. Abandonaria o Sporting três anos depois com um parcial de quatro vitórias, dois empates e três derrotas – sendo que num desses empates ganharia no desempate por pênaltis –, dez gols marcados e sete sofridos, preparação para duas finais de Taças nos duelos diretos. Nada mau para um clube que tem se posicionado historicamente como inferior ao seu rival nas últimas quatro décadas, mas onde Jorge Jesus conseguiu deixar também a sua marca no capítulo dos jogos ditos “grandes”. Os números não enganam e Jorge Jesus conseguia, assim, algo que não tinha conseguido no seu clube anterior: fechar o ciclo com vantagem nos confrontos diretos com o FC Porto.

CONTINUAR GANHANDO TERRENO AO FC PORTO

Na sua apresentação como treinador do Sporting, Jesus não prometeu títulos nem prometeu que seria campeão. Não podia fazê-lo, como ninguém pode em parte nenhuma onde haja mais do que um clube a lutar pelos mesmos objetivos. Essa é a beleza do futebol – não há vencedores anunciados ou garantidos. Mas prometeu que, daí em diante, o futebol português passaria a ter novamente três candidatos ao título, em vez de apenas os crônicos FC Porto e Benfica, que dividiram entre si 90% dos campeonatos disputados nos últimos 40 anos em Portugal. Prometeu e logo no primeiro ano cumpriu, afastando o FC Porto de Lopetegui da luta, relegando-o para um plano secundário, e assumindo-se o “seu” Sporting agora como principal rival do Benfica na luta pelo campeonato. Para isso muito contribuíram os confrontos diretos que terminaram com duas vitórias do Sporting nesse ano, 2-0 na ida em Alvalade sobre Julen Lopetegui – que entretanto seria demitido logo no meio da temporada – e 1-3 na volta no Dragão, já com o português José Peseiro no comando do rival. Raras vezes na história recente o Sporting foi superior de forma tão clara a um rival direto na luta por títulos, por isso fica também esse registo para a história.

UM ANO MARCADO PELO EQUILÍBRIO TOTAL

A época seguinte não iria aquecer nem arrefecer o posicionamento de Jorge Jesus na história dos clássicos com o FC Porto, já que ocorreriam apenas dois e o desfecho global seria de equilíbrio absoluto entre ambos. O Sporting ganhou em casa por 2-1 na ida e o FC Porto devolveu o resultado ganhando também em casa por 2-1 na volta. Anularam-se ambos os candidatos ao título enquanto viam o Benfica isolar-se na liderança, num ano sem grande história no que diz respeito ao campeonato. O treinador do FC Porto nesse ano era o português Nuno Espírito Santo, que dois anos antes tinha levado o Valência da Espanha à Champions League, e três anos antes tinha levado o modesto Rio Ave às duas finais das Taças do calendário futebolístico em Portugal, curiosamente ambas disputadas – e perdidas – com o Benfica de Jorge Jesus. Nuno Espírito Santo rumaria no final dessa temporada ao Wolverhampton, na Inglaterra, onde é treinador-sensação já há três temporadas consecutivas com resultados surpreendentes ano após ano.

OS DUELOS COM O PUPILO DE OUTROS TEMPOS

No seu último ano no futebol português, Jesus ainda enfrentaria o FC Porto em mais cinco ocasiões. Por capricho dos sorteios, os rivais históricos se enfrentariam nas semifinais da Taça de Portugal – a duas mãos – e nas semifinais da Taça da Liga, além das duas rodadas da Liga. Curiosamente, o treinador do FC Porto era Sérgio Conceição – ainda é –, um ex-jogador de Jesus nos seus tempos do Felgueiras, quase no início da carreira de ambos. Aliás, foi o Mister quem lançou o menino-prodígio Sérgio Conceição no principal escalão, antes de o lateral despontar para uma carreira notável ao mais alto nível nacional e internacional. No que diz respeito à Liga Portuguesa – que o FC Porto ganhou nesse ano –, Sérgio Conceição levaria a melhor sobre o seu ex-treinador, já que empatou em 0-0 na visita a Alvalade e ganhou de 2-1 na recepção ao Sporting. Nas Taças, as coisas correram bem a Jesus, que eliminou o seu ex-pupilo em ambas as semifinais. Primeiro na Taça da Liga – em campo neutro e numa decisão por grandes penalidades após novo empate em 0-0 –, o Sporting seguiu para uma final que haveria de conquistar frente ao Vitória de Setúbal. Depois na Taça de Portugal, novamente nas grandes penalidades após dois jogos em que as equipes se anularam com vitórias em casa por 1-0 para cada lado. Mais uma vez, a “sorte” dos pênaltis a sorrir ao Mister na hora da verdade. De lá para cá, Sérgio Conceição continua no FC Porto a lutar pela Liga Portuguesa em constantes combates com o Benfica, sendo o Sporting novamente um mero outsider na luta pelo título após a saída de Jorge Jesus.

OS 9 CLÁSSICOS DE JESUS PELO SPORTING CONTRA O FC PORTO

V – Sporting–FC Porto | 2 X 0 | Rodada 15 da Liga Portuguesa |
2015/16

V – FC Porto–Sporting | 1 X 3 | Rodada 32 da Liga Portuguesa |
2015/16

V – Sporting–FC Porto | 2 X 1 | Rodada 3 da Liga Portuguesa |
2016/17

D – FC Porto–Sporting | 2 X 1 | Rodada 20 da Liga Portuguesa |
2016/17

E – Sporting–FC Porto | 0 X 0 | Rodada 8 da Liga Portuguesa |
2017/18

E – Sporting–FC Porto | 0 X 0 (4 X 3 nos pênaltis) | Semi–finais da
Taça da Liga | 2017/18

D – FC Porto–Sporting | 1 X 0 | 1ª jogo das Semi–finais da Taça de
Portugal | 2017/18

D – FC Porto–Sporting | 2 X 1 | Rodada 25 da Liga Portuguesa |
2017/18

V – Sporting–FC Porto | 1 X 0 (5 X 4 nos pênaltis) | 2ª jogo das
Semi–finais da Taça de Portugal | 2017/18

LIGA DE CONTRASTES E VIVEIRO DE TALENTO

Terminamos este capítulo conforme o começamos, chamando a atenção para a dimensão dos números. Foram 52 clássicos em nove anos, uma média de quase seis jogos grandes por temporada. Jogos sérios, divididos, daqueles cujo desfecho depende mesmo da capacidade dos treinadores. Foram 24 vitórias, 13 empates e 15 derrotas. Foram 73 gols marcados e 53 gols sofridos. Foram mais de cinco dezenas de jogos onde pontificaram centenas de jogadores de inquestionável qualidade. Internacionais brasileiros e argentinos, uruguaio e paraguaio, colombianos e peruanos, costa-riquenhos e mexicanos, espanhóis e belgas, portugueses e sérvios. Jogadores jovens a “explodir” todos os anos e astros com experiência de campeonatos da Europa e campeonatos do mundo, com experiência de Champions League e Liga Europa, de Brasileirão e Copa Libertadores, craques de primeira linha que fazem da Liga Portuguesa uma competição que merece respeito e atenção, principalmente quando falamos de jogos disputados entre as principais equipes. Mas não só!

Quem não conhece a Liga Portuguesa não sabe a enorme qualidade que equipes como Sporting de Braga e Vitória de Guimarães apresentam todos os anos, tal como o Rio Ave e o Marítimo com assinalável frequência, ou até mesmo o Belenenses, o Boavista, o Vitória de Setúbal ou o Paços de Ferreira em anos mais felizes. De vez em quando surge “do nada” um projeto mais empolgante, como aquele que estamos presenciando neste ano de 2019/20 com o surpreendente Famalicão. É uma Liga de grande riqueza tática, repleta de jogadores de talento, viveiro de inúmeros craques brasileiros em particular e sul-americanos em geral, palco de nomes nacionais e internacionais que chegam inúmeras vezes a referências do

futebol europeu e mundial. Por esta obra não poder abranger toda essa qualidade desconhecida do povo brasileiro, nós nos focamos nos jogos ditos grandes, duelos ao melhor nível que se pratica nas outras ligas da Europa, bem como nas competições da UEFA, onde os três emblemas aqui analisados marcam presença constante, ano após ano, muitas vezes com resultados dignos de grande destaque.

CAPÍTULO 9

JORGE JESUS E O JOGADOR BRASILEIRO



UM CONHECIMENTO PROFUNDO E FUNDAMENTADO

Terá causado alguma surpresa a forma como Jorge Jesus se apresentou no Brasil, transportando consigo uma tremenda capacidade de compreensão das idiossincrasias muito específicas e particulares do jogador brasileiro. De fato, não é fácil chegar a uma realidade tão distinta, uma cultura competitiva e desportiva tão diferente, e começar de imediato a apresentar resultados com um grupo de jogadores que não foi escolhido pelo treinador que assume a equipe no meio da temporada. Principalmente quando o técnico vem de outro país, outro continente, outra realidade completamente antagônica, como foi o caso do Mister. Mas nada acontece por acaso no futebol e Jorge Jesus, ao contrário daquilo que muitos poderiam estar à espera, sempre foi um profundo conhecedor do futebol brasileiro. São conhecidas as histórias em Portugal sobre as suas ‘noitadas’ a fazer maratonas de Brasileirão ou até dos Estaduais, jogos que são transmitidos na Europa a altas horas da madrugada. Jesus, mesmo tendo que orientar treinos de manhã bem cedo – e era sempre o primeiro a chegar –, chegava muitas vezes ao trabalho comentando os jogos que tinha visto durante a noite, expressando, inclusive, opiniões sustentadas acerca deste ou daquele jogador que mais lhe tivesse agradado. Chegava a telefonar durante a noite aos Presidentes e dirigentes com quem trabalhou, para alertar para um ou outro talento que acabara de “descobrir”, fazendo ele próprio um trabalho prévio de scouting na escolha de jogadores que poderiam interessar aos seus clubes.

Mas visualizar apenas jogos pela televisão, acompanhar à distância, não é suficiente para ter um conhecimento profundo sobre a forma de ser, de estar, de jogar e de se comportar do jogador brasileiro. Como disse o filósofo espanhol Ortega y Gasset, *“Eu sou eu e a minha circunstância”*, ou seja, o homem nunca é apenas o homem, mas sim o homem e tudo aquilo que o rodeia, tudo o que o afeta, todo o contexto em que está envolvido no todo e no particular. Naturalmente, o contexto do jogador brasileiro é diferente do contexto de um jogador proveniente de qualquer outro país da América do Sul, e essa diferença será sentida ainda mais quando comparamos o jogador brasileiro com o jogador europeu, cujas realidades são distintas a todos os níveis. Do clima à alimentação, da realidade social à cultural, dos quadros competitivos às estratégias táticas, do enquadramento escolar ao familiar, do futebol de formação ao futebol profissional. É todo um mundo de diferenças que faz com que o jogador brasileiro seja, naturalmente, diferente do jogador europeu. Aliás, se lembrarmos que o Brasil é mais um continente em si do que propriamente um país, podemos até concluir que dentro do conceito de jogador brasileiro há, inclusive, vários perfis de jogador brasileiro, já que um jogador do Sul tem um contexto distinto de um jogador do Nordeste, um jogador de São Paulo vive uma realidade diferente da de um jogador do Rio de Janeiro, e por aí vai. O futebol é a mais fiel metáfora da vida real e aquilo que se aplica ao cotidiano – como a filosofia atemporal de Ortega y Gasset – aplica-se também, naturalmente, ao esporte-rei.

MAIS DE UMA CENTENA DE EXPERIÊNCIAS DISTINTAS

Mas se o perfil do jogador é algo tão complexo, tão delicado, tão profundamente específico, como poderia Jorge Jesus conhecer tão bem os jogadores brasileiros apenas e só por acompanhar os jogos na televisão? Não poderia, de maneira nenhuma. Nem ele, nem ninguém. O conhecimento de Jorge Jesus sobre o jogador brasileiro é um conhecimento empírico, uma experiência sensorial. É um conhecimento adquirido pela observação e experimentação, se quisermos recorrer à terminologia mais científica e formal, mas eu iria um pouco mais longe. É um conhecimento do contato direto, do “fazer” e não do “ouvir dizer”, um conhecimento do “treinar” e não apenas do “observar”. Um conhecimento que advém do fato de ter treinado nada mais, nada menos, do que 108 jogadores brasileiros ao longo da sua carreira como treinador de equipes de primeiro escalão. Isso mesmo, 108 atletas provenientes de todos os cantos do Brasil, de vários Estados e de inúmeros clubes distintos, números que subiriam ainda mais se partíssemos também para a análise das equipes de Jesus nos escalões inferiores, mas vamos aqui nos limitar apenas ao futebol de nível mais elevado e profissional, ou seja, de escalões principais.

O número mínimo de brasileiros que teve num time foi 1, no seu único ano no Al-Hilal e num contexto de grande limitação de estrangeiros na Arábia Saudita. Antes disso, nos seus anos em Portugal, o número mínimo de brasileiros com que trabalhou foi 3, logo na sua época de estreia pelo Felgueiras como treinador de primeiro escalão. Mas chegou a ter 13 brasileiros num só time, tanto no seu primeiro ano de Benfica, quanto no

seu segundo ano de Belenenses. Perto disso, chegou a ter 12 brasileiros numa só época no União de Leiria, bem como 11 no seu único ano no Sporting de Braga e na sua última época de Benfica. Teve ainda 10 numa época no Vitória de Setúbal e também 10 no seu primeiro ano de Belenenses. Números que ajudam a perceber muito bem a facilidade com que Jesus fez passar a mensagem ao time do Flamengo logo nos primeiros treinos e com uma grande eficácia. Óbvio que a língua portuguesa ajuda, sem dúvida, mas está muito além de um mero idioma. A língua é algo que une os brasileiros e Jesus, mas a principal linguagem aqui praticada, aquela que é verdadeiramente universal, é a linguagem do futebol. E nessa, o Mister é exímio.

Jorge Jesus chegou, inclusive, a trabalhar com os mesmos jogadores brasileiros em dois clubes distintos, prova de que houve atletas que se tornaram mesmo homens da sua confiança. Aconteceu com oito jogadores em vários momentos do seu percurso: Jorginho, que esteve com Jesus no Vitória de Setúbal e mais tarde no Sporting de Braga; Hugo Alcântara também no Vitória de Setúbal e no Belenenses; a dupla composta por Fernando e Manoel esteve com o Mister no Moreirense e mais tarde também no Belenenses; Paulo César trabalhou com Jesus no União de Leiria e depois no Sporting de Braga; Júlio César Jacobi e Weldon seriam apostas pessoais do Mister primeiro no Belenenses e depois também no Benfica; e por fim, Bruno César, cuja contratação ele pediu no Benfica e mais tarde também no Sporting.

UMA FIGURA DO “MENGÃO” LOGO NA ESTREIA DO MISTER

Logo na primeira época de Jesus como treinador de primeiro escalão, o Mister trabalhou com uma enorme referência da história do Flamengo, numa prova irrefutável de que o destino tem mesmo coisas extraordinárias. Trata-se do goleiro Zé Carlos – na época com 34 anos –, um nome especificamente pedido por Jorge Jesus para defender as redes do Felgueiras na Liga Portuguesa. Zé Carlos tivera duas temporadas como titular absoluto no Farense mas depois fez apenas meia temporada como dono do gol do Vitória de Guimarães, situação que Jesus viu como uma oportunidade para resgatá-lo. Sempre foi titular com Jesus. No Brasil, defendera o gol do Flamengo em 297 jogos durante oito temporadas antes de viajar para Portugal, e voltaria mais tarde ao “Mengão” para duas novas temporadas e mais 56 jogos no clube. Uma referência, portanto, com 353 partidas disputadas pelo Flamengo, além de passagens fugazes pelo Cruzeiro, pelo Vitória e pelo América.

Erivonaldo e Lopes da Silva eram os outros dois brasileiros do time – ambos oriundos de Caruaru, no Paraná –, embora sem tanta expressão na equipe como o experiente Zé Carlos. São dois atletas que acabariam por se radicar como jogadores em Portugal até o final das suas carreiras – tendo inclusive dupla nacionalidade –, embora sem nunca terem atingido patamares elevados no futebol português, andando quase sempre pelos escalões inferiores. O polivalente Lopes da Silva, porém, não era um estranho para Jorge Jesus, uma vez que saiu do Felgueiras para o Amora precisamente no ano em que Jesus fez o percurso inverso, do Amora para o Felgueiras, quando ambos jogavam na Divisão de Honra. Foi Jesus quem

“ordenou” o seu regresso ao clube nortenho, primeiro ainda para jogar no 2º escalão do futebol português e mais tarde na Liga Portuguesa.

OS 3 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO FELGUEIRAS

- **Zé Carlos** | 1995/96 | Goleiro | 27 jogos | 38 gols sofridos
- **Erivonaldo** | 1995/96 | Zagueiro | 11 jogos | 0 gols marcados
- **Lopes da Silva** | 1995/96 | Meia-armador | 10 jogos | 0 gols marcados

O MISTER E O IRMÃO DE RONALDINHO GAÚCHO

Depois de duas épocas na Divisão de Honra – um ano e meio no Felgueiras mais uns meses no União da Madeira – Jesus voltou à Liga Portuguesa para assumir os destinos do seu clube de coração, o Estrela da Amadora. E logo no primeiro ano receberia – por empréstimo do Sporting –, um jogador muito especial: nada mais, nada menos, do que Roberto Assis, irmão mais velho de Ronaldinho Gaúcho e jogador de inatacável qualidade, meia-atacante de grande capacidade, especialista exímio na cobrança de bolas paradas, ficou apenas quatro meses na Reboleira, mas enquanto esteve foi sempre titular com Jesus. Depois foi para o Japão, vendido pelo Sporting, com um contrato milionário na janela do mercado de inverno. Deixou saudades em Jesus e, como veremos mais à frente, levou consigo a eterna memória do Mister.

Entre os brasileiros dignos de destaque, vale a pena recordar dois Gilbertos: um atacante que chegara do Corinthians após passagem pelo CSA, e um volante que já estava em Portugal, na Acadêmica, e que Jesus mandou “resgatar” na Divisão de Honra. Seriam ambos titulares. Verona, ponta com quem trabalhou no segundo ano, também mostraria qualidade e fez carreira interessante no Belenenses, onde somou 122 jogos e 27 gols em quatro temporadas. Mas a referência maior seria mesmo o atacante Eric Gomes, conhecido na Europa apenas como “Gaúcho”. Logo no primeiro ano assumiu-se como titular – embora não marcasse gols – e seguiu para a Espanha por empréstimo, onde representou o Ourense até final da temporada. Regressou e trabalhou uma temporada com Jesus, podendo mesmo dizer que foi o primeiro jogador brasileiro que Jesus

desenvolveu até atingir um patamar alto, superior àquele que tinha quando chegou às suas mãos. Nesse ano, Gaúcho marcou 21 gols em 34 jogos e começou a despertar a cobiça de clubes como Benfica e FC Porto, mas no ano seguinte, já sem o Mister, marcaria “apenas” 11 gols nos mesmos 34 jogos e o interesse esfriou. Ainda fez carreira durante anos no primeiro escalão em Portugal, tendo marcado mais 53 gols entre Marítimo e Rio Ave. No caminho, uma passagem pela Coreia. Terminou em 2010 no Brasil, defendendo o Timbaúba.

OS 9 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO ESTRELA DA AMADORA

- **Gefferson** | 1998/99 | Zagueiro | 0 jogos | 0 gols marcados
- **Capitão** | 1998/99 | Meia-armador | 18 jogos | 2 gols marcados
- **Roberto Assis** | 1998/99 | Meia-armador | 12 jogos | 4 gols marcados
- **Gilberto Gaúcho** | 1999/00 | Meia-armador | 32 jogos | 0 gols marcados
- **Verona** | 1999/00 | Ponteiro-direito | 27 jogos | 2 gols marcados
- **Stênio** | 1998 a 2000 | Atacante | 17 jogos | 0 gols marcados
- **Gilberto** | 1998 a 2000 | Atacante | 51 jogos | 12 gols marcados
- **Serginho Fraldinha** | 1999/00 | Atacante | 18 jogos | 1 gol marcado
- **Gaúcho** | 1998 a 2000 | Centroavante | 45 jogos | 21 gols marcados

UM TALENTO, UMA PROMESSA E UM “MATADOR” NO BONFIM

Em Setúbal, Jorge Jesus recebeu o surpreendente Jorginho na sua primeira experiência europeia, um jovem de apenas 23 anos, esguio e franzino, formado nas escolas do Atlético Paranaense e vindo diretamente do Goiânia – onde fez 27 jogos e sete gols – para Portugal. Veloz, talentoso, irreverente e de remate fácil, com Jesus teria, contudo, de aprender a defender, cobrir espaços, fechar bem o seu corredor. Jogou 32 jogos nessa época e marcou apenas dois gols, mas cresceu muito enquanto jogador apto para as exigências do futebol europeu. Depois desse ano com Jesus, faria mais três temporadas em Setúbal com um total de 108 jogos e 41 gols, números que levaram o FC Porto a avançar para a sua contratação. No Dragão ficaria dois anos e meio, entre 2005 e 2008 – fez 56 jogos e cinco gols –, ganhando três títulos de Campeão Nacional e duas Taças de Portugal antes de rumar a Braga, onde reencontraria Jorge Jesus anos mais tarde.

Outra nota de destaque dessa época é do jovem central Hugo Alcântara, lançado por Jesus na Europa com apenas 21 anos e vindo diretamente do humilde Mixto, do Brasil. Fez 22 jogos e lançou-se para uma carreira onde faria mais 156 jogos e 10 gols na Liga Portuguesa entre Vitória de Setúbal, Acadêmica, Belenenses – onde reencontrou Jesus – e União de Leiria. Pelo meio, três temporadas no Cluj da Romênia e meia temporada no Montedio Yamagata do Japão. Terminou no Grêmio Osasco do Brasil aos 36 anos, após uma última passagem pelo “seu” Mixto. Uma última palavra para Hugo Henrique, que marcou 17 gols em 34 jogos nessa época, depois de ter feito 23 gols em 37 jogos no ano anterior pelo Rio Ave. Este atacante

formado e oriundo do Santa Cruz do Brasil decaiu depois bastante em Setúbal e passou por Belenenses e Santa Clara sem nunca atingir os patamares para os quais parecia estar talhado como “matador”. Um verdadeiro enigma que terminou no Brasil em 2009, defendendo o Confiança.

OS 10 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO VITÓRIA DE SETÚBAL

- **Marçal** | 2001/02 | Zagueiro | 6 jogos | 0 gols marcados
- **Hugo Alcântara** | 2001/02 | Zagueiro | 22 jogos | 0 gols marcados
- **Eliseu** | 2001/02 | Zagueiro | 15 jogos | 0 gols marcados
- **Robson Nese** | 2001/02 | Defesa-lateral | 3 jogos | 0 gols marcados
- **Ico** | 2001/02 | Meia-armador | 33 jogos | 4 gols marcados
- **Jorginho** | 2001/02 | Ponteiro-esquerdo | 34 jogos | 2 gols marcados
- **Hugo Henrique** | 2001/02 | Atacante | 34 jogos | 17 gols marcados
- **Evandro** | 2001/02 | Atacante | 8 jogos | 0 gols marcados
- **Rogério** | 2001/02 | Atacante | 5 jogos | 0 gols marcados
- **Jean Paulista** | 2001/02 | Centroavante | 21 jogos | 1 gol marcado

DO ‘FLOP’ RAFAEL AO CRAQUE RUBENS JÚNIOR

Em Guimarães, Jesus encontrou de tudo um pouco nos poucos meses em que treinou o Vitória Sport Clube. Do Brasil chegou Vinícius por empréstimo, um centroavante de 30 anos que marcara 13 gols em 32 jogos jogando pelo Fortaleza, mas que não rendeu nada de significativo em Portugal. Guga, atacante muito abnegado e combativo que faria mais tarde carreira defendendo o Boavista e o Olhanense, foi praticamente sempre titular com Jesus, mas marcava poucos gols. Já Rafael, um jogador que tinha vindo das quadras de futsal e dos areais do futebol de praia para a alta-roda europeia, ‘explodira’ em Portugal defendendo o Paços de Ferreira com 17 gols em 33 jogos na ‘Capital do Móvel’ – incluindo uma exibição de sonho no Estádio da Luz, onde marcou dois gols numa vitória épica por 2-3 no terreno do Benfica –, números que levaram o FC Porto à sua contratação mas sem o sucesso desejado, por isso seguiu por empréstimo para Guimarães.

Cléber Lima, por sua vez, era um central possante, de grande qualidade, titular absoluto primeiro no Belenenses e depois em quatro anos no Vitória de Guimarães, mas nesse ano com Jesus sofreu uma lesão que o afastou de metade da época. Viria a jogar 5 anos na Polónia, no Wisla Cracóvia, onde terminou a carreira. Mas verdadeiramente extraordinário era Rubens Júnior, um lateral-esquerdo que também podia jogar como ponteiro graças à sua aprimorada técnica. Talvez tenha sido o primeiro grande talento que passou pelas mãos de Jorge Jesus enquanto treinador, mas aos 29 anos, após algumas lesões e emprestado pelo FC Porto ao Vitória, já não era o empolgante jogador que chegou à Europa. Com Luiz Felipe Scolari ganhou

a Copa Libertadores em 1999 – alinhou em dois jogos da campanha internacional – antes de ser titular absoluto dos dragões entre 1999 e 2001, onde fez 62 jogos. Com Jesus ainda foi titular numa época em que fez 24 jogos e um gol. Daí em diante a sua carreira decaiu, mas ainda fez uma boa última temporada no Vasco da Gama, aos 33 anos, com 35 jogos e 3 gols pelos vascaínos.

OS 5 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO VITÓRIA DE GUIMARÃES

- **Cléber Lima** | 2003/04 | Zagueiro | 21 jogos | 0 gols marcados
- **Rubens Júnior** | 2003/04 | Lateral-esquerdo | 24 jogos | 1 gol marcado
- **Guga** | 2003/04 | Atacante | 29 jogos | 3 gols marcados
- **Rafael** | 2003/04 | Atacante | 15 jogos | 2 gols marcados
- **Vinícius** | 2003/04 | Centroavante | 7 jogos | 1 gol marcado

DOIS JOGADORES REFERENCIADOS PARA O FUTURO

Pouco tempo de Jesus em Moreira de Cónegos, grandes exibições e resultados surpreendentes, mas muito tarde para salvar um clube há muito condenado à queda de divisão. Ainda assim, o possante Nei, um atacante brasileiro nascido em Avaré e que chegou no final de janeiro cedido pela Ovarense, ainda faria alguns estragos com quatro gols em 13 jogos. Mas quem ficou mesmo na memória do Mister no curto período em Moreira de Cónegos foram Fernando – 28 jogos, cinco gols – e Manoel – 31 jogos, seis gols –, a ponto de Jesus ter pedido para receber ambos no Belenenses apenas dois anos mais tarde. Manoel, aliás, chegou mesmo a ser comprado pelo Sporting Clube de Portugal no seguimento daquilo que fez em Moreira de Cónegos, mas seria emprestado ao Vitória de Guimarães sem nunca vestir-se de verde e branco e acabou por nunca ter oportunidades de leão ao peito. Por fim, o já veterano Demétrius praticamente não cruzou com Jesus no clube.

OS 5 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO MOREIRENSE

- **Fernando** | 2004/05 | Meio-campo-esquerdo | 28 jogos | 5 gols marcados
- **Eriverton** | 2004/05 | Atacante | 17 jogos | 3 gols marcados
- **Nei** | 2004/05 | Centroavante | 13 jogos | 4 gols marcados
- **Manoel** | 2004/05 | Centroavante | 31 jogos | 6 gols marcados
- **Demétrius** | 2004/05 | Centroavante | 8 jogos | 0 gols marcados

UMA “LENDA” DO PALMEIRAS E UM VENCEDOR DA CHAMPIONS

Formado no Grêmio, já com 27 anos e acabado de chegar à Europa após 121 jogos defendendo o Coritiba, Fernando Prass, que defende o gol do Palmeiras há sete anos – 267 jogos – depois de quatro anos no Vasco da Gama – 241 jogos –, chegou a Portugal como nome de destaque, mas foi reserva com Jorge Jesus no modesto União de Leiria. Figura inesquecível do futebol brasileiro, hoje com 41 anos, Fernando Prass ganhou em duas ocasiões o Brasileirão pelo Palmeiras, conquistando também uma Série B e uma Copa do Brasil pelo Verdão. Também pelo Vasco da Gama ganhou a Série B brasileira e a Copa do Brasil. Internacional olímpico, tem mais de 720 jogos oficiais no Brasil e é uma figura inesquecível do futebol brasileiro nos últimos 20 anos, mas com o Mister Jesus, mesmo estando no auge das suas capacidades, nunca passou de reserva do português Paulo Costinha. Nos dois anos e meio seguintes, já sem Jesus no clube, faria 87 jogos no União de Leiria, assumindo-se como titular absoluto e provando a si próprio que podia vingar na Europa antes de regressar ao Brasil.

Outro nome de peso entre os brasileiros nesse time era Maciel, ponta muito veloz que tinha despontado para o futebol europeu no União de Leiria com 84 jogos e 29 gols em dois anos e meio. José Mourinho estava atento e deu ordens ao FC Porto para contratá-lo no meio da temporada 2003/04, precisamente a da épica conquista da Champions League pelos dragões. Maciel fez ainda 21 jogos e três gols nessa segunda metade de temporada, sagrando-se Campeão de Portugal e Campeão Europeu. No ano seguinte, após a saída de Mourinho, faria apenas dois jogos e acabaria emprestado ao Atlético Paranaense antes de voltar a Portugal, para

trabalhar com Jorge Jesus novamente no União de Leiria, de onde Maciel tinha saído três anos antes. Com Jesus relançou a carreira com 34 jogos e seis gols marcados. Fez ainda mais uma época em Braga – 29 jogos, cinco gols – e outra em Leiria sem brilho, antes de uma passagem fugaz pela Grécia para representar o Xanthi apenas em quatro ocasiões. Regressaria ao Brasil e teve uma reta final de carreira muito animada, representando nove clubes diferentes entre 2009 e 2015. Terminou aos 37 anos no Cabofriense.

Paulo César foi outro brasileiro em destaque e seria mesmo um dos homens de confiança de Jorge Jesus, que três anos depois “exigiu” a sua contratação para o Sporting de Braga. Atacante veloz e sempre disponível, muito trabalhador, nesse ano em Leiria fez oito gols em 32 jogos e provou toda a sua versatilidade, jogando a partir das alas ou no corredor central. Acabou a carreira aos 36 anos, em 2016, após duas temporadas no Maranhão.

OS 12 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO UNIÃO DE LEIRIA

- **Fernando Prass** | 2005/06 | Goleiro | 9 jogos | 11 gols sofridos
- **Anderson Dantas** | 2005/06 | Lateral-direito | 0 jogos | 0 gols marcados
- **Anderson Alves** | 2005/06 | Lateral-esquerdo | 2 jogos | 0 gols marcados
- **Hadson Nery** | 2005/06 | Lateral-esquerdo | 0 jogos | 0 gols marcados
- **Éder Bonfim** | 2005/06 | Lateral-direito | 30 jogos | 0 gols marcados
- **Harison** | 2005/06 | Meia-armador | 26 jogos | 1 gol marcado
- **Cadu** | 2005/06 | Meia-armador | 18 jogos | 1 gol marcado
- **Jaime Júnior** | 2005/06 | Meia-atacante | 13 jogos | 0 gols marcados
- **Alberoni** | 2005/06 | Meia-atacante | 0 jogos | 0 gols marcados
- **Maciel** | 2005/06 | Ponta | 34 jogos | 6 gols marcados
- **Paulo César** | 2005/06 | Atacante | 32 jogos | 8 gols marcados
- **Ferreira** | 2005/06 | Atacante | 21 jogos | 3 gols marcados

ALGUMAS REVELAÇÕES E BOAS SURPRESAS

Na sua passagem pelo Belenenses, Jorge Jesus treinou nada menos do que 20 jogadores brasileiros em apenas dois anos, muitos deles em estreia absoluta no futebol europeu. Com uma campanha europeia pelo meio e até uma final da Taça de Portugal disputada frente ao Sporting de Anderson Polga, Romagnoli, Alecsandro, Liedson e companhia, muitos deles saíram valorizados e se lançaram a outros palcos. Um excelente exemplo disso mesmo é Rodrigo Alvim, lateral-esquerdo que fez 65 jogos em dois anos com Jesus, inclusive os dois contra o colosso Bayern Munique na Liga Europa e que lhe correram particularmente bem. Os clubes da Bundesliga estavam atentos e, aos 25 anos, transferiu-se para o Wolfsburg. Na Alemanha, contudo, não foi feliz e fez apenas três jogos em duas épocas, entretanto já tinha conquistado reconhecimento e assinou pelo Flamengo, onde ficou dois anos e meio, jogou 25 partidas e marcou dois gols. Daí seguiu para o Joinville e depois para o Paysandu, antes de terminar em 2016 nos Estados Unidos, aos 33 anos e após três temporadas em Miami.

OS 20 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO BELENENSES

- **Marco Aurélio** | 2006/07 | Goleiro | 2 jogos | 4 gols sofridos
- **Júlio César Jacobi** | 2007/08 | Goleiro | 28 jogos | 36 gols sofridos
- **Tiago Schmidt** | 2007/08 | Goleiro | 0 jogos | 0 gols sofridos
- **Nivaldo** | 2006/07 | Zagueiro | 34 jogos | 5 gols marcados
- **Weverson** | 2007/08 | Zagueiro | 0 jogos | 0 gols marcados
- **Hugo Alcântara** | 2007/08 | Zagueiro | 28 jogos | 1 gol marcado
- **Edson Henrique** | 2007/08 | Zagueiro | 9 jogos | 0 gol marcados
- **Amaral** | 2006 a 2008 | Lateral-direito | 41 jogos | 0 gols marcados
- **Rodrigo Alvim** | 2006 a 2008 | Lateral-esquerdo | 65 jogos | 1 gol marcado
- **Sandro Gaúcho** | 2006/07 | Volante | 21 jogos | 0 gols marcados
- **Mancuso** | 2006/07 | Volante | 10 jogos | 0 gols marcados
- **Fábio Januário** | 2006/07 | Meia-atacante | 4 jogos | 0 gols marcados
- **Fernando** | 2006 a 2008 | Meio-campo-esquerdo | 33 jogos | 2 gols marcados
- **Rafael Bastos** | 2007/08 | Ponteiro-esquerdo | 16 jogos | 0 gols marcados
- **Evandro Paulista** | 2007/08 | Atacante | 4 jogos | 0 gols marcados
- **Weldon** | 2007/08 | Atacante | 16 jogos | 10 gols marcados
- **Manoel** | 2006/07 | Centroavante | 9 jogos | 0 gols marcados
- **Roma** | 2006/07 | Centroavante | 19 jogos | 3 gols marcados
- **João Paulo** | 2007/08 | Centroavante | 22 jogos | 4 gols marcados
- **Evandro Roncatto** | 2007/08 | Centroavante | 32 jogos | 3 gols marcados

Mas se Alvim foi uma boa surpresa, Manoel e Fernando, com quem Jesus já tinha trabalhado no Moreirense e quis levar para Belém, desiludiram o Mister no clube da Cruz de Cristo. Manoel não marcou nenhum gol em nove jogos e Fernando marcou apenas dois em 33 jogos ao longo de duas épocas. Já o central Hugo Alcântara, outro que Jesus bem conhecia por tê-lo lançado sete anos antes no futebol europeu jogando pelo Vitória de Setúbal, não desiluiu na sua única temporada em defesa do Belenenses e somou 28 jogos com um gol marcado.

A grande revelação, porém, seria o atacante Weldon, que chegado apenas na metade da temporada a Portugal ainda foi a tempo de fazer dez gols em 16 jogos. Jesus gostou tanto das suas participações que, anos mais tarde, o buscaria novamente no Brasil para integrar o time do Benfica, onde ainda fez duas temporadas antes de seguir para o Cluj da Romênia. Andou depois pela China, voltou à Romênia e a Portugal, até que regressou finalmente ao Brasil, onde representou mais cinco clubes antes de terminar no Batatais de São Paulo. Quem também foi com Weldon para o Benfica após trabalhar com Jesus no Belenenses foi Júlio César Jacobi, hoje goleiro do Grêmio após 4 anos no Fluminense. Entre o Benfica e o regresso ao Brasil ainda andou também por Espanha, defendendo o Granada e o Getafe.

PATAMAR MAIS ELEVADO, QUALIDADE MAIS EVIDENTE

Em Braga, Jesus reencontraria Paulo César, com quem tinha trabalhado no União de Leiria, e Jorginho, que tinha lançado no Vitória de Setúbal. Alguns anos passaram, mas ambos tinham feito percursos interessantes e mantinham intactas as suas capacidades físicas, técnicas e táticas, e por isso continuaram a ser opção para o Mister. Paulo César, por exemplo, marcou sete gols em 31 jogos. Os números de Jorginho seriam bem mais modestos, muito por culpa dos também brasileiros Alan e Matheus, que se ocuparam das alas ofensivas quase de maneira exclusiva. Alan seria, inclusive, uma referência eterna e absoluta no clube, com nove anos na equipe, 347 jogos e 56 gols marcados. Em dado momento, Jesus o recebeu por empréstimo do FC Porto e por lá ele ficaria em definitivo até a final da carreira, sendo hoje uma das mais carismáticas e simbólicas figuras da história do Sporting de Braga.

Moisés foi outro dos bons jogadores que ele encontrou em Braga, contratado ao Boavista, mas com passagens anteriores no Brasil por Vitória, Paraná, Cruzeiro e Flamengo, e na Rússia por Spartak de Moscovo e Krylya Sovetov. Um central forte e tecnicamente evoluído que jogou sempre muito nos clubes por onde passou. Ficou mais dois anos em Braga após a saída de Jesus e ali disputaria uma final da Liga Europa. Mais tarde andou pelo Catar e pela China, antes de regressar ao Brasil para terminar a carreira na Portuguesa de Desportos em 2014. Aliás, no que diz respeito à linha defensiva, Jesus recorreu a muitos brasileiros de qualidade nesta sua passagem por Braga, todos eles com números muito interessantes, de

Evaldo a André Leone, passando até pelo mais modesto, mas também útil Edimar.

Também no meio-campo havia muita qualidade brasileira para Jesus trabalhar. Qualidade técnica de Márcio Mossoró, mas, acima de tudo, qualidade tática do surpreendente Vandinho, que fez 45 jogos como volante nessa época e afirmou-se, provavelmente, como o primeiro verdadeiro “6” à medida daquilo que Jesus pretende dessa posição no meio-campo. De lá para cá, nomes como Javi Garcia, Matic e Fejsa no Benfica, William Carvalho no Sporting, ou Willian Arão no Flamengo, têm sido excelentes exemplos daquilo que o Mister Jesus exige e consegue extrair dos jogadores que ocupam aquela posição do campo. Uma posição absolutamente determinante nos equilíbrios defensivos e no lançamento do ataque, uma posição estruturante de todo o jogo implementado pelo Mister Jesus nas suas equipas e que teve, em nosso entender, em Vandinho, o primeiro dos mais fiéis intérpretes das ideias de Jesus, com todo o respeito pelos meios-campos anteriores que o Mister treinou. Vandinho estava com 31 anos, mas na plenitude das suas capacidades físicas e, acima de tudo, com uma grande predisposição para aprender coisas novas, algo que é fundamental para se ter sucesso sob o comando técnico de Jorge Jesus. Nesse ano também passaram ainda o uruguaio Luís Aguiar e o argentino Andrés Madrid pela posição, jogadores de grande qualidade, mas nenhum com a regularidade de Vandinho, que se tornou um jogador preferido para Jesus que, infelizmente para si, nunca conseguiria “roubá-lo” ao Sporting de Braga nos anos imediatamente a seguir.

OS 11 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO SP. BRAGA

- **Moisés** | 2008/09 | Zagueiro | 26 jogos | 1 gol marcado
- **Evaldo** | 2008/09 | Defesa-lateral | 32 jogos | 0 gols marcados
- **André Leone** | 2008/09 | Zagueiro | 26 jogos | 1 gol marcado
- **Edimar** | 2008/09 | Lateral-esquerdo | 12 jogos | 1 gol marcado
- **Vandinho** | 2008/09 | Volante | 39 jogos | 0 gols marcados
- **Márcio Mossoró** | 2008/09 | Meia-atacante | 34 jogos | 2 gols marcados
- **Jorginho** | 2008/09 | Ponteiro-esquerdo | 14 jogos | 0 gols marcados
- **Wender** | 2008/09 | Ponteiro-esquerdo | 3 jogos | 0 gols marcados
- **Matheus** | 2008/09 | Ponteiro-esquerdo | 34 jogos | 2 gols marcados
- **Alan** | 2008/09 | Ponteiro-direito | 45 jogos | 4 gols marcados
- **Paulo César** | 2008/09 | Atacante | 31 jogos | 7 gols marcados

FINALMENTE, JOGADORES DE NÍVEL INTERNACIONAL

Quando Jesus entrou no Benfica, encontrou imediatamente alguns jogadores brasileiros de primeira linha, como o experiente Luisão ou os promissores David Luiz, Sidnei e Ramires. Luisão seria sempre o seu capitão de equipe, um verdadeiro líder dentro do campo e uma extensão da voz do treinador. Somou 253 jogos e marcou 25 gols com Jesus, ou seja, sensivelmente um gol a cada dez jogos, números tremendos para um zagueiro. Como brasileiro craque da seleção em 46 ocasiões, com presenças em Mundiais, Copas Confederações e Copas América, foi certamente o jogador de maior ‘cartaz’ que Jesus treinou até chegar ao Benfica, e voltaria a ter muito poucos ao seu dispor com tamanha dimensão de carreira como teve Luisão. O zagueiro terminou a carreira em 2018 com 522 jogos, 45 gols e 20 títulos defendendo o Benfica, nas 15 temporadas em que representou o clube de Lisboa.

Sidnei tinha sido titular do Benfica no ano anterior, com apenas 18 anos, mas com Jesus não teve a mesma sorte, já que a sua escolha recairia mais em David Luiz, outro jovem de grande qualidade que vinha de lesão prolongada. David Luiz esteve apenas um ano e meio com Jesus no Benfica, mas jogou em um número impressionante de 77 jogos nesse curto espaço de tempo antes de se transferir por 25 milhões (mais o passe de Matic) para os londrinos do Chelsea. Já Sidnei, depois de apenas dez jogos nesse primeiro ano, participaria de promissores 28 encontros na segunda temporada, mas essa aposta não teria continuidade. Passou um ano emprestado no Besiktas da Turquia, voltou para continuar a não ser aposta em 2012/13 e desde então se assumiu como central de primeira linha na

Liga Espanhola: 176 jogos na defesa do Espanhol de Barcelona, Deportivo de La Coruña e Bétis de Sevilha.

Ramires já era, aos 22 anos, jogador de Seleção Brasileira e estava na cara que ficaria pouco tempo em Portugal. Chegou no verão de 2009 e 10 meses depois já estava vendido para a Inglaterra, com o Chelsea pagando 22.5 milhões de euros pelo incansável meio-campo que o Benfica contratara por 7 milhões ao Cruzeiro. Fez 42 jogos e cinco gols com Jesus, e assumiu-se como uma unidade central das conquistas do clube nesse ano, principalmente pela forma como conferia intensidade ofensiva sem sacrificar os equilíbrios defensivos do 4x4x2 que Jesus implementara. Nunca mais Jorge Jesus recebeu um jogador desta dimensão para desempenhar aquela tão peculiar tarefa ao longo dos seus últimos cinco anos no Benfica.

UMA BOA SURPRESA E UM ENIGMA SEM EXPLICAÇÃO

Ainda nesse primeiro ano, Jesus recebeu logo de início mais quatro brasileiros: Júlio César Jacobi e Weldon – com quem já tinha trabalhado no Belenenses –, mas também o desconhecido Felipe Menezes e ainda Keirrison, que chegava emprestado pelo Barcelona e como grande figura das edições anteriores do Brasileirão. Júlio César Jacobi seria sempre um reserva no Benfica durante os dois anos em que esteve na Luz. Weldon também, mas naquele primeiro ano seria determinante para a conquista do título. A dada altura da temporada, Cardozo e Saviola demonstraram fadiga e não estavam apresentando os índices goleadores necessários, e Weldon tomou a frente e se destacou em alguns jogos decisivos, marcando seis importantes gols sem os quais, sem dúvida, o Benfica não teria sido campeão. Felipe Menezes, por sua vez, ainda teve 28 oportunidades ao longo de um ano e meio, mas nunca convenceu na Luz. Regressaria ao Brasil, onde de lá para cá já conheceu sete clubes, entre os quais, o Palmeiras. Está hoje no CRB.

Keirrison foi – e ainda hoje é – um verdadeiro enigma pelo rumo que a sua carreira levou. Marcou 21 gols no Coritiba em 2007, mais 21 gols novamente no Coritiba em 2008, e ainda mais 24 gols no Palmeiras em 2009, tudo isto ainda antes de completar 21 anos de idade. Foram 66 gols em três anos e que levaram o Barcelona a pagar 14 milhões de euros pela sua contratação. Devido ao excesso de estrangeiros em Camp Nou, surgiu a possibilidade de o jogador chegar ao Benfica por empréstimo e Jorge Jesus, conhecedor das suas capacidades, nem hesitou. Mas em meia temporada na Luz fez apenas sete jogos e não marcou nenhum gol,

levantando a hipótese de ser por falta de oportunidades. Novo empréstimo, desta vez à Fiorentina de Itália, e nova prestação modesta com apenas dois gols em 12 jogos. Regressou em definitivo ao Brasil e em nove anos marcou apenas mais 23 gols, menos do que numa só época dourada no Palmeiras. Terminou em 2018 no Londrina, não sem antes tentar uma última oportunidade na Europa. Resultado? Dois jogos e zero gols no modesto Arouca, em Portugal. Como já referimos, um enigma.

Ainda nesse ano, na janela de inverno, Jesus pediria a contratação de mais quatro jogadores brasileiros: Airton, Kardec e Éder Luís. Éder Luís ficou apenas quatro meses no clube, mas Airton, volante, ficou dois anos. Mesmo na “sombra” do espanhol Javi Garcia, ainda somou 32 jogos. Já Alan Kardec ficou, saiu, voltou, e mesmo sem nunca se afirmar em pleno ainda marcou oito gols em 43 jogos. Sobre Kardec, em 2014, quando o jogador estava no São Paulo, Jesus afirmou que se tratava do *“melhor atacante a jogar no Brasil”*, sem nunca esconder que esperava um pouco mais da sua passagem pela Europa. Chegou a dizer que Kardec *“só não rendeu mais no Benfica porque chegou muito novo e encontrou a concorrência fortíssima de Aimar, Saviola, Cardozo e Rodrigo”*.

O HOMEM QUE FALTAVA NO TIME DE JESUS

Na metade do seu segundo ano no Benfica, Jesus viu David Luiz ir para o Chelsea e não tinha alternativas internas à altura para compensar essa ausência no “onze encarnado”. A solução foi contratar um jogador quase desconhecido que pertencia ao Desportivo Brasil e que estava emprestado nos modestos Estoril Praia e Olhanense, ambos de Portugal. Adaptou-se rapidamente e fez dupla com Luisão até à chegada do argentino Garay na temporada seguinte. Mais tarde, com a saída do próprio Garay, voltaria a ser titular e uns anos depois ele próprio herdaria a braçadeira de capitão do Benfica após a “aposentadoria” de Luisão. Ainda hoje representa o clube de Lisboa, onde soma mais de 250 jogos e leva 16 gols marcados. No momento em que Jorge Jesus foi para o Flamengo chegou a falar-se na possibilidade de levar Jardel com ele e o Mister até falou sobre o assunto: *“Jardel tem nível para jogar em qualquer equipe do mundo”*, afirmou, embora sem nunca confirmar o interesse no central.

UM NOVO DONO PARA O GOL E UM “PATINHO FEIO” NA LUZ

No seu terceiro ano de Benfica, Jesus tentou resolver dois crônicos problemas através da contratação de dois brasileiros. No gol, o português Quim não o convenceu em 2009/10 e o espanhol Roberto revelou-se um insucesso em 2010/11, por isso o Mister ordenou a contratação de Artur Moraes, goleiro com três anos de Série A italiana – Siena, Cesena e AS Roma – e figura de destaque do Sporting de Braga no ano anterior. Na Luz, Artur Moraes ficaria 4 anos com Jesus e mesmo sem ser titular absoluto nas suas duas últimas épocas – foi reserva dos “colossos” Jan Oblak e Júlio César –, foi o segundo brasileiro mais utilizado de todos por Jesus, com 144 jogos oficiais pelo Benfica. Para lateral-esquerdo, Jesus apostou em Emerson Conceição, jogador que já tinha 5 anos de experiência de futebol europeu na Ligue 1 francesa, com 114 jogos defendendo o Lille. Fez 39 jogos nessa temporada, mas nunca caiu nas graças dos torcedores do Benfica, que inexplicavelmente vaiavam o jogador sempre que este tocava na bola. Jesus nunca o deixou “cair” e apostou sempre no seu atleta, mesmo contra a sonora manifestação que chegava das arquibancadas.

Outro jogador brasileiro que chegou nessa época foi, contudo, um dos jogadores preferidos de Jorge Jesus nos anos seguintes, sendo um dos mais utilizados pelo Mister. Falamos de Bruno César, hoje no Vasco da Gama, e que chegou ao Benfica apelidado de “chuta-chuta” pelo seu percurso de 50 jogos e 15 gols defendendo o Corinthians. No Benfica fez 60 jogos e 13 gols em apenas um ano e meio, o que lhe valeu a convocação à Seleção A do Brasil antes de se transferir para o Al-Ahli da Arábia Saudita. Voltaria

mais tarde a Portugal e para trabalhar novamente com Jorge Jesus, mas logo entraremos nesses detalhes.

UM DOS MELHORES ATACANTES COM JESUS

Em 2012, chegou ao Benfica um jogador que ficou diretamente ligado aos melhores momentos dos anos seguintes do clube de Lisboa, mas também aos feitos mais significativos da carreira do Mister Jesus. Trata-se de Lima, atacante de percurso peculiar, mas com enormes argumentos táticos, técnicos e físicos, além de um tremendo faro de gol e uma imensa diversidade de argumentos na hora de chutar ao gol. Oito anos antes, em 2004, este craque tinha 21 anos e esteve em Portugal para representar o Vizela no 3º escalão nacional, onde fez apenas sete jogos e zero gols. Passou despercebido e voltou ao Brasil, passando por clubes como Mixto, Paysandu, Iraty, JMalucelli, Paraná, Juventus SP, Santos e Avaí, estes últimos quatro sempre por empréstimo do JMalucelli, de Curitiba. Aliás, seria o mesmo JMalucelli que promoveria o regresso de Lima ao futebol português, emprestando o atacante ao Belenenses. Em Lisboa, já com 26 anos, em 2009, Lima finalmente mostrou a sua capacidade com 12 gols em 32 jogos e levou o Sporting de Braga a apostar na sua contratação. Depois de 40 gols em 98 jogos no norte do país, chegou ao Benfica para fazer história com Jorge Jesus. Foram 144 jogos, 70 gols, duas Finais Europeias, dois Campeonatos, duas Taças da Liga, uma Taça de Portugal e uma Supertaça. Tudo somado, fez duplas de ataque com jogadores tão importantes como Oscar Cardozo, Rodrigo, Talisca e Jonas, mas foi ele o mais utilizado e influente atacante ao longo do melhor período de Jorge Jesus enquanto treinador do Benfica. Rumou ao Al Ahli dos Emirados Árabes Unidos com o contrato da sua vida, fez 29 gols em 38 jogos e terminou a carreira em 2017, aos 34 anos.

O CRAQUE QUE ORIGINOU “BATE-BOCA” COM MOURINHO

Nos últimos três anos de Benfica, as contratações do clube e do próprio Jesus começaram a ser cada vez mais criteriosas, tentando mexer o mínimo possível no time e contratando mais pela certeza do que na mera tentativa de descobrir talentos ocultos. Fruto dessa nova estratégia, apenas um dos últimos cinco contratados pode ser considerado como um ponto fora da curva, trata-se de Derley, atacante de grande mobilidade contratado ao Marítimo após 18 gols em 34 jogos no futebol português. Na Luz, porém, não iria além dos dois gols em 27 jogos e nunca passou do ostracismo do banco de reservas. Um ano antes, o Benfica recebeu o lateral-esquerdo Siqueira por empréstimo do Granada e este se revelaria a solução perfeita para uma posição que vinha sendo um problema crônico no clube. Excelente jogador, assumiu-se como titular absoluto, mas o Benfica não conseguiu avançar para a sua contratação, já que o Atlético Madrid se antecipou e garantiu o jogador junto do Granada.

Apostado num maior rigor nos alvos do mercado de transferências, ainda assim o Benfica decidiu arriscar no jovem Anderson Talisca, e em boa hora o fez. Contratado por 4 milhões de euros, fez 44 jogos e 11 gols no seu primeiro ano de Benfica com Jorge Jesus. No auge da sua “explosão” inicial, Talisca desatou a marcar gols a uma velocidade estonteante e o próprio Jorge Jesus enalteceu a capacidade do Benfica de contratar um jovem “desconhecido” de apenas 20 anos ao modesto Bahia. José Mourinho, na época treinador do Chelsea, estava atento e também se referiu publicamente ao atacante brasileiro: *“O Benfica contratou muito bem. Dizem que o Talisca era desconhecido, mas é tão desconhecido que*

só não está jogando na Inglaterra porque não tem licença de trabalho. Se a tivesse, já estaria aqui. Havia muitas equipes inglesas, grandes e importantes, que o queriam. Houve até quem o quisesse contratar mesmo sabendo que ele não podia jogar na Inglaterra, para colocá-lo para jogar num campeonato menor e esperar que eventualmente chegasse à Seleção Brasileira para depois obter a necessária licença de trabalho”, revelou o técnico português. Jorge Jesus não gostou e respondeu à altura quando questionado acerca das palavras de Mourinho: *“Eles conheciam tão bem o Talisca na Inglaterra, como eu conheço o D’Artagnan”,* afirmou o Mister bem ao seu estilo. Mourinho, já se sabe, não é de se controlar e respondeu em jeito de provocação a Jesus: *“Em vez de ler Alexandre Dumas, como o Jorge Jesus, eu prefiro ler a gramática portuguesa para não ser acusado de lhe dar pontapés”.* Teria mesmo de ser Jesus, de forma mais ou menos diplomática, a meter um ponto final no “bate-boca” entre ambos: *“Volto a repetir o que disse sobre o Talisca. Eles, e quando eu disse ‘eles’, estava me referindo aos clubes ingleses, conheciam tão bem o Talisca como eu conheço o D’Artagnan. Não falei diretamente para nenhum clube nem para o Mourinho. Tenho uma boa relação com ele, não é agora por causa do Talisca que isso vai mudar. Não quero polêmicas, até para o bem do futebol português. Estamos longe um do outro e não vamos alimentar polêmicas”.*

Um ano depois, Jesus saiu do Benfica e Talisca, apesar de mais nove gols em 34 jogos, perdeu espaço no clube por razões que ainda hoje não são claras, sendo emprestado ao Besiktas, da Turquia, onde provou toda a sua qualidade com 37 gols em 80 jogos. Mourinho estava agora no Manchester United e não hesitou, mandando os Red Devils avançar para a sua contratação. *“Em relação a Mourinho é um ‘amor’ que existe, não vou mentir. Mas não depende só de mim. Depende do Benfica, dos meus empresários, que estão a tratar da situação. Mas logo, logo, terão aí a notícia”,* afirmou, na época, Talisca acerca do interesse do treinador português. O jogador acabaria por seguir para o Guangzhou Evergrande, da

China, por uma verba próxima dos 30 milhões de euros. Soma 29 gols em 42 jogos no futebol chinês.

COM JESUS NO BENFICA, UMA “LENDA” MAIOR

De todos os 28 jogadores brasileiros que Jesus orientou no Benfica, há dois nomes que destacam mais do que todos os outros: Júlio César pela dimensão lendária de toda a sua carreira, e Jonas pelos extraordinários feitos que alcançou no clube português. Mas comecemos por dispensar toda a devida atenção ao “Imperador” das traves, goleiro formado no Flamengo e com 275 jogos no gol rubro-negro. Na Itália, no comando do Inter de Milão, 300 jogos e inúmeros títulos conquistados, inclusive a Champions League e o reconhecimento individual de Melhor Goleiro do Mundo. Na Seleção do Brasil, 87 jogos e presenças nas grandes competições internacionais, incluindo Copa do Mundo. Vencedor da Copa América, duas Copas das Confederações, uma Champions League, um Mundial de Clubes, 5 Campeonatos de Itália, 3 Taças de Itália, duas Supertaças de Itália, 3 Ligas Portuguesas, uma Taça de Portugal, uma Taça da Liga e uma Supertaça de Portugal.

Chegou ao Benfica num contexto muito específico, logo após a hecatombe do Mundial 2014 e da derrota por 7-1 frente à Alemanha. Estivera um ano no 2º escalão do futebol inglês, defendendo o Queens Park Rangers, e fez sete jogos defendendo os canadenses do Toronto FC, na MLS, para poder marcar presença na lista de convocados de Scolari para o Mundial do Brasil. Naquele momento pós-Mundial seriam poucos os projetos que poderiam dar força a Júlio César para continuar, mas o Benfica de Jesus convenceu o “Imperador” a abraçar nova aventura ao mais alto nível na Europa e na Champions League. No seu único ano com o Mister não foi além dos 30 jogos devido a alguns problemas lombares que atrasaram a sua estreia, mas quando começou a jogar agarrou a

oportunidade para não mais largar. Sofreu apenas 17 gols – quase um a cada dois jogos – e foi decisivo para o sucesso alcançado nessa temporada em que o Benfica ganhou todas as quatro competições disputadas em Portugal. A sua elegância, dentro e fora das quatro linhas, marcou uma era no futebol português, até pelo respeito e espírito esportivo com que sempre tratou todos os participantes do jogo. Um verdadeiro exemplo em todos os sentidos.

JESUS TREINOU O MELHOR DOS ÚLTIMOS 25 ANOS DO BENFICA

Jonas foi uma “história de amor” tão inesperada que nem Jesus poderia prever que pudesse correr tão bem. O atacante brasileiro de 30 anos chegou ao Benfica já na última época do Mister, como jogador desempregado, depois de ter sido dispensado do Valência, de Espanha. Assinou pelo Benfica apenas em setembro, depois de fechada a janela de transferências e com a temporada em andamento. No time de Jorge Jesus havia uma dupla de atacantes composta por Lima e Talisca atuando com toda a força, e Jonas teria mesmo de esperar pela sua oportunidade, que não demorou muito. Depois de marcar três gols logo na estreia, num jogo frente ao Sporting da Covilhã para a Taça de Portugal, começou a entrar imediatamente nas escolhas do Mister e nunca mais saiu da equipe. Terminaria o seu único ano com Jesus no Benfica com registos dignos de craque mundial: 31 gols em 35 jogos e título de Melhor Jogador da Liga em Portugal, feito que repetiria também em 2015/16. Depois da saída de Jesus, ficou ainda mais quatro anos no Benfica e terminou a sua carreira no final da época 2018/19 com números de verdadeira lenda na história do clube: 137 gols em 183 jogos, quatro vezes Melhor Marcador do Benfica, duas vezes Melhor Marcador da Liga Portuguesa, quatro Ligas Portuguesas, uma Taça de Portugal, duas Taças da Liga e duas Supertaças. Deixou eterna saudade em todos os verdadeiros torcedores de futebol em Portugal.

NOMES QUE NÃO PASSARAM DE MERAS NOTAS DE RODAPÉ

No total dos seis anos no clube, defesas como Patric, Luís Felipe, César Martins e Bruno Cortez, o meio-campo Felipe Bastos, o ponteiro Victor Andrade e o atacante Michel, são outros brasileiros que Jesus orientou no Benfica e que se revelaram ineficientes na Luz. Todos eles dignos do maior respeito e com carreiras meritórias, mas por uma ou outra razão não resultaram sob o comando do atual treinador do Flamengo. Vejamos o exemplo de Bruno Cortez, hoje titular do Grêmio, internacional brasileiro e vencedor da Copa Libertadores, mas que no Benfica fez sete jogos sem deixar saudades nos torcedores. César Martins, por sua vez, não “vingou” no Benfica de Jesus, mas somou 30 jogos desde então pelo Flamengo e cerca de 80 jogos na Liga Portuguesa jogando por clubes como Nacional da Madeira, Vitória de Setúbal e Santa Clara. O futebol tem destas coisas e também aqui devemos recordar novamente as pertinentes palavras de Ortega y Gasset: *“Eu sou eu e a minha circunstância”*. Simples.

OS 28 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO BENFICA

- **Júlio César Jacobi** | 2009 a 2011 | Goleiro | 24 jogos | 23 gols sofridos
- **Artur Moraes** | 2011 a 2015 | Goleiro | 144 jogos | 114 gols sofridos
- **Júlio César** | 2014/15 | Goleiro | 30 jogos | 17 gols sofridos
- **Luisão** | 2009 a 2015 | Zagueiro | 253 jogos | 25 gols marcados
- **David Luiz** | 2009 a 2011 | Zagueiro | 77 jogos | 3 gols marcados
- **Sidnei** | 2009 a 2011 e 2012/13 | Zagueiro | 38 jogos | 3 gols marcados
- **Jardel** | 2011 a 2015 | Zagueiro | 125 jogos | 6 gols marcados
- **César Martins** | 2014 | Zagueiro | 9 jogos | 0 gols marcados
- **Luís Felipe** | 2014 | Lateral-direito | 0 jogos | 0 gols marcados
- **Patric** | 2009/10 | Lateral-direito | 2 jogos | 0 gols marcados
- **Emerson Conceição** | 2011/12 | Lateral-esquerdo | 39 jogos | 0 gols marcados
- **Bruno Cortez** | 2013/14 | Lateral-esquerdo | 7 jogos | 0 gols marcados
- **Guilherme Siqueira** | 2013/14 | Lateral-esquerdo | 33 jogos | 1 gol marcado
- **Airton** | 2009 a 2001 | Volante | 34 jogos | 0 gols marcados
- **Fellipe Bastos** | 2009/10 | Volante | 0 jogos | 0 gols marcados
- **Ramires** | 2009/10 | Meia-atacante | 42 jogos | 5 gols marcados
- **Felipe Menezes** | 2009 a 2011 | Meia-atacante | 28 jogos | 2 gols marcados
- **Bruno César** | 2011 a 2013 | Meia-atacante | 60 jogos | 13 gols marcados
- **Victor Andrade** | 2014/15 | Ponteiro-direito | 0 jogos | 0 gols marcados
- **Weldon** | 2009 a 2001 | Atacante | 27 jogos | 6 gols marcados
- **Éder Luís** | 2010 | Atacante | 10 jogos | 1 gol marcado

- **Lima** | 2012 a 2015 | Atacante | 144 jogos | 70 gols marcados
- **Anderson Talisca** | 2014/15 | Atacante | 44 jogos | 11 gols marcados
- **Derley** | 2014/15 | Atacante | 27 jogos | 2 gols marcados
- **Jonas** | 2014/15 | Atacante | 35 jogos | 31 gols marcados
- **Keirrison** | 2009 | Centroavante | 7 jogos | 0 gols marcados
- **Alan Kardec** | 2009 a 2011 e 2012/13 | Centroavante | 43 jogos | 8 gols marcados
- **Michel** | 2012 a 2014 | Centroavante | 0 jogos | 0 gols marcados

UMA REALIDADE BEM DIFERENTE EM ALVALADE

No Sporting, Jesus não teve a mesma “sorte” que tivera no Benfica e não encontrou a mesma abundância de qualidade no time dos rivais. Trabalhou com menos jogadores brasileiros – apenas 12 em três anos – e alguns deles em fases da carreira menos propícias ao desenvolvimento do trabalho do técnico. Cinco desses jogadores já se encontravam no clube quando Jorge Jesus entrou e apenas um deles, o lateral-esquerdo Jefferson, seria titular durante o período do Mister de leão ao peito. Em duas temporadas faria 44 jogos, mas na terceira temporada Jesus já não contou com ele. Destaque também para Marcelo Boeck, que fez apenas meia temporada com Jorge Jesus antes de ser dispensado por empréstimo para a Chapecoense, sobrevivendo mais tarde à tragédia que abalou o mundo apenas por se encontrar lesionado na data do voo que caiu na Colômbia e fez mais de 70 vítimas mortais. Ewerton, contratado na época anterior, e Wallyson Mallmann, produto das camadas jovens do clube, nunca foram verdadeiras opções para Jesus. De fato, o único brasileiro que já se encontrava no clube e que foi, em momentos, aposta de Jesus ao longo de dois anos, foi Matheus Pereira, jovem que veio para Portugal ainda criança e que fez quase todo o seu processo de formação no clube leonino. Com Jesus, fez 27 jogos e seis gols. Hoje, já com 23 anos, o outrora promissor ponteiro está emprestado na Inglaterra, no West Bromwich Albion do 2º escalão, à procura de relançar a sua carreira.

UM VELHO CONHECIDO E UM DESEJO ANTIGO

Além dos jogadores que já estavam no clube, chegaram logo no primeiro ano mais dois brasileiros juntamente com Jesus a Alvalade. Nenhum deles era primeira opção do Mister no mercado, mas fruto de poucos recursos financeiros acabaram por ser as soluções possíveis. Bruno Paulista, jovem meio-campo que poderia eventualmente ser “moldado” por Jesus de forma a evoluir na posição “6” quando estivesse preparado, e o central Naldo, muito longe de ser uma escolha prioritária mas que acabaria por fazer uma temporada bastante razoável, com 27 jogos realizados.

No meio dessa primeira temporada, porém, Jesus receberia um jogador que conhecia muito bem dos seus tempos no Benfica, nada mais, nada menos, do que Bruno César, que com ele, na Luz, tinha feito uma temporada tão boa que o levou inclusive à Seleção Brasileira. No Sporting seria quase sempre titular com Jesus ao longo de dois anos e meio, somando 75 jogos e 8 gols marcados. Mas se no Benfica jogava principalmente sobre as alas, sempre com jeito ofensivo e à procura da sua boa meia-distância, no Sporting teve de se adaptar a outras posições. A qualidade não abundava em alguns setores do time e Jesus socorria-se de Bruno César pelo profundo conhecimento que este já tinha das ideias do Mister, bem como pela sua versatilidade tática. Ao fim desses dois anos e meio, Bruno César tinha jogado como lateral-direito e lateral-esquerdo, como volante e meia-atacante, como ponteiro-direito e ponteiro-esquerdo, como meio-campo e segundo-atacante. Um verdadeiro “pau para toda a obra” a serviço de Jesus. Para a história ficará para sempre a sua extraordinária exibição frente ao Real Madrid de Cristiano Ronaldo, em

pleno Santiago Bernabéu para a Champions League, quando um gol de Bruno César esteve a escassos minutos de submeter o colosso espanhol a uma derrota em casa.

Se Bruno César era alguém com quem Jorge Jesus já tinha trabalhado, Elias era alguém com quem Jesus sempre quis trabalhar. Aliás, quando Ramires saiu do Benfica para o Chelsea, Jesus pediu a contratação de Elias para o seu lugar, mas o Atlético Madrid foi mais rápido na época e “fechou” o meio-campo que brilhava intensamente no Corinthians por 7 milhões de euros. Um ano depois, ainda sem Jesus, o Sporting contratava Elias aos espanhóis por quase 9 milhões de euros, mas 49 jogos e apenas 4 gols depois, o internacional brasileiro rumaria por empréstimo ao Flamengo, onde faria 55 gols e 10 gols em 2013, o que lhe valeu o regresso à Seleção. No segundo ano de Jesus em Alvalade, conseguiu finalmente receber Elias, que regressara três anos antes ao Corinthians. O objetivo era substituir o português craque internacional Adrien Silva no Sporting, mas este acabaria por não sair e Elias ficou sem espaço na equipe. Regressaria seis meses depois ao Brasil, desta vez para o Atlético Mineiro, com apenas 16 jogos e dois gols sob o comando de Jesus.

Nesse mesmo ano, Jesus recebeu também o atacante André Felipe, também conhecido por André “Balada”. Contratado ao Corinthians após uma época modesta com seis gols em 29 jogos, no Sporting não faria melhor e despediu-se com apenas três gols em 15 jogos. No regresso ao Brasil fez a melhor época da carreira, com 27 gols em 67 jogos pelo Sport Club do Recife. André Felipe joga hoje no Grêmio.

O FILHO DE BEBETO E UMA PROMESSA DE FUTURO

No seu terceiro e último ano de Sporting, Jesus recebeu mais dois reforços brasileiros. Um deles era o filho do mítico atacante Bebeto, Campeão do Mundo em 1994 numa dupla ofensiva inesquecível como Romário. Matheus Oliveira é seu nome, o jovem meio-campo formado no Flamengo já atuava em Portugal defendendo o Estoril Praia, onde jogou dois anos por empréstimo do clube rubro-negro. Jogando pelo modesto clube português, fez seis gols em 58 jogos e despertou a cobiça do Sporting para a sua contratação. Mas com Jesus faria apenas 18 jogos e um gol, registro muito modesto num ano complicado em todos os níveis no Sporting. O outro reforço brasileiro apresentou um registo ainda mais modesto. Aliás, muito mais modesto. Wendel, meio-campo de apenas 20 anos que fizera 58 jogos e sete gols no Fluminense de Abel Braga, chegou rotulado de “craque”, mas fez apenas quatro jogos e zero gols com Jesus.

OS 12 BRASILEIROS TREINADOS POR JESUS NO SPORTING

- **Marcelo Boeck** | 2015/16 | Goleiro | 6 jogos | 5 gols sofridos
- **Jefferson** | 2015 a 2017 | Lateral-esquerdo | 44 jogos | 0 gols marcados
- **Ewerton** | 2015/16 | Zagueiro | 18 jogos | 1 gol marcado
- **Naldo** | 2015/16 | Zagueiro | 27 jogos | 0 gols marcados
- **Bruno César** | 2016 a 2018 | Meia-atacante | 75 jogos | 8 gols marcados
- **Bruno Paulista** | 2015 a 2017 | Volante | 7 jogos | 1 gol marcado
- **Wallyson Mallmann** | 2015 a 2017 | Volante | 1 jogo | 0 gols marcados
- **Matheus Pereira** | 2015 a 2017 | Ponteiro-direito | 27 jogos | 6 gols marcados
- **Elias** | 2016/17 | Meia-armador | 16 jogos | 2 gols marcados
- **André Felipe** | 2016/17 | Atacante | 12 jogos | 3 gols marcados
- **Matheus Oliveira** | 2017/18 | Meia-atacante | 18 jogos | 1 gol marcado
- **Wendel** | 2017/18 | Meia-armador | 4 jogos | 0 gols marcados

SÓ UM BRASILEIRO NA ARÁBIA, MAS DIGNO DE “NOTA 10”

Na sua primeira experiência no estrangeiro, defendendo o Al Hilal da Arábia Saudita, Jorge Jesus encontrou um rigor regulamentar que não permitia a inscrição de mais do que quatro jogadores estrangeiros por time, por isso teve apenas um brasileiro na sua equipe. Felizmente para Jesus, tratava-se de Carlos Eduardo, 27 anos, jogador de enorme qualidade técnica e grande conhecimento tático, também fruto das suas passagens por Portugal e França. Jesus ficou apenas alguns meses na Arábia, mas consigo Carlos Eduardo foi sempre titular e fez nove gols em 20 jogos. Nos quatro anos e meio que o criativo brasileiro leva de futebol árabe tem já 133 jogos e 72 gols.

Carlos Eduardo chegou a Portugal em 2010 para jogar no Estoril Praia e por ali se manteve durante três anos, durante os quais fez oito gols em 83 jogos, suficiente para levar o FC Porto a avançar para a sua contratação. No Dragão, apenas um ano com cinco gols em 30 jogos e empréstimo para o Nice, da Ligue 1 francesa. Foi aí que viveu o momento mais alto e marcante da sua carreira: marcou cinco gols num só jogo, na rodada 11 da Ligue 1 em 2014/15, algo que não acontecia desde 1984, ou seja, há 30 anos. Graças a esse feito, Carlos Eduardo recebeu do jornal ‘L’Équipe’ – uma referência mundial do jornalismo desportivo – uma avaliação de nota 10 à sua extraordinária exibição. Foi a primeira e única vez que o jornal atribuiu essa nota a um jogador na Ligue 1, e apenas a oitava vez que o fez na sua história. Os franceses Bruno Martini e Franck Sauzée tinham recebido a nota 10 num Campeonato da Europa de Esperanças, o atacante russo Oleg Salenko também a recebeu quando marcou 5 gols aos

Camarões no Mundial de 1994, e o goleiro dinamarquês Lars Windfeld também teve direito à nota perfeita num Aarhus-Nantes para a Liga Europa. O polaco Lewandowski recebeu a nota 10 quando marcou quatro gols ao Real Madrid nas semifinais da Champions League jogando pelo Borussia Dortmund, e Lionel Messi, que fecha a lista, foi o único a receber nota máxima em duas ocasiões: em 2010, quando marcou quatro gols ao Arsenal, e em 2012, quando marcou cinco ao Bayer Leverkusen, em ambas as ocasiões para a Champions League.

Carlos Eduardo foi o primeiro brasileiro que Jorge Jesus treinou fora da Europa, e foi também o último brasileiro que treinou antes de ingressar no comando técnico do Flamengo. Carrega consigo esse simbolismo mas, tudo somado, foi apenas o 108º brasileiro treinado por Jorge Jesus. Carlos Eduardo completou esse número que ajudou o Mister a chegar ao Brasil como conhecedor profundo de uma realidade que não era a sua, e a experiência no Al Hilal, sendo a primeira fora da zona de conforto do seu país, assume também uma relevância muito especial, até pelo fato de ter provado a si próprio que poderia ganhar em qualquer quadrante geográfico. Língua diferente, clima diferente, cultura diferente, mas o futebol sempre na gênese de uma universalidade que não conhece barreiras ou fronteiras.

O BRASILEIRO TREINADO POR JESUS NO AL-HILAL

- **Carlos Eduardo** | 2018/19 | Meia-atacante | 20 jogos | 9 gols marcados

UMA “SELEÇÃO BRASILEIRA” NAS MÃOS DO MISTER JESUS

Contas feitas, e como já tínhamos dito anteriormente, foram 108 os jogadores brasileiros que passaram pelas mãos de Jorge Jesus antes de chegar ao Flamengo e ao futebol brasileiro propriamente dito. Divididos entre 107 na Europa e um na Arábia Saudita, 40 desses jogadores jogaram com o Mister nos ditos “grandes” de Portugal e outros 68 evoluíram nos outros clubes, tendo em alguns desses emblemas de menor dimensão orientado atletas que viriam mesmo a lançar-se a patamares bem mais elevados. Há de tudo entre os brasileiros que Jesus treinou, inclusive atletas de eleição que atingiriam o topo do mundo do futebol, como Júlio César, David Luiz, e Ramires, eventualmente os mais importantes de todos. Nomes como Luisão e Jonas, também eles brasileiros craques internacionais são verdadeiras lendas no Benfica e na Liga Portuguesa. Talisca tem um talento extraordinário que, eventualmente, não mereceria ter “emigrado” tão cedo para o futebol chinês. Vandinho, Alan e Lima são, porventura, os nomes de menor “cartaz” no Brasil, mas que em Portugal fizeram carreiras extraordinárias, marcando não só a carreira do Mister Jesus mas também uma era nos clubes por onde passaram. E Sidnei, que tinha tudo para ser um zagueiro de topo mundial, nunca conseguiu vingar 100% sob o comando técnico de Jesus, mas faria uma carreira de respeito na Europa, principalmente na Liga Espanhola.

Tudo somado – apenas num mero exercício especulativo, até porque estamos falando de jogadores de diversas gerações –, encontramos qualidade e quantidade mais do que suficiente para formar uma equipe que não envergonharia, com toda a certeza, o Brasil em nenhuma competição

internacional. E até no banco encontraríamos nomes importantes para serem alternativas válidas aos titulares. Desde o histórico Fernando Prass – que não chegou a vingar com o Mister Jesus – à eterna promessa Kardec, em quem o Mister muito apostava, mas que nunca chegou a “explodir” no futebol europeu como ele esperava. Passando ainda pelos inevitáveis centrais Jardel e Moisés, pelo lateral Guilherme Siqueira, pelo meio-campo e craque internacional Elias, e pelos subvalorizados Maciel – Campeão Europeu com José Mourinho –, e Paulo César, todos eles com respeitadas e brilhantes carreiras no futebol português. Eis, então, a “canarinha” do Mister Jesus...



OPORTUNIDADES APENAS A QUEM FEZ POR MERECE

Entre os jogadores brasileiros mais utilizados por Jesus, destaque absoluto para o craque internacional Luisão, aquele que fez mais jogos e que mais anos trabalhou com o Mister na Europa – 253 jogos em seis anos. Logo a seguir, empatados no 2º lugar, um goleiro e um atacante: Artur Moraes com 144 jogos em quatro anos, e Lima, também com 144 jogos mas apenas em três anos. Fechando o pódio, um jogador que foi aposta de Jesus no Benfica e no Sporting, o também brasileiro craque internacional Bruno César, que somou 135 jogos sob o comando técnico de Jesus durante quatro anos e meio. Logo a seguir, a fechar o top 5, surge Jardel com 125 jogos ao longo de cinco anos e meio, zagueiro do Benfica que chegaria à Luz na metade da segunda temporada de Jesus no clube. Além destes únicos cinco jogadores que ultrapassaram a barreira das 100 utilizações com Jorge Jesus (Luisão até superou as 250), destaque ainda para os 77 jogos de David Luiz em apenas um ano e meio, e para os 65 jogos de Rodrigo Alvim em duas temporadas no Belenenses. Abaixo destes sete “intocáveis”, Jesus utilizou ainda sete outros jogadores brasileiros em mais de 40 ocasiões e teve mais 21 jogadores brasileiros acima das 30 utilizações.

Mas nem todos os brasileiros “vingaram” com Jorge Jesus na Europa, nem de perto nem de longe. No ponteiro oposto surgem 10 jogadores que não somaram um único minuto com o Mister, ou seja, nem sequer chegaram a ser utilizados em qualquer jogo. E ainda mais 23 que não superaram a barreira das dez utilizações durante todo o tempo em que trabalharam com o Mister. Alguns jogadores de inegável qualidade

ficaram em segundo plano apenas pelo contexto do momento, como Fernando Prass, que depois foi titular absoluto em Leiria, ou Wendel que estava ainda em fase de adaptação à Europa no seu primeiro ano de Sporting. Mas houve casos que foram verdadeiros e absolutos erros de casting, como César Martins, Patric, Luís Felipe e Keirrison no Benfica, ou Bruno Paulista no Sporting, apenas para citar os mais recentes e conhecidos. Na verdade, trabalhar com Jesus pode ser maravilhoso para um jogador quando as coisas começam a correr bem, mas a verdade é que, de acordo com todos aqueles que com ele trabalharam, a exigência do Mister está sempre no auge, do primeiro treino da pré-temporada até o último minuto do último jogo.

CONHECER O BRASIL COMO A PALMA DA SUA MÃO

Do irmão de Ronaldinho Gaúcho ao filho de Bebeto. De jovens em estreia absoluta na Europa a consagrados brasileiros craques internacionais. De grandes figuras do futebol brasileiro a meros desconhecidos. Passou de tudo um pouco pelas mãos do Mister Jorge Jesus ao longo da sua carreira. Desde jogadores que chegavam aos seus respectivos clubes rotulados de grandes “craques”, a incógnitas que viriam a revelar-se grandes apostas do técnico mesmo nos cenários mais adversos. De atletas já moldados ao futebol português e europeu, a jogadores que não faziam a mínima ideia daquilo que encontrariam num continente e numa realidade diferente. Há quem tenha aproveitado para aprender e evoluir na carreira e há quem não tenha conseguido convencer o Mister Jesus. De tudo um pouco, mesmo, nesta ampla amostra de 108 jogadores que, não sendo um retrato absolutamente fiel daquilo que é o jogador brasileiro no seu todo, permitiu certamente ao Mister Jesus chegar ao Rio de Janeiro com um conhecimento bastante profundo das características do jogador nativo do país onde acabara de se estabelecer. E que ninguém duvide que esse foi um dos grandes segredos para o sucesso de Jorge Jesus. Será que outro treinador português que tivesse trabalhado tantos anos com jogadores brasileiros na Europa conseguiria fazer o mesmo? Não. Absolutamente, não. Com certeza não. Mas Jorge Jesus, como certamente já deu para perceber, não é um treinador qualquer.

E O QUE DIZEM OS BRASILEIROS QUE TRABALHARAM COM JESUS?

Costuma dizer-se que a melhor forma de avaliar um treinador é ouvir o que os seus jogadores têm para dizer a seu respeito, saber o que pensam aqueles que com ele trabalharam, que com ele partilharam o vestiário. Porque é dentro de um grupo de trabalho que as pessoas melhor se conhecem, nos momentos bons e nos momentos maus, nas dinâmicas diárias, nas relações interpessoais, na forma como se enfrentam determinados obstáculos mais ou menos complexos, mais ou menos tensos, mais ou menos delicados. O futebol não é apenas futebol, é muito mais do que isso. Por exemplo, nas palavras do mítico treinador italiano Arrigo Sacchi, *“O futebol é a coisa mais importante entre as coisas menos importantes da vida”*. Já para Bill Shankly, lendário manager escocês do Liverpool, *“O futebol não é uma questão de vida ou de morte. É muito mais importante do que isso”*. Frases emblemáticas e amplamente conhecidas por qualquer amante de futebol que se preze, mas que fazem todo o sentido quando refletimos acerca deste fenómeno global. Ainda assim, creio que a mais correta de todas elas é a reflexão do filósofo português Manuel Sérgio, amigo pessoal de Jorge Jesus, que diz o seguinte: *“Quem só sabe de futebol, não sabe nada de futebol”*. E é partindo desta premissa que devemos partir para a interpretação das palavras dos jogadores brasileiros que com ele trabalharam na Europa. Opiniões descomprometidas de quem já terminou a carreira. Palavras descomplexadas de quem sabe que dificilmente voltará a trabalhar com o Mister. Análises honestas na forma de abordar o trabalho desenvolvido ao longo de anos. E até a “leitura” de alguém que não trabalhou com o

Mister, mas é figura essencial da história do Benfica e da Seleção Brasileira, como é o caso do Valdo Cândido Filho.

“Temos de reconhecer mérito ao Jorge Jesus. Costumo dizer que quem é comandado gosta de saber que tem comando. Com ele, sente-se e vê-se que há comando. Jesus está sempre a interagir com os atletas e isso é importante. Ganha a equipe e, conseqüentemente, ganham os torcedores”.

VALDO.

“É um treinador extremamente rigoroso, tem 100% de dedicação ao projeto que assume. Também defende a todo custo a opinião e isso faz com que os seus jogadores cresçam. Transforma jogadores medianos em jogadores bons, acredita e aposta muito no que faz, e os seus jogadores jamais conseguem passar por cima dele. Os brasileiros precisam entender que não são perfeitos em tudo. O ego dos brasileiros é muito grande, falta humildade para tirar proveito daquilo que vem de fora. O Jesus conhece o futebol brasileiro, estudou, e chegou a saber o que encontraria. Conseguiu impor no Flamengo a responsabilidade que o jogador precisa ter para compreender o jogo. Fez isso no Benfica e está fazendo também no Flamengo. Assim que chegou ao Benfica, ele me chamou e disse que não me contrataria se estivesse em outro clube. Depois disse que eu ia jogar ‘assim, assim e assim’, e que passaria a entender o jogo. Eu já era um jogador experiente, com 29 anos, estava na Seleção Brasileira, pensava que já entendia o jogo. Depois dessa conversa fui para casa, refleti e resolvi acreditar nele. E a realidade foi exatamente essa, ele me fez entender cada vez mais o jogo. Hoje, ao acompanhar alguns jogos do Flamengo,

noto os jogadores dentro do campo tomando decisões porque já começam a entender o jogo. Não é simplesmente jogar bola, é jogar futebol”.

LUISÃO.

“Sempre tive uma ótima relação com o Jesus. Não sei se mudou muito a sua metodologia, mas eu me lembro de que ele era muito atento à parte física, gostava que esse componente fosse trabalhado juntamente com a parte técnica. O seu entendimento tático é diferenciado. Em Portugal tem a fama de pegar equipes que não estão numa boa fase e melhorá-las. Com o Benfica foi isso que aconteceu”.

RAMIRES.

“Um dos melhores treinadores que tive em termos táticos. Atento a todos os detalhes, dedicado, comprometido. Eu tinha 30 anos quando fui trabalhar com ele e mesmo assim ainda aprendi muito. Passei a ver o futebol de uma maneira diferente depois de trabalhar com ele. É muito inteligente. Os treinos são excelentes, mas ele cobra muito, exige o tempo todo. É um perfeccionista”.

JONAS.

“Sem dúvida, um dos treinadores mais especiais com quem trabalhei. Entende tudo taticamente. É muito perfeccionista, dedicado e apaixonado por futebol. Sem dúvida nenhuma, foi quem mais me potencializou. É um homem simples, trabalhador, que ama o futebol acima de qualquer coisa. Gosta de desafios”.

DAVID LUIZ.

“Jorge Jesus é uma pessoa muito especial com quem tive a oportunidade de trabalhar em Portugal. É um treinador que tem um conhecimento amplo do futebol, um profissional extremamente apaixonado com quem tive o prazer de trabalhar e aprender bastante. Cheguei ao Benfica com uma idade avançada, quase terminando a carreira, e a partir do momento em que comecei a trabalhar com ele percebi que se tratava de um dos melhores treinadores com quem trabalhei na minha vida. O Flamengo acertou. A expectativa existe, mas tenho quase a certeza de que tem tudo para dar certo e que trará muitas alegrias aos torcedores”.

JÚLIO CÉSAR.

“O Jesus é um treinador ‘chato’ no bom sentido. Qualquer pessoa que queira o teu bem vai ser chata, vai exigir. Exigiu sempre muito de mim e eu ficava feliz por isso. Mau seria se ele não exigisse. Seria porque não contava mais comigo”.

TALISCA.

“O Jesus é muito diferente, é o melhor treinador da atualidade. Tive dois treinadores muito bons na minha carreira, o Tite, que agora está na Seleção do Brasil, e o Jesus, que para mim é mesmo o melhor. Apreendi muito com ele”.

ELIAS.

“O Jesus foi um dos melhores treinadores que tive na minha carreira. Taticamente é dos melhores do mundo. Os seus treinos são de alta

qualidade e o seu futebol é muito atrativo. Ninguém duvida que as suas equipes foram sempre as melhores em Portugal. Quando perdeu foi em detalhes e num ou outro azar”.

BRUNO CÉSAR.

“Jorge Jesus vive futebol 24 horas por dia. Levou-me para o Belenenses em 2006 e fizemos grandes campanhas no clube. Conseguimos duas qualificações para a Liga Europa e enfrentamos o Bayern de Munique. O Félix Magath viu esses jogos e me levou para o Wolfsburg. Jesus é o melhor com quem trabalhei, no trabalho com bola, na metodologia, na análise... Com todo o respeito pelos outros treinadores com quem trabalhei, ele é o melhor. De longe. Os outros não chegam nem perto. Ele já me conhecia porque desde 2006 vinha sempre nas suas férias para o Brasil para ver jogos. O Jesus conhece tudo sobre o Campeonato Brasileiro”.

RODRIGO ALVIM.

“Para mim, foi o melhor treinador com quem trabalhei na carreira. SériO, competente e exigente. É o treinador que teve comigo o maior poder de convencimento em termos de futebol. Ele me colocou no topo do futebol mundial com a exigência que tinha e me fez crescer. É um grande treinador, tanto em relação a treinos como em relação à preparação tática. Isso é indiscutível. É um dos melhores do mundo. Acho que vai acrescentar muito ao futebol brasileiro, que precisa de treinadores assim para evoluir e para se tornar mais atrativo a nível mundial”.

ARTUR MORAES.

“O Jorge Jesus trabalha muito a parte tática durante a semana, mas não dispensa a harmonia no vestiário. É experiente, competente e ambicioso. Será muito importante para o futebol brasileiro”.

JÚLIO CÉSAR JACOBI.

“Sei que todos os momentos em que trabalhei com ele foram importantes para a minha carreira, porque pude evoluir muito. É uma pessoa diferenciada na questão tática e na questão técnica. Ele consegue pôr as equipes a jogar. Tem muito daquele feeling de perceber o que ele está a ensinar, entender que ele está a cobrar. Tinha esse método de cobrança bem alta, como ele faz ali na beira do campo quando começa a gritar que nem um louco. Eu levava muitas broncas dele. Acho até que era um dos preferidos dele, mas o perfil dele é assim mesmo”.

ALAN KARDEC.

“O meu filho é, hoje em dia, um jogador polivalente e admirado no Brasil devido aos ensinamentos de Jorge Jesus. É impressionante aquilo que ele pode fazer por um jogador. O meu filho agradece a ele do fundo do coração por tudo o que lhe transmitiu. Conseguiu imbuir nele uma enorme noção tática em termos de posicionamento, que é algo super importante no futebol moderno. Jorge Jesus o marcou muito e o Kardec gosta muito dele. Quando dá uma entrevista nunca se esquece de falar do papel que Jesus teve na sua evolução, responde sempre que aprendeu muito com ele no quesito tático. Se o Alan Kardec chegou onde chegou, muito deve a Jorge Jesus”.

ALAN KARDEC, PAI DE ALAN KARDEC.

CAPÍTULO 10

A DIMENSÃO EUROPEIA DE JORGE JESUS



O SEGUNDO TÍTULO OFICIAL DO MISTER JESUS

Não podemos olhar para a conquista europeia do Sporting de Braga em 2008 como o primeiro título da carreira de Jorge Jesus, porque esse ocorreu logo em 1992 quando, ainda dando os primeiros passos como treinador, conquistou a 2ª Divisão B, Zona Sul, nos escalões inferiores em Portugal, um título regional e não nacional. Foi essa a primeira “conquista” de Jesus e ganhar é difícil em qualquer parte do mundo, em qualquer escalão que se dispute! Que o digam os milhares e milhares de treinadores que treinam nos escalões inferiores dos confins da Europa ao profundo Brasil, da longínqua Ásia à esquecida África. Ganhar é difícil, ponto! E todas as vitórias devem ser valorizadas, sejam elas onde forem, porque só a valorização dessas vitórias poderá também fazer justiça aos derrotados que deram tudo em campo. Dito isto, concentremo-nos então no primeiro título ao mais alto nível, digamos assim, que Jorge Jesus conquistou na sua carreira de treinador profissional.

A Taça Intertoto era uma competição europeia – entretanto extinta – que permitia a equipes de toda a Europa prepararem-se para as provas UEFA por uma via indireta. Ou seja, caso uma equipe não conseguisse preparar-se para as competições europeias pela via normal da sua liga doméstica, podia inscrever-se previamente na Intertoto e tentar o acesso à Taça UEFA – hoje conhecida como Liga Europa – por meio desta competição. Existiu no calendário europeu da UEFA entre 1995 e 2008, e implicava um risco significativo para as equipes que a disputavam, uma vez que obrigava a um arranque precoce da temporada, terminando as férias dos jogadores mais cedo e sobrecarregando o grupo de trabalho com

vários jogos que poderiam pesar nas pernas numa fase mais adiantada da temporada. Até 2006, o formato era de torneio fechado e tinha inclusive eliminatórias até o jogo final. Na primeira edição da Intertoto, em 1995, o Bordeaux foi um dos vencedores (havia duas finais) e por essa via chegaria depois à final da Taça UEFA 1995/96, que viria a perder frente ao Bayern Munique. Estamos falando de um Bordeaux recheado de estrelas como Lizarazu, Zidane ou Dugarry, e que chegou a ser treinado durante alguns meses pelo português Toni – o tal que se pegou com o jogador do Amora de Jorge Jesus. O sucesso do Bordeaux logo no primeiro ano em que a UEFA organizou a Intertoto (a prova já existira entre 1961 e 1994, embora sem a chancela oficial da UEFA) despertou o interesse de grandes clubes na competição e a lista de vencedores da prova tem times tão prestigiados como a Juventus, o Lyon, o Estugarda ou o Paris Saint-Germain.

A partir de 2006 o formato foi alterado pela última vez e a UEFA decidiu que o vencedor passaria a ser o clube que, garantindo a classificação para a Europa a partir da Taça Intertoto, chegasse depois mais longe na Taça UEFA. Ou seja, das três eliminatórias da Intertoto saíam 11 vagas para a Taça UEFA e eram precisamente essas 11 equipes que disputavam a Intertoto em si. A que chegasse mais longe na Taça UEFA venceria o troféu. Foi assim que o Newcastle, de Inglaterra, conquistou a prova em 2006, assim como o Hamburgo, da Alemanha, em 2007. O Sporting de Braga de Jorge Jesus seria o último vencedor da Intertoto em 2008, prova que foi entretanto extinta pela UEFA para dar lugar a pré-eliminatórias de acesso às provas europeias.

Além destes três últimos e dos já citados Bordeaux, Juventus, Lyon, Estugarda e Paris Saint-Germain, a lista de vencedores da Taça Intertoto ostenta ainda clubes tão distintos e de renome como Marselha, Werder Bremen, Valência, West Ham, Celta de Vigo, Udinese, Villarreal e Schalke 04, para citar apenas alguns. Era uma competição menor, sim, mas todos os anos disputada por dezenas de grandes equipes de Inglaterra, Espanha,

Itália, Alemanha e França, entre outros, que procuravam a glória europeia por esta via alternativa. O Sporting Clube de Portugal, por exemplo, chegou a disputar a prova em 1968 ainda antes de esta ter a chancela da UEFA, e o poderoso Atlético de Madrid foi outro dos que tentaram vencer a prova, já em 2007. Ambos sem o sucesso que o Sporting de Braga alcançou em 2008, enfrentando equipes da Inglaterra, Alemanha, Holanda, Bélgica, Itália e França, por exemplo. Foram 25 gols marcados e apenas sete sofridos em 14 jogos europeus, divididos em nove vitórias, dois empates e três derrotas, para um total de 27 pontos naquela que foi uma inédita, saborosa e histórica conquista para Jorge Jesus, para o Sporting de Braga e para o futebol português de um modo geral.

QUANDO O MISTER FOI PRESENTEADO PELO “MÁGICO”

O episódio mais digno de destaque desse primeiro périplo mais prolongado de Jorge Jesus pela Europa do futebol – ele que sempre viveu o esporte-rei com uma paixão assoberbada e agora estava ali entre os melhores –, foi mesmo o fato de ter enfrentado o gênio Ronaldinho Gaúcho no mítico Estádio San Siro, em Milão. Por todas as razões e mais algumas, esse momento foi com toda a certeza verdadeiramente marcante para o atual técnico do Flamengo, que nunca escondeu ser um admirador confesso da magia do futebol brasileiro. Aliás, treinou muitas dezenas de jogadores brasileiros em todos os clubes que liderou na Europa e ficaram conhecidas as suas longas noites assistindo a jogos do Brasileirão mesmo quando tinha que estar no dia seguinte bem cedo nas academias dos clubes que treinou. É certo que no ano anterior – e falaremos mais sobre isso – enfrentou pelo Belenenses jogadores como Zé Roberto, Toni Kroos, Schweinsteiger ou Ribéry, mas Ronaldinho é Ronaldinho. É único, mítico e inigualável. E quis o destino que fosse mesmo ele a marcar o gol solitário que derrotou o Mister Jesus nessa sua deslocação a um dos mais dignos palcos do futebol mundial para defrontar o colosso AC Milan.

A turma italiana apresentava, à época, um elenco de tremendo luxo onde se destacavam, por exemplo, os brasileiros Dida, Emerson e Alexandre Pato, mas também os italianos Gennaro Gattuso e Pipo Inzaghi, o holandês Clarence Seedorf ou o ucraniano Andriy Shevchenko. Ronaldinho Gaúcho, então com 28 anos – e antes de regressar ao Brasil para ainda representar Flamengo, Atlético Mineiro e Fluminense antes de terminar a carreira – começou o jogo no banco e entrou apenas aos 63

minutos, quando Carlo Ancelotti via o jogo se complicar e percebeu que sem a magia de Ronaldinho dificilmente venceria o abnegado Sporting de Braga de Jesus. O astro brasileiro viria mesmo a resolver em cima dos 90 minutos, frustrando as esperanças do Mister de pontuar em tão conhecido e prestigiante palco do futebol mundial.

Mas o episódio do encontro entre ambos tem outros pormenores deliciosos que envolvem nostalgia, talento, gratidão e demonstrações de carinho entre dois verdadeiros senhores do futebol mundial, nomes de destaque por direito próprio na história do Flamengo no século XXI. No final do jogo, Jesus e Ronaldinho ficaram por instantes no campo trocando algumas impressões imperceptíveis para quem presenciava o diálogo de longe, mas o conteúdo da conversa seria em seguida compartilhado pelo próprio Mister Jesus na coletiva de imprensa de análise ao jogo. “*O Ronaldinho me abordou antes do jogo porque eu fui treinador do irmão dele. No final veio me oferecer a sua camisa. Às vezes, quanto maior é a qualidade, maior é também a humildade. Só assim, com este espírito, é que se pode jogar nas maiores equipes do mundo. Os egocêntricos não vão a lugar nenhum*”, revelou o Mister Jesus numa conversa franca e de peito aberto, um discurso de elogio e reconhecimento para com um craque mundial que, instantes antes, tivera com ele uma tão bonita e singela demonstração de gratidão. Ronaldinho não se esqueceu daquele português grisalho que tinha treinado o seu irmão mais velho, Roberto Assis, durante apenas meia temporada – 12 jogos e quatro gols – em 1998, no modesto Estrela da Amadora, antes de rumar ao Japão para representar o Consadole Sapporo já perto do final da carreira. E Jesus certamente jamais se esquecerá do gesto simbólico do “Mágico” naquele início de noite de outono no norte de Itália. Mais tarde seriam revelados mais detalhes desse episódio quando o próprio Assis o recordou em entrevista: “*Tenho um grande carinho pelo Jorge Jesus e pedi ao ‘Dinho’ para lhe oferecer uma camisa de presente. Não um presente meu, não um presente do Ronaldinho, mas um presente da nossa família*”, revelou o antigo meia-

atacante e internacional brasileiro sub-20 que passou também pelo Sporting em Portugal, depois de ter representado o Sion na Suíça durante três anos após cinco épocas seguidas no Grêmio de Porto Alegre. O respeito e a admiração de Assis e família por Jorge Jesus mantiveram-se intactos e seriam assim demonstrados 10 anos depois de terem trabalhado juntos em Portugal.

**2008/09 – A CAMPANHA DO BRAGA DE JESUS NA UEFA
INTERTOTO**

V – Sivasspor-Sp. Braga | 0 x 2 | 3ª Pré-eliminatória da Intertoto | 1ª jogo

V – Sp. Braga-Sivasspor | 3 x 0 | 3ª Pré-eliminatória da Intertoto | 2ª jogo

V – Zrinjski Mostar-Sp. Braga | 0 x 2 | 2ª Pré-eliminatória da Intertoto | 1ª jogo

V – Sp. Braga-Zrinjski Mostar | 1 x 0 | 2ª Pré-eliminatória da Intertoto | 2ª jogo

V – Sp. Braga-Artmedia Bratislava | 4 x 0 | 1ª Pré-eliminatória da Intertoto | 1ª jogo

V – Artmedia Bratislava-Sp. Braga | 0 x 2 | 1ª Pré-eliminatória da Intertoto | 2ª jogo

V – Sp. Braga-Portsmouth | 3 x 0 | Fase de Grupos da Taça UEFA | 1ª rodada

D – AC Milan-Sp. Braga | 1 x 0 | Fase de Grupos da Taça UEFA | 2ª rodada

D – Sp. Braga-Wolfsburgo | 2 x 3 | Fase de Grupos da Taça UEFA | 3ª rodada

V – Heerenveen-Sp. Braga | 1 x 2 | Fase de Grupos da Taça UEFA | 4ª rodada

V – Sp. Braga-Standard Liège | 3 x 0 | 16 avos-de-final da Taça UEFA | 1ª jogo

E – Standard Liège-Sp. Braga | 1 x 1 | 16 avos-de-final da Taça
UEFA | 2ª jogo

E – Paris St. Germain-Sp. Braga | 0 x 0 | Oitavas-de-final da Taça
UEFA | 1ª jogo

D – Sp. Braga-Paris St. Germain | 0 x 1 | Oitavas-de-final da Taça
UEFA | 2ª jogo

A ESTREIA NA EUROPA UM ANO ANTES

Se a campanha no Sporting de Braga em 2008/09 foi uma espécie de cartão-de-visita de Jorge Jesus perante a Europa do futebol, a verdade é que a sua estreia absoluta nas provas da UEFA ocorreu um ano antes e logo num baptismo de fogo frente a uma das mais poderosas equipas do mundo, o Bayern de Munique. A equipa bávara era uma verdadeira parada de estrelas à escala global e frente ao modesto Belenenses de Jorge Jesus, em setembro de 2007 na Allianz Arena de Munique, o técnico Otmar Hitzfeld não poupou um único craque. Estavam lá os brasileiros Lúcio e Zé Roberto, bem como o argentino Demichelis e o holandês Van Bommel. No gol, jogava a lenda Oliver Kahn, e já que passámos aos nomes alemães, não esquecer Bastian Schweinsteiger, Toni Kroos (este no banco) e Lukas Podolski, três dos carrascos do Brasil nos inesquecíveis 7-1 do Mundial 2014. O francês Frank Ribéry e o italiano Luca Toni – que apontou o único gol desse dia frente ao Belenenses – compunham uma lista de jogadores fenomenais que teve de lutar com todas as forças para vencer o modesto clube de Lisboa nesse quente final de tarde alemã.

A derrota pela margem mínima (1-0) pode até parecer um daqueles prêmios de consolação sem importância nenhuma, uma “vitória moral” tipicamente valorizada apenas por aqueles que muito perdem e raramente ganham. Mas neste caso estamos falando de algo mais do que isso. Estamos falando de um Bayern Munique que sempre foi uma verdadeira besta negra para as equipas portuguesas, mesmo para as maiores e mais representativas da história do futebol de Portugal na Europa. Só para termos uma noção da dimensão do feito da equipa de Jorge Jesus nesse dia, recordemos alguns resultados lusitanos na casa do Bayern antes dessa

visita do Belenenses no ano de 2007: em 1967/68, o Vitória de Setúbal perdeu ali por 6-2 e nove anos mais tarde, em 1975/76, o poderoso Benfica encaixou 5-1. Mais duas visitas do Benfica e mais duas goleadas, ambas por 4-1, em 1981/82 e em 1995/96. O cenário não era, portanto, nada animador à partida do emblema da Cruz de Cristo para a Bavária naquele verão de 2007 para disputar um jogo da Taça UEFA. Seria possível pensar que os tempos mudaram e que, neste século, o Bayern de Munique já não aplicava corretivos dessa dimensão humilhante às equipes portuguesas, mas quando olhamos para aquilo que os grandes de Portugal ali continuaram a fazer em alguns jogos já depois da visita do Belenenses, essa teoria cai imediatamente por terra: em 2008/09, o Sporting perdeu por 7-1, em 2014/15, o FC Porto perdeu por 6-1 e em 2018/19, o Benfica perdeu por 5-1. Nada menos do que assustador.

O feito do Belenenses de Jorge Jesus surge, assim, quase como um oásis português no meio do deserto de Munique, apenas igualado pela derrota do Benfica de Rui Vitória também por 1-0, em 2015/16, e superado pelos empates de FC Porto e Sporting, em 1990/91 e 2006/07, respectivamente. Exceções no meio de 11 derrotas, sete delas por goleadas humilhantes. Ficava a questão no ar: estaria o Bayern Munique preparando-se para humilhar o Belenenses no jogo de volta em Lisboa? A resposta chegaria duas semanas mais tarde e Hitzfeld voltou a meter a carne toda no assador: craques no campo de uma ponta à outra! O Belenenses sobreviveu até a passagem da hora de jogo, quando Luca Toni voltou a marcar na eliminatória. O turco Altintop fez o 0-2 a 15 minutos do fim e colocou um ponto final na história. O Belenenses caiu de pé e a equipe mereceu rasgados elogios por parte do experiente treinador germânico do Bayern Munique, ele próprio vencedor de duas Champions League durante a sua carreira.

2007/08 – A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE JORGE JESUS NA EUROPA

**D – Bayern Munique-Belenenses | 1 x 0 | 1ª Eliminatória da Taça
UEFA | 1ª jogo**

**D – Belenenses-Bayern Munique | 0 x 2 | 1ª Eliminatória da Taça
UEFA | 2ª jogo**

10 ANOS SEGUIDOS SEMPRE SOMANDO NA EUROPA

Se aquela campanha interessante no Sporting de Braga em 2008/09 acabou por ser uma forma de Jorge Jesus entrar pela porta da frente das competições europeias, os nove anos seguintes viriam a confirmá-lo como treinador de grandes palcos. Em clubes com maior dimensão e diferentes ambições – mais o Benfica do que propriamente o Sporting –, Jorge Jesus passou a dispor de outras armas para atacar a Europa, fruto de um maior investimento financeiro na constituição dos respectivos times. Além dos dois jogos europeus pelo Belenenses e dos 14 pelo Sporting de Braga, nos anos seguintes o Mister Jesus marcaria presença em mais 78 partidas europeias em seis anos pelo Sport Lisboa e Benfica, e ainda mais 30 duelos em três anos pelo Sporting Clube de Portugal. Ao todo, Jorge Jesus disputou 124 jogos de competições europeias numa década de altíssimo nível, sendo estes divididos entre 54 na Champions League e 70 na Liga Europa. Números de fazer inveja à esmagadora maioria dos treinadores europeus da atualidade, até porque foram alcançados apenas defendendo clubes portugueses, normalmente afastados das fases mais adiantadas das competições continentais na Europa.

Devolveu o Benfica às finais europeias em 2013 – o clube da Luz não marcava presença num jogo decisivo de provas UEFA desde 1990 – e logo em dose dupla, com nova presença numa segunda final em 2014. Além das duas finais da Liga Europa, chegou ainda uma vez às semifinais e outra vez às quartas-de-final, tendo sempre chegado muito longe na segunda maior competição europeia. Na Champions League, a maior competição de clubes do futebol europeu e mundial, chegou uma vez às quartas-de-

final, igualando a melhor campanha de todas do Benfica na prova desde que esta assumiu este formato em 1992/93. Disputou cinco fases de grupos da Champions League pelo Benfica, recorde de um treinador no clube. Pelo Sporting disputaria mais duas fases de grupos da Champions League, embora nunca atingindo a fase seguinte da prova. Na Liga Europa, sim, ultrapassou sempre a fase de grupos e levaria inclusive o clube de Alvalade numa ocasião até as quartas-de-final.

A HERANÇA EUROPEIA QUE JORGE JESUS ENCONTROU NA LUZ

O Benfica apresentava-se um tanto envergonhado perante a Europa do futebol, de tão modesta que havia sido a campanha anterior. As coisas até tinham começado bem sob o comando técnico do espanhol Quique Flores em 2008/09, que conseguiu eliminar o Nápoles na pré-eliminatória de acesso à Liga Europa, mas a fase de grupos foi um autêntico desastre marcado por derrotas em casa frente a Galatasaray e Metalist, mas também pela humilhante goleada sofrida em Atenas perante o Olympiacos por 5-1. Tudo tão mau que o melhor era mesmo tentar esquecer.

Graças ao 3º lugar na Liga Portuguesa no passado, Jorge Jesus herdou uma equipe aprimorada apenas para a pré-eliminatória de acesso à fase de grupos da Liga Europa, onde viria a encontrar os ucranianos do Vorskla Poltava. Primeiro jogo europeu de Jesus pelo Benfica e logo num Estádio da Luz repleto de emigrantes de férias em Portugal, em pleno mês de agosto. Excelente exibição, goleada por 4-0 e a viagem à Ucrânia acabaria por terminar com uma derrota por 2-1, mas também era apenas uma mera formalidade para cumprir calendário. A fase de grupos seria pouco menos do que brilhante, com o Benfica a somar cinco vitórias e apenas uma derrota, 13 gols marcados e apenas três sofridos. O Everton, por exemplo, da Premier League, foi despachado com parciais de 5-0 em Portugal e mais 0-2 na Inglaterra.

Era um Benfica empolgante, o daquela temporada. Apresentava-se normalmente com três brasileiros craques internacionais, a dupla de centrais composta por Luisão e David Luiz, e ainda o meio-campo

Ramires. Também três argentinos craques internacionais, os astros Pablo Aimar e Saviola, mas também o jovem promissor Di Maria. E ainda um uruguaio craque internacional, Maxi Pereira, e outro paraguaio craque internacional, Oscar Cardozo. Fica fácil perceber que era uma equipe de talento eminentemente sul-americano, ofensiva, criativa, um verdadeiro rolo compressor que triturava adversários com goleadas das antigas. Além desta “armada sul-americana” despontavam ainda os jovens Javi Garcia e Fábio Coentrão – chegariam ambos às seleções A de Espanha e Portugal, respectivamente –, num time em que os internacionais portugueses Quim, César Peixoto, Carlos Martins e Nuno Gomes seriam também importantes. Surpresa pela negativa foi o brasileiro Keirrison, que tinha sido o melhor marcador do Brasileirão no ano anterior com 24 gols pelo Palmeiras, contratado pelo Barcelona e de imediato emprestado ao Benfica por falta de vagas para estrangeiros em Camp Nou. No Benfica faria apenas sete jogos sem marcar nenhum gol. Também o central brasileiro Sidnei, que no ano anterior chegou a titular do Benfica com 18 anos e se assumia como um grande valor para o futuro, sentiu muitas dificuldades para se afirmar sob o comando de Jorge Jesus e perdeu a possibilidade de disputa pela titularidade.

Após a fase de grupos, o Benfica continuou a convencer e derrubou com estrondo o Hertha de Berlim da Bundesliga, com empate a uma bola na Alemanha e goleada por 4-0 em pleno Estádio da Luz no segundo jogo. Seguiu-se o Olympique Marselha e nova manifestação de força da equipe de Jesus, com empate na Luz e vitória em pleno Stade Vélodrome, onde o então jovem atacante brasileiro Alan Kardec, contratado na janela de inverno, brilhou com o gol da vitória. O Benfica só cairia frente ao poderoso Liverpool de Rafa Bénitez, já nas quartas-de-final. Jesus ainda venceu o primeiro jogo na Luz, mas a deslocação à cidade dos Beatles foi penosa e castigadora. Nomes importantes, como Jamie Carragher, Steven Gerrard, Mascherano e Fernando Torres, em pleno Anfield, foram muito

fortes para um Benfica que estava apenas reaprendendo a pisar nestes palcos.

Ainda assim, o desfecho da campanha tinha que ser encarado como amplamente positivo e com números semelhantes aos alcançados em Braga: 14 jogos europeus divididos entre nove vitórias, dois empates e três derrotas, com 29 gols marcados e 13 sofridos. Pelo meio, três vitórias contra equipes da Premier League, uma contra um representante da Bundesliga e outra frente a uma equipe da Ligue 1 francesa. Três goleadas bem robustas e o prestígio parcialmente recuperado na Europa. No final dessa época, também graças à campanha europeia, o Benfica encaixaria quase 60 milhões de euros com as vendas de Di Maria para o Real Madrid (36M€) e Ramires para o Chelsea (22,5M€), a maior e a segunda maior de todas do clube até então. Nomes como Luisão, David Luiz, Fábio Coentrão e Javi Garcia despertaram também muita cobiça na Europa do futebol, mas o clube conseguiu mantê-los por mais algum tempo. No importante capítulo da valorização de ativos, Jorge Jesus começava a justificar plenamente a aposta que o Benfica havia feito nele no verão anterior.

**2009/10 – O PRIMEIRO ANO DE JESUS PELO BENFICA NA
EUROPA**

V – Benfica-Vorskla Poltava | 4 x 0 | 1ª Pré-eliminatória da Liga
Europa | 1ª jogo

D – Vorskla Poltava-Benfica | 2 x 1 | 1ª Pré-eliminatória da Liga
Europa | 2ª jogo

V – Benfica-BATE Borisov | 2 x 0 | Fase de Grupos da Liga Europa
| 1ª rodada

D – AEK de Atenas-Benfica | 1 x 0 | Fase de Grupos da Liga
Europa | 2ª rodada

V – Benfica-Everton | 5 x 0 | Fase de Grupos da Liga Europa | 3ª
rodada

V – Everton-Benfica | 0 x 2 | Fase de Grupos da Liga Europa | 4ª
rodada

V – BATE Borisov-Benfica | 1 x 2 | Fase de Grupos da Liga Europa
| 5ª rodada

V – Benfica-AEK de Atenas | 2 x 1 | Fase de Grupos da Liga
Europa | 6ª rodada

E – Hertha de Berlim-Benfica | 1 x 1 | 16 avos-de-final da Liga
Europa | 1ª jogo

V – Benfica-Hertha de Berlim | 4 x 0 | 16 avos-de-final da Liga
Europa | 2ª jogo

E – Benfica-Marselha | 1 x 1 | Oitavas-de-final da Liga Europa | 1ª
jogo

V – Marselha-Benfica | 1 x 2 | Oitavas-de-final da Liga Europa | 2ª
jogo

V – Benfica-Liverpool | 2 x 1 | Quartas-de-final | 1ª jogo

D – Liverpool-Benfica | 4 x 1 | Quartas-de-final | 2ª jogo

FINALMENTE, A ESTREIA DE JESUS NA CHAMPIONS LEAGUE

Já era treinador há mais de 20 anos quando ouviu o hino da Champions League em pleno estádio, no gramado, junto ao banco da equipe que estava orientando. Esse sonho de qualquer treinador no futebol moderno, o Mister Jesus realizou finalmente a 14 de setembro de 2010, em pleno Estádio da Luz e logo com uma vitória por 2-0 frente a uma atrevida equipe israelita. A dificuldade da prova, porém, mostraria a Jorge Jesus ao longo dos seis jogos da fase de grupos, que ali está a nata da nata, a elite da elite, os melhores dos melhores. A Champions League é, realmente, a melhor e maior competição de clubes do mundo, onde marcam presença os clubes mais poderosos e endinheirados, logo, com os times mais valiosos e recheados de estrelas. Apesar do arranque positivo, os dois jogos seguintes seriam um verdadeiro balde de água fria: duas derrotas, quatro gols sofridos e zero marcados. Era o impacto de todo um novo mundo para Jorge Jesus e um contexto competitivo do qual o Benfica também andara afastado durante alguns anos, desde a última participação em 2005/06 e com um time bem diferente do qual restavam apenas duas ou três unidades. Era, portanto, uma realidade totalmente diferente da Liga Europa e que criaria novos obstáculos a Jesus e seus pupilos.

Após essas duas derrotas, o Benfica finalmente voltou a vencer por 4-3 em casa frente ao Lyon e viu renascer as esperanças de seguir em frente, mas logo voltaria a ser castigado com mais duas derrotas e desceria definitivamente à realidade. Ainda não era tempo para tentar voar na Champions, principalmente após as saídas de Ramires e Di Maria para clubes de topo. Transitou então para a Liga Europa e tanto Jesus como a

equipe voltaram a sentir-se como peixe na água – quatro vitórias e dois empates logo a abrir, frente a equipes das ligas alemã, francesa e holandesa. No último desses jogos, a pior notícia possível: lesão grave de Toto Sálvio, que se ausentaria no resto da temporada. O argentino emprestado pelo Atlético de Madrid era, como Nico Gaitan também contratado no verão anterior, o principal desequilibrador da equipe. A sua falta seria sentida particularmente nos dois jogos das semifinais, onde o Benfica sentiu muitas dificuldades para penetrar a muralha defensiva do Sporting de Braga, tanto no jogo da Luz, quanto no segundo jogo no norte do país. Jorge Jesus falhava assim o assalto a uma final europeia logo no seu quarto ano “europeu”, terceiro em clubes com ambições e apenas segundo de Benfica.

**2010/11 – ESTREIA NA CHAMPIONS E
ASSALTO FALHADO À FINAL DA LIGA EUROPA**

V – Benfica-Hapoel Tel Aviv | 2 x 0 | Fase de Grupos da Champions
League | 1ª rodada

D – Schalke 04-Benfica | 2 x 0 | Fase de Grupos da Champions
League | 2ª rodada

D – Olympique Lyon-Benfica | 2 x 0 | Fase de Grupos da
Champions League | 3ª rodada

V – Benfica-Olympique Lyon | 4 x 3 | Fase de Grupos da
Champions League | 4ª rodada

D – Hapoel Tel Aviv-Benfica | 3 x 0 | Fase de Grupos da Champions
League | 5ª rodada

D – Benfica-Schalke 04 | 1 x 2 | Fase de Grupos da Champions
League | 6ª rodada

V – Benfica-Estugarda | 2 x 1 | 16 avos-de-final da Liga Europa | 1ª
jogo

V – Estugarda-Benfica | 0 x 2 | 16 avos-de-final da Liga Europa | 2ª
jogo

V – Benfica-Paris St. Germain | 2 x 1 | Oitavas-de-final da Liga
Europa | 1ª jogo

E – Paris St. Germain-Benfica | 1 x 1 | Oitavas-de-final da Liga
Europa | 2ª jogo

V – Benfica-PSV Eindhoven | 4 x 1 | Quartas-de-final da Liga
Europa | 1ª jogo

E – PSV Eindhoven-Benfica | 2 x 2 | Quartas-de-final da Liga

Europa | 2ª jogo

V – Benfica-Sp. Braga | 2 x 1 | Semi-finais da Liga Europa | 1ª jogo

D – Sp. Braga-Benfica | 1 x 0 | Semi-finais da Liga Europa | 2ª jogo

A Liga Europa foi conquistada nesse ano pelo fortíssimo FC Porto de André Villas-Boas o que, só por si, atesta bem a tremenda qualidade do futebol praticado em Portugal naquele ano, com três equipes lusas nas semifinais de uma competição europeia. Para Jesus, a lição foi muito clara na sua estreia absoluta na Champions League: a diferença dessa competição para todas as outras é considerável.

UMA GRANDE CAMPANHA QUE TERIA CUSTOS ELEVADOS

No ano seguinte Jorge Jesus voltaria à Champions League com mais experiência e vontade de mostrar que era possível brilhar também na maior competição de clubes do mundo, mesmo numa equipe de um país menor e periférico da Europa, como é o caso de Portugal. Não tendo sido campeão português no ano anterior, teve que enfrentar e ultrapassar em quatro jogos dois adversários “chatos” para entrar na fase de grupos da desejada prova milionária. Venceu tranquilamente os dois jogos disputados na Luz e sobreviveu nos “infernos” da Turquia e da Holanda saindo de lá como dois empates. Tudo sem grandes sobressaltos e numa demonstração de grande segurança logo na fase inicial da temporada.

Se no ano anterior o grupo que Jesus encontrou na Champions League primava pelo equilíbrio e não tinha nenhum “tubarão” do futebol europeu, na temporada seguinte as coisas seriam diferentes e o poderoso Manchester United saiu em vantagem em relação ao Benfica. Estamos falando de uma equipe temível, orientada pela lenda-viva Sir Alex Ferguson, onde já se destacavam nomes como David De Gea, Lindegaard ou “Chicharito” Hernández, e que tinha ainda craques da estirpe de Rio Ferdinand, Patrice Evra, Berbatov ou Ryan Giggs, entre tantos outros. Mas Jesus aprendera no ano anterior e percebeu que a única chance de ter sucesso na Champions League seria apostando sempre nos melhores. Os argentinos Garay, Aimar e Gaitan, os brasileiros Artur, Luisão, Emerson e Bruno César, os espanhóis Javi Garcia, Nolito e Rodrigo, o uruguaio Maxi Pereira, o belga Witsel, o paraguaio Oscar Cardozo... Todos chamados à ação. Os melhores que tinha, para enfrentar os melhores da Europa. Não

perderia nenhum jogo frente ao Manchester United – dois empates –, venceu duas vezes os romenos do Otelul, bateu o Basileia na Suíça e empatou em casa com os helvéticos. Funcionara em pleno a estratégia delineada por Jorge Jesus e a equipe passou mesmo à fase seguinte em primeiro lugar no grupo.

Novamente em terreno desconhecido – Jorge Jesus nunca tinha jogado oitavas da Champions League e o Benfica não chegava a esta fase há cinco anos –, era fundamental perceber mais uma vez em que terreno estava se movimentando. Saiu em sorte ao Benfica uma deslocação a São Petersburgo para defrontar o Zenit, na longínqua Rússia, e logo em pleno mês de fevereiro, pico do inverno na Europa. O jogo não foi disputado na grama nem em neve, mas sim em gelo, em condições absolutamente inóspitas e muito difíceis para a prática do futebol. Rodrigo – atacante hispano-brasileiro hoje no Valência e que é “afilhado” da lenda do futebol brasileiro Mazinho – se lesionou com alguma gravidade no quadril, só com o impacto causado por uma queda no campo congelado. O jogo foi duro e o Benfica saiu derrotado por 3-2, mas bem vivo para o segundo jogo. Na Luz, o Benfica foi muito superior e ganhou por 2-0, vitória até pequena se considerarmos os comandos de Jorge Jesus para o ataque ao adversário. O problema foi que, para conseguir utilizar os melhores nessa complicadíssima deslocação à Rússia para a Champions League, Jesus acabou por perder jogadores que ficaram com algumas mazelas e várias limitações físicas após aquela exigente batalha no gelo. Conclusão: os cinco pontos de avanço que tinha na Liga Portuguesa dissiparam-se numa derrota em Guimarães frente ao Vitória local, e num empate em Coimbra frente à Académica. O FC Porto de Vítor Pereira aproveitou esses deslizos, consumou a ultrapassagem no clássico da Luz e o Benfica recebeu o Zenit na segunda-mão já com a liderança doméstica perdida. Um rude golpe para as aspirações internas de Jorge Jesus, que viu a Liga Portuguesa fugir pelo segundo ano consecutivo.

Nas quartas-de-final da Champions League o Benfica encontrou o poderoso Chelsea de Petr Cech e Didier Drogba, dos seus ex-pupilos brasileiros David Luiz e Ramires, dos espanhóis Juan Mata e Fernando Torres, dos ingleses John Terry e Frank Lampard. Uma equipe incrível que começou na época a ser treinada pelo português André Villas-Boas, terminou com o italiano Roberto Di Matteo no comando, e viria mesmo a ganhar essa edição da prova contra todas as expectativas. Abatido e sem ânimo pelos resultados internos e com muitas baixas no time – no segundo jogo em Londres não tinha um único central disponível no time e jogou com um lateral e um meio-campo no eixo da defesa –, o Benfica acabou por perder ambos os jogos por pouco, deixando ainda assim uma excelente imagem em ambos os jogos, principalmente em Stamford Bridge. No final, Jorge Jesus não deixou de compartilhar a sua visão dos dois jogos: *“Estou revoltado pelos dois jogos. Fomos a melhor equipe, tanto em Lisboa como aqui. Acabamos por perder mas não foi pelo Chelsea ser melhor. Estou muito contente com o que os meus jogadores fizeram, foi uma exibição de grande qualidade, convincente, tática e tecnicamente, frente a uma equipe que não fez nada para merecer passar. O que eu sei é que fomos nitidamente prejudicados, mas o Benfica mostrou a grande equipe que é e reduziu o Chelsea a uma equipe que apenas por sorte seguiu para as semifinais, porque quem merecia estar lá éramos nós”*. Por norma, a UEFA é particularmente dura para com treinadores que criticam as arbitragens, mas neste caso Jesus saiu incólume e sem qualquer sanção, talvez porque, de fato tanto a expulsão de Maxi Pereira em Londres, quanto um pênalti por toque de mão de John Terry em Lisboa pareceram injustos e muito penalizadores para a sua equipe.

Esta participação europeia foi mais uma lição para Jorge Jesus, que mais tarde abordaria a época numa análise bastante direta e incisiva: *“Aprendi que aquilo que os torcedores do Benfica querem mesmo é ganhar o Campeonato. A Liga Portuguesa. De nada vale fazer excelentes campanhas na Champions se depois não formos campeão em Portugal*.

Nunca mais volto a poupar no Campeonato para apostar na Champions League, a prioridade é sempre o Campeonato”, disse de forma convicta. Coincidência ou não, o Benfica nunca mais voltou a ultrapassar a fase de grupos da maior prova da UEFA sob o comando técnico do Mister Jesus.

2011/12 – A APOSTA NA CHAMPIONS LEAGUE ATÉ ONDE FOI POSSÍVEL

V – Benfica-Trabzonspor | 2 x 0 | 1ª Pré-eliminatória da Champions League | 1ª jogo

E – Trabzonspor-Benfica | 1 x 1 | 1ª Pré-eliminatória da Champions League | 2ª jogo

E – Twente-Benfica | 2 x 2 | Play-off de acesso à Champions League | 1ª jogo

V – Benfica-Twente | 3 x 1 | Play-off de acesso à Champions League | 2ª jogo

E – Benfica-Man. United | 1 x 1 | Fase de Grupos da Champions League | 1ª rodada

V – FC Otelul-Benfica | 0 x 1 | Fase de Grupos da Champions League | 2ª rodada

V – Basileia-Benfica | 0 x 2 | Fase de Grupos da Champions League | 3ª rodada

E – Benfica-Basileia | 1 x 1 | Fase de Grupos da Champions League | 4ª rodada

E – Man. United-Benfica | 2 x 2 | Fase de Grupos da Champions League | 5ª rodada

V – Benfica-FC Otelul | 1 x 0 | Fase de Grupos da Champions League | 6ª rodada

D – Zenit-Benfica | 3 x 2 | Oitavas-de-final da Champions League | 1ª jogo

V – Benfica-Zenit | 2 x 0 | Oitavas-de-final da Champions League | 2ª jogo

D – Benfica-Chelsea | 0 x 1 | Quartas-de-final da Champions
League | 1ª jogo

D – Chelsea-Benfica | 2 x 1 | Quartas-de-final da Champions
League | 2ª jogo

A EUROPA DEFINITIVAMENTE PASSA A CONHECER O MISTER JESUS

A campanha anterior foi uma das três melhores de todas do Benfica neste formato da Champions League – a par de 2005/06 com o holandês Ronald Koeman no comando e mais tarde 2015/16 com o português Rui Vitória, que sucedeu Jesus no clube –, mas o Mister tinha razão. Por mais méritos que tenhamos que reconhecer numa caminhada que chega tão longe e perante rivais tão valorosos, as únicas coisas que perduram na mente dos torcedores são mesmo os títulos, as conquistas, as presenças em finais decisivas. É assim na Europa, no Brasil e em qualquer parte do mundo, as conquistas finais serão sempre o ponto máximo pelo qual o trabalho de um treinador é avaliado no final de cada temporada, por mais injusto que isso possa parecer. Lembram-se das palavras que recordamos em páginas anteriores, proferidas por Zdenek Zeman? *“O resultado é casual, o desempenho não”*. Grande verdade, mas a ditadura objetiva dos resultados falará sempre mais alto e se sobreporá sempre à qualidade subjetiva do trabalho realizado, quer queiramos, quer não. E Jesus percebeu isso mesmo com muita clareza e pragmatismo.

Nova presença na Champions, novo colosso do futebol mundial, nada mais, nada menos, do que o Barcelona de Tito Vilanova, uma verdadeira máquina de jogar bom futebol. Com base nos nomes de craques mundiais como Dani Alves, Piqué ou Puyol... Thiago Alcântara, Mascherano ou Busquets... Xavi, Iniesta ou David Villa... Sem esquecer o insuperável Lionel Messi, que “arrasou” no jogo do Estádio da Luz com duas assistências para os gols de Cesc Fàbregas e Alexis Sánchez. Era Jorge Jesus novamente a enfrentar os melhores e a conseguir mais uma vez

pontuar num mítico estádio mundial como é Camp Nou, depois de ter feito o mesmo no ano anterior no Teatro dos Sonhos, Old Trafford. Empatar na casa do Barcelona seria mesmo o ponto mais alto da participação do Benfica nessa edição da Champions League, já que não era um feito ao alcance de muitos naquela época. O Barcelona já estava classificado nessa última rodada, é certo, mas ainda assim lançou em campo jogadores como Puyol, Adriano, Thiago Alcântara, Rafinha, David Villa, Piqué e Lionel Messi, craques de nível mundial que seriam ainda coadjuvados pelos então promissores Montoya, Sergi Roberto, Tello e Deulofeu. O jogo terminou sem gols apesar das oportunidades flagrantes dos dois lados, e no final Jorge Jesus surgiu agindo como sempre agia na coletiva de imprensa após o jogo. *“Não ganhámos, mas fizemos um jogo excelente, nenhuma equipe faz aqui em Camp Nou o que o Benfica fez esta noite. Os torcedores do Benfica devem estar orgulhosos, em jogo jogado o Benfica esteve melhor e teve as melhores oportunidades de gol, como aquela bola do Lima na trave. Não foi por acaso que a UEFA elegeu o goleiro do Barcelona como Homem do Jogo”*. Jesus sendo Jesus e sem falsas modéstias.

Ciente do valor da sua equipe e do trabalho que estava desenvolvendo, Jesus foi mesmo mais longe nessa coletiva de imprensa quando confrontado com a Liga Europa, prova da UEFA para onde o Benfica transitou por ter terminado o seu grupo em terceiro lugar. *“Somos candidatos a ganhar a Liga Europa. Somos uma das equipes que têm uma palavra a dizer entre as candidatas a ganhar a prova”*. Assumiu claramente o favoritismo sem medos e os meses seguintes lhe dariam razão e mostrariam que Jesus sabia muito bem do que estava falando. A frustração de ter feito oito pontos na Champions League e não ter alcançado o suficiente para seguir em frente – já houve equipes que passaram com sete pontos à fase seguinte – era óbvia, mas a verdade é que os empates com Barcelona e Celtic de Glasgow, somados às vitórias também frente aos escoceses Celtic e ainda contra os russos do Spartak, não foram suficientes e o Benfica teria agora que concentrar atenções na

Liga Europa, prova que Jorge Jesus bem conhecia. Afinal de contas, já tinha chegado às oitavas-de-final pelo Sporting de Braga, e aos quartos e meias pelo Benfica. Estava na hora de chegar à final.

A limpeza com que o Benfica começou a tirar adversários de peso do caminho era um bom prenúncio para a premonição de Jorge Jesus e uma boa demonstração de como é diferente o grau de exigência entre a Champions League e a Liga Europa. O Benfica vinha equilibrado com a prova maior e ultrapassou os representantes da Alemanha (Bayer Leverkusen), da França (Bordeaux) e da Inglaterra (Newcastle) como se não fosse nada. Cinco vitórias e apenas um empate até as semifinais, 11 gols marcados e cinco sofridos, e todos começavam a se lembrar das palavras de Jesus quando reivindicou o favoritismo na competição. Nem a derrota no primeiro jogo das meias, no inferno de Istambul frente aos turcos do Fenerbahçe, causou qualquer tipo de alarme. O resultado de 1-0 era totalmente recuperável pela qualidade que se viu de ambas as equipes e o jogo da Luz acabou por confirmá-lo, com o Benfica ganhando por 3-1 num jogo onde ficou a dever uma goleada aos seus próprios torcedores.

O Benfica estava de volta a uma final europeia pela primeira vez no século XXI e pela primeira vez em 23 anos, após o AC Milan-Benfica de 1990 no Estádio do Prater em Viena, na Áustria. E quem seria o rival? Nada mais, nada menos, do que o detentor da Champions League e carrasco do Benfica um ano antes, os londrinos do Chelsea. A equipe mantinha-se repleta de jogadores talentosos e habituados aos grandes palcos, mas o Benfica venderia a derrota a um preço alto, mantendo o adversário sob controle no campo da Arena Johann Cruyff em Amesterdã e caindo apenas aos 92 minutos quando Branislav Ivanovic fez num canto o 2-1 vitorioso para os ingleses.

Terminou o sonho de uma conquista internacional para Jorge Jesus nesse ano, mas o Mister tinha sentido o gosto. Tinha saboreado cada momento daquela final, deve ter prometido a si mesmo voltar aos palcos das grandes decisões, e de lá para cá já somou mais duas grande finais

internacionais, uma segunda pelo Benfica na Liga Europa e uma absolutamente inédita na Copa Libertadores pelo Flamengo. No rescaldo da derrota da sua primeira final, em Amesterdã, Jesus estava naturalmente abatido mas, mais uma vez, não se conteve e compartilhou o que estava em sua alma. *“Fizemos um excelente jogo numa grande final. O vencedor, na minha opinião, e levando em conta aquilo que foi o jogo, só podia ser o Benfica. Os próprios Johann Cruyff e Michel Platini disseram que a melhor equipe não ganhou”*, revelou o Mister. Um homem direto e que diz o que pensa, custe o que custar e doa a quem doer. Não manda recados por ninguém, pensa pela sua própria cabeça e tem uma maneira muito própria de ver e viver o futebol. Goste ou deteste, Jesus é a absoluta personificação da sinceridade no esporte-rei.

**2012/13 – A CAMINHADA PARA A PRIMEIRA FINAL EUROPEIA
DE JESUS**

E – Celtic de Glasgow-Benfica | 0 x 0 | Fase de Grupos da
Champions League | 1ª rodada

D – Benfica-Barcelona | 0 x 2 | Fase de Grupos da Champions
League | 2ª rodada

D – Spartak Moscovo-Benfica | 2 x 1 | Fase de Grupos da
Champions League | 3ª rodada

V – Benfica-Spartak Moscovo | 2 x 0 | Fase de Grupos da
Champions League | 4ª rodada

V – Benfica-Celtic de Glasgow | 2 x 1 | Fase de Grupos da
Champions League | 5ª rodada

E – Barcelona-Benfica | 0 x 0 | Fase de Grupos da Champions
League | 6ª rodada

V – Bayer Leverkusen-Benfica | 0 x 1 | 16 avos-de-final da Liga
Europa | 1ª jogo

V – Benfica-Bayer Leverkusen | 2 x 1 | 16 avos-de-final da Liga
Europa | 2ª jogo

V – Benfica-Bordeaux | 1 x 0 | Oitavas-de-final da Liga Europa | 1ª
jogo

V – Bordeaux-Benfica | 2 x 3 | Oitavas-de-final da Liga Europa | 2ª
jogo

V – Benfica-Newcastle | 3 x 1 | Quartas-de-final da Liga Europa | 1ª
jogo

E – Newcastle-Benfica | 1 x 1 | Quartas-de-final da Liga Europa | 2ª
jogo

D – Fenerbahçe-Benfica | 1 x 0 | Semi-finais da Liga Europa | 1ª
jogo

V – Benfica-Fenerbahçe | 3 x 1 | Semi-finais da Liga Europa | 2ª
jogo

D – Benfica-Chelsea | 1 x 2 | Final da Liga Europa

NOVA TENTATIVA DE ABSOLUTA GLÓRIA EUROPEIA

Se no ano anterior foi impossível para Jesus evitar alguma frustração por não seguir em frente na Champions League após somar 8 pontos na fase de grupos, o que dizer de um ano em que somou dez pontos e mesmo assim ficou pelo caminho? É raro acontecer na Champions League, mas aconteceu a Jorge Jesus nesse ano de 2013/14 graças a uma conjugação muito específica de resultados que deixou o Benfica em terceiro lugar do seu grupo, mesmo tendo vencido o Anderlecht nos dois jogos, o Paris St. Germain no jogo da Luz, e tendo somado mais um ponto com o Olympiacos também em casa. As derrotas em Atenas e em Paris – esta por 3-0 – seriam os resultados que ditaram a queda, uma vez mais, para a Liga Europa. Da Champions League de Jorge Jesus nesse ano, ficou o registro de uma apresentação digna com uma dezena de pontos. E já agora, essa convincente vitória frente ao poderoso Paris Saint Germain dos brasileiros craques internacionais Thiago Silva, Marquinhos, Alex, Maxwell e Lucas Moura, mas também do uruguaio Cavani, dos argentinos Pastore e Lavezzi, do sueco Ibrahimovic, dos franceses Matuidi e Rabiot, e dos italianos Verratti e Thiago Motta, este último brasileiro de berço. Um luxo de time.

No fundo, começava a ficar claro que Jorge Jesus podia competir de igual para igual contra os melhores treinadores e contra qualquer equipe do mundo, sem qualquer tipo de complexo e sempre com equipes bem menos vastas e dispendiosas do que aquelas que os colossos europeus apresentavam nas provas europeias. Por esta altura da carreira, por exemplo, entre Sporting de Braga e Benfica, Jesus já se tinha cruzado em

três ocasiões com o milionário Paris Saint Germain nas competições europeias, num total de seis confrontos diretos. Somou duas vitórias, dois empates e duas derrotas, sofreu sete gols e marcou cinco. Números extraordinários para quem se apresentou sempre em teórica desvantagem e com as improbabilidades das apostas contra si.

Mesmo fora da Champions League, os duelos com alguns dos maiores emblemas europeus não terminaram aí, já que a Liga Europa se apresentou particularmente competitiva nesse ano, como de resto tem vindo a acontecer com cada vez mais frequência. Jesus partia com o selo de treinador do “finalista vencido” da edição anterior da Liga Europa e era, naturalmente, um alvo a abater, encarado como candidato à vitória por tudo o que vinha fazendo ano após ano na Europa. Os primeiros a cair nesta nova caminhada foram os gregos do PAOK de Salónica, despachados com duas vitórias e um acumulado de 4-0. A seguir as coisas ameaçaram correr mal quando o sorteio ditou o poderoso Tottenham, digno representante da Premier League e candidato com legítimas ambições à conquista da prova, ou não tivesse nas suas fileiras jogadores como os brasileiros craques internacionais Sandro e Paulinho, mas também os ingleses Kyle Walker, Aaron Lennon, Harry Kane e Danny Rose, os belgas Vertonghen e Chadli, o francês Hugo Lloris, o dinamarquês Christian Eriksen, o nigeriano Adebayor ou o islandês Gylfi Sigurdsson. Um verdadeiro time de Champions League, que ninguém duvide disso olhando para os nomes elencados nas fichas de jogo de ambos os duelos das oitavas-de-final. E seria uma eliminatória com muito para contar.

O primeiro jogo, em Londres, foi um verdadeiro hino ao bom futebol e à eficácia por parte do Benfica mas, acima de tudo, uma tremenda demonstração de capacidade tática por parte de Jorge Jesus. A forma como Jesus montou a equipe, mesmo deixando de fora do time inicial importantes titulares como Enzo Pérez, Nico Gaitan e Lima, é digna de constar dos mais prestigiados compêndios de futebol e pode nos ajudar muito a perceber aquilo que é o Flamengo versão 2019. Oscar Cardozo

surgiu como homem mais adiantado e apoiado por três “vagabundos” inquietos como Lazar Markovic, Miralem Sulejmani e Rodrigo. Os quatro formaram uma frente ofensiva de grande disponibilidade também na manobra defensiva, nunca descuidando das transições do adversário e fazendo lembrar muito daquilo que hoje vemos no Flamengo com Everton Ribeiro, Arrascaeta, Bruno Henrique e Gabriel Barbosa. No meio-campo, o sérvio Fejsa fez de Willian Arão e o português Rúben Amorim vestiu a pele de Gerson, para que se tenha uma percepção mais clara dos acontecimentos e para que se entenda que nada acontece por acaso no trabalho desenvolvido por Jorge Jesus. O poderoso meio-campo londrino foi contido e o Benfica encontrou sempre o caminho do gol adversário com relativa facilidade.

Mas calma, pois há ainda mais paralelismos para estabelecer entre essa noite em Terras de Sua Majestade e o Mengão dos dias de hoje. Vocês se lembram das palavras de Willian Arão após a classificação para a final da Libertadores? *“Fica tudo muito fácil com ele. Jogar, marcar, fazer o que ele pede, tudo fica fácil e isso é total mérito dele, sem dúvida. Fazemos o que ele pede e há coisas que eu, quando comecei a jogar, nunca imaginei que uma equipe pudesse fazer. Contra o Grêmio, por exemplo, ele avisou antes do jogo que faríamos gol de bola parada e explicou como e onde. Contra o Atlético Mineiro também. Ele estuda muito, vê as fraquezas do adversário e monta a nossa equipe e a nossa estratégia de acordo e em função disso”*. Pois bem, nesse jogo do Benfica frente ao Tottenham ocorreu algo que durante anos foi lembrado no vestiário do Benfica sempre com risadas acompanhando a nostalgia da recordação por parte de quem narrava a história. Na semana que antecedeu o jogo, Jesus disse aos seus jogadores que eles fariam gols de bola parada, pois detectou uma fragilidade na forma como o Tottenham defendia esse tipo de lances, e logo numa equipe inglesa, eles que são conhecidos pela qualidade no jogo aéreo. Jesus disse como e para onde deveriam ser batidas as bolas paradas e explicou a Luisão e a Garay, os centrais, como e onde deveriam aparecer

para atacar o gol adversário. Conclusão: o segundo gol do Benfica foi um cabeceio de Luisão e o terceiro foi uma recarga de Luisão a um cabeceio de Garay, ambos na sequência de cruzamentos de bola parada, ambos exatamente como Jorge Jesus previra e repetira à exaustão nos treinos que antecederam esse jogo. O Benfica ultrapassou, assim, o Tottenham sem grandes dificuldades (no segundo jogo empatou a dois gols, mas a eliminatória nunca esteve em risco) e nas quartas-de-final pôde respirar um pouco mais à vontade, já que apanhou pela frente um modesto AZ Alkmaar cujas figuras de proa eram o sérvio Nemanja Gudelj – mais tarde jogador do Ajax e do Sporting, hoje jogando pelo Sevilha – e o paraguaio Celso Ortiz. Jesus montou uma equipe que inclusive lhe permitiu continuar usando jogadores principais e foi suficiente para vencer confortavelmente na Holanda e no segundo jogo em Lisboa sem sofrer qualquer gol. Mas o pior estava por vir...

A final desse ano da Liga Europa era no norte de Itália, no novíssimo Allianz Stadium, nova casa da gigante Juventus de Turim, a eterna e sempre pujante Vecchia Signora do futebol mundial. Ora, a Juventus havia começado a temporada na Champions League, tal como o Benfica, mas caíra na Liga Europa após ter ficado em terceiro lugar num grupo que contava ainda com o Real Madrid – à época com um estratosférico Cristiano Ronaldo – e um surpreendente Galatasaray que contava com nomes de primeira linha, como o marfinense Didier Drogba, o holandês Wesley Sneijder, o uruguaio Muslera ou os brasileiros craques internacionais Felipe Melo e Alex Telles. Na Liga Europa, a orgulhosa Juventus arregaçou as mangas e fez dessa final na sua própria casa um compromisso de honra e um objetivo que não podiam falhar, de jeito nenhum. Foi assim que “atropelaram” Trabzonspor, Fiorentina e Olympique Lyon com cinco vitórias e apenas um empate até chegarem ao confronto com o Benfica nas semifinais. Estamos falando, que fique claro, de uma das melhores equipes do mundo, independentemente do ângulo de análise ao conjunto bianconero. Uma equipe sem pontos fracos e composta

por alguns dos melhores jogadores do planeta. Desde o goleiro Gigi Buffon – um dos melhores de todos os tempos –, a uma linha defensiva normalmente disposta em três elementos e composta pelos internacionais italianos Chiellini e Bonucci, e pelo internacional uruguaio Martín Cáceres, todos no auge da sua carreira. Projetados nas alas, os incansáveis Lichtsteiner e Asamoah, internacionais por Suíça e Gana, respectivamente. Mas era no meio-campo e no ataque que esta equipe metia medo de verdade: Andrea Pirlo, Paul Pogba, Arturo Vidal e Claudio Marchisio eram os meios-campos à disposição do treinador Antonio Conte para servirem um ataque onde se destacavam Carlitos Tevez, Fernando Llorente, Mirko Vucinic e Pablo Osvaldo. Uma barbaridade de equipe. Uma montanha tremenda que Jesus teria que escalar se quisesse chegar à sua segunda final consecutiva da Liga Europa.

Nessa época, Jesus se sentia como peixe na água e sem medo nenhum de nadar entre os maiores tubarões do futebol mundial. Afinal de contas, os anos anteriores o haviam colocado frente a frente com Bayern Munique, AC Milan, Liverpool, Paris Saint Germain, Chelsea, Barcelona e Tottenham, só para citar os mais importantes de uma extensa lista de adversários com quem cruzou na Europa. A Juventus era, portanto, “apenas” mais um obstáculo que tinha de ser ultrapassado, e era assim que Jorge Jesus encararia a ambiciosa empreitada. No jogo de ida poupou o goleiro titular Jan Oblak – que é hoje um dos melhores do mundo, senão o melhor, e que atua no Atlético Madrid – e o atacante mais completo que tinha no time, o brasileiro Lima. A temporada já estava avançada, o desgaste era sentido e era fundamental gerir naquele momento delicado, até porque o time estava desfalcado na zona intermediária. Matic, meio-campo de características únicas e titular absoluto no meio-campo defensivo, saíra em janeiro para o Chelsea a troco de 25 milhões de euros e o seu substituto natural, o também sérvio Ljubomir Fejsa, encontrava-se novamente lesionado. Também de fora estava o determinante Nico Gaitan.

Era, portanto, num cenário de muitas baixas importantes que o Benfica recebia a Juventus em Lisboa no Estádio da Luz, mas a resposta das alternativas foi muito positiva, o meio-campo composto por André Gomes e Enzo Pérez nunca fugiu à luta, a defesa esteve (quase) intransponível e o gol de Garay logo aos 2 minutos abria boas perspectivas. A equipe aguentou a vantagem de forma hercúlea até que Carlitos Tévez, aos 73 minutos, igualou o marcador. O empate em casa com gols não servia ao Benfica e Jorge Jesus sabia disso muito bem, por isso ordenou a entrada do jovem ponteiro Ivan Cavaleiro para o lugar do exausto André Gomes, isto já depois de ter trocado Cardozo por Lima quando o Benfica ainda estava em vantagem por 1-0. Dois minutos depois da última substituição e Lima arranca um daqueles gols de levantar o estádio em qualquer parte do mundo. Estava selada a vantagem mínima que o Benfica teria de defender com todas as forças em Turim.

O segundo jogo, disputado na Itália em 1.º de maio, ficará para sempre na história como uma das maiores lições de abnegação de que se tem registro na Liga Europa. Jorge Jesus voltou a ter de apresentar uma equipe muito desfalcada no meio-campo, desta vez sem Fejsa e também sem André Gomes, mas conseguiu dotar jogadores ofensivos como Markovic, Rodrigo, Lima, Gaitan, Salvio ou Sulejmani, de ferramentas defensivas que nem eles próprios sabiam que possuíam. A meia hora do fim, o Benfica ficou reduzido a dez porque Enzo Pérez foi expulso, e no início da reta final da partida ficou reduzido a nove por expulsão de Markovic, mas a tudo isso os jogadores de Jesus sobreviveram e mantiveram o gol de Oblak intacto. Estava alcançada a segunda final europeia consecutiva de Jorge Jesus e do Benfica, um feito que o clube de Lisboa não alcançava desde os tempos de Eusébio, no início dos anos 1960, mais concretamente 51 anos antes. Jesus continuava a escrever sua história de forma única e de acordo com o rumo que ele próprio decidiu traçar.

Nova final, novo adversário de peso. Desta vez era o Sevilla que esperava pelo Benfica no jogo decisivo, uma equipe espanhola que já

havia vencido a Liga Europa em duas ocasiões distintas – 2005/06 e 2006/07 –, venceu a final ao Benfica nesse ano de 2013/14 e ainda ganharia o troféu mais duas vezes nos dois anos seguintes – 2014/15 e 2015/16 –, chegando às cinco conquistas no espaço de apenas 10 anos. Um feito inédito e difícil de repetir na história do futebol europeu, para um clube que é ainda hoje o maior vencedor da história da competição. O Benfica chegou à final com muitas baixas, como o lesionado Fejsa, ou os castigados Enzo Pérez, Salvio e Markovic, por cartões vistos frente à Juventus, e logo aos 24 minutos também Sulejmani se lesionou. Muitas contrariedades, mas ainda assim o Benfica mostrava ser superior, fruto de uma exemplar estratégia de Jorge Jesus que conseguiu colocar Lima e Rodrigo várias vezes cara a cara com o internacional português Beto, goleiro do Sevilla. A turma da Andaluzia, bem-orientada por Unai Emery, era uma equipe recheada de talento. Dos argentinos craques internacionais Fazio e Pareja, aos portugueses Carriço e Diogo Figueiras, passando por estrelas maiores, como Ivan Rakitic, Carlos Bacca ou Kevin Gameiro. A completar o elenco, os espanhóis Coke, Moreno, Vitolo e José Antonio Reyes, este último ex-jogador do Benfica e falecido já em 2019 num trágico acidente de trânsito. Jogo intenso e bem disputado, mas que terminou o tempo regulamentar e a prorrogação sem nenhum gol. Nas grandes penalidades, o português Beto foi o maior astro e Jorge Jesus via fugir-lhe mais uma vez a glória europeia por entre os dedos, desta vez, embora se pensasse ser impossível, de uma forma ainda mais injusta e dramática do que no ano anterior.

Recentemente, abordando a final da Copa Libertadores, Jesus recordou as suas finais perdidas. *“É a minha terceira final internacional, perdi as duas anteriores. É verdade. É uma linha muito estreita entre a tristeza e a felicidade. Mas só pode ganhar ou perder quem lá chega! Quem não chega às finais com certeza não as vai perder, porque para isso é preciso disputá-las! Seja como for, em Portugal costumamos dizer que as finais são para ganhar e por isso, com todo o respeito pelo nosso adversário,*

queremos ganhar esta final”. Palavras de quem sabe o que custa chegar a um jogo decisivo, de quem sabe o que é perder, mas também de quem sabe que o trabalho desenvolvido até chegar a uma final tem que ter qualidade, qualidade essa que nunca poderá ser posta em causa apenas pelo resultado dos últimos 90 minutos da prova.

**2013/14 – A CAMINHADA PARA A SEGUNDA FINAL EUROPEIA
DE JESUS**

V – Benfica-Anderlecht | 2 x 0 | Fase de Grupos da Champions
League | 1ª rodada

D – Paris St. Germain-Benfica | 3 x 0 | Fase de Grupos da
Champions League | 2ª rodada

E – Benfica-Olympiacos | 1 x 1 | Fase de Grupos da Champions
League | 3ª rodada

D – Olympiacos-Benfica | 1 x 0 | Fase de Grupos da Champions
League | 4ª rodada

V – Anderlecht-Benfica | 2 x 3 | Fase de Grupos da Champions
League | 5ª rodada

V – Benfica-Paris St. Germain | 2 x 1 | Fase de Grupos da
Champions League | 6ª rodada

V – PAOK de Salónica-Benfica | 0 x 1 | 16 avos-de-final da Liga
Europa | 1ª jogo

V – Benfica-PAOK de Salónica | 3 x 0 | 16 avos-de-final da Liga
Europa | 2ª jogo

V – Tottenham-Benfica | 1 x 3 | Oitavas-de-final da Liga Europa | 1ª
jogo

E – Benfica-Tottenham | 2 x 2 | Oitavas-de-final da Liga Europa | 2ª
jogo

V – AZ Alkmaar-Benfica | 0 x 1 | Quartas-de-final da Liga Europa |
1ª jogo

V – Benfica-AZ Alkmaar | 2 x 0 | Quartas-de-final da Liga Europa |
2ª jogo

V – Benfica-Juventus | 2 x 1 | Semi-finais da Liga Europa | 1ª jogo

E – Juventus-Benfica | 0 x 0 | Semi-finais da Liga Europa | 2ª jogo

E – Sevilha-Benfica | 0 x 0 (4 x 2 nos pênaltis) | Final da Liga
Europa

A DESPEDIDA DO BENFICA SEM BRILHO NA CHAMPIONS LEAGUE

Depois de seis anos consecutivos sempre disputando 14 ou 15 jogos europeus por temporada – uma verdadeira barbaridade de 86 duelos titânicos em apenas meia dúzia de épocas desportivas –, o último ano de Jesus no Benfica foi uma espécie de ressaca de toda essa embriaguez futebolística em que ele próprio mergulhou e todo o futebol português durante esse intenso período. Para que melhor se entenda a dimensão do feito protagonizado pelo Mister, é preciso analisar, comparar e concluir que nenhum técnico disputou tantos jogos europeus nesse período. Repito: nenhum de todos os treinadores que trabalhavam na Europa disputou tantos jogos internacionais nesse espaço de tempo, nem nada que se compare. De Pep Guardiola a José Mourinho, de Carlo Ancelotti a Jürgen Klopp, de Alex Ferguson a Antonio Conte, de Rafa Bénitez a Otmar Hitzfeld, de Arsène Wenger a Unai Emery, tantos e tantos treinadores de topo na ativa em grandes clubes europeus e nenhum sequer se aproximou desses 86 jogos internacionais em tão curto espaço de tempo. Um total de 42 adversários de 19 países diferentes, numa verdadeira digressão sem descanso na qual Jorge Jesus foi sempre a estrela maior.

Na sua última época no Benfica, duas “figurinhas repetidas” que Jesus já tinha despachado anteriormente – Zenit e Bayer Leverkusen – e apenas uma novidade em estreia na carreira, o elitista e cosmopolita Mónaco da Ligue 1 francesa. Seria exatamente a esse adversário que superaria nos confrontos diretos dessa curta campanha com um empate no principado e uma vitória na Luz, já que russos e alemães se apresentaram muito fortes

na fase de grupos. O Benfica ficaria em último lugar no grupo e despediu-se da Europa de forma precoce nesse ano.

2014/15 – UMA FASE DE GRUPOS ABAIXO DAS EXPECTATIVAS

D – Benfica-Zenit | 0 x 2 | Fase de Grupos da Champions League |
1ª rodada

D – Bayer Leverkusen-Benfica | 3 x 1 | Fase de Grupos da
Champions League | 2ª rodada

E – Mónaco-Benfica | 0 x 0 | Fase de Grupos da Champions League
| 3ª rodada

V – Benfica-Mónaco | 1 x 0 | Fase de Grupos da Champions League
| 4ª rodada

D – Zenit-Benfica | 1 x 0 | Fase de Grupos da Champions League |
5ª rodada

E – Benfica-Bayer Leverkusen | 0 x 0 | Fase de Grupos da
Champions League | 6ª rodada

TENTAR DEVOLVER PRESTÍGIO EUROPEU AO SPORTING

A mudança de Jesus do Benfica para o Sporting foi um verdadeiro terramoto que abalou as fundações do futebol português e que perdurará para sempre entre as mais animadas novelas da história do jogo em Portugal, mas isso já foi muito analisado em capítulo anterior, por isso podemos nos concentrar apenas naquilo que seria a sua primeira campanha europeia de leão ao peito. Graças ao terceiro lugar na Liga Portuguesa anterior – fruto de um muito meritório do trabalho de Marco Silva que conquistaria também a Taça de Portugal –, o Sporting disputaria o play-off de acesso à fase de grupos da Champions League.

Uma eliminatória disputada em pleno agosto é sempre complicada para as equipas portuguesas, que estão ainda em começo de época, mais ainda quando chega um novo treinador com ideias diferentes que precisam ser assimiladas por todo o grupo de trabalho. Ainda assim, o Sporting tinha vencido os ingleses do Crystal Palace e os italianos da AS Roma em amistosos de preparação na pré-temporada, e entrou nos jogos oficiais logo com uma vitória na Supertaça frente ao eterno rival Benfica, por isso as perspectivas de chegar à Champions League eram bem animadoras. O sorteio, contudo, ditou os russos do CSKA de Moscovo, equipa de qualidade e cuja temporada oficial já tinha começado semanas antes, ou seja, encontravam-se numa fase de preparação bem mais adiantada do que a equipa de Jorge Jesus. No duelo em casa, o Sporting ganhou 2-1 e podia ter dilatado essa vantagem em mais do que uma ocasião, mas na deslocação à Rússia os moscovitas conseguiriam marcar a superioridade com uma vitória por 3-1 que deixaria o Sporting pelo caminho. Jesus iria

jogar, uma vez mais, a sua bem-conhecida Liga Europa, desta vez à frente de outro clube de Lisboa.

**2015/16 – UMA MANTA MUITO CURTA PARA UM SPORTING
EUROPEU**

V – Sporting-CSKA de Moscovo | 2 x 1 | Play-off de acesso à
Champions League | 1ª jogo

D – CSKA de Moscovo-Sporting | 3 x 1 | Play-off de acesso à
Champions League | 2ª jogo

D – Sporting-Lokomotiv de Moscovo | 1 x 3 | Fase de Grupos da
Liga Europa | 1ª rodada

E – Besiktas-Sporting | 1 x 1 | Fase de Grupos da Liga Europa | 2ª
rodada

V – Sporting-Skenderbeu | 5 x 1 | Fase de Grupos da Liga Europa |
3ª rodada

D – Skenderbeu-Sporting | 3 x 0 | Fase de Grupos da Liga Europa |
4ª rodada

V – Lokomotiv de Moscovo-Sporting | 2 x 4 | Fase de Grupos da
Liga Europa | 5ª rodada

V – Sporting-Besiktas | 3 x 1 | Fase de Grupos da Liga Europa | 6ª
rodada

D – Sporting-Bayer Leverkusen | 0 x 1 | 16 avos-de-final da Liga
Europa | 1ª jogo

D – Bayer Leverkusen-Sporting | 3 x 1 | 16 avos-de-final da Liga
Europa | 2ª jogo

Logo no começo, e já em setembro, enfrentou a nova equipe russa de Moscovo, agora o Lokomotiv, e repetiu-se o filme visto no mês anterior: adversários mais adiantados na preparação, mais fortes no plano físico e conseguindo ser superiores no campo, ganhando por 1-3 em pleno Estádio de Alvalade. Jesus sabia que a prioridade máxima e absoluta do Sporting era conquistar a Liga Portuguesa e, não tendo um time assim tão diverso, tinha que recorrer a alguma gestão dos jogadores à sua disposição, poupando alguns na prova da UEFA. Nessa estreia na fase de grupos da Liga Europa, por exemplo, viu-se forçado a deixar de fora várias peças principais, como o central brasileiro Naldo, o centroavante internacional argelino Islam Slimani e o astro costa-riquenho Bryan Ruiz. O cobertor era muito curto, não bastava para tudo, e jogadores como Tobias Figueiredo, Carlos Mané e Fredy Montero não estavam à altura dos habituais titulares. Ainda assim, e mesmo operando sempre essa necessária rotatividade num time com visíveis limitações de alternativas válidas ao onze titulares, o Sporting conseguiu ultrapassar a fase de grupos pontuando em Istambul, devolvendo a derrota ao Lokomotiv já em Moscovo e vencendo os jogos em casa frente aos turcos do Besiktas e aos albaneses do Skenderbeu, este último por goleada. O ponto mais baixo da fase de grupos seria mesmo a viagem à Albânia, onde o Sporting foi surpreendido com um humilhante 3-0, mas os memoráveis feitos de marcar quatro gols numa vitória em Moscovo, ou somar quatro pontos frente ao Besiktas de Ricardo Quaresma, Tosic, José Sosa e Mário Gomez, mostravam que Jesus começava a impor a sua experiência internacional também no seu novo clube. Infelizmente para o Sporting, o sorteio ditou logo os alemães do Bayer Leverkusen no primeiro jogo a eliminar e a equipe ainda não tinha tarimba para esse tipo de adversários. Derrotas em casa e também na Alemanha, com um total de quatro gols sofridos e apenas um marcado, ditariam a saída prematura da Europa, ainda assim, com dez jogos somados numa campanha um tanto modesta, mas digna de respeito.

AINDA DEU PARA ASSUSTAR O REAL DE CRISTIANO RONALDO

No ano seguinte, o Sporting e Jorge Jesus entraram diretamente na fase de grupos da Champions League sem terem que disputar qualquer play-off de acesso, graças ao 2º lugar alcançado na Liga em 2015/16. O fato de não serem cabeças-de-série no sorteio, fruto de um modesto histórico europeu, colocaria os colossos Real Madrid e Borussia Dortmund, duas das equipes mais fortes da Europa e do mundo, no caminho de um Sporting com pouquíssima experiência na maior prova de clubes do mundo – apenas seis presenças na fase de grupos da Champions League até então em toda a sua história, com um currículo modesto de 11 vitórias, sete empates e 20 derrotas, e um saldo negativo de 47 gols marcados e 72 sofridos. A missão de Jesus era, também por isso, bem mais abrangente e difícil, uma vez que os seus recentes registos e ritmos europeus estavam totalmente defasados daqueles que o seu novo clube vinha apresentando. Se no Benfica encontrou um clube habituado à alta-roda do futebol europeu e ele próprio era ainda bastante inexperiente nessas andanças, aqui ocorria exatamente o contrário. Mesmo após uma primeira época em Alvalade era ainda visto como um dos mais reputados treinadores nas competições europeias e o Sporting precisava de certa experiência em competições internacionais, principalmente na Champions League.

O primeiro jogo da fase de grupos foi logo no imponente Santiago Bernabéu, casa do Bi-Campeão Europeu em título e que revalidaria a conquista com um inédito Tri nessa mesma temporada, tornando-se a primeira equipe da história a conquistar a Champions League em três ocasiões consecutivas em 25 anos, ou seja, desde que a prova se disputa no

formato que entrou em vigor em 1993. A formação merengue era nada menos do que aterradora. Brasileiros craques internacionais, como Marcelo, Danilo e Casemiro, franceses como Varane e Benzema, espanhóis como Sérgio Ramos, Carvajal e Álvaro Morata. A todos eles juntavam-se ainda os “galáticos” James Rodríguez, Luka Modric, Gareth Bale, Pepe e, claro, o maior de todos, Cristiano Ronaldo, prestes a conquistar a sua quinta Bola de Ouro. Jorge Jesus sabia que a missão era difícilima, mas estava disposto a surpreender em pleno Bernabéu, palco que nunca tinha pisado e frente a um adversário que só tinha enfrentado – e surpreendido – quase 10 anos antes jogando pelo Belenenses, na disputa do histórico troféu amigável Teresa Herrera, no Estádio do Riazor na Coruña.

Desta vez Jesus não poupou ninguém, colocou toda a carne no assador, sabendo que só assim poderia sair “vivo” do embate contra o rolo compressor do Real Madrid. O internacional brasileiro Elias entraria no decorrer da partida, bem como o sérvio Markovic e o costa-riquenho Joel Campbell, mas seriam alguns dos titulares a brilhar ao mais alto nível naquela noite em Madrid. A equipe estava toda muito próxima da perfeição, mas o goleiro Rui Patrício e os meios-campos William Carvalho e Adrien Silva, todos campeões europeus dois meses antes por Portugal, foram extraordinários. O jovem Gelson Martins esgotou as defesas do Real Madrid e o brasileiro Bruno César – o famoso “chuta-chuta” do Corinthians de 2010 e 2011, hoje atuando pelo Vasco da Gama – faria mesmo o único gol do Sporting logo no começo do segundo tempo. O holandês Bas Dost e o costa-riquenho Bryan Ruiz assumiram um compromisso defensivo nunca antes visto com a equipe, fruto do trabalho específico que Jorge Jesus vinha realizando com ambos.

O Sporting não merecia perder aquele jogo e talvez não merecesse sequer empatar. A vitória, que seria histórica e épica em todos os sentidos, teria servido bem à equipe de Jorge Jesus naquela noite, mas os deuses do futebol decidiram de outra forma. Aos 89 minutos, Cristiano Ronaldo

cobrou um livre indefensável a mais de 20 metros do gol com a bola parando apenas quando beijou o fundo das redes. Logo ele, criado e formado nas escolas do Sporting, figura maior da história do clube de Lisboa. Não festejou, uniu apenas as mãos de forma religiosa como que pedindo desculpa aos torcedores leoninos por ter feito tão cruel desfeita ao seu clube do coração. Mas o pior estava para vir, quando já aos 94 minutos de jogo, já bem dentro do período de compensação, o recém-entrado Morata fez o 2-1 final. Um tremendo balde de água fria para Jesus e seus jogadores, numa altura em que o Mister já estava vendo o jogo na bancada após ter sido expulso do banco por veementes protestos contra a equipe de arbitragem num jogo que foi impróprio para cardíacos.

Infelizmente essa enorme exibição não teria continuidade ao longo da fase de grupos e o Sporting pagaria caro por sua inexperiência europeia. Ainda venceu o Légia de Varsóvia em Alvalade, mas viria a perder na visita à Polônia na última rodada. Pelo meio, dois jogos bem conseguidos frente ao fortíssimo Borussia Dortmund e mais um na recepção ao Real Madrid, mas todos eles terminaram com derrotas pela margem mínima. Foi uma campanha de “vitórias morais” frente a dois grandes europeus, derrotas que não envergonham, mas que não têm qualquer efeito prático além da legitimação dos processos de treino colocados em prática. O Sporting caiu cedo, sim, mas a Europa do futebol percebeu que Jesus metia a sua equipe a jogar como poucas vezes se viu o clube lisboeta apresentar-se na elite do futebol europeu.

2016/17 – A VONTADE DE SURPREENDER OS MAIORES DA EUROPA

D – Real Madrid-Sporting | 2 x 1 | Fase de Grupos da Champions
League | 1ª rodada

V – Sporting-Légia de Varsóvia | 2 x 0 | Fase de Grupos da
Champions League | 2ª rodada

D – Sporting-Borussia Dortmund | 1 x 2 | Fase de Grupos da
Champions League | 3ª rodada

D – Borussia Dortmund-Sporting | 1 x 0 | Fase de Grupos da
Champions League | 4ª rodada

D – Sporting-Real Madrid | 1 x 2 | Fase de Grupos da Champions
League | 5ª rodada

D – Légia de Varsóvia-Sporting | 1 x 0 | Fase de Grupos da
Champions League | 6ª rodada

UM MILAGRE NUM CLUBE FRATURADO PELO PRESIDENTE

Como já lemos anteriormente, o último ano de Jesus no Sporting foi marcado e manchado por inúmeros e infelizes acontecimentos extrafutebol, e a campanha europeia da equipe não fugiria a esse deplorável flagelo. Fruto do 3º lugar na Liga Portuguesa no ano anterior, o Sporting teve que enfrentar o sempre difícil play-off de classificação para a Champions League e ditou o sorteio que o adversário fosse o Steaua de Bucareste, clube romeno que chegou inclusive a ser campeão europeu em 1986, numa mítica final contra o Barcelona, mas que está hoje muito longe desses tempos de glória internacional. Ainda assim, adivinhava-se um adversário chato, como confirmaria o empate sem gols no primeiro jogo em Lisboa. Na visita à Romênia, porém, o Sporting se superou e goleou por 1-5, numa prova de força raras vezes vista no clube em jogos europeus, principalmente além-fronteiras.

Na Champions League as coisas viriam a correr novamente mal, com o Sporting a vencer apenas um jogo frente ao Olympiacos, mas já depois de ter perdido frente a esse mesmo adversário na deslocação a Atenas. Voltou a apanhar pela frente dois gigantes europeus – Barcelona e Juventus –, tão ou mais difíceis do que os que enfrentou no ano anterior. Cristiano Ronaldo num ano, Messi no outro. Real e Barcelona, Borussia Dortmund e Juventus. Era o regresso das estrelas mundiais e dos maiores clubes do mundo ao campo de Alvalade, muito por culpa da capacidade de Jesus ao devolver o clube à alta-roda europeia em dois anos consecutivos, algo que já não se vivia no clube há uma década. Nesse jogo em casa do Sporting, Messi esteve “apagado”, Jesus foi questionado no final da partida acerca

da estratégia adoptada para anular o argentino e não fugiu à pergunta. *“Qualquer treinador conhece o Messi e as suas características, por isso não foi preciso estudá-lo. Achei que a sua marcação ficaria muito bem repartida entre o Battaglia e o Mathieu, até porque o Mathieu jogou com ele no Barcelona e conhece-o bem, portanto fizemos uma marcação mista ao “baixinho”, ao Messi. Foi isso o que fizemos e sempre que o Messi tentou ter espaço, não teve. Num posicionamento alto encontrou o Mathieu como zagueiro e num posicionamento baixo encontrou o Battaglia como volante. Por mais qualidade que ele tenha, e todos sabem que tem mesmo, isso fez com que o jogo se tornasse muito mais difícil para ele, porque sem espaço é muito complicado jogar”*, explicou o Mister. *“O Messi é de outra galáxia, tanto ele como o Cristiano Ronaldo estão num patamar acima de todos os outros, são únicos e ninguém chega sequer perto deles”*, conclui. Ainda assim, apesar das estratégias inteligentes do Mister, o Sporting sofreu duas derrotas muito dignas frente ao Barcelona e ainda outra num jogo muito dividido frente à Juventus, em Turim, resultados que ditariam a queda para a Liga Europa, mas não sem antes forçar a poderosa Juventus a um sofrido empate em Alvalade. Aos poucos, a equipe começava a crescer.

Na Liga Europa começou logo por levar o Sporting na sua maior deslocação da história em provas oficiais, até a Ásia Central, para enfrentar o exótico Astana em pleno coração do Cazaquistão. Sim, pode até parecer estranho, mas as equipas deste país centro-asiático apuram-se e disputam provas europeias de futebol. Vitória folgada nessa viagem de quase 15.000 kms – ida e volta – e empate no segundo jogo em Lisboa, garantindo a classificação para as oitavas. Novo adversário acessível e nova classificação, desta vez frente aos checos do Plzen, mas nas quartas-de-final o sorteio não seria tão favorável e saiu o Atlético de Madrid de Diego Simeone ao caminho de Jorge Jesus. De Oblak a Diego Costa, passando por Griezmann, Juanfran – hoje no São Paulo –, Diego Godín, Gabi, Koke ou Saúl Ñíguez, estamos falando de uma verdadeira equipa de

Champions League, como aliás comprovam as suas recentes prestações europeias. Em Madrid, no novíssimo e imponente Wanda Metropolitano, Jesus montou uma equipe que competiu de igual para igual com o poderoso Atlético mas acabaria por perder 2-0, fruto de dois erros infantis individuais da sua linha defensiva. Nada, porém, que comprometesse definitivamente as ambições do Sporting de seguir em frente, ou que justificasse aquilo que viria a acontecer nas horas e dias seguintes, e que será para sempre lembrado como o mais bizarro, estúpido e idiota episódio da história do futebol português.

Na sequência dessa derrota em Madrid, o então presidente do Sporting decidiu recorrer às redes sociais – neste caso, ao Facebook – para criticar, atacar e insultar muitos dos jogadores do seu próprio clube, despejando na internet muitos disparates sem critério e que chegavam mesmo a insinuar que alguns dos jogadores teriam feito de propósito para que a derrota fosse uma realidade. Acusações gravíssimas, ofensivas e atentatórias da honra e seriedade de qualquer profissional de futebol, para não dizer extremamente perigosas na medida em que inflamam o discurso das massas e provocam reações extemporâneas e de falta de bom senso nos torcedores mais radicais. Os jogadores requisitaram reunião imediata de urgência com o seu presidente, algo que lhes foi negado em mais de uma ocasião, e não tiveram outra solução a não ser recorrer também às suas próprias redes sociais – Facebook e Instagram – para, de forma unida e organizada, se defenderem da gravidade das acusações feitas a alguns dos elementos do time. Estava o clube irremediavelmente afetado com este bate-boca em praça pública e o tal presidente foi ainda mais longe no seu devaneio: num novo texto nas redes sociais voltou a atacar os jogadores e decidiu suspender toda a equipe profissional do Sporting! Ou seja, naquele momento, Jorge Jesus ficou sem jogadores, sem time, sem grupo de trabalho, sem condições para fazer o que quer que fosse! Impensável num clube profissional, impossível num presidente de mente lúcida, inconcebível em pleno século XXI e inadmissível no mundo do futebol de

alto nível. A suspensão não foi avante porque era um beco sem saída e seria o próprio departamento jurídico do clube a travar essa espécie de esquizofrenia patética, por isso a equipe enfrentaria o Atlético de Madrid no segundo jogo em Lisboa. De orgulho ferido e brilhantemente orientados taticamente pelo Mister Jesus, ganharam esse segundo jogo por 1-0, resultado que não bastou para seguir em frente, mas que ainda serviu para assustar e colocar em sentido os surpreendidos colchoneros.

2017/18 – O ANO DE TODAS AS PROVAÇÕES PARA JORGE JESUS

E – Sporting-Steaua de Bucureste | 0 x 0 | Play-off de acesso à
Champions League | 1ª jogo

V – Steaua de Bucureste-Sporting | 1 x 5 | Play-off de acesso à
Champions League | 2ª jogo

V – Olympiacos-Sporting | 2 x 3 | Fase de Grupos da Champions
League | 1ª rodada

D – Sporting-Barcelona | 0 x 1 | Fase de Grupos da Champions
League | 2ª rodada

D – Juventus-Sporting | 2 x 1 | Fase de Grupos da Champions
League | 3ª rodada

E – Sporting-Juventus | 1 x 1 | Fase de Grupos da Champions
League | 4ª rodada

V – Sporting-Olympiacos | 3 x 1 | Fase de Grupos da Champions
League | 5ª rodada

D – Barcelona-Sporting | 2 x 0 | Fase de Grupos da Champions
League | 6ª rodada

V – Astana-Sporting | 1 x 3 | 16 avos-de-final da Liga Europa | 1ª
jogo

E – Sporting-Astana | 3 x 3 | 16 avos-de-final da Liga Europa | 2ª
jogo

V – Sporting-Viktoria Plzen | 2 x 0 | Oitavas-de-final da Liga
Europa | 1ª jogo

D – Viktoria Plzen-Sporting | 2 x 1 | Oitavas-de-final da Liga
Europa | 2ª jogo

D – Atlético Madrid-Sporting | 2 x 0 | Quartas-de-final da Liga
Europa | 1ª jogo

V – Sporting-Atlético Madrid | 1 x 0 | Quartas-de-final da Liga
Europa | 2ª jogo

Chegava ao fim a última participação europeia de Jesus – até hoje – com uma vitória de grande mérito frente a uma das melhores equipes da atualidade, mesmo numa conjuntura complexa e desfavorável. Daí em diante, o clima que se viveu no clube tornou-se irrespirável, os jogadores foram perseguidos nas redes sociais, ameaçados em aeroportos e garagens, agredidos dentro do seu próprio centro de treinamento. Jesus foi demitido e readmitido na mesma tarde, quase metade do time rescindiu contrato, o tal presidente foi destituído do cargo e expulso do clube, e o Sporting mergulhou na maior crise da sua história. Aqui, falou-se em “burn-out” mental do dirigente em questão. Seja o que tenha causado esta inacreditável sucessão de eventos, pode e deve ser um alerta para a importância de detectar precocemente sintomas de problemas mentais. O mal estava feito e teria consequências irreversíveis, até para Jesus, que se viu forçado a emigrar pela primeira vez na carreira e logo para a longínqua Arábia Saudita. Abria-se uma nova e imprevisível página na vida do Mister.

NÚMEROS SIGNIFICATIVOS QUE MERECEM PROFUNDA REFLEXÃO

Aquela estreia pelo Belenenses frente ao Bayern Munique seria a primeira de 11 temporadas sempre a disputar provas europeias. Foram 122 jogos nos dez anos seguintes, uma média inacreditável – e ainda hoje inigualada – superior a 12 jogos europeus por ano. Com 187 gols marcados e 134 sofridos, 60 vitórias, 24 empates e 40 derrotas, sempre em clubes portugueses, longe dos times milionários da primeira linha do futebol europeu. No caminho, conquistou 12 títulos em Portugal, um título europeu menor pelo Sporting de Braga, e chegou a duas grandes finais europeias pelo Benfica. Potenciou e valorizou jogadores nos clubes por onde passou e enfrentou de igual para igual treinadores como Alex Ferguson e Otmar Hitzfeld, Rafa Bénitez e Unay Emery, Tito Vilanova e Luís Enrique, Carlo Ancelotti e Zinedine Zidane, Antonio Conte e Massimiliano Allegri. Enfrentou mais de 50 clubes europeus e jogou em mais de 20 países onde cruzou, entre outros, com clubes de ponta, como Bayern, AC Milan, Liverpool, PSG, Chelsea, Barcelona, Tottenham, Juventus, Real Madrid ou Borussia Dortmund, apenas para citar os mais importantes. Ganhou, perdeu e empatou. Aprendeu. E saiu destes duelos titânicos com uma bagagem que lhe permite, hoje e em qualquer parte do mundo, encarar todos os adversários sem nenhum receio.

**OS NÚMEROS DAS CAMPANHAS EUROPEIAS DE JORGE
JESUS**

TIME	ANO	J	V	E	D	GP	GC
Belenenses	2007/08	2	0	0	2	0	3
Sp. Braga	2008/09	14	9	2	3	25	7
Benfica	2009/10	14	9	2	3	29	13
Benfica	2010/11	14	7	2	5	22	20
Benfica	2011/12	14	6	5	3	21	14
Benfica	2012/13	15	8	3	4	20	14
Benfica	2013/14	15	9	4	2	22	12
Benfica	2014/15	6	1	2	3	2	6
Sporting	2015/16	10	4	1	5	18	19
Sporting	2016/17	6	1	0	5	5	8
Sporting	2017/18	14	6	3	5	23	18
TOTAL	11 ANOS	124	60	24	40	187	134

CAPÍTULO 11

FINALMENTE, JESUS NO ESTRANGEIRO



O DESTINO MAIS IMPROVÁVEL NA PRIMEIRA SAÍDA DE PORTUGAL

No seguimento dos trágicos acontecimentos que encerraram a sua passagem pelo Sporting, Jorge Jesus não teve outra solução a não ser encerrar esse capítulo da sua carreira. Não tinha condições para continuar num projeto sem rumo, como se perceberia pelos tempos conturbados que se seguiram no clube: rescisões unilaterais coletivas no time, Presidente destituído do seu cargo e expulso de sócio, clube e SAD cada um com o seu Presidente de transição, novo Presidente após eleições com sete candidatos, e ainda seis treinadores para a equipe principal apenas no espaço de 14 meses após a saída do Mister Jesus. Um ciclo muito difícil e complicado que ainda hoje se mantém no clube de Lisboa, com a atual direção a fazer todo o possível para recolocar o Sporting num caminho certo e mais de acordo com os pergaminhos da sua riquíssima história esportiva.

Com Benfica e FC Porto com os cargos de treinador ocupados por técnicos que, à época, eram apostas fortes das respectivas direções, chegou finalmente o momento de Jorge Jesus abraçar a sua primeira experiência no estrangeiro. Em junho, quando acertou por mútuo acordo a revogação do seu contrato com o Sporting, já os grandes times das principais ligas europeias tinham os seus projetos fechados e os seus treinadores definidos, razão pela qual a solução imediata passou por uma curta experiência num campeonato periférico. A escolha recaiu na liga da Arábia Saudita, onde o Al Hilal apresentou uma proposta absolutamente milionária ao treinador português para assumir o comando da equipe. Já na Arábia, Jesus explicou

em entrevista como tudo se processou de forma rápida e simples. *“Abdiquei de tudo no Sporting, disse-lhes que não queria receber nem um centavo desde que me deixassem sair para onde eu quisesse. A única coisa que eu sabia é que não queria ficar no Sporting. Depois de tudo o que se passou eu não sabia para onde iria depois, mas sabia que não podia continuar ali. O Al Hilal foi o primeiro projeto que me apareceu àquela altura e a partir do momento em que eu disse que sim, nunca voltaria atrás. As pessoas na Comissão de Gestão do Sporting – que assumiu o clube após a destituição imediata do Presidente anterior – fizeram tudo para eu ficar. Estão fazendo um trabalho espetacular”*, revelou.

Jesus recordou ainda mais em detalhe os acontecimentos que precipitaram a sua saída. *“As últimas semanas, aqueles últimos 15 dias, foi tudo muito complicado. Aquela invasão à Academia foi um ambiente de terror. Muito complicado mesmo. Para mim também foi mau, mas não senti tanto como os jogadores. Aquilo não me meteu medo nenhum. Mas que deixou marcas, deixou. Estivemos muitos dias sem treinar... O que mais me marcou foi ter perdido aquela final da Taça de Portugal naquelas circunstâncias. Porque, com todo o respeito, aquele Sporting ganhava 10 vezes em 10 finais disputadas contra o Desportivo das Aves. Toda a relação dos jogadores, a ligação da equipe, tinha desaparecido e isso notou-se perfeitamente no jogo. Tenho a certeza de que vou voltar ao Estádio do Jamor, disputar mais finais, mas essa vai ficar para sempre gravada na minha memória. Senti-me um treinador impotente. Comecei a sentir logo no aquecimento que os jogadores não eram os mesmos, estavam muito nervosos. Eles não me ouviam, foi uma tarde muito complicada para nós. Depois de tudo o que aconteceu, queríamos muito ganhar para dar uma alegria aos verdadeiros torcedores que mereciam. Mas quando se perde uma final daquela maneira, nós nos sentimos impotentes, sentimos que também tivemos alguma culpa. Eu devia ter feito tudo para que aquela final não se realizasse”*. Palavras de mágoa de um homem que não teve chance nenhuma de enfrentar uma série de

acontecimentos tão bizarros e que fugiram da esfera do futebol, afinal, a área que ele melhor domina. Pela forma como as coisas se desenrolaram de uma maneira tão surreal e num tão curto espaço de tempo, o desfecho só poderia mesmo ser a sua inevitável saída. Estas palavras de Jorge Jesus, quando estava há cerca de dois meses vivendo na Arábia Saudita e trabalhando com o Al Hilal, mostram bem como foi marcante o episódio que levou à sua saída pela primeira vez para trabalhar fora de Portugal.

SUCESSO IMEDIATO NO EXÓTICO FUTEBOL ÁRABE

O pai de Jorge Jesus tinha falecido em 2017, cerca de um ano antes, e estar presente nos últimos anos de vida do sr. Virgolino de Jesus sempre foi um desejo do Mister, razão também pela qual já havia recusado inúmeras abordagens de grandes clubes de ligas na Europa. Esta alteração no seu contexto familiar também ajudou o Mister a aceitar o convite do Al Hilal. Proposta financeiramente muito interessante e oportunidade de continuar a fazer aquilo de que mais gosta: ser treinador de futebol. O projeto nunca foi encarado por Jorge Jesus como uma ligação a longo prazo, mas uma oportunidade de provar a si próprio e ao mundo que podia ganhar em outros contextos que não apenas em Portugal. O desafio de aplicar as suas metodologias em outro país, em outro campeonato, com tantas e tão drásticas diferenças culturais, foi algo que motivou Jorge Jesus. Um país com outra língua, outros hábitos, diferente clima, diferente alimentação, horários, realidade futebolística, enfim, um mundo de diferenças para aquilo com que estava habituado a lidar como treinador há quase 30 anos. No entanto, a linguagem do futebol é universal e quem é mesmo bom, é bom em qualquer parte do mundo. Isso ficou provado com Jorge Jesus em escassos meses no Oriente Médio: conquista imediata da Supertaça Saudita, quatro vitórias consecutivas na Arab Club Champions Cup – o equivalente à Champions League dos países clubes – e uma campanha imaculada na Liga Saudita, onde em pouco tempo cavou um fosso de seis pontos de vantagem para o segundo classificado, ficando em excelente posição de ser campeão no ano de estreia.

Em suma, tudo corria perfeitamente, Supertaça conquistada e perspectivas excelentes de conquistar também o Campeonato e a competição internacional que estava disputando pelo Al Hilal. As coisas estavam correndo tão bem que os donos do Al Hilal “exigiram” uma renovação imediata do contrato de Jorge Jesus, oferecendo a extensão do vínculo por mais três anos e oferecendo – atente-se bem nestes valores – qualquer coisa como 10 milhões de euros limpos por cada ano de contrato, o que faria de Jorge Jesus um dos treinadores mais bem-pagos do mundo. Estamos falando de algo como 46 milhões de reais por ano, 138 milhões de reais durante três anos. Mas Jorge Jesus mostrou, uma vez mais, que não é o dinheiro que move as suas decisões de carreira. Declinou o convite e preferiu sair sozinho diante da pressão que estava sentindo para renovar contrato. Daí em diante, o Al Hilal desperdiçou a vantagem que tinha na Liga Saudita e foi eliminado na Arab Champions Cup, jogando fora tudo aquilo que Jesus tinha construído em tão pouco tempo no clube. No momento da sua saída ainda recebeu uma proposta do governo Saudita para ficar como coordenador de todas as modernas academias de formação que a Arábia Saudita pretende implementar nos próximos anos, como forte aposta na evolução do futebol no país, mas Jorge Jesus desejava algo mais. Sabia que surgiriam propostas aliciantes e não teve que esperar muito tempo. Apenas quatro meses depois de sair do Al Hilal, estava “abraçando” aquele que seria um dos mais ambiciosos e empolgantes projetos da sua carreira: o Clube de Regatas do Flamengo.

2018/19 – JORGE JESUS NA ARAB CLUB CHAMPIONS CUP

V – Al Hilal-Al Shabab | 1 x 0 | 16 avos-de-final da Arab Club
Champions Cup | 1ª jogo

V – Al Shabab-Al Hilal | 0 x 1 | 16 avos-de-final da Arab Club
Champions Cup | 2ª jogo

V – Al Hilal-Al Naft | 4 x 0 | Oitavas-de-final da Arab Club
Champions Cup | 1ª jogo

V – Al Naft-Al Hilal | 0 x 2 | Oitavas-de-final da Arab Club
Champions Cup | 1ª jogo

JORGE JESUS NO PAÍS DO FUTEBOL

O profundo conhecimento que Jesus já tinha do futebol brasileiro, o impressionante número de jogadores brasileiros com que trabalhara, a experiência de pisar nos maiores palcos do mundo e nos ambientes mais adversos, tudo isso já foi descrito com detalhes e escrutinado ao longo das páginas deste livro. Ninguém estava preparado para o seu tremendo sucesso imediato, exceção feita a quem nele acreditou dentro do Flamengo e também a milhares de portugueses que nunca duvidaram que o futebol brasileiro e o Flamengo seriam “a praia” de Jorge Jesus. Estava na cara. E creio que ficou mais do que provado, pela leitura dos fatos relatados nesta obra, que nada aconteceu por acaso neste trajeto (quase) imaculado.

Neste momento, creio que será consensual a opinião de que praticamente todos os atuais jogadores de Jesus “cresceram” e valorizaram futebolisticamente no espaço de curtos meses. As opiniões dos próprios, algumas delas já registradas neste livro, são o eco mais fiel disso mesmo. Um dos últimos a falar sobre isso foi o jovem Reinier, que ao falar do Mister nos mostra também de forma detalhada algumas das razões pelas quais os jogadores, principalmente os mais jovens, evoluem tanto sob o seu comando técnico. *“Jorge Jesus é um treinador muito bom, joga sempre para a frente e eu me sinto muito à vontade porque nos deixa jogar. Sabe o posicionamento que os atacantes têm que ter. Fico bem solto com ele. Ele me ajuda bastante, já me chamou umas cinco vezes para conversar e foi sempre importante para mim. Quando subi a profissional não sabia alguns movimentos, o que é natural. Ele sempre me ajudou, mostrou-me uma forma de jogar que eu não conhecia, movimentos e posicionamentos que a minha posição exige. E também formas de fazer marcação, saber jogar*

sem bola é muito importante para ele e o grupo assimilou bem isso. Por outro lado, alerta também para os erros que não gosta de ver. Contra o Avaí, ele já tinha me avisado que toquei muitas vezes de calcanhar. Contra a Chapecoense, eu errei. Não era uma nota artística, é uma característica minha. Mas ele fez o que estava certo, foi sincero. Fico feliz por ele falar comigo, porque quer o meu bem. Conversei também com o meu pai sobre isso e fiquei bastante tranquilo, sabia que aquilo era para o meu bem. Ele fez o que estava correto. Para mim é uma honra trabalhar com ele, porque é muito inteligente e sabe lidar com os jogadores. O que mais importa é que ele faz sempre o melhor para a equipe. Eu refleti sobre o que aconteceu e entendi que há os momentos certos para fazer as coisas. Aos poucos, com a experiência, vamos aprendendo. Eu estou aprendendo muito com o Mister e com a equipe toda”, concluiu o jovem atacante de 17 anos, aposta forte de Jorge Jesus que marcou gols muito importantes na intensa caminhada de 2019.

As reservas que alguns ainda mantiveram inicialmente acerca do trabalho de Jorge Jesus, principalmente alguns treinadores que assumiram uma posição mais “defensiva”, como Argel ou Renato Gaúcho, não têm neste momento qualquer razão de ser, até porque os resultados mostram bem a mudança de paradigma no clube e da evolução dos resultados de equipe que se encontrava a oito pontos da liderança no Campeonato Brasileiro quando Jesus chegou, e de lá para cá disparou de forma imparável na liderança da prova. Com todo o respeito pelo treinador Abel Braga, que Jorge Jesus substituiu no Flamengo, o comparativo mais justo que se pode fazer entre ambos é olhando para o mesmo número de jogos que os dois realizaram no Flamengo. Abel Braga saiu ao fim de 30 partidas no comando da equipe e os primeiros 30 jogos de Jorge Jesus, ou seja, os 30 seguintes à saída de Abel Braga, nos permitem chegar a algumas conclusões bem interessantes. Óbvio que temos que levar em conta a natural evolução de entrosamento entre os jogadores, algo que também poderia ter jogado a favor de Abel Braga, mas creio que mais

importante ainda é considerar que os jogos de Jorge Jesus foram todos nas competições mais exigentes, Brasileirão, Copa do Brasil e Libertadores, enquanto a maioria do Abel Braga foi num bem mais modesto Campeonato Estadual, no caso, o Carioca. Se a isto somarmos também o “desconto” de um curto período de adaptação de Jorge Jesus ao clube, ao país e aos seus jogadores – bem como a adaptação dos jogadores às suas metodologias –, então creio que esses números ganham uma dimensão ainda mais relevante.

NÚMEROS DE ABEL BRAGA NOS 30 JOGOS DE 2019

(17 NO CAMPEONATO CARIOCA, 6 NO BRASILEIRÃO, 6 NA LIBERTADORES, 1 NA COPA DO BRASIL)

- 18 vitórias | 7 empates | 5 derrotas
- 68% de aproveitamento
- 56 gols marcados | 27 gols sofridos
- 29 gols de saldo positivo
- 8 jogos sem sofrer gol
- Artilheiros: Buno Henrique – 13 | Gabigol – 11 | Vitinho – 5
- Título: Campeonato Carioca

NÚMEROS DE JORGE JESUS NOS SEUS PRIMEIROS 30 JOGOS

(22 NO BRASILEIRÃO, 6 NA LIBERTADORES, 2 NA COPA DO BRASIL)

- 21 vitórias | 7 empates | 2 derrotas
- 78% de aproveitamento
- 63 gols marcados | 22 gols sofridos
- 41 gols de saldo positivo
- 13 jogos sem sofrer gols
- Artilheiros: Gabigol – 22 | Bruno Henrique – 15 | Arrascaeta – 10
- Títulos: Copa Libertadores da América Campeonato Brasileiro e Copa *

POR QUE A OPÇÃO PELO BRASIL AOS 65 ANOS NA VIDA DE JESUS?

Não havia histórico de treinadores portugueses com sucesso no Brasil. Como todos sabemos, há uma grande instabilidade no comando técnico da maioria das equipes e não é raro vermos treinadores demitidos ao fim de meia dúzia de rodadas caso os resultados não sejam imediatos, e isso dificulta muito a implementação de um projeto sólido a médio ou longo prazo. Paulo Bento, por exemplo, ex-treinador do Sporting, antigo treinador de Portugal e atual treinador da Coreia do Sul, “aventurou-se” no comando técnico do Cruzeiro em 2016 e aguentou apenas 17 jogos, somando apenas seis vitórias, três empates e oito derrotas no tempo que passou no Brasil. Sérgio Vieira, por sua vez, aguentou mais tempo no futebol brasileiro, mas nunca conseguiu se estabilizar num só clube, tendo passado por emblemas como Athletico Paranaense, Ferroviária, América Mineiro e São Bernardo entre 2015 e 2017. De lá para cá, o treinador oriundo da Póvoa do Lanhoso passou por Moreirense, Famalicão e Farense, todos em Portugal. Estes e outros exemplos acabam por dar razão à teoria de Mano Menezes: não é a nacionalidade do treinador que faz o seu sucesso, e Jesus não ganhou no Brasil por ser português, mas por ser um técnico com excepcionais capacidades e um profundo conhecimento da realidade que foi encontrar. Repito: nada acontece por acaso.

Apesar do contexto histórico adverso, Jesus tinha – e tem – plena confiança nas suas capacidades, algo que mostrou logo no seu discurso de apresentação que, lido hoje à perspectiva dos resultados que desde então alcançou, ganha toda uma nova dimensão e genialidade. Vale a pena recordar: *“Tenho muita honra em ter sido convidado para comandar este*

grande clube e quero apresentar trabalho no Flamengo. O meu passado como treinador está escrito, está feito. Sou o treinador que mais títulos ganhou em Portugal e quero mostrar o meu valor no maior clube do Brasil. Onde chego, apresento sempre trabalho e vou apresentá-lo também aqui, um trabalho que já foi visto em duas das três maiores equipes de Portugal nos últimos dez anos. Quando cheguei ao Benfica, o clube não ganhava nada há algum tempo e agora tem a hegemonia no país. É isso que quero fazer também no Flamengo. A partir de hoje temos 20 dias para trabalhar e vamos apresentar a nossa proposta de jogo aos jogadores, explicar as nossas ideias a eles. Isto para mim não é novidade nenhuma, conheço muito bem os jogadores brasileiros, são ótimos profissionais e têm muito talento. Quero partilhar com eles o nosso trabalho, queremos melhorar os resultados, mas também a qualidade de jogo do Flamengo. Nos últimos jogos vi a equipe do Flamengo um pouco ansiosa, mas isso é normal, está numa tentativa de recuperação pontual. Eu não tenho apenas uma ideia de jogo, hoje a evolução é ter muitas ideias de jogo e saber modificar durante o próprio jogo, isso é que será a evolução do futebol, e alguns técnicos já o fazem. Vou introduzir algumas variantes, mas não vou fugir muito do habitual. Vamos atuar com primeiro e segundo atacante.”, explicou Jesus logo nas primeiras palavras que proferiu como treinador do Flamengo, mas foi ainda mais longe logo nesse primeiro dia. “Europa e Brasil têm estilos de jogo diferentes. Na Europa a intensidade é maior, porque a temperatura também ajuda. A intensidade é maior sem bola, atenção. Porque com bola, o futebol brasileiro também é muito intenso. Os brasileiros executam muito rapidamente, mas sem bola não são tão intensos por vários motivos, como o trabalho tático desenvolvido, ou até mesmo o calor, que “parte” muito as equipes. Tentarei introduzir essa intensidade europeia no Flamengo, quero que seja uma equipe mais intensa sem bola. O Brasileirão é muito difícil, na Europa também têm a mania de pensar que sabem tudo e não têm noção nenhuma da qualidade e da intensidade do jogador brasileiro. Eu vejo todos os jogos do futebol brasileiro na minha casa em Portugal. Todos. Já os via muito antes de

saber que viria treinar o Flamengo, e quando soube que viria treinar este clube comecei a conhecer ainda melhor os jogadores”, concluiu.

2019 – JORGE JESUS NA COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA

D – Emelec-Flamengo | 2 x 0 | Oitavas-de-final | jogo 1

V – Flamengo-Emelec | 2 x 0 (4 x 2 nos pênaltis) | Oitavas-de-final |
jogo 2

V – Flamengo-Internacional | 2 x 0 | Quartas-de-final | jogo 1

E – Internacional-Flamengo | 1 x 1 | Quartas-de-final | jogo 2

E – Grêmio-Flamengo | 1 x 1 | Semi-finais | jogo 1

V – Flamengo-Grêmio | 5 x 0 | Semi-finais | jogo 2

V – Flamengo-River Plate | 2 x 1 | Final

Passados estes “curtos” meses após a sua apresentação no Flamengo, no dia 10 de junho de 2019, alguém se atreve a olhar para as suas palavras e colocar o que quer que seja em dúvida?

Jorge Jesus não é profeta, não tem poderes de adivinhação, mas tem uma tremenda noção das suas capacidades e uma inabalável confiança na forma de trabalhar. Os resultados estão à vista e colocam em pauta até a velha máxima de Zednek Zeman que citamos várias vezes ao longo desta obra. Jesus desafia dogmas e quebra paradigmas. Com ele, o desempenho não é mera casualidade, muito menos o resultado final.

* Títulos alcançados, respectivamente, nos dias 23 e 24 de Novembro de 2019

AGRADECIMENTOS



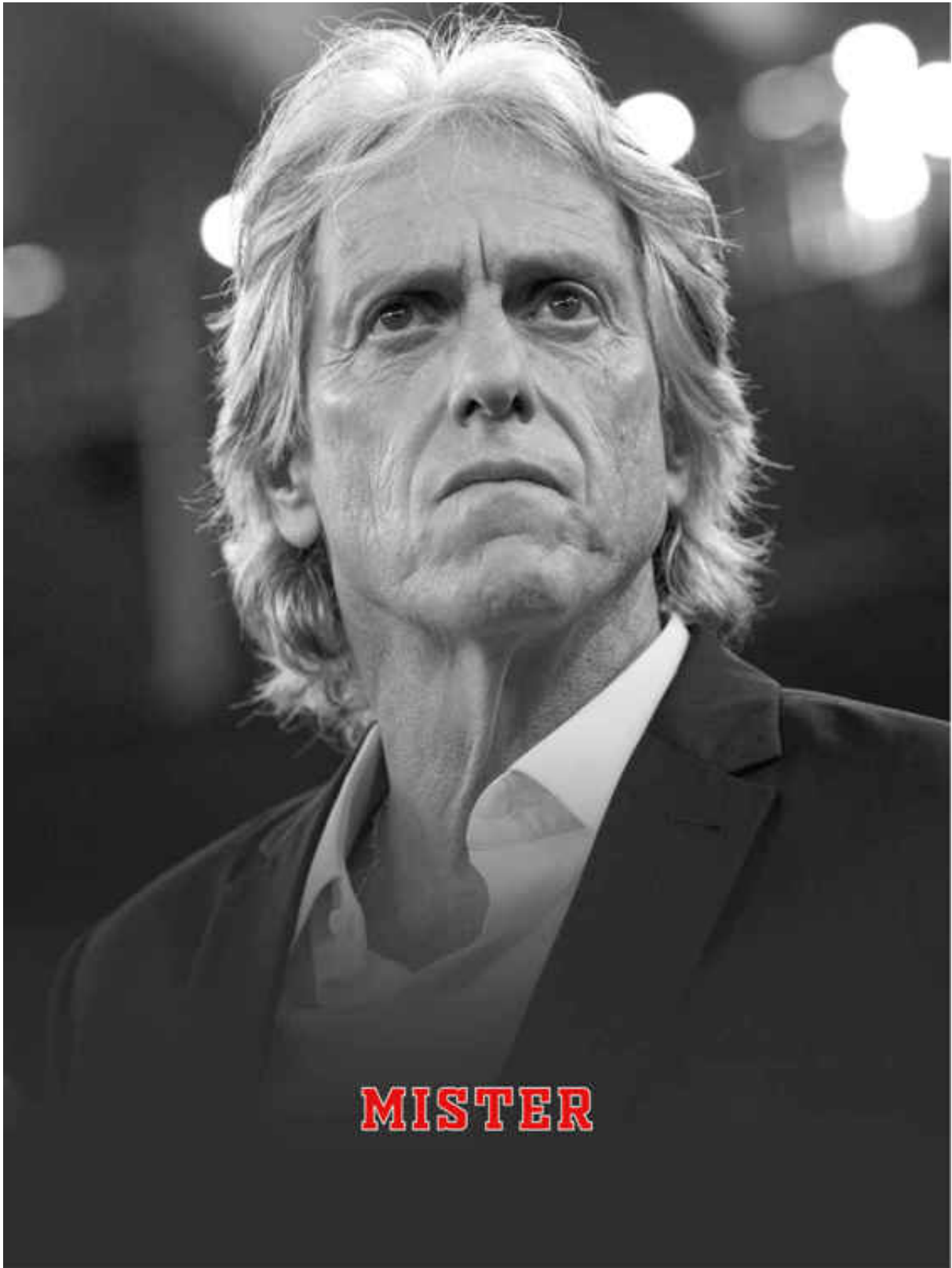
Sem a existência da figura carismática de Jorge Jesus, jamais seria possível escrever esta obra. Ao Mister, o meu profundo agradecimento por tudo aquilo que tem oferecido ao futebol, o maior fenômeno do esporte.

Ao Sérgio Figueiredo e ao Joaquim Sousa Martins, por toda compreensão e disponibilidade que têm demonstrado ao longo dos anos em que trabalho como analista da TVI e da TVI24.

À minha família, a quem sempre roubo horas, dias, meses e anos de atenção para me poder dedicar aos projetos que mais me realizam.

A você, caro leitor, que acaba de ler este livro. Espero que tenha extraído destas páginas a mesma satisfação que eu coloquei ao escrevê-las.

À AllBook por ter acreditado neste projeto e por fazê-lo chegar às suas mãos.



JORGE FERNANDO PINHEIRO DE JESUS

Nasceu no dia 24 de julho de 1954 em Amadora, Portugal. Jogou futebol profissional até os 35 anos, quando encerrou a carreira. Logo começou a de treinador.

Iniciou treinando as equipes de base e foi subindo com esforço até a divisão principal do futebol português, onde os resultados de menor dimensão começaram a despertar a cobiça dos grandes clubes de Portugal.

Foi contratado pelo Benfica em 2009, numa operação que mudou a cara do futebol português na última década. De lá para cá, o clube de Lisboa recuperou a hegemonia do futebol português e se superiorizou ao FC Porto na disputa que se mantém no futebol em Portugal há décadas.

Passou ainda pelo Sporting e pelo futebol da Arábia Saudita antes de chegar ao Rio de Janeiro, onde é, atualmente, treinador do Flamengo, equipe sensação do futebol brasileiro e sul-americano.

Entitulado pela Câmara Municipal do Rio de Janeiro de Cidadão Honorário pelas vitórias alcançadas – Taça Libertadores da América e Campeonato Brasileiro – como treinador do Clube de Regatas Flamengo, ambas conquistas em novembro de 2019.



Siga as nossas redes sociais e fique por dentro dos próximos lançamentos:

- ✓ **SITE:** <https://allbookeditora.com>
- ✓ **FACEBOOK:** <https://www.facebook.com/AllBookEditora>
- ✓ **INSTAGRAM:** <https://www.instagram.com/allbookeditora/>
- ✓ **TWITTER:** <https://twitter.com/AllBookEditora>
- ✓ **SKOOB:** <https://www.skoob.com.br/usuario/5521040-allbook-editora>